

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA

ADJETIVOS NA INTERFACE:  
RELAÇÃO ENTRE HIERARQUIA, INTERPRETAÇÃO E ORDEM DE ADJETIVOS  
ATRIBUTIVOS

CURITIBA

2023

THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA

ADJETIVOS NA INTERFACE:  
RELAÇÃO ENTRE HIERARQUIA, INTERPRETAÇÃO E ORDEM DE ADJETIVOS  
ATRIBUTIVOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Moreira, Thais Luisa Deschamps

Adjetivos na interface : relação entre hierarquia, interpretação e ordem de adjetivos atributivos. / Thais Luisa Deschamps Moreira. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda.

1. Línguas - Adjetivo. 2. Gramática comparada e geral - Sintaxe.  
3. Línguas - Ordem das palavras. I. Miranda, Maximiliano Guimarães, 1972-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA** intitulada: **ADJETIVOS NA INTERFACE: RELAÇÃO ENTRE HIERARQUIA, INTERPRETAÇÃO E ORDEM DE ADJETIVOS ATRIBUTIVOS**, sob orientação do Prof. Dr. MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 10:59:43.0

MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 11:13:07.0

MARCOS BARBOSA CARREIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 08:08:59.0

MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 10:30:50.0

ANA PAULA QUADROS GOMES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

27/02/2023 18:06:08.0

MARCUS VINICIUS DA SILVA LUNGUINHO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família — meus pais, meu irmão e minha irmã — por terem sempre participado da minha vida e terem contribuído para que eu me tornasse quem sou hoje e chegasse aonde cheguei. O doutorado foi um período bastante estressante, potencializado pela pandemia, e eu teria sofrido muito mais se não tivesse podido contar com o apoio e a presença de vocês. Muito obrigada.

Aos meus sogros, estendo o mesmo agradecimento. Ao longo destes anos, vocês compreenderam pelo que eu estava passando e nunca deixaram de oferecer todo o apoio e suporte que lhes era possível (e até o quase impossível, às vezes!). Tenho sorte de ter vocês na minha vida.

Ao CAPA, na forma de todas as pessoas que conheci lá nos últimos anos, agradeço por ter me provido a experiência mais significativa de que pude desfrutar na vida universitária. Foi muito gratificante ter podido retribuir um pouco de tudo que a universidade me deu ao longo de todos esses anos. Fico muito feliz de ter tido a oportunidade de conhecer tanta gente incrível!

Agradeço os professores da banca, Marcus Lunguinho, Marcos Carreira e Ana Paula Quadros Gomes, por terem aceitado o convite de ler e arguir esta tese. A estes dois últimos, agradeço também pelos comentários na banca de qualificação — essenciais para o aprimoramento do texto que aqui se encontra.

À Maria José Foltran, também agradeço pela participação na banca de defesa... e por tantas outras coisas, ao longo de todos esses anos. Minha carreira acadêmica inteira começou com o fascínio que desenvolvi na disciplina de sintaxe, ofertada pela Mazé no meu primeiro ano de graduação, a que se seguiu um convite para uma iniciação científica, que emendou em outra, e em outra, e num mestrado. Agradeço demais por isso tudo!

Ao meu orientador, Maximiliano Guimarães (Max), não tenho sequer como começar a agradecer. Meu fascínio pela sintaxe começou na disciplina da Mazé e se sedimentou na disciplina de Aquisição de Linguagem. Depois disso, sua participação na minha formação ao longo do mestrado foi essencial. Tive sorte de poder contar com o Max como meu orientador; entre trancos e barrancos, das mais variadas ordens e origens, digo que não há orientador melhor, mais parceiro, mais dedicado e mais generoso. Digo com certeza absoluta: esta tese não existiria sem você, Max. Muito, muito obrigada.

Agradeço ao povo brasileiro pela sua contribuição financeira, que permitiu que eu recebesse bolsa nos três primeiros anos do doutorado. Vou continuar me esforçando para

retribuir à altura e devolver à sociedade tudo que foi investido em mim. Assim, agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro.

A Alexandra Elbakyan, agradeço por seu esforço em prover recursos para que pesquisadores especialmente do Sul Global possam ter acesso ao conhecimento.

Ainda que ele seja incapaz de ler estas palavras, agradeço ao meu filho canino Francisco Barbas (simplesmente, Chico) por ter sido essencial para manutenção da minha saúde mental ao longo do último ano.

Por fim (como não poderia deixar de ser), agradeço ao Vitor. Não tem o que dizer, né? Muito obrigada por tudo. Que venham mais treze anos, e mais treze... e muitos mais.

*The exercise of imagination  
is dangerous to those who profit  
from the way things are  
because it has the power to show  
that the way things are  
is not permanent,  
not universal,  
not necessary.*

Ursula K. Le Guin

## RESUMO

Esta tese investiga os fatores que contribuem para determinar a posição sintática de adjetivos atributivos no sintagma nominal em várias línguas, a fim de identificar se há ou não relação entre: (i) a alternância entre as posições pré e pós-nominal de adjetivos atributivos nas línguas em que isso é possível, como Português; e (ii) o fenômeno conhecido como Restrição de Ordenamento de Adjetivos, percebido em algumas línguas, como Inglês, que se caracteriza pela preferência ou obrigatoriedade de que adjetivos atributivos figurem em uma ordem pré-estabelecida em relação ao nome-núcleo. A proposta desta tese é que não há relação entre esses dois fenômenos, uma vez que eles seriam oriundos de configurações sintáticas distintas. Propõe-se que a Restrição de Ordenamento de Adjetivos seja uma imposição de interface que regula a ordem de adjunção de sintagmas adjetivais a outros sintagmas adjetivais, todos adjungidos a uma projeção funcional na projeção estendida do nome. A possibilidade de que um sintagma se adjunja a outro de mesmo tipo seria uma propriedade parametrizável, razão pela qual não se observaria o fenômeno da Restrição de Ordenamento de Adjetivos em Português, assumindo-se que o valor do parâmetro em Português seria diferente daquele em Inglês. Ainda, nas construções em que a Restrição é observada, observa-se que não há escopo entre os adjetivos. A análise aqui delineada sugere uma nova definição de escopo, incorporando a necessidade de que o elemento c-comandado exclua o elemento c-comandante para que a leitura de escopo se estabeleça. A partir dessa definição, explica-se que a ausência de escopo é resultado da adjunção do sintagma adjetival a outro sintagma adjetival; em tal configuração, o sintagma que recebe a adjunção não exclui seu adjunto, de modo que não há escopo. Sintagmas nominais em que adjetivos têm escopo entre si teriam uma estrutura distinta, com projeções funcionais dedicadas à construção da referencialidade. Em Português, apenas esta opção estaria disponível, enquanto línguas como Inglês poderiam fazer uso de ambas as construções.

Palavras-chave: adjetivos; ordem; sintaxe.

## ABSTRACT

This dissertation examines factors that determine the syntactic position of attributive adjectives in the noun phrase in several languages. It also aims to assess if there is a relationship between: (i) the alternation between pre- and post-nominal position of attributive adjectives in certain languages, like Portuguese; and (ii) the phenomenon known as Adjective Ordering Restrictions, observed in languages like English, which is characterized by a preference in the ordering of attributive adjectives in relation to the noun. I argue there is no relationship between these two phenomena, which result from different syntactic configurations. This study suggests the Adjective Ordering Restrictions is an interface requirement that regulates the order of adjunction of adjectival phrases to other adjectival phrases, all of which are adjoined to a functional projection in the extended nominal projection. A parameter determines the possibility of a phrase adjoining to another phrase of the same type. The assumption that the value of the parameter in Portuguese is different from the one in English explains why Adjectival Ordering Restrictions are not observed in Portuguese. Furthermore, in constructions where AOR is observed, there is no scope between adjectives. To address this issue, I suggest a new definition of scope that requires the c-commanded element to exclude its c-commander in order for the scope relation to be established. From this definition, absence of scope is explained as a result of the adjunction of an adjectival phrase to another adjectival phrase, since, in such a configuration, the phrase that hosts the adjunct does not exclude it — hence, there is no scope. I assume noun phrases in which adjectives establish scope relations have a different structure, with functional projections dedicated to the construction of referentiality hosting the adjectives. In Portuguese, this is the only structure available, whereas languages like English may make use of both configurations.

Keywords: adjectives; ordering; syntax.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                                           |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Ordem de adjetivos e nomes nas línguas humanas.....                                                                                                                            | 25  |
| Tabela 1 - Frequência de marcação de plural em cada item do DP em função da posição do<br>constituente com referência ao núcleo .....                                                     | 45  |
| Quadro 1 - Posição dos adjetivos em relação ao nome-núcleo .....                                                                                                                          | 52  |
| Quadro 2 - Posição dos determinantes .....                                                                                                                                                | 53  |
| Quadro 3 - Marcas de gênero, número e caso .....                                                                                                                                          | 54  |
| Quadro 4 - Posição default de adjetivos e numerais.....                                                                                                                                   | 63  |
| Quadro 5 - Leituras dos adjetivos em inglês (línguas anglo-germânicas).....                                                                                                               | 79  |
| Quadro 6 - Leituras dos adjetivos em línguas românicas.....                                                                                                                               | 80  |
| Quadro 7 - Possibilidades de escopo entre sequências de adjetivos atributivos .....                                                                                                       | 85  |
| Tabela 2 - Peso relativo da anteposição de acordo com a dimensão do adjetivo, nos dois séculos<br>(PB).....                                                                               | 103 |
| Quadro 8 - Possibilidades de escopo entre sequências de adjetivos atributivos (atualizado) e<br>presença de Restrições de Ordenamento de Adjetivos (baseados em critérios nocionais) .... | 164 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|      |                                                                        |
|------|------------------------------------------------------------------------|
| ACC  | Acusativo                                                              |
| Agr  | <i>Agree</i> , ou (Projeção de) Concordância                           |
| AMP  | Árabe Moderno Padrão                                                   |
| ANI  | Animado                                                                |
| COM  | Gênero comum                                                           |
| DP   | <i>Determiner Phrase</i> , ou Sintagma Determinante                    |
| DEC  | Declativo                                                              |
| DEF  | Definido                                                               |
| DUP  | Reduplicação                                                           |
| F    | Feminino                                                               |
| GEN  | Genitivo                                                               |
| HON  | Honorífico                                                             |
| IN   | Inanimado                                                              |
| IND  | Indicativo                                                             |
| LCA  | <i>Linear Correspondence Axiom</i> (Axioma de Correspondência Linear)  |
| LF   | <i>Logical Form</i> , ou Forma Lógica (componente semântico)           |
| LIG  | Elemento/partícula de ligação ( <i>linker</i> )                        |
| M    | Masculino                                                              |
| Net  | Neutro                                                                 |
| NA   | Nomes Animados                                                         |
| NEG  | Negação                                                                |
| NI   | Nomes Inanimados                                                       |
| NOM  | Nominativo                                                             |
| NP   | <i>Noun Phrase</i> , ou Sintagma Nominal                               |
| P    | Preposição                                                             |
| PART | Partitivo                                                              |
| PB   | Português Brasileiro                                                   |
| PF   | <i>Phonological Form</i> , ou Forma Fonológica (componente fonológico) |
| PL   | Plural                                                                 |
| POSS | Possessivo                                                             |
| PP   | <i>Prepositional Phrase</i> , ou Sintagma Preposicional                |
| PT   | Pretérito                                                              |

|      |                                                      |
|------|------------------------------------------------------|
| ROA  | Restrição de Ordenamento de Adjetivos                |
| SG   | Singular                                             |
| SS   | <i>Surface Structure</i> , ou Estrutura Superficial  |
| WALS | <i>The World Atlas of Language Structures Online</i> |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                    |            |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                            | <b>14</b>  |
| <b>2</b> | <b>O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DE ADJETIVOS ADNOMINAIS .....</b>                                     | <b>22</b>  |
| 2.1      | POSICIONAMENTO SINTÁTICO DE ADJETIVOS EM RELAÇÃO A OUTROS TERMOS DO DP .....                       | 24         |
| 2.1.1    | Posicionamento sintático em relação ao nome .....                                                  | 24         |
| 2.1.2    | Posicionamento sintático em relação a numerais .....                                               | 54         |
| 2.1.3    | Posicionamento sintático em relação a genitivos e PPs .....                                        | 64         |
| 2.2      | EFEITOS DA ORDEM ENTRE ADJETIVOS .....                                                             | 70         |
| 2.2.1    | Padrões de interpretação de adjetivos atributivos .....                                            | 70         |
| 2.2.1.1  | <i>Síntese das leituras de adjetivos atributivos em línguas românicas e anglo-germânicas .....</i> | <i>79</i>  |
| 2.2.2    | Relações de escopo entre adjetivos atributivos .....                                               | 81         |
| 2.2.3    | Ordenamento de adjetivos de acordo com classes nocionais .....                                     | 87         |
| 2.3      | CONDICIONANTES ADICIONAIS DO POSICIONAMENTO ADJETIVAL .....                                        | 96         |
| 2.3.1    | Possibilidade de complementos adjetivais .....                                                     | 96         |
| 2.3.2    | Modificação .....                                                                                  | 99         |
| 2.3.3    | Aspectos fonológicos .....                                                                         | 102        |
| 2.3.4    | Complexidade sintática .....                                                                       | 104        |
| <b>3</b> | <b>PROPOSTAS SOBRE A SINTAXE DOS ADJETIVOS.....</b>                                                | <b>106</b> |
| 3.1      | ESTATUTO SINTÁTICO DE ADJETIVOS ATRIBUTIVOS.....                                                   | 107        |
| 3.1.1    | Adjetivos de grau.....                                                                             | 112        |
| 3.1.2    | Insuficiência da posição predicativa.....                                                          | 124        |
| 3.1.3    | Modificação direta e indireta.....                                                                 | 126        |
| 3.2      | ORDEM LINEAR COMO PRODUTO DE RELAÇÕES HIERÁRQUICAS .....                                           | 135        |
| 3.2.1    | Cinque (2010).....                                                                                 | 137        |
| 3.2.2    | Svenonius (2007).....                                                                              | 143        |
| 3.3      | ORDEM LINEAR E HIERARQUIA SINTÁTICA COMO FENÔMENOS DISTINTOS .....                                 | 152        |
| 3.3.1    | Abels & Neeleman (2012).....                                                                       | 153        |
| 3.3.2    | Bouchard (2002).....                                                                               | 156        |
| 3.4      | SÍNTESE DAS PROPOSTAS .....                                                                        | 159        |
| <b>4</b> | <b>CONDIÇÃO DE APLICAÇÃO DA ROA .....</b>                                                          | <b>162</b> |

|          |                                                                 |            |
|----------|-----------------------------------------------------------------|------------|
| 4.1      | ROA E AUSÊNCIA DE RELAÇÕES DE ESCOPO .....                      | 164        |
| 4.1.1    | Síntese da questão à luz da antissimetria.....                  | 167        |
| 4.2      | LIMITAÇÕES DA MECÂNICA DE CINQUE (2010).....                    | 168        |
| 4.2.1    | Movimento de núcleo ou de projeção máxima .....                 | 170        |
| 4.2.2    | Movimento bola de neve exaustivo.....                           | 174        |
| 4.3      | ROA COMO RESULTADO DE ESTRUTURA DE ADJUNTO A ADJUNTO....        | 175        |
| 4.3.1    | Reformulação da condição de escopo .....                        | 183        |
| 4.3.2    | Motivação para adjetivos como adjuntos em RP .....              | 185        |
| 4.4      | IMPLICAÇÕES PARA ESTRUTURAS COM ESCOPO .....                    | 187        |
| 4.4.1    | Configuração sintática dos adjetivos em Português .....         | 191        |
| 4.5      | ARGUMENTOS PARA OS DOIS TIPOS DE ESTRUTURA ADJETIVAL .....      | 213        |
| 4.6      | OUTROS ELEMENTOS NOMINAIS .....                                 | 215        |
| 4.7      | RELAÇÃO ENTRE O PARÂMETRO PROPOSTO E A LITERATURA.....          | 216        |
| 4.7.1    | Movimento-WH .....                                              | 216        |
| 4.7.2    | Orações copulares complexas com dupla <i>small clause</i> ..... | 224        |
| 4.8      | LIMITAÇÕES DA PROPOSTA E PERSPECTIVAS FUTURAS .....             | 229        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                | <b>233</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                        | <b>236</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Diferentemente de nomes e verbos, adjetivos não constituem uma classe de palavras claramente distinta das demais com a mesma frequência nas línguas humanas. Apesar de a forte presença de línguas indo-europeias na Linguística desde sua concepção como disciplina ter causado, em certos momentos, um enviesamento na percepção dessa classe — seja em relação a expectativas quanto à sua distribuição universal, seja em relação às suas propriedades —, a crescente expansão do repertório de línguas acessíveis aos estudos gramaticais tem permitido que tais assunções iniciais fossem reavaliadas em face de novos dados tipológicos.

Ainda que esse ponto não seja essencial para o trabalho a ser desenvolvido nesta tese, assumirei ao longo do texto a posição de que todas as línguas humanas possuem, sim, uma classe de palavras “adjetivos”, com plena consciência de que essa ainda é uma discussão em progresso no campo. Parte do debate advém do fato de que membros dessa classe podem apresentar características ora mais nominais, ora mais verbais; ora de ambas as esferas, ora distintas delas. Para dar conta dessa diversidade de propriedades, Dixon (2004) propõe uma classificação baseada em quatro atributos principais<sup>1</sup>:

- i. LÍNGUAS COM ADJETIVOS DE TIPO I (*verb-like*)  
Adjetivos podem funcionar como predicados intransitivos, recebendo marcas morfológicas e/ou se submetendo a processos sintáticos similares a verbos na mesma posição.
- ii. LÍNGUAS COM ADJETIVOS DE TIPO II (*non-verb-like*)  
Adjetivos podem aparecer em construções de cópula como complementos (ou predicados, a depender da análise).
- iii. LÍNGUAS COM ADJETIVOS DE TIPO A (*noun-like*)  
Dentro do sintagma nominal, adjetivos recebem marcas morfológicas de nomes.
- iv. LÍNGUAS COM ADJETIVOS DE TIPO B (*non-noun-like*)  
Em línguas cujos nomes passam por alguns processos morfológicos, nenhum desses se aplica a adjetivos.

Dixon ressalva que há algumas línguas que podem instanciar construções de tipo I e II simultaneamente, como Tariana (língua aruaque falada no estado do Amazonas), ou mesmo

---

<sup>1</sup> Para uma proposta alternativa à de Dixon, ver Aarts (2007).

não apresentar nenhuma dessas propriedades — línguas, por exemplo, em que adjetivos só possam ser modificadores internos ao sintagma nominal (doravante DP<sup>2</sup>), como Yorubá. Há também línguas em que a ausência de quaisquer marcações morfológicas torna os critérios A e B irrelevantes, como Mandarim. Apesar disso, a maioria das línguas se conforma a essa classificação.

Como mencionado, Tariana seria uma língua do tipo I-A, isto é, cujos adjetivos apresentam características tanto de nomes quanto de verbos. Assim como nomes, adjetivos podem ser núcleos de DPs (Ia) e complementos de verbos copulares (Ib); assim como verbos, alguns adjetivos podem funcionar como predicados intransitivos (Ic). Ainda, diferentemente das duas outras classes, apenas adjetivos podem ser modificadores internamente ao DP.

- (I) a. diha **ma:tfite-nuku** nhupa-na... (Tariana)<sup>3</sup>  
           o       ruim                   peguei  
           ‘Eu peguei o ruim...’  
   b. diha **ma:tfite-pu** di-dia-pidana  
           ele   ruim                   tornou  
           ‘Ele se tornou ruim’  
   c. inari                   **ma:tfite-pu-na**  
           rato-mucura   ruim<sub>PT</sub>  
           ‘O rato mucura foi horrível’  
           (AIKHENVALD, 2004, p. 121)

Coreano seria um exemplo de uma língua do tipo I-B, em que adjetivos são mais similares a verbos; adjetivos não podem ser complementos de um verbo copular e não exibem morfologia nominal em nenhuma situação. Verbos e adjetivos podem ser distinguidos apenas pela flexão diferente que exibem, especialmente no modo indicativo (II).

- (II) *Verbo:* alh                   -usi   -n   -ta                   (Coreano)  
           estar.doente   -HON   -IND   -DEC  
           ‘(alguém) está doente’

<sup>2</sup> A distinção DP/NP não é mobilizada nas discussões feitas ao longo da tese, de modo que minha escolha pelo rótulo DP não deve ser entendida como uma defesa de que D sempre seja projetado (em todas as estruturas discutidas).

<sup>3</sup> No exemplo original, a glosa detalha a contribuição semântica de cada sufixo. Aqui, a glosa foi simplificada para facilitar a exposição.

*Adjetivo:* coh    -usi    -ta  
                  bom   -HON    -DEC  
                  ‘(alguém) é bom’  
 (SOHN, 2004, p. 228)

Português, por outro lado, seria uma língua do tipo II-A, uma vez que adjetivos podem figurar como complemento da cópula (IIIa), mas não como predicados intransitivos, e tipicamente concordam morfológicamente com o nome-núcleo (IIIb-c).

- (III)    a. A aula foi **divertida**.  
           b. A aula **divertida**  
           b'. O professor **divertido**

Por fim, Inglês seria um exemplo de uma língua do tipo II-B: assim como Português, adjetivos podem ser apenas complementos da cópula (IVa), nunca predicados intransitivos independentes (i.e., serem predicados independentes numa oração, não acompanhados de um verbo); por outro lado, adjetivos nunca flexionam em número, diferentemente de nomes (IVb).

- (IV)    a. The painting is **beautiful**.  
               o    quadro   é   bonito  
           b. **beautiful** paintings  
               bonito    quadros  
           b'. \***beautifuls** paintings

O autor aponta que as combinações de tipo I-B e II-A são as mais comuns, ainda que também haja um número pequeno de línguas em que adjetivos têm características tanto verbais quanto nominais (I-A) ou em que os adjetivos constituem de fato uma categoria distinta tanto de nomes quanto de verbos (II-B) — além daquelas que não se conformam bem a essa tipologia, conforme já mencionado.

Entre os vários comportamentos sintáticos que adjetivos podem exibir, meu foco residirá sobre adjetivos em posição atributiva, i.e., aqueles que modificam o nome-núcleo internamente ao DP (note-se que essa configuração nem sempre é tão clara quanto a maioria das línguas indo-europeias poderia nos levar a crer). Minha opção por operar esse recorte se deve, principalmente, a um desejo de aprofundar nossa compreensão sobre a constituição

interna do sintagma nominal e sobre como línguas regem a relação entre o nome-núcleo e seus modificadores. Tal preocupação, neste momento de cunho cognitivista, está fundamentalmente embasada no quadro teórico da gramática generativo-transformacional (cf. CHOMSKY, 1965; 1981; 1986a; 2015 [1995]).

Esta tese tem como objetivo discutir dois aspectos do comportamento sintático de adjetivos em posição atributiva: sua posição, à esquerda ou à direita do nome-núcleo; e o ordenamento dos adjetivos entre si<sup>4</sup>.

As propriedades do posicionamento adjetival entre as línguas divergem de acordo com como cada língua restringe a ocorrência de adjetivos numa ou noutra posição. Algumas línguas, por exemplo, aparentemente não impõem quaisquer restrições: adjetivos podem ocorrer livremente à direita ou à esquerda do nome. Além disso, múltiplos adjetivos podem coocorrer, sem que haja entre eles restrições de ordem. Esse é o caso, a princípio, do Tagalog<sup>5</sup>:

- (V) Tagalog<sup>6</sup>
- |                                 |                  |                              |
|---------------------------------|------------------|------------------------------|
| a. <b>maliit-na</b>             | <b>itim-na</b>   | <b>mansanas</b> <sup>7</sup> |
| pequeno-LIG                     | preto-LIG        | maçã                         |
| ‘maçã preta pequena’            |                  |                              |
| (SAMONTE; SCONTRAS, 2019, p. 4) |                  |                              |
| b. <b>itim-na</b>               | <b>maliit-na</b> | <b>mansanas</b>              |
| preto-LIG                       | pequeno-LIG      | maçã                         |
| c. <b>mansanas-na</b>           | <b>itim-na</b>   | <b>maliit</b>                |
| maçã-LIG                        | preto-LIG        | pequeno                      |
| d. <b>mansanas-na</b>           | <b>maliit-na</b> | <b>itim</b>                  |
| maçã-LIG                        | pequeno-LIG      | preto                        |

<sup>4</sup> O ordenamento de adjetivos internamente ao DP é mais frequentemente descrito na literatura em termos de classes nocionais (como dimensão, idade, cor etc.), ainda que alguns autores tenham feito esforços para reconceitualizar tal ordem a partir de aspectos estruturais menos vagos. Análises sobre essa questão serão abordadas no capítulo 3.

<sup>5</sup> Note-se que, apesar de a literatura apontar para a “ordem variável” de adjetivos em Tagalog, isso não significa que diferentes ordens não estejam condicionadas por fatores psico e sociolinguísticos, semânticos ou morfossintáticos (SHIH; ZURAW, 2017). Como veremos no capítulo 2, parece haver importantes diferenças de leitura entre as alternativas listadas em (V).

<sup>6</sup> O exemplo (Va) é da literatura. Para completar o paradigma, agradeço à Jennifer, minha informante, sobre os julgamentos para os exemplos (Vb-f).

<sup>7</sup> Em Tagalog, uma partícula de ligação é necessária em estruturas de modificação internas ao DP. Essa partícula tem dois alomorfes fonologicamente condicionados: *-ng* [-ŋ], após palavras terminadas em vogais, ou *-na*, após consoantes (SHIH; ZURAW, 2017; SAMONTE; SCONTRAS, 2019).

|                      |             |               |
|----------------------|-------------|---------------|
| e. <b>itim</b> -na   | mansanas-na | <b>maliit</b> |
| preto-LIG            | maçã-LIG    | pequeno       |
| f. <b>maliit</b> -na | mansanas-na | <b>itim</b>   |
| pequeno-LIG          | maçã-LIG    | preto         |

Em outras línguas, ainda que adjetivos também possam figurar antes ou depois do nome, há restrições sobre quais adjetivos podem ocorrer numa ou noutra posição, e pode ou não haver preferências quanto à ordem de adjetivos entre si. Esse parece ser o caso da maioria das línguas românicas, como o Português:

- (VI) Português
- a. um vaso **verde grande**
  - b. um vaso **grande verde**
  - c. um **grande** vaso **verde**
  - d. \*um **verde** vaso **grande**
  - e. \*um **verde grande** vaso
  - f. \*um **grande verde** vaso

Há ainda um grande número de línguas que permite adjetivos apenas à direita ou à esquerda do nome. Nesses casos, a ordem entre os adjetivos pode ser livre, quando não se detecta ordens preferenciais, como construções com a partícula *-de* em Mandarim (VIIa-b); relativamente flexível (VIII), em que há alguma preferência de ordem, mas esta não é absoluta, como em Galês<sup>8</sup>; ou rígida, em que ordens diferentes daquela preferencial, se não impossíveis, são bastante marcadas, como é o caso de construções em Mandarim sem a partícula *-de* (IX) e do Inglês<sup>9</sup> (X):

- (VII) Mandarim
- a. **xiǎo**-de      **lǜ**-de      huāpíng
  - pequeno-DE   verde-DE   vaso

<sup>8</sup> Essa aparente flexibilidade do Galês se dá em um contexto e leitura específicos, como é abordado nas seções 2.2.2 e 2.2.3.

<sup>9</sup> O Inglês, diferentemente do Galês e do Mandarim, permite adjetivos tanto à esquerda quanto à direita do nome, mas a posição pós-nominal é bastante restrita. Esse aspecto será discutido nas seções 2.1.1 e, posteriormente, no capítulo 3.

b. **lǜ-de xiǎo-de huāpíng**

verde-DE pequeno-DE vaso

(SPROAT; SHIH, 1991, p. 565)

(VIII) Galês

a. **cwpan mawr gwyrdd Sieineaidd**

xícara grande verde chinês

b. **ryg Twrcaidd coch**

tapete turco vermelho

(WILLIS, 2006, p. 1.808, 1.818)

(IX) Mandarim

a. **xiǎo lǜ huāpíng**

pequeno verde vaso

b. **\*lǜ xiǎo huāpíng**

verde pequeno vaso

(SPROAT; SHIH, 1991, p. 566)

(X) Inglês

a. a **small green** vase

um pequeno verde vaso

b.  $\nearrow^{10}$ a **green small** vase

um verde pequeno vaso

Ainda que esses dois aspectos do posicionamento de adjetivos em posição atributiva (a posição dos adjetivos em relação ao nome-núcleo e a ordem entre si) não precisem estar necessariamente ligados — de fato, há uma série de propostas que assumem que eles sejam dissociados ou que tenham motivações distintas (ALEXIADOU, 2001; BOUCHARD, 2002; PRIM, 2015) —, acredito, por razões que serão expostas ao longo deste trabalho, serem bastante fecundas as teorias que buscam relacionar as duas propriedades (SVENONIUS, 2007; CINQUE, 2010). A adequação de tais propostas para o Português, entretanto, ainda está em aberto, assim como a motivação teórica de alguns de seus componentes.

Assim, o objetivo desta tese é investigar a relação entre possibilidades de posicionamento de adjetivos atributivos e ordem relativa de adjetivos entre si, considerando tanto dados de línguas com ordens adjetivais fortemente preferenciais, como o Inglês, quanto

<sup>10</sup> Utilizarei o símbolo  $\nearrow$  para indicar sentenças ou sintagmas que não são completamente agramaticais, mas que são pelo menos fortemente marcados.

daquelas em que adjetivos apresentam ordem relativamente livre, como Português. Assumiremos, em consonância com os pressupostos da teoria da antissimetria (KAYNE, 1994), que adjetivos são gerados acima do nome-núcleo em todas as línguas, de modo que quaisquer adjetivos pós-nominais são resultado de movimento do N(P).

Em relação à ordem preferencial de adjetivos atributivos (em termos de categorias nocionais), defenderei a hipótese de que ela esteja disponível em línguas que fixam um valor positivo para um parâmetro que permitiria a adjunção de um sintagma a outro do mesmo tipo — no caso, de adjetivos a adjetivos. De acordo com as premissas acerca de estrutura sintagmática assumidas nesta tese, essa configuração sintática teria como resultado ausência de escopo entre os adjetivos adjungidos. Como Português não permite essa construção, adjetivos nessa língua sempre estabelecem relações de escopo entre si e não apresentam preferência em seu ordenamento.

Antes de prosseguirmos, cabem aqui alguns esclarecimentos quanto à terminologia utilizada nesta tese. Utilizaremos o termo *predicativo* em dois sentidos: um, como antônimo de *atributivo*, em referência à posição prediativa que alguns adjetivos em Português podem ocupar, i.e., grosso modo, quando funcionam como predicados externos ao DP (XIa); outro, relacionado ao primeiro, para nomear adjetivos que têm a possibilidade de ocupar essa posição sem aparente mudança de significado (XIb-c) — neste caso, como antônimo de *não predicativo*. Ainda, o termo *classificativo* é utilizado para denominar adjetivos que estabelecem uma relação particular com o nome-núcleo, criando subclassificações dele (XIId)<sup>11</sup>, enquanto o termo *subsectivo* é utilizado para adjetivos que recortam um pedaço do conjunto denotado pelo nome (XIe) — o que significa que não permitem acarretamento com hiperônimos (XIe’).

- (XI)
- a. O cachorro é **fofo**.
  - b. cachorro **fofo** → o cachorro é **fofo**. (*predicativo*)
  - c. **suposto** cachorro → \*o cachorro é **suposto**. (*não predicativo*)
  - d. forno **elétrico** (*classificativo*)
  - e. **habilidoso** atleta (*subsectivo*)
  - e’. **habilidoso** atleta ≠ **habilidoso** indivíduo

Por fim, gostaria de apontar que, a fim de facilitar a leitura, as glosas não trarão uma descrição pormenorizada da morfologia dos exemplos originais, com exceção dos casos em que

<sup>11</sup> Para uma explicação mais detalhada dessa nomenclatura, refiro o leitor a Foltran, Conto e Deschamps (2020).

essa distinção fina se mostre relevante. A lista de siglas e abreviaturas contém todos os termos utilizados nas glosas, para consulta quando necessário.

Esta tese está estruturada da seguinte forma: no capítulo 2, faço uma sistematização do comportamento de adjetivos em posição atributiva — naturalmente não exaustiva, mas extensa o suficiente para abarcar os aspectos mais relevantes do comportamento desses itens. No capítulo 3, após discutir a relação entre adjetivos atributivos e a posição predicativa, recupero trabalhos que se propuseram a dar conta da distribuição sintática de adjetivos atributivos, examinando suas propriedades, potencialidades e limitações. No capítulo 4, analiso em detalhes a inadequação de Cinque (2010) para dar conta da ordem preferencial de adjetivos e delineio minha própria proposta; na sequência, apresento ainda um esboço da estrutura de adjetivos atributivos em Português e discuto alguns dados que aparentemente contrariam as hipóteses levantadas. As considerações finais trazem uma síntese da tese.

## 2 O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DE ADJETIVOS ADNOMINAIS

O posicionamento de adjetivos atributivos em línguas que permitem esse tipo de modificação varia tanto em relação à posição relativa entre adjetivo e nome-núcleo, como também entre adjetivos e demais elementos possíveis no DP. Ainda, há variabilidade em relação à possibilidade de ocorrência simultânea de múltiplos adjetivos no DP, assim como à ordem e escopo desses adjetivos entre si.

Este capítulo tem como objetivo fornecer a descrição de alguns fatores que potencialmente interferem na posição de adjetivos atributivos. Note-se que apenas um subconjunto dos dados a serem apresentados serão retomados nos capítulos seguintes. A escolha por apresentar uma gama ampla de dados brutos, à parte das análises, tem como fundamentação dois principais motivos.

Primeiramente, desejo delinear uma visão geral e tão completa quanto possível dos dados que julgo relevantes para a compreensão do fenômeno em questão, tanto dos que serão contemplados em minha proposta, quanto daqueles que fogem dela. Isso se deve, especialmente, a uma inquietação minha enquanto leitora: a forma mais tradicional de apresentação dos dados em trabalhos linguísticos, em que eles são elencados à medida que contribuem para a argumentação, por vezes me gera a sensação de que esse procedimento dá destaque aos dados que são convenientes para a análise em desenvolvimento, em detrimento de outros fenômenos conflitantes sobre os quais o autor tem conhecimento, mas não expõe ao leitor. Ainda que as limitações explicativas dos estudos, assim como dados contraditórios, geralmente sejam mencionadas ao final, tal assimetria na forma de apresentação me causa certa dificuldade em visualizar o fenômeno em sua totalidade.

Não nego que recortes sejam necessários. Além disso, há limitações de espaço em certos gêneros textuais (artigos, por exemplo) que justificam exposições de dados mais sucintas. Dada a oportunidade oferecida pelas dimensões de uma tese, porém, e como pesquisadora investida no tema sobre que me debruço, penso ser frutífero descrever tanto quanto possível os variados aspectos que, de acordo com o meu julgamento, potencialmente têm impacto sobre o comportamento linguístico de adjetivos. Mesmo que, em minha análise, eu seja forçada a me ater a apenas um subconjunto desses dados, qualquer avaliação sobre a capacidade analítica tanto da minha proposta, quanto de demais propostas já elencadas na literatura, deve ter como horizonte (a meu ver) o conjunto dos dados apresentados. Assim, ainda que minha opção por trazer a descrição em separado das análises talvez seja menos didática — e potencialmente mais

caótica, na medida em que apresento fenômenos que não serei capaz de abordar nesta tese —, acredito que ela permita uma melhor compreensão da complexidade dos dados em discussão.

Em segundo lugar, como meu orientador uma vez me relatou (ele, próprio, também tendo ouvido isto de outra pessoa — ninguém menos que Mary Kato, como relatado em GUIMARÃES, 2017, p. 9), análises têm prazo de validade, mas dados permanecem. Como estudos anteriores sobre adjetivos também demonstram, as análises em voga numa determinada época podem se mostrar posteriormente não vantajosas por diversos motivos, seja por uma capacidade gerativa fraca limitada ou por uma capacidade gerativa forte inadequada<sup>12</sup>, pelo aparecimento de novos dados que as colocam em xeque, por mudanças ontológicas e epistemológicas na teoria como um todo que as tornam ultrapassadas, ou por outras tantas possibilidades. Com isso em mente, e também a fim de facilitar o acesso aos dados de outras pessoas que se debrucem sobre fenômenos relacionados a adjetivos atributivos no futuro, escolhi reunir o grosso dos dados num único capítulo. Mesmo que minha discussão em termos de teoria e análise seja irrelevante para os fins de outros pesquisadores, espero que este capítulo possa servir como uma sistematização inicial dos fatores a serem considerados em relação à sintaxe de adjetivos no DP.

Dadas essas circunstâncias, sugiro ao leitor duas possibilidades. Uma é ler este capítulo primeiro, tal qual a sequência sugere, e vislumbrar um panorama dos dados antes de prosseguir para as análises. Outra seria seguir diretamente para as discussões da literatura e para as propostas desta tese, utilizando este capítulo à guisa de consulta, à medida que os dados forem mobilizados.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 2.1, abordo a posição do adjetivo em relação a outros elementos do DP, incluindo a distribuição de marcas morfológicas. Na seção 2.2, apresento alguns aspectos da sintaxe e semântica de DPs com múltiplos adjetivos. Por último, na seção 2.3, listo alguns outros aspectos de ordens gramaticais diversas que podem exercer influência sobre o posicionamento de adjetivos adnominais.

Tanto quanto possível, busquei trazer dados de línguas que apresentassem comportamentos distintos, a fim de contemplar o maior número de fatores que exercem influência sobre o posicionamento adjetival. Também procurei trazer paradigmas completos, i.e., apresentar dados das mesmas línguas em todas as seções; no entanto, essa empreitada frequentemente esbarrou em lacunas nas descrições na literatura — em grande parte, como já

---

<sup>12</sup> Deve-se entender “capacidade gerativa forte” ou “fraca” conforme a formulação original em Chomsky (1965, capítulo 1), ou, em português, Guimarães (2017, p. 140-152).

mencionado, devido a diferenças teórico-metodológicas que fazem com nem todas as descrições contemplem os mesmos aspectos.

## 2.1 POSICIONAMENTO SINTÁTICO DE ADJETIVOS EM RELAÇÃO A OUTROS TERMOS DO DP

Nesta seção, é descrita a posição de adjetivos no DP em relação: ao nome-núcleo (assim como características gerais do DP, como presença de traços morfológicos, realização de concordância etc.); aos numerais; e aos genitivos e sintagmas preposicionais (PPs) em geral.

### 2.1.1 Posicionamento sintático em relação ao nome

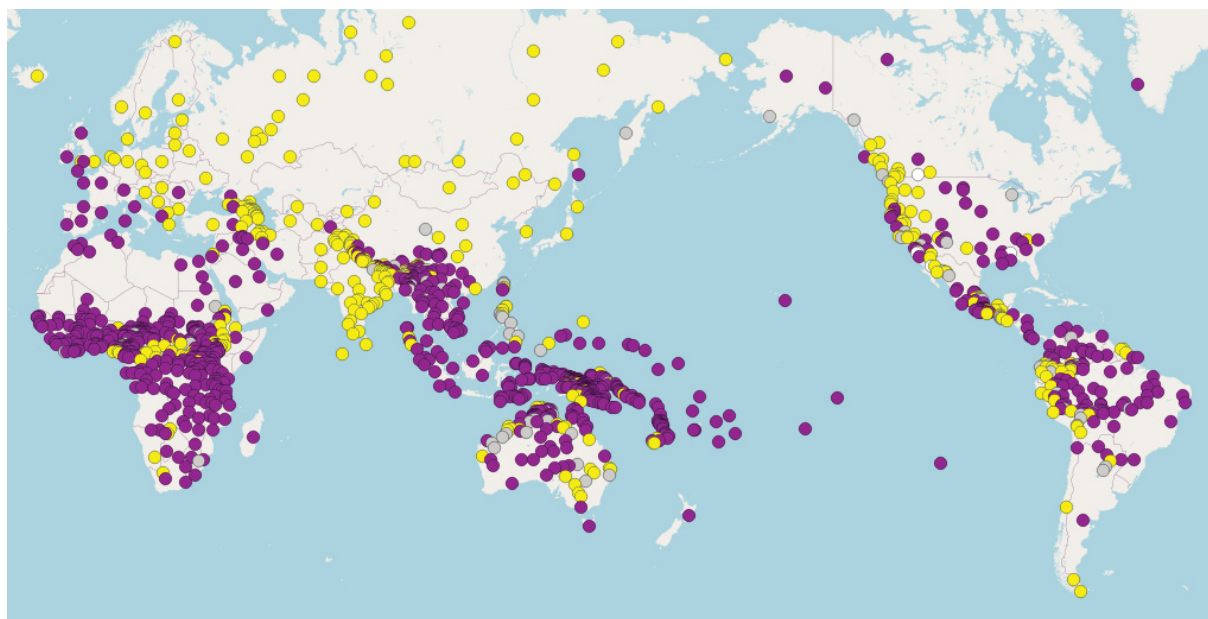
Línguas com adjetivos atributivos dividem-se em duas categorias principais, de acordo com a ordem dominante entre nome e adjetivo: aquelas em que adjetivos antecedem o nome (AdjN) e aquelas em que o seguem (NAdj). Além disso, é possível que essa ordem seja preferencial (i.e., que alguns adjetivos ou classes de adjetivos possam figurar na posição não preferencial) ou absoluta (sem exceções). Nos casos em que a ordem é preferencial (como Português), é interessante nos atentarmos para quais itens figuram na posição não preferencial.

De acordo com a página do *The World Atlas of Language Structures Online* (WALS) dedicada à ordem entre adjetivos e nomes, há mais que o dobro de línguas NAdj (879) que línguas AdjN (373) no catálogo do Atlas (DRYER, 2013a)<sup>13</sup>. Como o número absoluto de línguas consideradas no levantamento pode apresentar vieses a depender da existência de feixes de línguas aparentadas que compartilhem das mesmas propriedades, é interessante observarmos também a distribuição geográfica desses dados.

---

<sup>13</sup> Uma observação importante em relação a esses dados é o que se entende por *adjetivos* nesse levantamento. Como Dryer (2013a), explica, foram consideradas *adjetivos* palavras denotando propriedades descritivas, como ‘grande’ e ‘vermelho’, independentemente de sua caracterização morfológica em cada língua como uma classe de palavras autônoma, uma subclasse de verbos, uma subclasse de nomes etc. Uma vez que há um número muito maior de línguas em que o verbo sucede o sujeito que o contrário (DRYER, 2013c), é possível que línguas em que tais propriedades descritivas são morfologicamente verbos tenham enviesado os dados.

Figura 1 - Ordem de adjetivos e nomes nas línguas humanas



Pontos amarelos representam línguas AdjN (n = 373); pontos roxos, línguas NAdj (n = 879); pontos cinzas, línguas sem ordem dominante (n = 110); pontos brancos, línguas em que adjetivos não modificam nomes diretamente (n = 5) (total de línguas analisadas = 1.367).

Fonte: WALS Online (2022).

NAdj é a ordem dominante tanto no continente africano como no americano, assim como no sudeste da Ásia e no Oriente Médio. Os maiores bolsões de línguas AdjN, por sua vez, se encontram no norte da Europa e no norte e sudoeste da Ásia. Assim, ainda que a relação genealógica entre as línguas contabilizadas no atlas contribua para o alto número de línguas NAdj, sua ampla distribuição pelo globo nos indica que talvez haja uma tendência a essa ordem entre as línguas humanas. De toda forma, porém, a ordem AdjN também é bastante expressiva. Note-se que não parece haver correlação, como já se supôs, entre a ordem de adjetivo e verbo e a ordem de verbo e objeto (DRYER, 2013a).

Há alguma dificuldade em distinguirmos línguas com ordem absoluta de línguas com ordem preferencial devido à forma como os dados são descritos e às premissas teórico-metodológicas dos pesquisadores. Uma questão importante, por exemplo, é se numerais cardinais e ordinais, possessivos e itens como ‘outros’, ‘vários’ etc. são ou não considerados adjetivos, assim como se adjetivos são possíveis numa ou noutra posição apenas com uma interpretação ou morfologia bastante particular. Por vezes, tais aspectos não são explicitados pelos autores em suas descrições dos dados.

Um exemplo de tal problemática é a descrição da língua Mising (da família sino-tibetana). Em sua gramática do Mising, Bal Ram Prasad afirma que adjetivos ocupam posições de modificação no DP e podem tanto preceder como seguir o nome; no entanto, ainda no fim

do mesmo parágrafo, ele explica que, quando um “adjetivo” está em posição pós-nominal, “ele funciona como nome ou advérbio” (PRASAD, 1991, p. 67, tradução minha). O autor não dá exemplos desse tipo de construção. Pela descrição, no entanto, é razoável assumirmos que adjetivos atributivos são exclusivamente pré-nominais, sendo o uso de itens lexicais geralmente classificados como adjetivos na posposição possivelmente o resultado de alguma reanálise, mudança de classe ou uso predicativo.

Em Mising, há tanto adjetivos de propriedades físicas quanto de avaliação subjetiva<sup>14</sup> (1). Nomes são flexionados em número, gênero e caso, mas adjetivos não apresentam concordância. O plural é marcado por um sufixo (*kirin/kidin*) que se combina ao nome (2a). Caso haja artigos ou demonstrativos, o morfema de plural geralmente os precede (2a-b).

- (1) a. **azɔnĕ** dɔluŋ (Mising)  
pequeno vila  
‘pequena vila’  
b. **ainĕ** kɔdĕ  
bom menino-o  
‘o bom menino’  
c. **battánĕ**<sup>15</sup> ami  
grande homem  
d. **kĕmnĕ** mukkan- kiridĕ  
escura nuvem as  
‘as nuvens escuras’  
(PRASAD, 1991, p. 69)
- (2) a. ɔkum → ɔkumkirin  
casa → casas  
b. ɔkumdĕ → ɔkumkiridĕ  
‘a casa’ → ‘aquelas casas’  
(PRASAD, 1991, p. 52-53)

<sup>14</sup> O autor não dá exemplos de adjetivos não predicativos (como ‘falso’, ‘suposto’, ‘principal’ etc.).

<sup>15</sup> Em outra parte do texto, Prasad (1991) comenta que o sufixo *nĕ* é utilizado para derivar nomes a partir de verbos (p. ex., ɔ ‘escrever’ → ɔnanĕ ‘escritor’). Se esse fosse o caso também nesses exemplos, os “adjetivos” seriam, na realidade, nomes usados em função adjetival. Como não é possível sabermos se *nĕ* tem alguma outra função, porém, seguiremos a descrição do autor de considerar esses itens adjetivos.



- (6) **gichi-inini**                      gaye      ikwe                                              (Ojibua)  
 grande-homem.NA      e                      mulher.NA  
 ‘um homem grande e uma mulher’ ou ‘um homem grande e uma mulher grande’  
 (ROSEN, 2016, p. 163)

Num outro extremo, há línguas em que adjetivos adnominais são exclusivamente pospostos. Esse é o caso das línguas semíticas, como Hebraico (7) e as diversas variedades de Árabe — como o Árabe Moderno Padrão (AMP) em (8). Note-se que adjetivos não predicativos (9) também aparecem pospostos.

- (7) a. Volvo    **xadaš**                                              (Hebraico)  
          Volvo    novo  
          ‘um novo Volvo’  
 b. \***xadaš**    Volvo  
          novo      Volvo  
 (SHLONSKY, 2004, p. 1.468)
- (8) a. al-kitab      **al-ahmar**                                              (AMP)  
          o-livro.M      o-vermelho.M  
 b. \***al-ahmar**      al-kitab  
          o-vermelho.M      o-livro.M  
 (PANAYIDOU, 2013, p. 178)
- (9) a. l-qaatil-u                      **l-maz‘uum-u**                                              (AMP)  
          o-assassino-NOM      o-suposto-NOM  
          ‘o suposto assassino’  
 b. l-mudiir-u                      **s-saabi-q-u**  
          o-diretor-NOM      o-antigo-NOM  
          ‘o antigo diretor’  
 c. l-xamiis-u                      **l-faarit-u**  
          a-quinta-feira-NOM      a-última-NOM  
          ‘a última quinta-feira’  
 (FASSI-FEHRI, 1999, p. 110)

Como já instanciado nos exemplos acima, nessas línguas os adjetivos são marcados, assim como o núcleo, em definitude (e, a depender da riqueza morfológica da língua,

concordam em caso, número e gênero) em DPs definidos. Cada adjetivo é precedido pelo determinante, assim como o nome<sup>17</sup>:

- (10) a. ha Volvo ha **xadaš** (Hebraico)  
           o Volvo o novo  
           ‘o Volvo novo’  
       b. \*ha **xadaš** ha Volvo  
           o novo o Volvo  
       (SHLONSKY, 2004, p. 1.468)
- (11) a. l-kitaab-u l-**?axḍar-u** š- **šaḡiir-u** (AMP)  
           o-livro-NOM o-verde-NOM o-pequeno-NOM  
           ‘o livro verde pequeno’  
       b. šaay-un **šiiniy-un** **?axḍar-u** **jayyid-un**  
           chá-NOM chinês-NOM verde-NOM excelente-NOM  
           ‘um chá chinês verde excelente’  
       c. ?-al‘ab-u bi-l-kurat-i l-**kabiirat-i** l-**jamiilat-i**  
           Eu-brinco com-a-bola-GEN a-grande-GEN a-bonita-GEN  
           ‘Eu brinco com a bola grande bonita’  
       (FASSI-FEHRI, 1999, p. 107)

Como o artigo aparece foneticamente afixado aos adjetivos e ao nome em Árabe, poderíamos nos perguntar se ele é de fato um artigo independente ou se seria uma marca de concordância de definitude. Essa última hipótese não parece se confirmar. Ainda que, como Panayidou (2013, p. 178, nota 2) aponta, o artigo definido, *l-*, possa ser assimilado em certos contextos em Árabe, o fato de algumas variedades permitirem que elementos ocorram entre o artigo e o nome, como em (12), é evidência de que o artigo é um item lexical à parte. Adicionalmente, em Hebraico modificadores podem aparecer entre o artigo e o adjetivo (13), uma evidência tanto do estatuto de projeção máxima de (ao menos alguns) adjetivos nessa língua quanto da posição do artigo no sintagma:

- (12) a. t tleet kitub (Árabe de Beirut)  
           os três livros

<sup>17</sup> Ou por um morfema com a mesma forma que ele, como veremos na sequência ser uma das propostas para o Grego.

b. l kitub t tleete

os livros os três

(SHLONSKY, 2004, p. 1.479)

(13) ha haca'a ha me'od **svira** (Hebraico)

a decisão a muito razoável

‘A decisão muito razoável’

(SHLONSKY, 2004, p. 1.475)

Uma língua que apresenta algumas similaridades com o Árabe e o Hebraico é o Grego. Grego tem a anteposição como posição preferencial, mas seria possível pensar (ao menos à primeira vista) que adjetivos podem figurar tanto na ante quanto na posposição:

(14) a. mia **palia** eklisia (Grego)

uma velha igreja

‘uma igreja velha’ ou ‘uma velha igreja’

b. mia eklisia **palia**

uma igreja velha

‘uma igreja velha’

(15) a. i **palia** eklisia

a velha igreja

‘a igreja velha’ ou ‘a velha igreja’

b. i eklisia i **palia**

a igreja a velha

‘a igreja velha’

(GUARDIANO; STAVROU, 2019, p. 15-16, 18)

Em (15b), similarmente aos exemplos em (10) e (11) do Hebraico e do Árabe, o adjetivo pós-nominal é obrigatoriamente acompanhado do artigo definido. Em Grego, essa construção, em que tanto nome como adjetivo são acompanhados do que parece ser o artigo definido, é chamada de *polidefinida*<sup>18</sup> (STAVROU, 2012).

Dado, porém, o contraste entre (15a), em que o artigo está presente apenas uma vez no DP, e (15b), essa similaridade com as línguas semíticas parece ser apenas superficial. O

<sup>18</sup> Esse fenômeno também é chamado de *double definiteness* (“definitude dupla”) e *definiteness spread* (“propagação da definitude”), como cunhado por Androutsopoulou (1995).

exemplo (16), a seguir, reforça que não se trata de algum tipo de concordância obrigatória em definitude quando o adjetivo é pós-nominal, já que é possível que o adjetivo acompanhado pelo artigo (distinto do artigo que acompanha o nome) apareça também em posição pré-nominal (i.e., estruturas polidefinidas não ocorrem somente em posposição):

- (16) to **kalo** to pedi (Grego)  
 a boa a criança  
 ‘a boa criança’  
 (GUARDIANO; STAVROU, 2019, p. 19)

Note-se, ainda, que diferentemente de línguas semíticas como Árabe e Hebraico, em que inclusive adjetivos não predicativos são acompanhados do artigo (17), construções polidefinidas em Grego restringem-se a adjetivos predicativos (ou adjetivos em leitura predicativa), como já prenunciado em (15), exemplificado também em (18) com a agramaticalidade de construções com adjetivos não predicativos, e em (19) com a impossibilidade de que um adjetivo classificativo figure nessa construção:

- (17) a. ha sar ha **kodem** (Hebraico)  
 o ministro o antigo  
 ‘o antigo ministro’  
 b. ha sar ha **falastini**  
 o ministro o palestino  
 ‘o ministro palestino’  
 c. ha rakevet ha **xašmalit**  
 o trem o elétrico  
 ‘o trem elétrico’  
 (SHLONSKY, 2004, p. 1.492)
- (18) a. o **proin** (\*o) ipurgos (Grego)  
 o antigo (\*o) ministro  
 (ALEXIADOU, 2001, p. 233)  
 b. \*o **ipotithemenos** o kleftis  
 o suposto o assassino  
 ‘o suposto assassino’

c. \*o **monos** tu o erotas  
 o único dele o amor  
 ‘o único amor dele’

(STAVROU, 2012, p. 382)

(19) \*i enerjia i **piriniki**  
 a energia a nuclear  
 (STAVROU, 2012, p. 382)

Dadas essas características, Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) argumentam que as construções polidefinidas em Grego não são fruto de modificação adjetival típica — que estaria disponível apenas na anteposição —, mas sim de algum tipo de construção predicativa (*small clause*, algum tipo de oração relativa etc.). Se considerarmos que essa estrutura difere da construção padrão de adjetivos atributivos, isso tornaria Grego uma língua de anteposição absoluta.

Stavrou (2012) elabora mais a fundo esse argumento, conectando os polidefinidos com adjetivos pós-nominais em DPs indefinidos como (14b). A autora aponta que adjetivos pós-nominais em DPs indefinidos e adjetivos em construções polidefinidas compartilham uma série de propriedades: recebem ênfase prosódica; são interpretados restritivamente; modificam o referente como um todo; expressam propriedades transitórias ou temporárias; e restringem-se a adjetivos predicativos, i.e., podem seguir um verbo de cópula em uma paráfrase clausal (seria por consequência disso que adjetivos não intersectivos, subsectivos e classificativos não são possíveis nessas construções). As construções apenas pareceriam distintas devido ao fato de a indefinidade ser marcada como zero em Grego: enquanto a definitude é marcada pelo artigo definido, a marcação de indefinidade não é visível (*ena*, o “artigo indefinido”, seria na verdade um numeral).

Cabe apontar, ainda, que, para a autora, polidefinidade não pode ser considerada exatamente uma concordância nominal em definitude no sentido tradicional. O artigo definido antes do adjetivo em polidefinidos seria, na realidade, a realização lexical de um núcleo predicativo (Pred) que mediaría a inserção do adjetivo em uma espécie de *small clause* (no caso, PredP). Stavrou especula que uma possível motivação para que Pred seja realizado por um morfema idêntico ao artigo definido seria que ele concorda com o nome não apenas em traços *phi*, mas também em definitude. Outra possibilidade é que algumas línguas utilizem um morfema com pouco conteúdo semântico para codificar predicação — esse seria o caso do Grego.

Ainda que o objetivo deste capítulo não seja discutir a análise formal por trás dessas discussões, tais propostas têm relevância na medida em que impactam na própria descrição.

Particularmente, a análise de Stavrou (2012), mencionada acima, adotada também em Guardiano e Stavrou (2019), tem como consequência que múltiplos adjetivos não podem coocorrer em polidefinidos, ao menos de acordo com a construção proposta por elas, já que apenas um núcleo Pred seria possível por sentença. Essa proposta é contrária ao exemplificado, por exemplo, em Alexiadou (2001) e Panayidou (2013):

- (20) a. to **meyalo** to vivlio to **kokkino** (Grego)  
           o grande o livro o vermelho  
       b. to **kokkino** to vivlio to **meyalo**  
           o vermelho o livro o grande  
       c. to vivlio to **meyalo** to **kokkino**  
           o livro o grande o vermelho  
       (ALEXIADOU, 2001, p. 233)<sup>19</sup>
- (21) a. to **meyalo** to **aspro** to bol  
           a grande a branco a tigela  
       b. to **aspro** to **meyalo** to bol  
           a branco a grande a tigela  
       c. to **meyalo** to bol to **aspro**  
           a grande a tigela a branco  
       d. to **aspro** to bol to **meyalo**  
           a branco a tigela a grande  
       e. to bol to **meyalo** to **aspro**  
           a tigela a grande a branco  
       f. to bol to **aspro** to **meyalo**  
           a tigela a branco a grande  
       (PANAYIDOU, 2013, p. 79)

Esses dados são controversos. Alexiadou (2001) não faz tal afirmação explicitamente, mas parece sugerir que (20) contém todas as permutas possíveis — o que significaria, por exemplo, que dois adjetivos polidefinidos não coocorreriam na anteposição (a autora, de fato, não traz exemplos desse tipo). Por outro lado, Panayidou (2013) apresenta um paradigma em

<sup>19</sup> Alexiadou (2001) aponta que, a despeito das diferenças de ordem, todas as ordens em (20) têm “uma única interpretação” (“*one and the same explanation*”, p. 232); imagino que ela esteja se referindo, também, ao escopo entre os adjetivos (propriedade que será relevante adiante).

que figuram múltiplos adjetivos polidefinidos concomitantemente, tanto na ante quanto na posposição. Stavrou (2012), a esse respeito, defende que, em Grego, nem em construções polidefinidas tradicionais, nem em DPs com adjetivos pós-nominais, podem estar presentes múltiplos adjetivos; segunda, ela, a relação de escopo identificada entre esses adjetivos é apenas aparente. Essas estruturas seriam, na realidade, casos de coordenação frouxa (*loose coordination*) ou assindética entre adjetivos ou entre DPs com elipse de núcleo (STAVROU, 2012, p. 387).

Considerando o conflito entre as análises, parece-me difícil assumir uma posição sem acesso a dados mais robustos — por exemplo, estudos prosódicos que possam apontar diferença entre adjetivos em uma suposta coordenação assindética daqueles sindéticos empilhados, ou algum outro tipo de correlação que possa evidenciar essa estrutura. Cabe ainda apontar que depõe contra a análise de Stavrou o fato de múltiplos adjetivos polidefinidos terem relações de escopo entre si (“aparentes”, como ela coloca), o que não seria esperado em adjetivos coordenados<sup>20</sup>.

Por último, é importante salientar que múltiplos adjetivos podem ocorrer na anteposição livremente quando não há determinante, ou quando há apenas um antecedendo toda a sequência (como é comum em diversas línguas indo-europeias):

- (22)    poles    **omorfes megales aspres persikes**    gates            (Grego)  
           muitos   bonitos   grandes   brancos   persas        gatos  
           ‘muitos gatos persas brancos grandes bonitos’  
           (GUARDIANO; STAVROU, 2019, p. 14)

Assim, o Grego se configura como uma língua de anteposição absoluta se, como defendem Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), entendermos que adjetivos pós-nominais em DPs indefinidos e construções polidefinidas são um mesmo tipo de estrutura, que diferiria em algum aspecto crucial da estrutura comumente acessada por adjetivos atributivos em construções não marcadas. Se, por outro lado, considerarmos que construções polidefinidas em Grego são uma instância particular de estruturas de predicação presentes em outras línguas, talvez seja necessário nos perguntarmos o quanto o Grego é excepcional nesse sentido.

De línguas como Mising, Ojibua e Grego para outras em diante, encontramos um gradiente de línguas com adjetivos preferencialmente pré-nominais que gradativamente aceitam

<sup>20</sup> Ao menos de acordo com uma certa perspectiva, já que há debates em torno de estruturas coordenadas incorporarem ou não relações de escopo internamente. Em outras palavras, a presença ou ausência de escopo, por si só, não é um diagnóstico seguro para identificar estruturas coordenadas.

adjetivos pospostos. As línguas anglo-germânicas são um bom exemplo dessa gradação. Em Alemão e em Holandês, adjetivos são quase exclusivamente pré-nominais:

- (23) a. de **grote** jongen (Holandês)  
           o grande menino  
       b. \*de jongen **grote/groot**  
           o menino grande  
       (BROEKHUIS, 2013, p. 280)
- (24) der **gute** Mann (Alemão)  
       o bom homem  
       (FLEISCHER, 2009, p. 1)

Nessas línguas, adjetivos pós-nominais são normalmente caracterizados como arcaísmos ou característicos da linguagem literária, como para fins de escansão ou em expressões idiomáticas razoavelmente cristalizadas (RUSS, 1994; BROEKHUIS, 2013). Ambos os casos são exemplificados abaixo para o Holandês, em que (25a', 25b') apresentam arcaísmos ainda presentes na linguagem literária e religiosa, enquanto (26a') consiste de uma expressão cristalizada, como demonstrado pela impossibilidade de (26b'):

- (25) a. de **almnachtig**-e God (Holandês)  
           o onipotente Deus  
           'ó Deus onipotente'  
       a'. God **almachtig**-Ø  
           Deus onipotente-Ø  
       b. een **koen**-e ridder  
           um corajoso cavaleiro  
           'um cavaleiro corajoso'  
       b'. een ridder **koen**-Ø  
           um cavaleiro corajoso-Ø
- (26) a. **jongstleden/aanstaande** maandag  
           último/próximo segunda-feira  
       a'. maandag **jongstleden/aanstaande**  
           segunda-feira último/próximo  
       b. **komende** maandag  
           próximo segunda-feira

b'. \*maandag      komende  
 segunda-feira   próximo  
 (BROEKHUIS, 2013, p. 281)

Em ambas as línguas, adjetivos em posição atributiva são flexionados. A flexão em Alemão é mais rica que em Holandês e apresenta um paradigma interessante, condicionado pelo determinante que encabeça o DP: há a declinação *fraca* (na presença de determinantes definidos), chamada assim pela flexão do adjetivo ser pouco informativa em relação ao caso e gênero do NP, recaindo maior grau de informatividade sobre o determinante (cf. 27); há a declinação *forte* (na ausência de determinantes quaisquer), também chamada de *declinação zero*, em que o adjetivo carrega toda a informação sobre o gênero e o caso do nome (cf. 28); e há a declinação “mista”, utilizada em sintagmas indefinidos encabeçados por *ein* ‘um’ e *kein* ‘nenhum’, e também depois de possessivos como *mein* ‘meu’, *dein* ‘seu’ etc. (cf. 29) (DODD et al., 2003):

- (27) Declinação fraca (Alemão)  
*den großen Hut* ‘o chapéu grande’ (Masculino acusativo singular)  
*dem kleinen Dorf* ‘as pequenas vilas’ (Neutro dativo singular)  
*der guten Kinder* ‘as crianças boas’ (Genitivo plural)
- (28) Declinação forte  
*französischen Wein* ‘vinho francês’ (Masculino acusativo singular)  
*hellem Bier* ‘cerveja clara’ (Neutro dativo singular)  
*reicher Leute* ‘pessoas ricas’ (Genitivo plural)
- (29) Declinação mista  
*ein neuer Wagen* ‘um carro novo’ (Masculino acusativo singular)  
*einem alten Haus* ‘uma casa velha’ (Neutro dativo singular)  
*keiner reichen Leute* ‘nenhuma pessoa rica’ (Genitivo plural)  
 (DODD et al., 2003, p. 46)

Em suma, há um gradiente em que a flexão na presença de artigos definidos é mais pobre, mas torna-se mais distintiva com determinantes indefinidos e ainda mais na ausência de qualquer determinante (ROEHRS; JULIEN, 2014).

Em comparação, a flexão em Holandês é menos rica, como já mencionado: adjetivos com o traço [-NEUTRO], ou em sintagmas nominais com os traços [-INDEFINIDO], ou

[-SINGULAR]<sup>21</sup>, recebem o sufixo *-e*, enquanto os demais contextos<sup>22</sup> recebem um morfema zero (BROEKHUIS, 2013):

- (30) a. de **oude** stoel (Holandês)<sup>23</sup>  
           o.COM velho-E cadeira  
           ‘a cadeira velha’  
       b. het **oude** boek  
           o.NET velho-E livro  
           ‘o livro velho’  
       c. de **oude** stoelen  
           o.COM velho-E cadeiras  
           ‘as cadeiras velhas’  
       d. de **oude** boeken  
           o.COM velho-E livros  
           ‘os livros velhos’
- (31) a. een **oude** stoel  
           um velho-E cadeira  
           ‘uma cadeira velha’  
       b. een **oud-Ø** boek  
           um velho-Ø livro  
           ‘um livro velho’  
       c. **oude** stoelen  
           velho-E cadeiras  
           ‘cadeiras velhas’  
       d. **oude** boeken  
           velho-E livros  
           ‘livros velhos’  
       (BROEKHUIS, 2013, p. 266)

<sup>21</sup> Broekhuis (2013) prefere descrever o contexto pela *ausência* de traços que pela sua presença para dar conta de nomes não contáveis, em que em teoria o traço de Número não estaria presente.

<sup>22</sup> Isto é, nomes-núcleo neutros, em sintagmas indefinidos singulares ou não contáveis.

<sup>23</sup> Em Holandês, há o gênero “comum” (COM), resultado de neutralização dos gêneros masculino e feminino, e o gênero neutro.

A princípio, tanto as declinações em Alemão quanto o padrão de concordância em Holandês envolvem definitude, o que poderia vir a ser um denominador comum. No entanto, Roehrs e Julien (2014) argumentam que, em Alemão, diferentemente das línguas escandinavas continentais (e, possivelmente, do Holandês), a distinção entre declinação fraca/forte não é explicada pela (in)definitude do DP. Os autores apontam que a declinação forte (i.e., aquela presente na *ausência* de determinantes) é idêntica às marcas dos determinantes *definidos* — por exemplo, *großer* ‘grande’ (forte), *dieser* ‘este’ e *der/jener* ‘aquele’ —, o que seria uma evidência de que esses sufixos não teriam relação nem com definitude (pela ausência de determinante), nem com indefinitude (pelo compartilhamento de sufixos com os determinantes definidos). Assim, Roehrs e Julien argumentam que os sufixos da declinação forte carregam marcas apenas de gênero, número e caso e seriam iguais aos da declinação fraca — estes teriam, apenas, passado pelo processo de *empobrecimento* (como geralmente entendido na Morfologia Distribuída, p. ex., HALLE; MARANTZ, 1994) desencadeado pela presença de certos determinantes.

Em contraste, nas línguas escandinavas continentais, os autores defendem que haja um paralelo direto entre as oposições forte/fraco e indefinido/definido, respectivamente. Em primeiro lugar, diferentemente de Alemão, em Norueguês (tomado como exemplo das demais línguas escandinavas), os sufixos presentes em determinantes definidos — como (32b), sendo (32c) uma exceção — são praticamente idênticos aos sufixos “fracos” presentes nos adjetivos (32a), constituindo uma evidência de algum tipo de similaridade estrutural/morfológica entre os dois:

- (32) a. store (Norueguês)  
           grande.FRACO  
       b. dette/denne,           disse,     det [de]  
           este.N/este.M/F       estes     aquele.N  
       c. den,                de [di]  
           aquele.M/F        aqueles  
       (ROEHRS; JULIEN, 2014, p. 253)

Sem entrar em detalhes, os autores defendem que a declinação fraca nas línguas escandinavas continentais é resultado da relação de concordância que é estabelecida entre adjetivos e um traço de [Identidade] presente na projeção de Agr que hospeda o sintagma

adjetival<sup>24</sup>. Essa seria, de certa forma, uma marcação indireta de definitude, já que esse traço só é compatível com contextos definidos — mas envolve também pressuposicionalidade. Por exemplo, em (33), em que a única diferença entre as sentenças é a declinação forte ou fraca do adjetivo, apenas (33b) pressupõe a existência de maçãs no contexto:

- (33) a. Legg hvert **umodent** eple i denne kasse-n. (Norueguês)  
coloque toda verde.FORTE maçã em essa caixa.DEF  
‘Coloque toda maçã verde (não madura) nessa caixa.’  
b. Legg hvert **umodene** eple i denne kasse-n.  
coloque toda verde.FRACO maçã em essa caixa.DEF  
‘Coloque cada maçã verde nessa caixa.’  
(ROEHRS; JULIEN, 2014, p. 254)

Assim, enquanto parece haver evidências mais convincentes de que a distinção entre declinação forte e fraca tenha uma relação, ainda que indireta, com (in)definitude em línguas escandinavas, concordamos com Roehrs e Julien (2014) que, em Alemão, essas marcas não mantêm essa mesma relação. Isso é relevante na medida em que nos diz algo sobre a relação entre a (in)definitude e os adjetivos, por um lado, mas também sobre a relação entre adjetivos e determinantes.<sup>25</sup>

Por outro lado, a situação do Holandês parece um pouco mais complexa, já que apenas adjetivos em contextos indefinidos combinados a nomes do gênero neutro no singular ou a nomes não contáveis recebem o morfema zero. Ainda que pudéssemos hipotetizar que se trata de algum tipo de concordância desencadeada pela (in)definitude do DP, Van de Velde e Weerman (2014, p. 116) argumentam que o sistema de declinação do Holandês é mais bem descrito como apresentando “morfologia ‘sucateada’, ‘obsoleta’, ‘(quase-) vazia’, ‘remanescente’ ou ‘vestigial’”<sup>26</sup>. Os autores argumentam que há uma mudança em curso em que a presença do sufixo *-e* tem sido reinterpretada, tanto em aquisição de Holandês como L1 como

<sup>24</sup> A proposição de um traço específico é uma proposta forte, mas note-se que a generalização em si não é tão surpreendente: haveria alguma projeção funcional que codificaria um conteúdo posto ou pressuposto, sendo que a propriedade denotada pelo adjetivo poderia fazer parte desse conteúdo. Não é uma ideia tão distante, por exemplo, do conceito de Tópico.

<sup>25</sup> Nomeadamente, para que seja possível que o processo de empobrecimento seja desencadeado, os autores propõem que o determinante esteja originalmente localizado em uma posição abaixo dos adjetivos e que se mova para cima em um movimento cíclico — assim fazendo com que todos os adjetivos em uma sequência tenham a declinação fraca (ROEHRS; JULIEN, 2014, p. 249). Para que isso aconteça, é necessário que haja posições acima de cada adjetivo para as quais o determinante possa se mover.

<sup>26</sup> No original: *The situation in Present-day Dutch is better described as displaying ‘junk’, ‘obsolescent’, ‘(near-) empty’, ‘remnant’ or ‘vestigial’ morphology.*

L2, como distintiva entre duas “zonas” no campo pré-nominal do DP: aquela do determinante, que não teria flexão, e aquela dos adjetivos, marcada pela flexão. Ainda que essa seja uma proposta interessante, por ora parece ser suficiente a conclusão de que a declinação de adjetivos em Holandês é idiossincrática e não tem relação com quaisquer traços presentes no DP.

Cabe ainda uma última observação sobre o comportamento de adjetivos nessas línguas. Em ambas, o empilhamento de adjetivos, i.e., a presença de múltiplos adjetivos atributivos, é possível:

- (34) a. ein **schönes kleines** Auto (Alemão)  
 um bonito pequeno carro  
 ‘Um carro bonito pequeno’  
 (KOTOWSKI, 2016, p. 119)
- b. die **belangrijke jaarlijkse** bijeenkomst (Holandês)  
 aquela importante anual reunião  
 ‘Aquele importante reunião anual’  
 (BROEKHUIS, 2013, p. 318)

Não há relatado, na literatura, qualquer limite quanto ao número de adjetivos que podem coocorrer em posição atributiva.

Como visto, tanto o Alemão quanto o Holandês só permitem adjetivos pós-nominais em situações muito específicas. Na família anglo-germânica, a língua mais flexível em relação a esse aspecto do posicionamento adjetival é o Inglês. Diferentemente da maioria das outras línguas dessa família, o Inglês não retém mais quaisquer marcas de concordância no adjetivo; a língua não apresenta gênero gramatical, e o número costuma ser marcado apenas no nome-núcleo, por meio do sufixo *-s*. Em relação à posição, ainda que o Inglês também tenha como preferencial a anteposição (35), há alguns adjetivos que podem figurar atributivamente após o nome (36):

- (35) a. the **chubby** alien (Inglês)  
 o roliço alienígena  
 ‘O alienígena roliço’
- b. \*the alien **chubby**  
 o alienígena roliço

- (36) a. the **present** students  
           os presentes alunos  
           ‘os alunos presentes’ ou ‘os presentes alunos’  
       b. the students **present**  
           os alunos presentes  
           ‘os alunos presentes’  
       (PANAYIDOU, 2013, p. 22)

Como já apontava Bolinger (1967), adjetivos pós-nominais em Inglês tipicamente caracterizam uma propriedade temporária ou passageira e podem ser parafraseados por uma estrutura clausal (i.e., em que o adjetivo seja um predicado). Já o significado da posição pré-nominal — no caso de (36a), algo como ‘os atuais alunos’, ou ‘aqueles que atualmente são alunos’ — não está disponível em posição predicativa:

- (37) the students are **present** (Inglês)  
       os alunos são/estão presentes  
       ‘os alunos estão presentes / que estão presentes (aqui)’  
       #<sup>27</sup> ‘os alunos que atualmente são alunos’

Há um número não trivial de adjetivos que podem figurar em posição pós-nominal em Inglês, que inclui, além de arcaísmos e expressões fixas, como em Alemão e Holandês, também alguns adjetivos que possuem uma interpretação específica quando pospostos, como (36), além de outros itens, como *ready* ‘pronto’, *proper* ‘próprio/propriamente dito/em si’, *opposite* ‘oposto’, *included* ‘incluso’, *inclusive* ‘inclusive’, *past* ‘passados’, *positive* ‘positivo’, entre outros; adjetivos derivados terminados em *-able* e *-ible*, em certos contextos; e adjetivos *a-* (como *afloat* ‘à tona’, *ablaze* ‘em chamadas’ etc.) (QUIRK *et al.*, 1985).

Em Inglês, assim como nas demais línguas anglo-germânicas, o empilhamento de múltiplos adjetivos é possível na posição default, isto é, com os adjetivos antepostos:

- (38) **small green Chinese** vase (Inglês)  
       pequeno verde chinês vaso  
       ‘vaso chinês verde pequeno’  
       (SPROAT; SHIH, 1991, p. 565)

<sup>27</sup> O símbolo # será utilizado para indicar que a leitura pretendida não é possível para uma dada construção.

O contraponto do Inglês — língua com adjetivos preferencialmente pré-nominais, que permite certos tipos de adjetivos após o nome — pode ser exemplificado com a maioria das línguas românicas. Nelas, a posição pós-nominal tende a ser identificada como preferencial, mas adjetivos antepostos geralmente também são bastante produtivos. Esse é o caso, por exemplo, do Francês e do Português.

Em Francês, adjetivos pós-nominais tipicamente podem aparecer também em posição predicativa, p. ex., em uma paráfrase com o verbo ‘ser’ (39). O mesmo se dá em Português (40):

(39) a. une table **ronde** (Francês)

uma mesa redonda

a’. Les tables sont **rondes**.

as mesas são redondas

b. un vin **rance**

um vinho rançoso

b’. Ce vin n’est pas **rance** du tout, monsieur.

este vinho NEG-está não rançoso de todo senhor

‘Este vinho não está nem um pouco rançoso, senhor.’

(BOUCHARD, 1998, p. 141)

(40) a. uma mesa **quadrada** (Português)

a’. A mesa é **quadrada**.

b. uma comida **gostosa**

b’. A comida é **gostosa**.

Já adjetivos que aparecem quase exclusivamente em posição pré-nominal em Francês não podem figurar em posição predicativa (41). O mesmo ocorre em Português (42):

(41) a. ce **supposé** communiste (Francês)

este suposto comunista

a’. \*Ce communiste est **supposé**.

este comunista é suposto

b. le **futur** président

o futuro presidente

b’. \*Ce président est **futur**.

o presidente é futuro

(BOUCHARD, 1998, p. 140)

- (42) a. o **suposto** assassino (Português)  
 a'. \*o assassino é **suposto**  
 b. o **futuro** presidente  
 b'. \*o presidente é **futuro**

Há, ainda, adjetivos que podem figurar nas duas posições em ambas as línguas. Nesses casos, alguns têm diferentes interpretações preferenciais em cada posição:

- (43) a. un **bon** chef (Francês)  
 um bom cozinheiro  
 ‘Um cozinheiro bom em cozinhar’  
 b. un chef **bon**  
 um cozinheiro bom  
 ‘Um cozinheiro bom em cozinhar’ ou ‘um cozinheiro bom como pessoa’  
 (BOUCHARD, 1998, p. 142)
- (44) a. um **alto** funcionário (Português)  
 ‘Um funcionário alto na escala hierárquica’  
 b. um funcionário **alto**  
 ‘Um funcionário que é um indivíduo alto’

Em termos da morfologia dos itens que compõem o DP em cada língua, há várias similaridades. Assim como em Português, os nomes em Francês têm gênero inerente, mas que geralmente não é evidente no nome, podendo ser identificado pela forma do determinante ou na concordância exibida pelos adjetivos presentes no sintagma. Nenhuma das línguas exibe sincronicamente concordância de caso ou definitude em nomes e adjetivos.

Quanto a número, ao mesmo tempo em que há similaridades, há também algumas divergências. Em Francês, número é obrigatoriamente marcado, na língua falada, apenas nos determinantes; em casos específicos, ele pode ser realizado também no nome e nos adjetivos, p. ex., em contextos de *liason*, ou quando o nome no plural tenha uma forma específica (BOUCHARD, 2002):

- (45) a. le [lə], la [læ], les [le], ma [mæ], mes [me] (Francês)  
 ART.MASC.SG ART.FEM.SG ART.PL POSS.FEM.SG POSS.PL

- b. saut [so], sauts [so], patte [paet], pattes [pæt], mal [mæl], maux [mo]  
 salto saltos patas patas mal maus  
 (BOUCHARD, 2002, p. 42)

Já em Português, há diferença em termos de variantes e registros em relação à realização de marcas explícitas de número tanto no domínio verbal quanto nominal. No DP, os dois extremos do gradiente da realização morfológica de número são: a morfologia de número sendo realizada redundantemente no determinante, no nome e nos modificadores (adjetivos e quantificadores) (46a); e, no outro extremo, sendo realizada apenas no determinante (46b):

- (46) a. as **lindas** meninas **altas** (Português)  
 b. as **linda** menina **alta**

Numa perspectiva variacionista, Scherre e Narro (1998) apontam que há variação na realização do plural em relação a uma série de fatores, como saliência fônica (i.e., o quanto o material fônico que diferencia a oposição singular/plural é saliente), posição do DP na sentença (no caso da concordância verbal) e posição dos elementos nominais em relação ao nome-núcleo — além de características do falante, como sexo, escolaridade etc.

Segundo os autores, o primeiro elemento do DP é aquele que tem maior chance de receber a marca de plural (98% em elementos que não o nome-núcleo<sup>28</sup>, 95% no nome-núcleo); se há um segundo elemento anteposto ao núcleo, ele também tem altas chances de receber a marca de plural (95%). Quando o nome não é o primeiro elemento do DP, a realização da marca de plural nele é bastante desfavorecida: ela é realizada em 51% dos casos quando o nome-núcleo aparece na segunda posição (i.e., com um elemento anteposto, como, por exemplo, numerais e determinantes) e em 61% dos casos quando está na terceira posição (i.e., com dois elementos antepostos). Já itens à direita do nome-núcleo realizam menos frequentemente a concordância que ele. Scherre e Narro concluem que “a posição à esquerda — a posição de proeminência tópica — favorece mais marcas explícitas de plural do que a posição à direita” (SCHERRE; NARRO, 1998, p. 10).

<sup>28</sup> Ainda que os estudos abordados aqui baseiem suas análises na posição que cada item ocupa no DP, não na categoria da palavra em si, é razoável especular que o primeiro elemento do DP tende a ser um determinante. Assim, este resultado aponta para a marcação de número no determinante como regra, indo ao encontro das descrições formais que têm proposto o determinante como locus da marcação não redundante de número.

Mais contemporaneamente, e também em uma pesquisa variacionista, Lucchesi e Dália (2020) buscaram confirmar os resultados de Scherre e Narro em uma amostra de fala vernácula de comunidades rurais da região serrana do estado do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos após análise estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência de marcação de plural em cada item do DP em função da posição do constituinte com referência ao núcleo<sup>29</sup>

| Posição relativa do constituinte            | Nº de ocorrências/Total | Frequência | Peso Relativo |
|---------------------------------------------|-------------------------|------------|---------------|
| <b>1ª posição adjacente ao núcleo</b>       | 1.154/1.171             | 98,5%      | .950          |
| <b>1ª posição não adjacente ao núcleo</b>   | 186/206                 | 90,3%      | .694          |
| <b>2ª posição antes do núcleo</b>           | 90/113                  | 79,6%      | .490          |
| <b>Núcleo em 1ª posição</b>                 | 29/30                   | 96,7%      | .865          |
| <b>Núcleo em 2ª posição</b>                 | 670/1.359               | 49,3%      | .099          |
| <b>Núcleo em 3ª posição</b>                 | 87/159                  | 54,7%      | .151          |
| <b>2ª posição adjacente ao núcleo</b>       | 21/38                   | 55,3%      | .167          |
| <b>3ª e 4ª posições adjacente ao núcleo</b> | 21/48                   | 43,8%      | .085          |
| <b>Após o núcleo não adjacente a ele</b>    | 31/82                   | 37,8%      | .066          |
| <b>TOTAL</b>                                | 2.293/3.211             | 71,4%      |               |

Fonte: Lucchesi e Dália (2020, p. 785).

Os autores apontam que, em seus dados, a marcação de plural quando o nome-núcleo ocupa a primeira posição (i.e., é o primeiro elemento na ordem linear do DP) é praticamente categórica (96,7%). Quando outro elemento ocupa a primeira posição e o nome-núcleo, a segunda, a marcação de plural também é categórica no primeiro elemento (98,5%), mas já cai bastante no nome (49,3%). Assim como no estudo de Scherre e Narro (1998), a presença de dois, ao invés de apenas um, elemento pré-nominal favorece levemente a marcação de número no nome (54,7%); nesse caso, o primeiro elemento é marcado na maioria dos casos (90,3%) e o segundo, também, ainda que com uma pequena queda (79,6%). No caso da categoria “2ª elemento antes do núcleo”, os autores incluem aí tanto dados como (47a) quanto como (47b):

<sup>29</sup> A tabela é reproduzida aqui tal como no original. Há uma certa vagueza nas categorias incluídas na tabela que é preciso esclarecer: dados os exemplos fornecidos pelos autores na página 784, entendo que “2ª posição antes do núcleo” se refira a elementos pré-nominais, enquanto “2ª (3ª e 4ª) posições adjacentes ao núcleo” se referem a elementos pós-nominais.

- (47) a. ... conversá com as **própria** pessoa. (Português)  
 b. os **outros** dois filho do meu avô  
 (LUCCHESI; DÁLIA, 2020, p. 784)

Eles apontam que, como houve apenas quatro ocorrências de elementos em segunda posição não adjacentes ao nome-núcleo<sup>30</sup> (como instanciado em (47b)), eles optaram por somar esses dados aos de segunda posição adjacente ao nome-núcleo, criando a categoria em questão.

Em contraste com os elementos pré-nominais, também nesse estudo os pós-nominais são mais raramente flexionados em número: a flexão é realizada no elemento na segunda posição em 55,3% dos casos quando o nome-núcleo se encontra na primeira posição, mas em apenas 43,8% quando já há algum elemento que antecede o nome-núcleo, e ainda menos em elementos pós-nominais não adjacentes ao nome-núcleo (37,8%).

Em suma, considerando os dois estudos, sejam os adjetivos antepostos realizados como primeiro ou segundo elemento pré-nominal, note-se que eles tenderão a receber marcas de plural, ao passo que a posposição desfavorece essa marcação. Ainda, dada a maior realização da marca de plural no nome quando este está na terceira posição do que quando na segunda — de 61% para 51%, no estudo de Scherre e Narro (1998), e de 49,3% para 54,7% em Lucchesi e Dália (2020) —, aparentemente a presença de algum elemento pré-nominal para além do primeiro elemento tende a favorecer a marcação de número também no nome; como é provável que o item em primeira posição seja um determinante, podemos especular que seja a presença de um adjetivo pré-nominal que estimule a realização da marca de plural no nome-núcleo. Isso é interessante na medida em que nos aponta que a natureza da marcação de número na anteposição parece ser diferente daquela na posposição<sup>31</sup>.

Para além das línguas românicas, outra língua em que a posição default de adjetivos atributivos é a posposta é o Galês. Como o exemplo (48) atesta, o empilhamento de adjetivos também é possível.

<sup>30</sup> Eles observam que, em todos os quatro casos, houve flexão.

<sup>31</sup> Essa discussão sobre a realização de número no DP em português brasileiro foi feita a partir de uma perspectiva variacionista por não fazer parte do meu dialeto: onde moro, de acordo com minha percepção, ou há marcação redundante em todos os itens do DP (em registros formais), ou há marcação apenas no determinante. É interessante, porém, que, diferenças terminológicas e de método à parte, há convergência entre os resultados expostos nessa perspectiva com descrições feitas a partir de uma perspectiva formal, como Menuzzi (1994): adjetivos são marcados para o plural quando antepostos, mas não quando pospostos.

- (48) cwpan mawr gwyrdd Sieineaidd (Galês)  
 xícara grande verde chinesa  
 ‘uma grande xícara chinesa verde’  
 (WILLIS, 2006, p. 1.808)

Nessa língua, adjetivos pré-nominais se restringem a um pequeno conjunto de itens lexicais: *dewis* ‘escolhido’, *dirprwy* ‘deputado’, *diweddar* ‘falecido’, *gwir* ‘verdadeiro’, *hen* ‘velho’, *hoff* ‘favorito’, *cas* ‘nojento’, *mân* ‘menor’, *prif* ‘principal’, *unig* ‘único’ e *uchel* ‘alto’ (MITTENDORF; SADLER, 2011). Múltiplos adjetivos antepostos podem coocorrer, como atesta (49):

- (49) fy hoff hen gi (Galês)  
 1<sub>SG.GEN</sub> favorito velho cachorro  
 ‘meu cachorro velho favorito’  
 (WILLIS, 2006, p. 1.811)

Em termos da composição do DP, Galês apresenta um artigo definido, *y(r)*. O artigo é clítico: se a última palavra que antecede o NP terminar em vogal, ele é enclítico e assume a forma *r*; se não, ele se torna proclítico ao primeiro elemento do DP, assumindo a forma *yr* caso a palavra comece por vogal, ou *y*, se consoante:

- (50) a. o ‘r tŷ / ardd (Galês)  
 de o/a casa / jardim  
 ‘da casa/do jardim’  
 b. o flaen y tŷ  
 de frente a casa  
 ‘na frente da casa’  
 c. o flaen yr ardd  
 de frente o jardim  
 ‘na frente do jardim’  
 (BORSLEY; TALLERMAN; WILLIS, 2007, p. 155)

Com relação à morfologia do DP, Galês, assim como Português, possui dois gêneros gramaticais, identificados como masculino e feminino, que são atribuídos a todos os nomes





em parte, a Flanagan excluir certos itens lexicais do levantamento por considerá-los uma categoria à parte, tais como *iba* ‘diferente’, *hulihan* ‘último’, *boo* ‘todo’ e *karaniwan* ‘usual’ (ou ‘simples’). Chamados por Schachter e Otnes (1972) de “limitadores”, tais itens sempre aparecem antepostos, assim como numerais, tanto ordinais quanto cardinais.

Adjetivos em Tagalog aparentemente podem ser empilhados livremente. Ainda que Tada (2018) descreva que há uma restrição sobre o número de elementos que podem ser pospostos ao nome, utilizando como exemplo combinações de adjetivos, numerais e determinantes (54), talvez a restrição na realidade se aplique sobre essas combinações em particular, e não sobre quaisquer elementos pospostos. No trabalho de Flanagan (2014), por exemplo, seus informantes aceitaram como não apenas gramaticais, mas naturais, sequências com múltiplos adjetivos pospostos, como exemplificado em (55):

- (54) a. \**kaklase-ng ito-ng bago* (Tagalog)  
           *colega-LIG este-LIG novo*  
           ‘este novo colega’  
       b. \**kaklase-ng bago-ng ito*  
           *colega-LIG novo-LIG este*  
           ‘este novo colega’  
       c. \**kaklase-ng ito-ng isa*  
           *colega-LIG este-LIG um*  
           ‘este um colega’  
       d. \**kaklase-ng isa-ng ito*  
           *colega-LIG um-LIG este*  
           ‘este um colega’  
       e. \**kaklase-ng isa-ng bago*  
           *colega-LIG um-LIG novo*  
           ‘um novo colega’  
       f. \**kaklase-ng bago-ng isa*  
           *colega-LIG novo-LIG um*  
           ‘um novo colega’

(TADA, 2018, p. 54-55)

- (55) *mataas na lumang kabinet na kahoy na kulay-kayumangging*  
       alto   LIG velho-LIG armário LIG de-madeira LIG marrom  
       ‘o armário de madeira marrom velho alto’

(FLANAGAN, 2014, p. 265)

Em termos de morfologia, de maneira geral o Tagalog não apresenta marcas nem mesmo no nome; há poucos nomes e adjetivos, empréstimos do Espanhol, marcados para gênero (SCHACHTER; OTANES, 1972, p. 197). É possível marcar tanto nomes quanto adjetivos em número (plural), ainda que, como Schachter e Otanes (1972) apontam, tal marcação seja opcional em ambos os casos. Com adjetivos, isso se dá por meio de duas estratégias, a depender da configuração morfológica do adjetivo, se derivado (por meio do prefixo *ma-*) ou não. A maioria dos adjetivos pode ser pluralizado por meio do uso da partícula *mga*, que geralmente antecede o elemento que modifica (56a-b), mas que também pode seguir a partícula/o sufixo de ligação (56d-e). Já adjetivos derivados também podem ser marcados para o plural por meio de reduplicação da primeira sílaba que sucede o prefixo (56a,c,d). As duas estratégias podem, ainda, ser usadas concomitantemente (56a,d):

- (56) a. Mga masisipag na bata ang mga kapatid ko. (Tagalog)  
 PL MA-DUP-diligente LIG criança LIG<sup>34</sup> PL irmão meu
- b. Mga masipag na bata ang mga kapatid ko.  
 PL MA-diligente LIG criança LIG PL irmão meu
- c. Masisipag na bata ang mga kapatid ko.  
 MA-DUP-diligente LIG criança LIG PL irmão meu
- d. Masisipag na mga bata ang mga kapatid ko.  
 MA-DUP-diligente LIG PL criança LIG PL irmão meu
- e. Masipag na mga bata ang mga kapatid ko.  
 MA-diligente LIG PL criança LIG PL irmão meu
- ‘Meus irmãos são crianças diligentes.’  
 (SCHACHTER; OTANES, 1972, p. 231)

Por fim, cabe apontar que a posição de itens tradicionalmente considerados determinantes, como demonstrativos, também é flexível em Tagalog. Schachter e Otanes (1972) descrevem que a posição antes ou depois do nome de demonstrativos gera diferentes interpretações em termos da estrutura informacional da sentença: o item lexical que figura na última posição do DP é geralmente interpretado como informação nova.

<sup>34</sup> *Ang* é uma partícula de ligação utilizada em outras configurações sintáticas, que não na modificação interna ao sintagma nominal; esse marcador, em especial, é utilizado para indicar nomes desempenhando a função de predicados ou de tópico (SCHACHTER; OTANES, 1972, p. 87).

- (57) a. **Mahal** ang damit na ito. Pero **mura** ang damit na iyan.  
 caro      LIG    vestido   LIG    este. Mas barato   LIG    vestido   LIG    aquele  
 ‘Este vestido é caro. Mas aquele vestido é barato.’
- b. **Mahal** ito-ng damit. Pero **mura** itong sombrero.  
 caro      este-LIG    vestido   mas   barato   este-LIG    chapéu.  
 ‘Este vestido é caro. Mas aquele chapéu é barato.’
- (SCHACHTER; OTANES, 1972, p. 120)

Há que se considerar a descrição de Tada (2018), descrita acima, de que há um limite sobre o número de tipos diferentes de itens que podem ocorrer concomitantemente na posposição. Isso posto, porém, não parece haver restrição sobre o posicionamento de determinantes (ou, ao menos, demonstrativos) após o nome-núcleo.

O Quadro 1 apresenta um sumário das possibilidades de posicionamento de adjetivos nas línguas apresentadas nesta seção. Línguas em que adjetivos podem figurar tanto na posição pré-nominal quanto na pós-nominal têm a posição preferencial marcada em negrito. Note-se ainda que, apesar de haver várias línguas em que isso ocorre, é apenas em Tagalog que as duas posições são igualmente produtivas (observando-se a posição pré-nominal como default na prática); nas demais, certas restrições se impõem sobre a posição não preferencial, como será exposto nas seções seguintes.

Quadro 1 - Posição dos adjetivos em relação ao nome-núcleo

|                     | ALE | ARAB | FRA | GAL | GRE | HEB | HOL | ING | MIS | OJB | POR | TAG |
|---------------------|-----|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Posição Pré-Nominal | ✓   |      | ✓   | ✓   | ✓   |     | ✓   | ✓   | ✓   | ✓   | ✓   | ✓   |
| Posição Pós-Nominal | ✓   | ✓    | ✓   | ✓   | ✓*  | ✓   | ✓   | ✓   |     |     | ✓   | ✓   |

\*somente “polidefinidos”.  
 Fonte: elaboração própria.

O Quadro 2 resume a posição dos determinantes (tomando como referência os artigos) em cada uma das línguas selecionadas. A preferência pela posição pré-nominal não reflete um padrão cognitivo, estando provavelmente ligada à seleção de línguas aqui feita. O levantamento feito no WALS (DRYER, 2013b) quanto à posição de demonstrativos em relação ao nome-

núcleo, por exemplo, aponta que o número de línguas em que demonstrativos antecedem o nome-núcleo no atlas (542) é bastante próxima do número daqueles em que eles o sucedem (562).<sup>35</sup>

Quadro 2 - Posição dos determinantes

|                     | ALE | ARAB | FRA | GAL | GRE | HEB | HOL | ING | MIS | OJB | POR | TAG |
|---------------------|-----|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Posição Pré-Nominal | ✓   | ✓    | ✓   | ✓*  | ✓   | ✓   | ✓   | ✓   |     | ✓   | ✓   | ✓   |
| Posição Pós-Nominal |     |      |     |     |     |     |     |     | ✓   |     |     | ✓   |

\*demonstrativos são pós-nominais.

Fonte: elaboração própria.

Por fim, o Quadro 3 traz um resumo das marcas morfológicas presentes em nomes e adjetivos atributivos em cada língua. É importante pontuar que a maioria das línguas descritas em que os nomes apresentam gênero não o fazem por meio de afixos ou quaisquer marcas dessa natureza (com exceção dos nomes de “gênero natural”); gênero geralmente é uma propriedade intrínseca (e arbitrária) de cada nome. Assim, em termos de morfologia explícita, gênero é mais relevante enquanto marca de concordância nos demais elementos presentes no DP, como nos adjetivos.

<sup>35</sup> O Galês é uma língua interessante nesse sentido, uma vez que demonstrativos seguem o nome, mas artigos o precedem. Na maioria das línguas indo-europeias, porém, demonstrativos tendem a ocupar posições próximas dos determinantes. Na medida em que haja relação entre essas duas categorias, poderíamos fazer a previsão de que haja um número significativo de línguas com determinantes pós-nominais.

Quadro 3 - Marcas de gênero, número e caso

|                  | Nomes  |                 |      |                                  | Adjetivos Atributivos                                          |                 |      |                                  |
|------------------|--------|-----------------|------|----------------------------------|----------------------------------------------------------------|-----------------|------|----------------------------------|
|                  | Gênero | Número          | Caso | Definitude                       | Gênero                                                         | Número          | Caso | Definitude                       |
| <b>ALEMÃO</b>    | ✓      | ✓               | ✓    |                                  | ✓                                                              | ✓               | ✓    |                                  |
| <b>ÁRABE</b>     | ✓      | ✓               | ✓    | ✓                                | ✓                                                              | ✓               | ✓    | ✓                                |
| <b>FRANCÊS</b>   | ✓      |                 |      |                                  | ✓                                                              |                 |      |                                  |
| <b>GALÊS</b>     | ✓      | ✓               |      |                                  | Alguns adjetivos concordam em gênero (no singular) e em número |                 |      |                                  |
| <b>GREGO</b>     | ✓      | ✓               | ✓    | ✓<br>(no caso dos polidefinidos) | ✓                                                              | ✓               | ✓    | ✓<br>(no caso dos polidefinidos) |
| <b>HEBRAICO</b>  | ✓      | ✓               |      | ✓                                | ✓                                                              | ✓               |      | ✓                                |
| <b>HOLANDÊS</b>  |        | ✓               |      |                                  |                                                                |                 |      |                                  |
| <b>INGLÊS</b>    |        | ✓               |      |                                  |                                                                |                 |      |                                  |
| <b>MISING</b>    |        | ✓               |      |                                  |                                                                |                 |      |                                  |
| <b>OJÍBUA***</b> |        | ✓               |      |                                  |                                                                | ✓               |      |                                  |
| <b>PB</b>        | ✓      | ✓               |      |                                  | ✓                                                              | ✓               |      |                                  |
| <b>TAGALOG</b>   |        | ✓<br>(opcional) |      |                                  |                                                                | ✓<br>(opcional) |      |                                  |

\*na língua falada, a realização de número no DP é condicionada pelo número de elementos nominais presentes, com favorecimento da realização no primeiro item do sintagma (geralmente, o determinante).

\*\*gênero em nomes tomados por empréstimo do Espanhol.

\*\*\*Ojibua é uma língua polissintética. O adjetivo é afixado ao nome e, nesse sentido, compartilha da mesma marcação de número que ele.

Fonte: elaboração própria.

### 2.1.2 Posicionamento sintático em relação a numerais

Algumas propostas sugerem que a categoria gramatical de Número tenha uma projeção independente própria, NumP, dada a necessidade percebida por algumas análises de uma projeção intermediária entre NP e DP (AUGUSTO; FERRARINETO; CORRÊA, 2006). Nesse sentido, pode ser relevante analisarmos que tipo de relação se estabelece entre adjetivos e numerais. Ainda, se as propostas quanto a numerais ocuparem posições mais altas na projeção estendida do nome em comparação a adjetivos (justamente devido a alguns adjetivos se combinarem no DP teoricamente abaixo da projeção de Número) estiverem corretas, é provável que as possibilidades de distribuição de adjetivos e numerais nos deem pistas sobre a configuração sintática de adjetivos atributivos, tanto em relação às projeções com que se combinam (ou estão acima deles), quanto em relação a possíveis movimentos bola de neve ou do próprio nome-núcleo.



- b. **zëgënë** annë azonë  
 verde folha pouco  
 ‘poucas folhas verdes’  
 (PRASAD, 1991, p. 69)

Um dado interessante é que numerais e quantificadores estão em distribuição complementar com o sufixo de pluralidade *kiriŋ*, que pode se afixar (mas somente uma vez por sintagma) tanto ao nome-núcleo quanto a um demonstrativo, caso este esteja presente — o que poderia indicar que numerais, quantificadores e o sufixo concorrem pela mesma posição sintática ou, então, que a realização da morfologia de pluralidade é incompatível com a presença de outros itens lexicais que denotem quantidade. Essa relação próxima entre a marca de plural e numerais/quantificadores é uma pista importante para pensarmos na configuração sintática em que essas categorias se fazem presentes na projeção estendida do nome.

Como apresentado na seção anterior, a distribuição de morfologia de número e numerais cardinais em Mising encontra paralelo em Galês. Para relembrar, façamos uma recapitulação. Nesta língua, geralmente apenas os nomes apresentam morfologia de plural; a marcação de plural em adjetivos, ainda que possível, não é comumente realizada. No entanto, quando há um numeral cardinal no DP, o nome obrigatoriamente permanece no singular (60a). A única exceção é quando o numeral é seguido da preposição *o* ‘de’, que pode ser seguida por um nome no plural (60b). Os exemplos abaixo já haviam sido apresentados em (52), mas são repetidos aqui para facilitar a leitura.

- (60) a. deg ilun (Galês)  
 dez foto  
 ‘dez fotos’  
 b. deg o luniau  
 dez de foto  
 ‘dez fotos’

(BORSLEY; TALLERMAN; WILLIS, 2007, p. 163)

Ainda que a maioria dos elementos do DP apareça no singular na presença de numerais, Borsley, Tallerman e Willis (2007, p. 165) apontam que externamente o DP é tratado como plural em operações de pronominalização e anáfora. O único elemento que normalmente exibe marcas de plural na presença de numerais são os demonstrativos (61):

- (61) y tri / pedwar / pum llun hyn (Galês)  
 a três / quatro / cinco foto estas  
 ‘estas três/quatro/cinco fotos’  
 (BORSLEY; TALLERMAN; WILLIS, 2007, p. 165)

Por fim, aparentemente não há interação entre adjetivos e numerais: adjetivos figuram pós-nominalmente e no singular na presença de numerais, que são sempre pré-nominais, com exceção de *gyntaf* ‘primeiro’ (62). Ainda, vale apontar que numerais concordam em gênero com o nome-núcleo.

- (62) a. tair merch **ifane** / \***ifaine** (Galês)  
 três garota jovem / \*jovens  
 ‘três garotas jovens’  
 b. y tair noson gyntaf  
 a três noite primeira  
 ‘as primeiras três noites’  
 (BORSLEY; TALLERMAN; WILLIS, 2007, p. 165)

Alemão constitui um contraponto em relação a Mising e Galês. Como já apresentado em (27)-(29), a flexão nominal é empobrecida em nomes e adjetivos na presença de determinantes, mas plena (“forte”) na ausência deles. A presença de um numeral não afeta a expressão das marcas morfológicas: quando determinantes estão ausentes, a presença de numerais é irrelevante para a flexão nominal, que continua forte (63) (DODD *et al.*, 2003). A ordem de palavras padrão em Alemão é artigo/demonstrativo, pronome possessivo, numeral/quantificador, adjetivo e nome núcleo (PARODI; SCHWARTZ; CLAHSSEN, 2004).

- (63) Seine drei **großen** Bücher (Alemão)  
 seus três grandes livros  
 ‘seus três livros grandes’  
 (PARODI; SCHWARTZ; CLAHSSEN, 2004, p. 673)

Partindo agora para as línguas semíticas, em AMP, em que adjetivos ocorrem apenas na posposição, numerais (cardinais e ordinais) podem ser linearizados tanto à direita quanto à esquerda

do nome-núcleo. Adjetivos tipicamente ocorrem em uma posição mais interna que numerais, como exemplificado em (64a) na posposição. Se linearizados em uma posição mais externa, à direita dos numerais, os adjetivos recebem leitura predicativa, como demonstrado em (64b):

- (64) a. l-kutub-u    l-faransiyyat-u    l-xamsat-u    l-?uulaa    (AMP)  
           os-livros-NOM    os-franceses-NOM    os-cinco-NOM    os-primeiros  
           ‘os cinco primeiros livros franceses’  
       b. l-kutub-u    l-xamsat-u    l-?uulaa    l-faransiyyat-u  
           os-livros-NOM    os-cinco-NOM    os-primeiros    os-franceses-NOM  
           ‘os cinco primeiros livros que são franceses’  
       (FASSI-FEHRI, 1999, p. 114)

Se numerais figurarem na anteposição, a ordem linear entre eles se inverte: numerais ordinais antecede os cardinais (65).

- (65) a. ?awwal-u    xams-i    muhaadaraat-in    (AMP)  
           primeiras-NOM    cinco-GEN    palestras-GEN  
           ‘As primeiras cinco palestras’  
       b. \*xams-u    ?awwal-i    muhaadaraat-in  
           cinco-NOM    primeiras-GEN    palestras-GEN  
       (FASSI-FEHRI, 1999, p. 113)

Em Hebraico, por sua vez, há menos flexibilidade. Numerais cardinais aparecem preferencialmente antes do determinante (quando há apenas um) em DPs definidos (66); ainda que possível para alguns falantes, a construção em que o numeral figura entre o artigo e o nome-núcleo (66b) é apenas marginalmente aceita.

- (66) a. xamišim    ha    škalim    (Hebraico)  
           cinquenta    os    Shekels  
           ‘Os cinquenta Shekels’  
           (SHLONSKY, 2004, p. 1.474)  
       b. אֶחָד ha xamišim    škalim  
           os    cinquenta    Shekels  
           ‘Os cinquenta Shekels’  
           (SHLONSKY, 2004, p. 1.477)



aquela em que o numeral ordinal tem escopo sobre o cardinal. No entanto, o autor aponta que a leitura oposta é possível num contexto em que *simfoniot rišonot* seja um objeto previamente construído no discurso — por exemplo, em um concerto em que fossem ser apresentadas as primeiras sinfonias de compositores diversos, e fizéssemos menção a três delas. Nesse sentido, ele argumenta que tal leitura não seria estritamente composicional, já que o numeral em “primeiras sinfonias” não teria mais uma leitura de quantificação e, sim, referencial.

Observamos que há maior flexibilidade na ordem entre numerais e adjetivos em Português Brasileiro (PB) que em relação às demais línguas expostas até aqui. Para examinar as sequências em (70), imagine-se a seguinte situação: um certo campeonato de futebol iniciou-se recentemente. Até o momento, foram feitos quatorze gols — e todos eles foram bonitos (de letra, de bicicleta, de fora da área etc.). Nessas circunstâncias, um comentarista esportivo, ao mencionar os gols do campeonato até o momento, poderia se referir a eles por:

- |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |      |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| (70) | Vamos rever agora...<br>a. os primeiros quatorze <b>bonitos</b> gols<br>b. $\forall$ os primeiros <b>bonitos</b> quatorze gols<br>c. *os quatorze primeiros <b>bonitos</b> gols<br>d. *os quatorze <b>bonitos</b> primeiros gols<br>e. *os <b>bonitos</b> quatorze primeiros gols<br>f. $\forall$ os <b>bonitos</b> primeiros quatorze gols<br>...do campeonato. | (PB) |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|

Ao mesmo tempo em que há certa assimetria na aceitabilidade entre as ordens, várias me parecem razoavelmente aceitáveis, com (70a) como a ordem menos marcada, e (70c-e) um pouco deterioradas no meu julgamento. Tal liberdade de ordenamento é intrigante, especialmente se considerarmos que ela se dá na anteposição, que em Português é geralmente considerada uma posição mais restrita. Se meus julgamentos puderem ser consolidados no cotejo com outros falantes<sup>39</sup>, podemos generalizar, como padrões, apenas que: o numeral cardinal não pode preceder o ordinal; e o adjetivo pode preceder qualquer um dos numerais.

<sup>39</sup> É difícil evitar, nestas sequências, uma leitura referencial das combinações entre numerais e o nome-núcleo. Intuitivamente, elas também são bastante difíceis de julgar, talvez por serem, à primeira vista, bastante incomuns. A profa. dra. Ana Quadros Gomes, por exemplo, apontou na banca que (70b,f) são naturais para ela, enquanto, para mim, parecem-me sequências marcadas (mas não agramaticais); por outro lado, ela também aceita (70d-e), que não me são aceitáveis (especulo que essa diferença se dê pela possibilidade de leitura não referencial). Acredito que determinar o grau de aceitabilidade desses exemplos requereria um estudo mais detalhado. De toda forma, o fato de a agramaticalidade dessas sequências não ser óbvia também é uma evidência em si próprio.

Em uma proposta no espírito da teoria da antissimetria (KAYNE, 1994), poderíamos supor que tais generalizações indiquem a existência de uma posição na periferia esquerda (abaixo do determinante) para a qual o adjetivo poderia se mover, assim como a possibilidade de o adjetivo figurar (seja por *merge* interno ou externo) tanto acima quanto abaixo do numeral cardinal (esteja ele na projeção de Número ou de Quantidade). Por outro lado, considerando a análise sugerida por Shlonsky para a ambiguidade de escopo em Hebraico, uma outra possibilidade seria analisar ao menos algumas das sequências em (70) como objetos pré-construídos; em (70b), por exemplo, é possível que uma leitura de que os quatorze gols eram relevantes no contexto seja feita pelos falantes, fazendo com que a tal ordem seja mais aceitável.

Evidência adicional acerca dessa distribuição sintática pode ser encontrada em Inglês. Marušič e Žaucer (2019) observam que, em Inglês, numerais tipicamente antecedem adjetivos, ambos em posição pré-nominal; todavia, alguns adjetivos podem anteceder numerais. Os autores não se referem às construções Adj+Num com adjetivos intensionais, que são comuns em Inglês (71), mas sim àquelas em que a ordem Adj+Num não é padrão. Nesses casos, os adjetivos são por vezes interpretados como modificando apenas o numeral, não o constituinte que engloba o nome-núcleo:

- (71) a. the **last** nine chapters (Inglês)  
           o último nove capítulos  
           ‘os últimos nove capítulos’  
       b. the **other** four guests  
           o outro quatro convidados  
           ‘os outros quatro convidados’

(HAWKINS; TOWELL, 2001, p. 136)

- (72) An **incredible** eight thousand soldiers died at Gettysburg. (Inglês)  
       um incrível oito mil soldados morreram em Gettysburg  
       ‘Um incrível número de oito mil soldados morreu em Gettysburg.’

(MARUŠIČ; ŽAUCER, 2019, p. 41)

Referenciando outros trabalhos, os autores apontam que adjetivos podem modificar também a expressão nominal (73a-b), para além da quantidade denotada pelo numeral (73c-d).

- (73) a. a **pleasant** three days in Philadelphia (Inglês)  
 um agradável três dias na Filadélfia  
 ‘agradáveis três dias na Filadélfia’
- b. a **beautiful** four days in Berlin  
 um belo quatro dias em Berlim  
 ‘belos quatro dias em Berlim’
- c. He held his breath underwater for a **staggering** ten minutes.  
 ele segurou sua respiração debaixo d’água por um impressionante dez minutos  
 ‘Ele segurou sua respiração debaixo d’água por impressionantes dez minutos’
- d. An **estimated** 3.3 million people have died as a result (...)  
 um estimado 3.3 milhão pessoas têm morrido como um resultado  
 ‘Estima-se que 3,3 milhões de pessoas morreram como resultado (...)’  
 (MARUŠIČ; ŽAUCER, 2019, p. 41)

Marušič e Žaucer argumentam que a presença do artigo indefinido à frente da sequência é evidência de um nome nulo, dentro de cuja projeção estaria o AP pré-numeral; esse nome, por sua vez, selecionaria uma estrutura pseudopartitiva que conteria o numeral e o restante do DP. Como, em PB, o artigo definido concorda em número com o nome-núcleo, não é claro se poderíamos tratar os dados da mesma forma.

Ao menos em Inglês Britânico, porém, parece haver estruturas em que o artigo/demonstrativo que encabeça o DP concorda em número com o nome:

- (74) These seemingly **harmless** four words are repeated several times to form the lyrics  
 ‘As clouds roll by for you and I.’ (Inglês)  
 ‘Estas aparentemente **inofensivas** quatro palavras são repetidas várias vezes para formar a letra de música “As clouds roll by for you and I”’.  
 (KEIZER, 2022, p. 546)

Keizer (2022, p. 570) observa que estruturas com adjetivos pré-numerais em Inglês são bastante heterogêneas — mas defende que elas tenham em comum o fato de que “o numeral e o nome formam uma unidade conceitual (pré-estabelecida)”<sup>40</sup>. Essa análise remete à proposta de Shlonsky (2004) de que tais combinação de numeral e nome não sejam composicionais.

<sup>40</sup> No original: *[It was concluded that what all Mod-Num NPs have in common is the fact that] the numeral and the noun form one (pre-established) conceptual unit.*

Não haverá espaço, nesta tese, de investigar a fundo questões como essa, que envolveriam algum tipo de experimento. Em PB, por exemplo, seria necessário averiguar se os julgamentos de aceitabilidade são homogêneos entre os falantes. Ainda, para investigar se as ordens não padrão em (70) envolvem ou não estruturas distintas, um caminho em potencial seria examinar seus contornos prosódicos, uma vez que é possível que o contraste entre informação dada e nova em cada interpretação tenha correspondência na prosódia.

De toda forma, acredito que, no contexto delineado na apresentação dos exemplos em PB, em que a princípio as informações introduzidas pelos numerais e pelo adjetivo têm a mesma saliência, as ordens possíveis em (70) são razoavelmente aceitáveis. Ainda que mesmo esse contexto não exclua a possibilidade de uma leitura coercitiva de um objeto pré-constituído no discurso, como parece ser o caso do Inglês, a compatibilidade de qualquer sequência com o contexto neutro é uma possível indicação de que essa leitura não é essencial para a sua aceitabilidade.

Quadro 4 - Posição default de adjetivos e numerais

|                             | Posição Pré-nominal    | Posição Pós-nominal           |
|-----------------------------|------------------------|-------------------------------|
| <b>ALEMÃO</b>               | NUMERAIS > ADJETIVOS   |                               |
| <b>ÁRABE</b>                | NUMERAIS               | ADJETIVOS > NUMERAIS          |
| <b>GALÊS</b>                | NUMERAIS > ADJETIVOS   | ADJETIVOS > ORDINAIS*         |
| <b>HEBRAICO</b>             | NUMERAIS CARDINAIS     | ADJETIVOS > NUMERAIS ORDINAIS |
| <b>INGLÊS</b>               | NUMERAIS > ADJETIVOS   | (ADJETIVOS)                   |
| <b>MISING</b>               | ADJETIVOS              | NUMERAIS                      |
| <b>PORTUGUÊS BRASILEIRO</b> | NUMERAIS > (ADJETIVOS) | ADJETIVOS <sup>41</sup>       |

\* Apenas o *cyntaf* ‘primeiro’ é pós-nominal. Os demais ordinais são pré-nominais e precedem os cardinais.  
Fonte: elaboração própria.

<sup>41</sup> Foi-me apontado, na banca, que há possibilidade de numerais aparecerem após adjetivos na posposição, como (i). Os numerais também aparecem com frequência na posposição em contextos como (ii):

- (i) Meu filho primeiro!
- (ii) Meu filho terceiro já foi embora.

Não acredito que esses exemplos apontem para uma posição produtiva de numerais na posposição. O sintagma em (i) tem forte sabor predicativo; no contexto habitual em que essa frase é falada, inclusive, seria possível haver uma pequena pausa entre o substantivo e o numeral. A construção em (ii), por sua vez, talvez indique uma posição de foco na posposição (como atestado pela obrigatoriedade de que o numeral siga outros itens na anteposição, demonstrado nos exemplos a seguir) — ainda que essa construção seja consideravelmente cristalizada, visto o estranhamento em utilizar um numeral nessa posição junto com outros adjetivos pós-nominais:

- (iii) ?Meu filho **querido** terceiro já foi embora.
- (iv) \*Meu filho **moreno** terceiro já foi embora.
- (v) \*Meu filho terceiro **moreno** já foi embora.

Há, no entanto, um uso produtivo de numerais na posposição: a leitura “de lista”, exemplificada em (vi).

- (vi) O parágrafo segundo/vinte dois diz que (...)

Novamente, contudo, não me parece que essa construção seja suficiente para argumentar que a posição pós-nominal dos numerais seja produtiva.

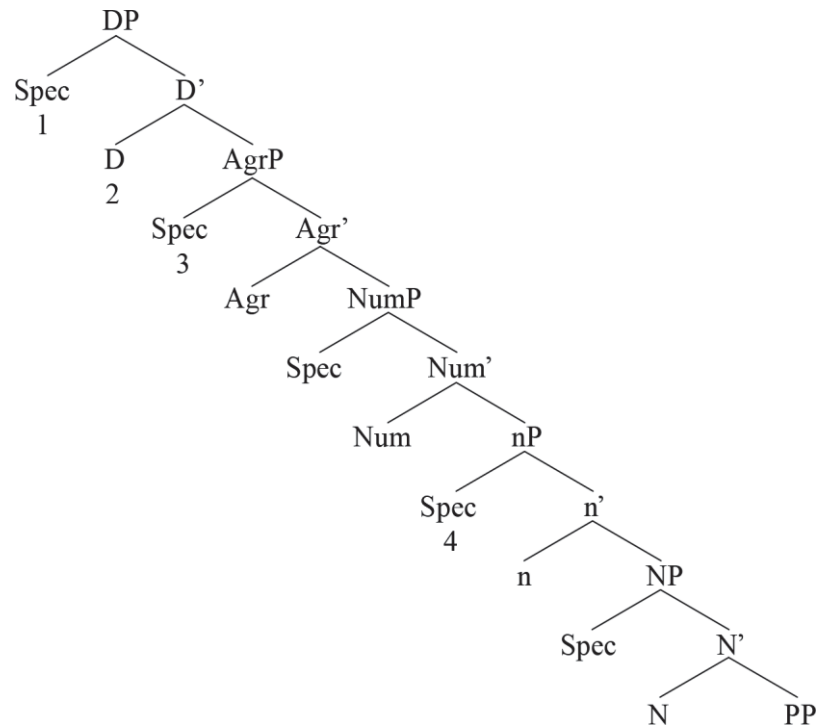
Tanto no capítulo 3 quanto no capítulo 4, serão abordadas propostas de análise que propõem que a forma como a categoria de Número é realizada no DP (e, por vezes, também a posição do numeral cardinal) seja responsável pela distribuição dos adjetivos em relação ao nome-núcleo.

### 2.1.3 Posicionamento sintático em relação a genitivos e PPs

Outro elemento nominal que pode nos trazer pistas quanto à configuração sintática de adjetivos atributivos e do DP como um todo são genitivos e PPs. Quando os PPs são complementos nominais (em nominalizações ou não), frequentemente se assume que eles estariam profundamente encaixados no DP — em parte, em função do conceito de que há um paralelismo sistemático entre o domínio nominal e verbal (ADGER, 2013). Nesse sentido, observar a relação entre adjetivos e complementos nominais pode trazer evidências tanto quanto à(s) projeção(ões) que adjetivos atributivos ocupam quanto à hipótese de paralelismo entre complementos nominais e verbais — se esse paralelismo de fato existe, como propôs Chomsky (1970), ou se os PPs em geral (inclusive os propostos complementos nominais) se combinariam apenas posteriormente no DP, como sugere Adger (2013).

A posição de PPs possessivos e genitivos recebe tratamentos formais bastante diversos, a depender de se tratarem de clíticos, pronomes ou DPs plenos. Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) ilustram algumas propostas quanto ao posicionamento de possessivos e genitivos, de acordo com estruturas particulares existentes em algumas línguas:

(75)



- |                                     |                         |            |
|-------------------------------------|-------------------------|------------|
| 1: possessivos DPs plenos           | <i>John's book</i>      | (Inglês)   |
| 2: possessivos clíticos             | <i>son livre</i>        | (Francês)  |
| 3: possessivos pronominais “fracos” | <i>il suo libro</i>     | (Italiano) |
| 4: possessivos pronominais “fortes” | <i>il libro suo</i>     | (Italiano) |
| DPs genitivos pós-nominais          | <i>to spiti tu Jani</i> | (Grego)    |

(Adaptado de ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007, p. 575)

Também nesse caso, a análise do posicionamento de adjetivos em relação aos diferentes tipos de possessivos pode nos fornecer evidências da configuração sintática de ambas as categorias.

Em Hebraico, adjetivos devem preceder linearmente genitivos analíticos na posposição (76). A descrição de Shlonsky (2004) de que essa ordem seja espelhada em relação ao Inglês leva a crer que o genitivo tenha escopo sobre o adjetivo, o que sugeriria que adjetivos ocupam uma posição mais interna no DP.

(76) a. ha Volvo ha **xadaš** šel Schneider (Hebraico)

o Volvo o novo de Schneider

‘O Volvo novo do Schneider’

b. \*ha Volvo šel Schneider ha **xadaš**

o Volvo de Schneider o novo

(SHLONSKY, 2004, p. 1.471)

Em contraste, adjetivos em AMP não podem ocorrer linearmente à esquerda de um possessivo; isto é, o genitivo deve aparecer mais próximo do nome que os adjetivos. Ao menos nessa construção, a interpretação do adjetivo é de que ele modificaria a combinação de nome de genitivo, como descrito em (78). Note-se que tal leitura é predicativa, i.e., o adjetivo modifica o DP como um todo:

- (77) a. kitaabu l-waziiri **l-ahmaru** (AMP)  
 livro o-ministro.GEN o-vermelho  
 ‘o livro vermelho do ministro’  
 b. \*kitaabu **l-ahmaru** l-waziiri  
 livro o-vermelho o-ministro.GEN
- (78) a. [DP [DP livro o-ministro.GEN] o-vermelho]  
 b. ‘o livro do ministro, que é vermelho.’  
 (PANAYIDOU, 2013, p. 183)

É possível que haja alguma relação entre essa restrição e a diferença entre *Construct State* e *Free State* do Hebraico. De acordo com Shlonsky (2004, p. 1.467), adjetivos podem aparecer entre o nome e o possessivo preposicionado no *Free State* (em que há presença de preposição, cf. (79a)), mas no *Construct State* a adjacência imediata entre nome e genitivo é obrigatória (79b-c):

- (79) a. ha-dira **ha-gdola** šel ha-sar (Hebraico)  
 o-apartamento o-grande de o-ministro  
 ‘o grande apartamento do ministro’  
 b. dirat ha-sar **ha-gdola**  
 apartamento o-ministro o-grande  
 ‘o grande apartamento do ministro’  
 c. \*dirat **ha-gdola** ha-sar  
 apartamento o-grande o-ministro  
 ‘o grande apartamento do ministro’  
 (SHLONSKY, 2004, p. 1.467)

De fato, Fassi-Fehri (1999) observa que, em construções com possessivo analítico (ou seja, com a preposição, ao invés do genitivo morfológico) em AMP, adjetivos podem precedê-lo (80a)<sup>42</sup>. Quando o seguem (80b), a leitura é predicativa, similar a (77).

- (80) a. l-**hujuum**-u š-š**adiid**-u l-**muḥtamal**-u li-ʔamiriikaa ‘ala l-muqaawamat-i  
o-ataque-NOM o-violento-NOM o-provável-NOM da-América em a-resistência  
‘O provável ataque violento à resistência pelos EUA’
- b. l-**hujuum**-u š-š**adiid**-u li-ʔamiriikaa ‘ala l-muqaawamat-i l-**muḥtamal**-u  
o-ataque-NOM o-violento-NOM da-América em a-resistência o-provável-NOM  
‘O ataque violento à resistência pelos EUA, que é provável’
- (FASSI-FEHRI, 1999, p. 111)

Tais dados trazem evidências de que há, pelo menos, duas posições disponíveis para adjetivos no DP: uma mais interna em relação a PPs, que, em AMP, não está disponível na presença de um genitivo morfológico (e, em Hebraico, no *Construct State*); e uma mais externa, com leitura predicativa, que tem escopo sobre PPs e genitivos de ambos os tipos, disponível em AMP (e, possivelmente, no *Construct State* em Hebraico).

Nesse sentido, o PB parece diferir do AMP (e, talvez, do Hebraico) em termos da posição ocupada pelos possessivos analíticos e (PPs em geral). Como exemplificado em (81), a posição mais externa ao possessivo analítico não está disponível: quando o adjetivo é pós-nominal em PB, ele deve necessariamente figurar entre o nome-núcleo e o possessivo:

- (81) a. o vestido **vermelho** da minha mãe (PB)  
b. \*o vestido da minha mãe **vermelho**

A princípio, não é claro se o adjetivo em (81a) é ambíguo entre uma leitura atributiva e uma predicativa, uma vez que, no caso desse item lexical, as duas são bastante próximas. Se compararmos (81) com os exemplos com o adjetivo *possível* em (83), porém, fica claro que há ambiguidade na posposição:

<sup>42</sup> O autor utiliza um nome deverbal neste exemplo e parece considerar possessivos analíticos e PPs em geral (com exceção dos complementos) como elementos da mesma natureza.

- (82) a. As **possíveis** complicações da COVID-19 são... (PB)  
 b. As complicações **possíveis** da COVID-19 são...  
 c. \*As complicações da COVID-19 **possíveis** são...

Enquanto, em (82a), temos uma leitura modal (i.e., “complicações em potencial”), em (82b) temos, além dessa leitura, também a possibilidade de interpretarmos *possíveis* restritivamente, como em uma oração relativa: “complicações que são possíveis”.<sup>43</sup>

Como com o adjetivo ‘vermelho’ em (81), também *possível* não pode figurar em posição mais externa que o PP com nome verbal em (82c). Assim, essa não é uma exclusividade de possessivos, ocorrendo também com PPs identificados como argumentos. O mesmo se dá com outros tipos de PPs que Adger (2013) identifica como instanciando relações semânticas típicas de complementos nominais:

- (83) *Relações parte-todo*  
 a. o lado **direito** da mesa  
 b. \*o lado da mesa **direito**
- (84) *Propriedades*  
 a. a cor **bonita** do celular  
 b. \*a cor do celular **bonita**
- (85) *Representação*  
 a. a foto **antiga** do colégio  
 b. \*a foto do colégio **antiga**
- (86) *Posse inalienável*  
 a. os olhos **azuis** do gato  
 b. \*os olhos do gato **azuis**

É interessante apontar que, em AMP, adjetivos também aparecem mais próximos ao nome-núcleo que PPs interpretados como complementos nominais; (87) demonstra que essa é a única posição possível para alguns adjetivos (aqueles que, em PB, são exclusivamente pré-nominais). Quando podem figurar mais linearmente distantes do nome (algo impossível em PB), adjetivos recebem necessariamente uma interpretação predicativa (88):

<sup>43</sup> Na próxima seção, discutiremos novamente essas duas leituras, assim como outros contrastes de interpretação existentes entre adjetivos atributivos.

- (87) a. l-mudiir-u s-saabiq-u li-l-maktab-i (AMP)  
 o-diretor-NOM o-antigo-NOM de-o-escritório.NOM  
 ‘o antigo diretor do escritório’  
 b. \* l-mudiir-u li-l-maktab-i s-saabiq-u  
 o-diretor-NOM de-o-escritório.NOM o-antigo-NOM
- (88) a. muḥaarabat-u l-ḥukuumat-i l-muntaḍarat-u li-l-irtšaa?-i  
 combate-NOM o-governo-GEN o-aguardado-NOM de-a-corrupção  
 ‘o aguardado combate da corrupção pelo governo’  
 b. muḥaarabat-u l-ḥukuumat-i li-l-irtšaa?-i l-muntaḍarat-u  
 combate-NOM o-governo-GEN de-a-corrupção o-aguardado-NOM  
 ‘o combate da corrupção pelo governo, que é aguardado’  
 (FASSI-FEHRI, 1999, p. 111)

Assim, enquanto em AMP certos adjetivos podem tanto se antepor quanto se pospor a complementos nominais e a possessivos analíticos, com diferenças interpretativas em cada caso, mas devem necessariamente se pospor a genitivos morfológicos, em Hebraico adjetivos podem se antepor a genitivos analíticos (mas não a morfológicos), e em PB adjetivos obrigatoriamente precedem tanto complementos quanto possessivos (nesta língua, apenas analíticos).

É interessante observar, porém, que adjetivos podem ser pospostos a alguns tipos de PPs em PB, como nos casos ilustrados a seguir:

- (89) a. o vestido de bolinha **vermelho**  
 b. o vestido **vermelho** de bolinha
- (90) a. o navio **amarelo** de madeira  
 b. o navio de madeira **amarelo**

Assumindo que cada tipo de PP esteja associado a uma posição particular na estrutura do DP, as possibilidades de posicionamento de adjetivos em relação aos PPs parecem indicar que há mais de uma posição acessível a adjetivos na projeção estendida do nome. Ainda, se também assumimos que a estrutura do DP seja a mesma em todas as línguas, a diferença na posição de adjetivos com leitura predicativa entre PB e AMP pode ser uma evidência da existência de algum tipo de movimento, que faz com que tais adjetivos antecedam complementos nominais em PB, mas os sucedam em AMP.



relativa reduzida (esse aspecto será abordado no capítulo 3; a título de exemplo, podemos citar VENDLER, 1968).

Além dela, há também um outro conjunto de leituras, muitas não predicativas (i.e., não acessíveis a adjetivos em posições predicativas), que tipicamente só está disponível quando o adjetivo modifica o nome internamente ao DP. Em cada língua, é possível que adjetivos atributivos tenham acesso a apenas um conjunto de leituras; alternativamente, também é possível que, numa mesma posição, eles sejam ambíguos entre os dois conjuntos.

Cinque (2010) observa que, nas línguas românicas e anglo-germânicas<sup>44</sup>, frequentemente tais dicotomias de interpretação estão relacionadas às posições que adjetivos podem ocupar em relação ao nome-núcleo: em ambas as famílias linguísticas, a posição preferencial de adjetivos atributivos é ambígua entre as diferentes leituras, enquanto a posição não preferencial é dedicada a apenas um dos conjuntos de interpretações.

Há, no entanto, um importante contraste entre essas duas famílias de línguas: as possibilidades de interpretação entre elas seguem um padrão espelhado. Enquanto em Português, por exemplo, a posição pós-nominal apresenta ambiguidade e a posição pré-nominal é especializada para certas leituras, em Inglês ocorre o inverso: a posição pré-nominal é ambígua, e a pós-nominal é limitada a apenas algumas interpretações — interessante, distintas daquelas exclusivas da posição pré-nominal em línguas românicas.

A partir dos exemplos do Inglês e do Italiano, Cinque (2010) descreve as dicotomias de leituras a seguir (os exemplos do Italiano, utilizados por ele com instanciação das línguas românicas, foram substituídos por exemplos em Português quando possível, uma vez que julgo que não há mudanças substanciais de interpretação):

### 1) Leitura restritiva vs. não restritiva

Nas línguas românicas, adjetivos pré-nominais têm leitura não restritiva; já adjetivos pós-nominais em Inglês são obrigatoriamente restritivos.

I. All of his **unsuitable** acts were condemned.

todo de dele inadequado atos foram condenado

a. ‘Todas as suas atitudes foram inadequadas e foram condenadas.’ (*não restritiva*)

b. ‘Todas (mas apenas) as suas atitudes que foram inadequadas foram condenadas.’ (*restritiva*)

---

<sup>44</sup> Ainda que fosse desejável avaliar as demais línguas citadas nesta tese em relação a essas propriedades, não há trabalhos que abordam em profundidade tais interpretações para cada uma delas. Por isso, a exposição será limitada ao trabalho de Cinque (2010), que se debruçou apenas sobre essas duas famílias linguísticas.

- I'. Every word **unsuitable** was deleted.  
 todo palavra inadequado foi deletada  
 a. # 'Todas as palavras foram deletadas, eram inadequadas.' (*não restritiva*)  
 b. 'Todas as palavras que eram inadequadas foram deletadas.' (*restritiva*)
- II. As **entediantes** aulas do Ferri são lembradas por todos.  
 a. 'Todos lembram das aulas do Ferri, que eram todas entediantes.' (*não restritiva*)  
 b. # 'Todos lembram só daquelas aulas do Ferri que foram entediantes.' (*restritiva*)
- II'. As aulas **entediantes** do Ferri são lembradas por todos.  
 a. 'Todos lembram das aulas do Ferri, que eram todas entediantes.' (*não restritiva*)  
 b. 'Todos lembram só daquelas aulas do Ferri que foram entediantes.' (*restritiva*)

## 2) Leitura *individual-level* vs. *stage-level*

Nas línguas românicas, a posição pré-nominal seria especializada na leitura *individual-level*; já em Inglês, a posição pós-nominal veicularia a leitura *stage-level*. As posições preferenciais para adjetivos em cada língua podem receber ambas as interpretações.

- I. The **visible** stars include Aldebaran and Sirius.  
 as visível estrelas incluem Aldabaran e Sirius  
 a. 'As estrelas geralmente visíveis incluem Aldebaran e Sirius.' (*individual-level*)  
 b. 'As estrelas que estão visíveis agora incluem Aldebaran e Sirius.' (*stage-level*)
- I'. The (only) stars **visible** are Aldebaran and Sirius.  
 as única estrelas visível incluem Aldabaran e Sirius  
 a. # 'As (únicas) estrelas geralmente visíveis são Aldebaran e Sirius.' (*individual-level*)  
 b. 'As (únicas) estrelas que estão visíveis agora incluem Aldebaran e Sirius.' (*stage-level*)
- II. As **invisíveis** estrelas de Andrômeda exercem um grande fascínio.  
 a. 'As estrelas de Andrômeda, que geralmente são invisíveis, exercem um grande fascínio.' (*individual-level*)  
 b. # 'As estrelas de Andrômeda, geralmente visíveis, mas que estão invisíveis agora, exercem um grande fascínio.' (*stage-level*)
- II'. As estrelas **invisíveis** de Andrômeda são muitas.  
 a. 'As estrelas de Andrômeda, que são geralmente invisíveis, são muitas.' (*individual-level*)  
 b. 'As estrelas geralmente visíveis de Andrômeda, mas que estão invisíveis agora, são muitas.' (*stage-level*)

### 3) Leitura modal vs. de oração relativa implícita

Esta dicotomia retoma um exemplo já apresentado na seção anterior com o adjetivo ‘possível’ (e outros similares a ele): há uma leitura modal, que se contrapõe a uma leitura de oração relativa implícita com apagamento do antecedente. A leitura modal é preferível em posição pré-nominal nas línguas românicas, enquanto a leitura de relativa implícita é a única permitida com adjetivos pospostos em Inglês.

- I. Mary interviewed every **possible** candidate.  
 Maria entrevistou todo possível candidato
  - a. Maria entrevistou todo candidato em potencial. (*leitura modal*)
  - b. Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (*leitura de relativa implícita*)
- I'. Mary interviewed every candidate **possible**.  
 Maria entrevistou todo candidato possível
  - a. #Maria entrevistou todo candidato em potencial. (*leitura modal*)
  - b. Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (*leitura de relativa implícita*)
- II. Maria entrevistou todos os **possíveis** candidatos.
  - a. Maria entrevistou todo candidato em potencial. (*leitura modal*)
  - b. #Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (*leitura de relativa implícita*)
- II'. Maria entrevistou todos os candidatos **possíveis**.
  - a. Maria entrevistou todo candidato em potencial. (*leitura modal*)
  - b. Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (*leitura de relativa implícita*)

### 4) Leitura intersectiva vs. não intersectiva

A dicotomia entre adjetivos intersectivos e não intersectivos está fundamentada na teoria dos conjuntos: adjetivos intersectivos seriam aqueles capazes de delimitar um conjunto (que, a partir daí, pode ter intersecções com conjuntos delimitados por outras propriedades), enquanto adjetivos não intersectivos modificam o nome-núcleo de outra forma (p. ex., predicando sobre propriedades, intervalos de tempo, entre outros). Em Inglês, adjetivos pós-nominais são exclusivamente intersectivos. Já nas línguas românicas, adjetivos em posição pré-nominal tendem a ter leitura não intersectiva.

Cinque (2010) ilustra essa dicotomia a partir de adjetivos que, combinados a nomes humanos, apresentam uma leitura adverbial. Em línguas românicas, essa é a leitura preferencial na anteposição; já em Inglês, tal leitura com um adjetivo posposto é impossível.

- I. Olga is a more **beautiful** dancer than her instructor.  
 Olga é uma mais bonita dançarina que dela instrutor
- ‘Olga é uma dançarina e também é mais bonita que seu instrutor.’ (*intersectivo*)
  - ‘Olga dança mais belamente que seu instrutor.’ (*não intersectivo*)
- I’. Olga is a dancer more **beautiful** than her instructor.  
 Olga é uma dançarina mais bonita que dela instrutor
- ‘Olga é uma dançarina e também é mais bonita que seu instrutor.’ (*intersectivo*)
  - # ‘Olga dança mais belamente que seu instrutor.’ (*não intersectivo*)

- II. Um **bom** atacante não faria uma coisa desse tipo.
- # ‘Um atacante de bom coração não faria isso.’ (*intersectivo*)
  - ‘Um atacante que joga bem como atacante não faria isso.’ (*não intersectivo*)
- II’. Um atacante **bom** não faria uma coisa desse tipo.
- ‘Um atacante de bom coração não faria isso.’ (*intersectivo*)
  - ‘Um atacante que joga bem como atacante não faria isso.’ (*não intersectivo*)

Note-se que o quadro é um pouco mais complexo, uma vez que, a depender do adjetivo, nem sempre as duas leituras dos adjetivos parecem estar disponíveis na posposição, assim como nem sempre a leitura não intersectiva é a única leitura possível na anteposição, ao menos em PB. “Uma bela dançarina” pode ser uma mulher bonita, mas “uma dançarina bela” dificilmente será interpretado como ‘alguém que dança belamente’ — ao mesmo tempo que que ‘bom’ em II’ é preferencialmente lido como ‘bom enquanto atacante’. Assim, ainda que seja possível perceber padrões gerais, itens lexicais distintos podem apresentar padrões de leitura diferentes.

### 5) Leitura relativa (a uma classe de comparação) vs. absoluta

Adjetivos escalares, especialmente aqueles de dimensão (como ‘grande’, ‘pequeno’ etc.), podem ser interpretados de maneira absoluta ou em relação a uma classe de comparação, tipicamente delimitada pelo nome-núcleo. Em inglês, temos evidência apenas de que a posição pré-nominal é ambígua, dado que a posição pós-nominal não pode ser testada por tais adjetivos não poderem ser pospostos.

- I. The New York’s very **tall** buildings impress everybody.  
 os New York-GEN muito alto prédios impressionam todos
- ‘Os prédios de Nova Iorque, que são objetos muito altos, impressionam a todos.’ (*absoluta*)
  - ‘Os prédios de Nova Iorque, que são muito altos para prédios, impressionam a todos.’ (*relativa*)

De acordo com Cinque (2010), adjetivos em anteposição nas línguas românicas só poderiam ser interpretados no sentido absoluto, enquanto na posposição seriam ambíguos entre as duas leituras. Os exemplos que o autor apresenta, a partir do italiano, são os seguintes:

- II. Gli **altissimi** edifici di New York colpiscono tutti.  
 os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam todos
- a. ‘Os prédios de Nova Iorque, que são objetos muito altos, impressionam a todos.’ (*absoluta*)  
 b. # ‘Os prédios de Nova Iorque, que são muito altos para prédios, impressionam a todos.’ (*relativa*)
- II’. Gli edifici **altissimi** di New York colpiscono tutti.  
 os edifícios altíssimos de Nova Iorque impressionam todos
- a. ‘Os prédios de Nova Iorque, que são objetos muito altos, impressionam a todos.’ (*absoluta*)  
 b. ‘Os prédios de Nova Iorque, que são muito altos para prédios, impressionam a todos.’ (*relativa*)

Com ‘altíssimo’, tal padrão de leituras não é claro em PB. Na realidade, temos inclusive a situação oposta: Menuzzi (1992), também assumindo a existência de classes de comparação para alguns adjetivos, propõe que, em posição pré-nominal, tais adjetivos seriam obrigatoriamente interpretados *em função* da classe de comparação, e não o contrário. Como exemplo, o autor apresenta o contraste entre as sequências a seguir:

- (92) a. Luís é um **competente** professor. (PB)  
 b. ? Luís é um **competente** indivíduo.  
 (MENUZZI, 1992, p. 46)

O estranhamento de (92b) seria precisamente por ‘professor’ denotar uma classe de comparação, ao passo que ‘indivíduo’, não. Como Menuzzi argumenta, é evidente na interpretação que, em (92a), Luís é competente *enquanto* professor; a interpretação de que ele seria uma pessoa competente de maneira geral é difícil, na medida em que não é claro que tipo de capacidade ou habilidade esse nome selecionaria. Essa dicotomia é bastante próxima da anteriormente apresentada entre a leitura intersectiva e a não intersectiva de adjetivos<sup>45</sup>.

Ainda que pareça que Menuzzi (1992) e Cinque (2010) estejam descrevendo o fenômeno de maneira oposta, acredito que essa contradição seja apenas aparente, derivada de os dois autores utilizarem a mesma nomenclatura para se referirem a aspectos distintos da interpretação da combinação de adjetivo e nome. Para Cinque, a diferença se dá entre uma

<sup>45</sup> Exemplos como esse serão novamente abordados no capítulo 3.

leitura absoluta, por um lado, e *comparativa*, por outro: em II, não é relevante que existam outros prédios no contexto, enquanto em II' é possível que *prédios altíssimos* estejam sendo contrastados com outros prédios que não são tão altos etc. Já a descrição de Menuzzi diz respeito ao domínio de interpretação do adjetivo: em (92a), o adjetivo só pode predicar sobre as propriedades do nome-núcleo, por isso o estranhamento de (92b). Um adjetivo pós-nominal, por outro lado, permitiria também a modificação do *referente* (extrapolando a propriedade denotada pelo nome-núcleo).

O uso do hiperônimo na glosa em II e II' (equivalentes à formulação também com hiperônimo no original de Cinque, na glosa em Inglês) poderia colocar em xeque essa formulação; no entanto, relembro que, logo no ponto anterior, Cinque identificou a posição pré-nominal em línguas românicas com a leitura não intersectiva de adjetivos — que diz respeito justamente à inabilidade de adjetivos pré-nominais de modificarem diretamente o referente denotado pelo nome-núcleo. Assim, parece mais plausível que o uso do hiperônimo tenha sido feito apenas a fim de explicitar a diferença entre as leituras apontadas no parágrafo anterior.

## 6) Leitura comparativa vs. absoluta dos superlativos

Similar ao caso anterior, superlativos apresentam duas possibilidades de leitura: eles podem ser interpretados de maneira comparativa ou absoluta. Novamente, em Inglês esses itens podem figurar apenas na anteposição, não sendo possível testá-los em posposição. Na posição pré-nominal, eles são ambíguos entre as duas leituras em discussão:

- I. Who climbed the **highest** snowy mountain?  
 quem escalou a alto-SUP nevada montanha
- a. 'Quem escalou o Monte Everest?' (*absoluta*)
  - b. 'Quem escalou a montanha mais alta entre as pessoas que escalaram alguma montanha?' (*comparativa*)

Esta dicotomia reforça a distinção entre as leituras apresentadas na seção anterior: na leitura absoluta de I, não se trata de dizer que o Everest é o *objeto* mais alto do mundo, e sim que não é relevante compará-lo com outras montanhas; em outras palavras, a sequência *montanha mais alta* não é interpretada de acordo com um contexto específico. Já a medida de referência na leitura comparativa é determinada contextualmente.

Nas línguas românicas, por outro lado, adjetivos seriam ambíguos na posição pós-nominal. Na anteposição, apenas a leitura absoluta está disponível:

II. Quem escalou a **mais alta** montanha nevada?

- a. ‘Quem escalou o Monte Everest?’ (*absoluta*)
- b. #‘Quem escalou a montanha mais alta entre as pessoas que escalaram?’ (*comparativa*)

II’. Quem escalou a montanha nevada **mais alta**?

- a. ‘Quem escalou o Monte Everest?’ (*absoluta*)
- b. ‘Quem escalou a montanha mais alta entre as pessoas que escalaram?’ (*comparativa*)

7) Leitura indutora de especificidade vs. não indutora de especificidade

Nas línguas românicas, adjetivos na anteposição em contextos *realis* apresentam leitura específica em DPs indefinidos (CINQUE, 2010). Aparentemente, esse critério não se aplica ao Inglês, em que as duas leituras parecem estar disponíveis em ambas as posições:

I. John will burn a **nearby** house.

John FUT queimar uma perto casa

- a. ‘John vai botar fogo em uma casa específica perto da dele.’ (*específica*)
- b. ‘John vai botar fogo em alguma casa perto da dele.’ (*não específica*)

I’. John will burn a house **nearby**.

John FUT queimar uma casa perto

- a. ‘John vai botar fogo em uma casa específica perto da dele.’ (*específica*)
- b. ‘John vai botar fogo em alguma casa perto da dele.’ (*não específica*)

II. Amanhã, eu sei que um **famoso** ator vai vir à festa.

- a. ‘Amanhã, eu sei que um certo ator famoso vai vir à festa.’ (*específico*)
- b. # ‘Amanhã, eu sei que algum ator famoso vai vir à festa.’ (*não específico*)

II’. Amanhã, eu sei que um ator **famoso** vai vir à festa.

- a. ‘Amanhã, eu sei que um certo ator famoso vai vir à festa.’ (*específico*)
- b. ‘Amanhã, eu sei que algum ator famoso vai vir à festa.’ (*não específico*)

Como já indicado, é importante ressaltar que, em contextos *irrealis*, a posição pré-nominal perde a preferência pela leitura específica, e o adjetivo se torna ambíguo em termos de especificidade:

III. Se um dia eu encontrar um **famoso** ator de Hollywood, eu vou pedir um autógrafo.

- a. ‘Se um dia eu encontrar um certo ator famoso, vou pedir um autógrafo.’ (*específico*)
- b. ‘Se um dia eu encontrar algum ator famoso, vou pedir um autógrafo.’ (*não específico*)

### 8) Leitura avaliativa vs. epistêmica de ‘desconhecido’

Cinque (2010) aponta que o adjetivo *unknown* ‘desconhecido’ pode apresentar duas leituras quando figura como modificador adnominal. Ele pode ter leitura epistêmica, isto é, de que o referente não é conhecido, ou avaliativa, de que o falante considera o referente como de pouca fama ou relevância.

Com exceção de usos poéticos, o adjetivo *unknown* não pode ser posposto, de modo que essa dicotomia também não pode ser testada em Inglês. A posição *default* pré-nominal é ambígua:

- I. Maria lives in some **unknown** village in the South of France.  
 Maria vive em alguma desconhecida vila em o sul de França
- a. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França que não é muito conhecida.’ (*avaliativa*)
  - b. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França, mas não se sabe qual.’ (*epistêmica*)

Nas línguas românicas, por outro lado, temos o mesmo padrão visto até aqui: a posição pós-nominal é ambígua, enquanto a pré-nominal permitiria apenas a leitura avaliativa.

- II. Maria vive em uma **desconhecida** vila do sul da França.
- a. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França que não é muito conhecida.’ (*avaliativa*)
  - b. # ‘Maria vive em alguma vila no sul da França, mas não se sabe qual.’ (*epistêmica*)
- II’. Maria vive em uma vila **desconhecida** do sul da França.
- a. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França que não é muito conhecida.’ (*avaliativa*)
  - b. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França, mas não se sabe qual.’ (*epistêmica*)

### 9) Leitura dependente do NP vs. anafórica no discurso de ‘diferente’

Do mesmo modo que ‘desconhecido’, o adjetivo ‘diferente’ também permite duas leituras distintas, correlacionadas com sua posição sintática: em uma interpretação, ‘diferente’ busca o elemento de comparação no interior da sentença, enquanto na outra, ele seleciona algum elemento saliente no discurso.

Por ‘diferente’ não poder figurar em posposição em Inglês, podemos apenas atestar que ambas as leituras são possíveis na anteposição:

I. Detmar and Kordula live in **different** cities.

Detmar e Kordula moram em diferente cidades

- a. ‘A cidade em que Detmar mora é diferente da cidade em que Kordula mora.’ (*dependente do NP*)
- b. ‘Detmar e Kordula moram em cidades que são diferentes de alguma outra cidade saliente.’ (*anafórica no discurso*)

Nas línguas românicas, mais uma vez a ambiguidade se manifesta na posposição. O adjetivo em posição pré-nominal, por outro lado, apresenta apenas leitura ‘dependente do NP’:

II. João e Mário moram em **diferentes** cidades.

- a. ‘A cidade em que João mora é diferente da cidade em que Mário mora.’ (*dependente do NP*)
- b. #‘João e Mário moram em cidades que são diferentes de alguma outra cidade saliente.’ (*anafórica no discurso*)

II’. João e Mário moram em cidades **diferentes**.

- c. ‘A cidade em que João mora é diferente da cidade em que Mário mora.’ (*dependente do NP*)
- a. ‘João e Mário moram em cidades que são diferentes de alguma outra cidade saliente.’ (*anafórica no discurso*)

### 2.2.1.1 Síntese das leituras de adjetivos atributivos em línguas românicas e anglo-germânicas

As leituras disponíveis para adjetivos atributivos de acordo com sua posição sintática em línguas românicas e anglo-germânicas estão sintetizadas nas tabelas a seguir. As posições em que há ambiguidade na leitura estão destacadas em cinza.

Quadro 5 - Leituras dos adjetivos em Inglês (línguas anglo-germânicas)

| posição pré-nominal                                                | N | posição pós-nominal                       |
|--------------------------------------------------------------------|---|-------------------------------------------|
| leitura stage-level ou individual-level                            |   | leitura stage-level (ou individual-level) |
| leitura restritiva ou não restritiva                               |   | restritivo                                |
| leitura de oração relativa implícita ou modal                      |   | leitura de oração relativa implícita      |
| leitura intersectiva ou não intersectiva                           |   | leitura intersectiva                      |
| leitura relativa ou absoluta                                       |   | N/A                                       |
| leitura comparativa ou absoluta de superlativos                    |   | N/A                                       |
| leitura indutora ou não de especificidade                          |   | leitura indutora ou não de especificidade |
| leitura avaliativa ou epistêmica de “desconhecido”                 |   | N/A                                       |
| leitura “dependente do NP” ou anafórica no discurso de “diferente” |   | N/A                                       |

Fonte: Cinque (2010, p. 16, tabela 2.1).

Quadro 6 - Leituras dos adjetivos em línguas românicas

| <b>posição pré-nominal</b>              | <b>N</b> | <b>posição pós-nominal</b>                                         |
|-----------------------------------------|----------|--------------------------------------------------------------------|
| leitura individual-level                |          | leitura stage-level ou individual-level                            |
| leitura não restritiva                  |          | leitura restritiva ou não restritiva                               |
| leitura modal                           |          | leitura de oração relativa implícita ou modal                      |
| leitura não intersectiva                |          | leitura intersectiva ou não intersectiva                           |
| leitura absoluta                        |          | leitura relativa ou absoluta                                       |
| leitura absoluta de superlativos        |          | leitura comparativa ou absoluta de superlativos                    |
| leitura indutora de especificidade      |          | leitura indutora ou não de especificidade                          |
| leitura avaliativa de “desconhecido”    |          | leitura avaliativa ou epistêmica de “desconhecido”                 |
| leitura dependente do NP de “diferente” |          | leitura “dependente do NP” ou anafórica no discurso de “diferente” |

Fonte: Cinque (2010, p. 17, tabela 2.2).

Nessa apresentação, a distribuição complementar entre as duas línguas fica mais evidente. Devemos ressaltar, porém, que tais leituras em alguns casos são preferenciais, não obrigatórias. Prim (2015) aponta, por exemplo, como os adjetivos em (93) poderiam ser lidos restritivamente:

- (93) a. Eu me encanto pelos **belos** carros vermelhos de corrida. (PB)  
 b. A polícia fez vistoria na frente do **antigo** Hotel Diplomata.  
 c. O **hábil** jogador  
 (PRIM, 2015, p. 39)

Ainda que os exemplos (93a,c) sejam mais controversos<sup>46</sup>, a meu ver (93b) de fato permite uma leitura restritiva: a polícia fez uma vistoria na frente do antigo Hotel Diplomata (não do novo). É importante apontar, nesse caso, que *antigo* faz parte de um grupo de adjetivos particular. Como mencionado brevemente na seção 2.1.1, nas línguas românicas há um conjunto de adjetivos que são possíveis tanto em posição pré quanto pós-nominal, mas com interpretações distintas; é o caso de ‘antigo’, ‘velho’, ‘novo’, ‘belo’, ‘simples’ e ‘só’ (com a inclusão ou exclusão de alguns itens em cada língua românica, ou de acordo com a análise de cada autor). Esses itens são frequentemente tratados como um grupo à parte e recebem um tratamento particular (por exemplo, nos trabalhos de Bernstein, Longobardi, e também Prim). Assim, não é claro se tais exceções aos padrões de leitura constituem exceções de fato ou são indicativas da existência de diferentes estruturas subjacentes.

<sup>46</sup> Leituras restritivas, nesses casos, talvez fossem fruto de coerção do contexto; não é claro, para mim, que uma leitura restritiva esteja disponível naturalmente.



- (95) the **square big** table (Inglês)  
 a quadrado grande mesa
- a. #Leitura 1:  $[[\text{quadrada grande mesa}]] = [[\text{quadrada mesa}]] \text{ e } [[\text{grande mesa}]]$   
 $\lambda x. [\text{quadrada}(\text{mesa}(x)) \wedge \text{grande}(\text{mesa}(x))]$
- b. Leitura 2:  $[[\text{quadrada grande mesa}]] \subseteq [[\text{grande mesa}]]$   
 $\lambda x. \text{quadrada}(\text{grande}(\text{mesa}(x)))$
- (PANAYIDOU, 2013, p. 104, tradução minha)

É importante esclarecer que essa leitura “em paralelo” é diferente da “modificação paralela” de Sproat e Shih (1991), que aborda sequências como a seguinte:

- (96) She loves all those **Oriental, orange, wonderful** ivories.  
 ela ama todos aqueles oriental laranja maravilhoso marfins  
 ‘Ela ama todos aqueles marfins orientais, laranjas, maravilhosos.’  
 (SPROAT; SHIH, 1991, p. 578)

Esse tipo de construção, semelhante a uma coordenação sem conjunção, é caracterizado por uma entonação própria, como indicado pela presença das vírgulas na escrita, que de fato se assemelha à entonação característica de coordenações prototípicas (SPROAT; SHIH, 1991). Os exemplos do inglês de que tratamos nesta seção, porém, são sequências não marcadas informacional ou prosodicamente e que permitem tanto uma leitura “em paralelo” (semelhante ao que esperaríamos encontrar numa coordenação) quanto uma leitura com escopo (em uma modificação propriamente hierárquica).

Aprofundando mais a questão, Panayidou traz também dados de línguas semíticas, instanciadas pelo Hebraico e pelo Árabe Libanês (línguas em que, como já apresentado, adjetivos são exclusivamente pós-nominais). Segundo a autora, nessas línguas, tanto a leitura em paralelo quanto a leitura com escopo estão disponíveis independentemente da ordem entre adjetivos:

- (97) a. kaniti et ha-bait ha-**gadol** ha-**yašan** (Hebraico)  
 comprou-1<sub>SG</sub> ACC a-casa a-grande a-velha  
 Leitura 1:  $\lambda x. [\text{velha}(\text{casa}(x)) \wedge \text{grande}(\text{casa}(x))]$   
 Leitura 2:  $\lambda x. \text{velha}(\text{grande}(\text{casa}(x)))$

- b. kaniti                    et    ha-bait    ha-**yašan**    ha-**gadol**  
                                      comprou-1<sub>SG ACC</sub>    a-casa    a-velha    a-grande  
 Leitura 1:  $\lambda x.[\text{velha}(\text{casa}(x)) \wedge \text{grande}(\text{casa}(x))]$   
 Leitura 2:  $\lambda x.\text{velha}(\text{grande}(\text{casa}(x)))$
- (98)    a. shtreet                    l-beet    l-**kbiir**    l-‘**adiim**                                    (Árabe Libanês)  
                                      comprou.1<sub>SG</sub>    a-casa    a-grande    a-velha  
                                      Leitura 1:  $\lambda x.[\text{velha}(\text{casa}(x)) \wedge \text{grande}(\text{casa}(x))]$   
                                      Leitura 2:  $\lambda x.\text{velha}(\text{grande}(\text{casa}(x)))$
- b. shtreet                    l-beet    l-‘**adiim**    l-**kbiir**  
                                      comprou.1<sub>SG</sub>    a-casa    a-velha    a-grande  
                                      Leitura 1:  $\lambda x.[\text{velha}(\text{casa}(x)) \wedge \text{grande}(\text{casa}(x))]$   
                                      Leitura 2:  $\lambda x.\text{velha}(\text{grande}(\text{casa}(x)))$   
 (PANAYIDOU, 2013, p. 184)

Somando-se a esses dados, o Tagalog traz um paralelo interessante. Como já apresentado, ainda que o Tagalog seja tipicamente tido como uma língua em que não há ordem preferencial entre adjetivos e nome, dados apontam que a posição pré-nominal é default. Possivelmente relacionada a isso, também encontramos uma distinção entre adjetivos pré e pós-nominais em termos de escopo: adjetivos antepostos tendem a ser interpretados em paralelo (90a), no sentido delineado acima, enquanto adjetivos pós-nominais preferencialmente recebem leitura hierárquica, i.e., de subconjunto (99b)<sup>48</sup>.

- (99)    a. **maliit-na**            **itim-na**            mansanas                                    (Tagalog)  
                                      pequeno-LIG    preto-LIG    maçã  
                                      Leitura:  $\lambda x.[\text{pequena}(\text{maçã}(x)) \wedge \text{preta}(\text{maçã}(x))]$
- b. mansanas-na    **itim-na**            **maliit**  
                                      maçã-LIG            preto-LIG    pequeno  
                                      Leitura:  $\lambda x.\text{pequena}(\text{preta}(\text{maçã}(x)))$

A princípio, tenho a impressão de que pesquisas sobre adjetivos em PB assumem como tácita a premissa de que adjetivos sempre estão em relação de escopo, tal como Bouchard

<sup>48</sup> Essa distinção me foi apresentada por uma falante em um contexto informal. Ainda que ela estivesse bastante convicta dessa interpretação, acredito que seria interessante que esses dados fossem confirmados com outros falantes, especialmente considerando que a existência dessas interpretações é pouco discutida na literatura de adjetivos em Tagalog (ou de adjetivos como um todo).

assume para o Francês. Essa parece ser a interpretação mais natural das sequências em (100), traduções dos exemplos apresentados anteriormente:

- (100) a. a mesa **quadrada grande** (Português)  
 a'. a mesa **grande quadrada**  
 b. a casa **velha grande**  
 b'. a casa **grande velha**  
 c. a maçã **preta pequena**  
 c'. a maçã **pequena preta**

Nos exemplos em (100), mesmo que tais sequências fossem pronunciadas em um contexto em que as duas propriedades tivessem a mesma saliência e não houvesse assimetria perceptual que favorecesse uma ou a outra, as paráfrases que melhor parecem capturar o significado dessas sequências indicam a presença de relações de escopo: “uma mesa quadrada que é grande” (100a) vs. “uma mesa grande que é quadrada” (100a'), assim como “uma casa velha que é grande” (100b) vs. “uma casa grande que é velha” (100b'), ou “a maçã preta que é pequena” (100c) vs. “a maçã pequena que é preta” (100c').

No entanto, há pelo menos um contexto em que me parece que há certa ambiguidade na leitura das relações de escopo: quando há um adjetivo pré-nominal e um adjetivo pós-nominal.

- (101) a. a **grande** mesa **quadrada** (Português)  
 b. a **grande** casa **nova**  
 b'. a **nova** casa **grande**  
 c. a **pequena** maçã **preta**

Em todos os casos ilustrados em (101), é possível atribuir uma leitura com escopo às sequências (cf. 102b); entretanto, também me parece possível que os adjetivos modifiquem o nome-núcleo independentemente, como em (102a) (em referência à 101a):

- (102) a.  $\lambda x.[\text{grande}(\text{mesa}(x)) \wedge \text{quadrada}(\text{mesa}(x))]$   
 b.  $\lambda x.\text{grande}(\text{quadrada}(\text{mesa}(x)))$

Note-se que, apesar dos adjetivos ‘grande’, ‘novo’ e ‘pequeno’ poderem apresentar variações de leitura especialmente com certos nomes [+humanos] (e, talvez, com [+animados]),

como brevemente apresentado na seção 2.2.1, nos exemplos em (101) a presença de nomes concretos [-humanos] parece eliminar a ambiguidade que encontramos noutras situações.

Os dados expostos até aqui podem ser sumarizados da seguinte forma:

Quadro 7 - Possibilidades de escopo entre sequências de adjetivos atributivos

|                      | Sem escopo entre adjetivos   | Com escopo entre adjetivos                     |
|----------------------|------------------------------|------------------------------------------------|
| ÁRABE                | ✓                            | ✓                                              |
| FRANCÊS              | ?                            | ✓                                              |
| HEBRAICO             | ✓                            | ✓                                              |
| INGLÊS               | ✓                            | ✓<br>Obrigatório em ordenamentos não canônicos |
| PORTUGUÊS BRASILEIRO | Restrito a combinações A+N+A | ✓                                              |
| TAGALOG              | Preferencial na anteposição  | Preferencial na posposição                     |

Fonte: elaboração própria.

A leitura com escopo de sequências A+N+A também apresenta particularidades. Discutindo dados do Francês, Bouchard (2002) argumenta que algumas combinações A+N+A nessa língua são ambíguas em termos de escopo, podendo tanto ser lidas como [A+[N+A]] quanto como [[A+N]+A]. Os dados em (103) exemplificam tais sequências. (104) apresenta exemplos equivalentes em PB.

(103) a. une **nouvelle** proposition **intéressante** (Francês)

uma nova proposição interessante

‘uma proposição interessante nova’ OU

‘uma proposição nova interessante’

b. les **présumés** professeurs **chinois** **malhonnêtes**

os supostos professores chineses desonestos

‘os professores chineses supostamente desonestos’ ou

‘os professores supostamente chineses desonestos’ ou

‘os supostos professores, que são chineses e desonestos’

(BOUCHARD, 2002, p. 124)

(104) a. uma **nova** ideia **interessante** (Português)

b. os **supostos** professores **chineses** **desonestos**



adjetivos pré-nominais em uma língua românica, corroboram essa hipótese, uma vez que demonstram como uma combinação [A+N] cristalizada entra sob o escopo de um adjetivo pós-nominal.

Assim como apontado na seção 2.1.2, é provável que cada possibilidade de análise (i.e., uma estrutura composicional prototípica ou uma em que [A+N] formam uma espécie de composto discursivo) apresente algum correlato prosódico, o que nos permitiria verificar com mais segurança que estrutura subjaz exemplos como (103a)-(104a). No entanto, visto a impossibilidade de me debruçar sobre isso nesse momento, e o fato de a leitura com escopo do adjetivo pós-nominal sobre o pré-nominal não ser a prototípica (ao menos em PB), por ora assumirei que, nesses exemplos, lidamos com objetos previamente construídos no discurso (i.e., referenciais, não composicionais), não com uma estrutura sintática diferenciada que permite que um adjetivo pós-nominal tenha escopo sobre um pré-nominal.

Note-se que o caso de ‘suposto’ é diferente: como as interpretações explicitadas para o Francês em (103b) demonstram, o adjetivo pode incidir sobre diferentes segmentos do NP. Tal maleabilidade não é típica de adjetivos e parece estar relacionada ao significado particular desse item lexical, ou possivelmente de uma pequena classe de adjetivos intensionais dos quais ele faça parte (como ‘falso’, que também apresenta características similares). Ainda que essa seja uma questão importante, por se aplicar somente a um subgrupo de adjetivos que apresentam significados bastante particulares, ela não justifica a proposição de uma estrutura sintática produtiva em que quaisquer adjetivos pospostos tenham escopo sobre aqueles antepostos.

### 2.2.3 Ordenamento de adjetivos de acordo com classes nocionais

Em algumas línguas, quando adjetivos atributivos coocorrem no DP, eles ocorrem em uma ordem específica por default; as ordens que escapam ao padrão são condicionadas por fatores contextuais e pragmáticos e são percebidas como marcadas pelos falantes. Esse fenômeno é conhecido na literatura como Restrição de Ordenamento de Adjetivos (ROA; *Adjective Ordering Restrictions – AOR*, em inglês).

Uma das línguas em que tais preferências são mais facilmente identificáveis é o Inglês. É comum que materiais dedicados ao ensino dessa língua explicitem a ROA. De fato, como Scott (2002) aponta, até a época de seu estudo, a ROA fora descrita em mais profundidade em materiais de Inglês como língua adicional do que em estudos linguísticos descritivos. Uma das fontes pedagógicas que oferece uma descrição da ROA para o inglês é o British Council, reproduzida a seguir:

- (106) OPINIÃO GERAL > OPINIÃO ESPECÍFICA > DIMENSÃO > FORMATO > IDADE<sup>50</sup> > COR > NACIONALIDADE > MATERIAL<sup>51</sup>

Adjetivos de OPINIÃO GERAL são aqueles que não são específicos a um domínio de significado (p. ex., *good* ‘bom’, *beautiful* ‘bonito’, *important* ‘importante’), enquanto aqueles de OPINIÃO ESPECÍFICA são mais restritos em relação aos nomes com que podem se combinar (p. ex., *delicious* ‘delicioso’, *clever* ‘esperto’, *comfortable* ‘confortável’). Adjetivos de DIMENSÃO tipicamente incluem tanto os prototípicos (como *big* ‘grande’ e *small* ‘pequeno’) quanto aqueles mais específicos (como *thin* ‘fino’, *heavy* ‘pesado’). As demais categorias são mais evidentes em relação aos itens que englobam: FORMATO (p. ex., *round* ‘redondo’, *square* ‘quadrado’); IDADE (p. ex., *new* ‘novo’, *young* ‘jovem’, *old* ‘velho’); COR (p. ex., *red* ‘vermelho’, *blue* ‘azul’); NACIONALIDADE (p. ex., *French* ‘francês’, *American* ‘americano’); e MATERIAL (p. ex., *wooden* ‘de madeira’, *metal* ‘de metal’).

É importante apontar que as descrições da ROA em Inglês variam em relação ao número de categorias que incluem. Manuais pedagógicos frequentemente apontam que sequências com mais de três adjetivos são raras; o mesmo argumenta Scott (2002), acrescentando que, quando elas ocorrem, julgamentos em relação à naturalidade do ordenamento dos adjetivos presentes são bastante dificultados. No entanto, esse autor defende que isso não significa que a ROA se limite a um pequeno número de categorias. Apesar de não ser possível aferir com segurança as preferências de ordem em sintagmas com mais de três adjetivos atributivos, Scott aponta que, a partir do cotejo de pares mínimos, é possível decompor as grandes categorias (como aquelas apresentadas acima) e verificar preferências mais sutis. A partir desse exercício, o autor propõe que, em Inglês, a ordem entre adjetivos seja a seguinte<sup>52</sup>:

<sup>50</sup> É curioso notar que algumas fontes pedagógicas descrevem que a ordem preferencial seria “idade > formato”, enquanto outras optam por “formato > idade”. Aparentemente, há certa variação de acordo com o nome com que os adjetivos ocorrem. Nomes concretos em que formato é uma propriedade muito saliente, como ‘mesa’, favorecem que o formato apareça mais próximo: *old square table* (literalmente ‘velha quadrada mesa’) é preferível a *square old table*. Contudo, essa é apenas uma impressão; a “competição” entre essas duas categorias não foi objeto particular de estudo experimental ou de corpus algum, até onde eu saiba.

<sup>51</sup> Conforme disponível em: <<https://learnenglish.britishcouncil.org/grammar/english-grammar-reference/adjective-order>>. Acesso: 07 jul. 2022.

<sup>52</sup> Com nomes-núcleos não complexos e não eventivos (especialmente deverbais).

- (107) DETERMINANTE > NUMERAL ORDINAL > NUMERAL CARDINAL > COMENTÁRIO SUBJETIVO  
 > ?EVIDENCIAL<sup>53</sup> > TAMANHO > COMPRIMENTO > ALTURA > VELOCIDADE >  
 ?PROFUNDIDADE > LARGURA > PESO > TEMPERATURA > ?UMIDADE > IDADE > FORMATO  
 > COR > NACIONALIDADE/ORIGEM > MATERIAL > ELEMENTO COMPOSTO > NP  
 (SCOTT, 2002, p. 114, ex. 47)

Ainda que o Inglês seja a língua em que esse fenômeno seja mais amplamente discutido, não é a única em que a ROA se aplica. Cinque (2009) apresenta diversas línguas que teriam esse tipo de restrição; mais que isso, as restrições seguiriam, em todas as línguas, um mesmo padrão subjacente. De acordo com o autor, as seguintes ordens são atestadas — tomando por base apenas as classes nocionais de DIMENSÃO, COR e NACIONALIDADE:

- (108) a.  $A_{\text{dimensão}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{nacionalidade}} > N$  (Inglês, Servo-croata, ...)  
 b. \*  $A_{\text{nacionalidade}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{dimensão}} > N$   
 c.  $N > A_{\text{dimensão}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{nacionalidade}}$  (Galês, Irlandês, Maltês, ...)  
 d.  $N > A_{\text{nacionalidade}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{dimensão}}$  (Indonésio, Iorubá, ...)  
 (CINQUE, 2009, p. 166)

Segundo a descrição em (108), podemos encontrar uma mesma ordem em anteposição (108a) e posposição (108c) ou, então, essa mesma ordem, mas espelhada, na posposição (108d); no entanto, não há línguas que atestariam a ordem em (108b), isto é, a ordem espelhada na anteposição.

Tais propostas baseadas em categorias nocionais são frequentemente alvo de críticas, uma vez que não parece ter se encontrado uma justificativa para elas que não seja tautológica: a categoria de dimensão deve dominar a de cor porque adjetivos de dimensão precedem aqueles de cor; e assim por diante.

Nesse sentido, vale mencionar que até mesmo a ordem entre algumas das categorias propostas tem sido questionada. Svenonius (2008) aponta, em relação ao ordenamento fino proposto por Scott (2002), que algumas das ordens assumidas pelo autor são condicionadas pelo nome-núcleo da sequência em análise. Como exemplo, ele cita a proposta de Scott de que COMPRIMENTO precederia LARGURA — proposta que o autor fez a partir dos seguintes dados:

<sup>53</sup> Segundo o autor, evidencial seria um “comentário universal”, isto é, uma opinião comumente aceita (mas com a qual o falante não necessariamente coaduna).

- (109) a. **dugačka uska ulica** (Servo-croata)  
 longa estreita rua  
 a'. ~~uska~~ **dugačka** ulica<sup>54</sup>  
 estreita longa rua  
 b. **lyhyt ohut** terä (Finlandês)  
 curta fina lâmina  
 b'. ~~uska~~ **dugačka** ulica  
 fina curta lâmina  
 c. en **lång vid** kjol (Sueco)  
 uma longa larga saia  
 c'. ~~en~~ **vid lång** kjol  
 uma larga longa saia  
 (SCOTT, 2002, p. 100)

Svenonius (2008) apresenta um exemplo similar à (109b) para o Inglês (que, apesar de não incluído como exemplo, foi mencionado textualmente por Scott):

- (110) a. a **long thin** knife (Inglês)  
 uma longa fina faca  
 ‘uma faca fina longa’  
 b. \*a **thin long** knife  
 uma fina longa faca  
 (SVENONIUS, 2008, p. 92)

A princípio, (110) indica que a análise de Scott quanto à ordem das categorias COMPRIMENTO e LARGURA estaria correta. Entretanto, Svenonius apresenta exemplos com outros nomes-núcleos em que a ordem oposta é aceitável sem necessidade de contextos específicos:

<sup>54</sup> Scott (2002) originalmente sinalizou tais sequências como agramaticais (\*); no entanto, na nota 15, para um outro conjunto de dados (das mesmas línguas), ele observa que “o asterisco (...) não indica necessariamente ‘agramaticalidade’ como tal, mas reflete o fato de que algumas das leituras são simplesmente mais marcadas ou focalizadas” (SCOTT, 2002, p. 115). Assim, dada a tendência da ROA de se manifestar como uma preferência de ordem, não como um ordenamento estrito, optei por não utilizar o asterisco nesses exemplos.

- (111) a. a **long thick** rope (Inglês)  
           uma longa grossa corda  
       a'. a **thick long** rope  
           uma grossa longa corda  
       b. **thin long** legs  
           finas longas pernas  
       (SVENONIUS, 2008, p. 39)

Segundo Svenonius, nos casos acima, não seria necessária uma prosódia particular, tampouco seriam as sequências percebidas como marcadas para os falantes. Ainda que seja possível que os nomes em (111) sejam casos particulares em que a semântica do nome possa enviar a ordem subjacente padrão proposta, tal hipótese também poderia se aplicar a (110). Se há contraexemplos, é necessário então demonstrar que o exemplo original é, de fato, um *exemplo* — demonstrar que ele instancia uma regra.

Interessantemente, o próprio Scott apresenta casos translinguísticos em que há divergência na ordem proposta — que, em princípio, seria universal. A não convergência dos dados é ainda mais relevante na medida em que não se aplica às subcategorias descritas pelo autor, e sim às macrocategorias sobre as quais há menos divergência na literatura sobre o Inglês: a ordem entre COMENTÁRIO SUBJETIVO e DIMENSÃO (ou, no caso de Scott, COMPRIMENTO).

- (112) a. an **ugly long** road (Inglês)  
           uma feia longa estrada  
       a'. **pitkä ruma** tie (Finlandês)  
           longa feia estrada  
       b. **beautiful long red** hair (Inglês)  
           belo longo vermelho cabelo  
       b'. **pitkät kauniit punaiset** hiukset (Finlandês)  
           longo belo bonito cabelo  
       c. **beautiful big red** ball (Inglês)  
           bela grande vermelha bola  
       c'. **suuri kaunis punaisen** pallo (Finlandês)  
           grande bela vermelha bola  
       (SCOTT, 2002, p. 110)

Scott observa que seus informantes do Finlandês descrevem as ordens acima como as menos marcadas em relação às suas contrapartes. O autor especula que isso talvez se deva ao status de adjetivos como *suuri* ‘grande’ e *pitkät* ‘longo’ em Finlandês, que poderiam ter adquirido um sentido avaliativo — algo que encontraria paralelo em PB, por exemplo, em que o adjetivo *grande* comumente apresenta significado avaliativo na anteposição<sup>55</sup> —, ou então que se trate de uma propriedade sujeita à variação paramétrica.

Há, porém, ainda outras divergências (ao menos aparentes) em relação às propostas de ordem universal das macrocategorias. Ojibua e Galês apresentam casos particularmente interessantes por dois motivos: a primeira, por apresentar restrições de coocorrência relativamente complexas entre as classes nocionais, assim como por ilustrar o padrão em (108b), descrito por Cinque (2009) como impossível; e a segunda, por não apresentar exatamente a mesma ordem do Inglês, nem uma ordem espelhada, mas, sim, uma mescla entre as duas possibilidades.

Como já apresentado na seção 2.1.1, Ojibua é uma língua polissintética em que adjetivos são ligados ao nome que modificam. A ordem entre os poucos adjetivos atributivos existentes apresenta algumas restrições específicas entre classes (ROSEN, 2016). Primeiramente, adjetivos de COR não apresentam preferências de ordem em relação a adjetivos de NACIONALIDADE (113) e de DIMENSÃO (114).

- (113) a. **misko-**      **Anishinaabe-**      mashkimod      (Ojibua)  
                  vermelho      ojibua      mala.NI  
                  ‘uma mala ojibua vermelha’
- b. **Anishinaabe-**      **misko-**      mashkimod  
                  ojibua      vermelho      mala.NI  
                  ‘uma mala vermelha ojibua’
- (114) a. **gichi-**      **misko-**      waakaa’igan  
                  grande      vermelho      casa.NI  
                  ‘uma casa vermelha grande’
- b. **misko-**      **gichi-**      waakaa’-igan  
                  vermelho      grande      casa.NI  
                  ‘uma casa grande vermelha’
- (ROSEN, 2016, p. 161)

<sup>55</sup> Scott (2002) nota que Hetzron (1978) já observara que uma série de línguas tendem a antepor o adjetivo ‘grande’ a todos os demais adjetivos. No entanto, não é claro se esse fenômeno engloba ‘grande’ em seu sentido literal (de dimensão) ou avaliativo (como em PB).

Adjetivos de DIMENSÃO, no entanto, obrigatoriamente precedem adjetivos de NACIONALIDADE (115):

- (115) a. **gichi-** **Anishinaabe-** mashkimod (Ojibua)  
 grande ojibua mala.NI  
 ‘uma mala ojibua grande’  
 b. \***Anishinaabe-** **gichi-** mashkimod  
 ojibua grande mala.NI  
 (ROSEN, 2016, p. 162)

Essa restrição, porém, entra em interação com outras categorias de adjetivos. Se um adjetivo de COR intervém entre os adjetivos de DIMENSÃO e de NACIONALIDADE, a sequência se torna aceitável — sendo esta precisamente a ordem descrita como não atestada por Cinque (2009)<sup>56</sup>. Como as possibilidades em (116) demonstram, a restrição se aplica tão somente a sequências em que o adjetivo de NACIONALIDADE precede imediatamente o de DIMENSÃO:

- (116) a. **Anishinaabe-** **misko-** **gichi-** adoopowin (Ojibua)  
 ojibua vermelho grande mesa.NI  
 ‘uma mesa ojibua vermelha grande’  
 b. \***Anishinaabe-** **gichi-** **misko-** adoopowin  
 ojibua grande vermelho mesa.NI  
 c. \***misko-** **Anishinaabe-** **gichi-** adoopowin  
 vermelho ojibua grande mesa.NI  
 d. **gichi-** **misko-** **Anishinaabe-** adoopowin  
 grande vermelho ojibua mesa.NI  
 e. **misko-** **gichi-** **Anishinaabe-** adoopowin  
 vermelho grande ojibua mesa.NI  
 f. **gichi-** **Anishinaabe-** **misko-** adoopowin  
 grande ojibua vermelho mesa.NI  
 (ROSEN, 2016, p. 162)

<sup>56</sup> Ainda que esse fato seja curioso, contra Rosen (2016), não acredito que isso seja um contraexemplo para a proposta de Cinque (2009, 2010). A intervenção da categoria de COR entre as outras duas é circunstancial, não uma preferência ditada pela língua de que essas três categorias apareçam nesta ordem, como demonstrado em (116).



Apesar de algumas inconsistências entre as ordens<sup>57</sup>, Willis faz a seguinte observação em relação à comparação entre as línguas: enquanto as categorias de DIMENSÃO, COR e ORIGEM/NACIONALIDADE apresentam a mesma ordem em Galês e Inglês (destacadas nos exemplos), adjetivos de IDADE e QUALIDADE (identificado em Inglês como os adjetivos de OPINIÃO) se encontram espelhados: nas duas línguas, adjetivos de QUALIDADE estão mais distantes do nome-núcleo que os de IDADE. O exemplo clássico para ilustrar a mesma ordem do Inglês, mas na anteposição, foi apresentado na Introdução e também em (48), repetido abaixo em (120a) a fim de facilitar a leitura, com sua contraparte em Inglês em (120b). O exemplo (121) apresenta, por outro lado, a ordem espelhada entre adjetivos de QUALIDADE e IDADE.

- (120) a. **cwpan mawr gwyrdd Sieineidd** (Galês)  
           xícara grande verde chinesa  
           ‘uma grande xícara chinesa verde’
- b. **a large green Chinese cup** (Inglês)  
           uma grande verde chinesa xícara  
           ‘uma grande xícara chinesa verde’
- (WILLIS, 2006, p. 1.808)
- (121) a. **caneuon newydd gwyh** (Galês)  
           canções novas ótimas  
           ‘ótimas novas canções’
- b. **great new songs** (Inglês)  
           ótimas novas canções  
           ‘ótimas novas canções’
- (WILLIS, 2006, p. 1.817)

<sup>57</sup> Willis (2006) infelizmente não dá exemplos discutindo essas inconsistências; o autor se limita a dar exemplos com categorias da ordem igual à do Inglês e exemplos da ordem espelhada. De toda forma, uma breve especulação sobre sua motivação é a seguinte. Como apontado anteriormente, em Inglês há alguma controvérsia em relação à posição da categoria de IDADE e FORMATO. Caso essa ordem para o Inglês fosse o contrário em relação ao descrito em (119), restaria apenas a incongruência nas ordens de DIMENSÃO e IDADE, com adjetivos de IDADE se aproximando mais dos de QUALIDADE em Galês, em contraposição aos de DIMENSÃO em Inglês.

Uma possibilidade, similar ao que foi apontado para alguns adjetivos do Finlandês, é que isso sinalize que adjetivos de DIMENSÃO em Inglês carregam uma carga avaliativa que os aproxima de adjetivos de OPINIÃO (o que possivelmente não seria difícil de demonstrar, haja visto a carga afetiva de adjetivos como *little* ‘pequeno’/‘querido’, *great* ‘grande’, ‘ótimo’). Nesse caso, seria importante verificar se adjetivos de IDADE em Galês carregam essa mesma carga afetiva (que os aproximaria de adjetivos de OPINIÃO/QUALIDADE). Infelizmente, não encontrei trabalhos que descrevem os adjetivos em Galês nessa profundidade. Um sinal de que talvez esse seja um percurso de análise viável é o fato de o adjetivo *hen* ‘velho’ figurar entre os poucos adjetivos exclusivamente pré-nominais em Galês, mas não haver nenhum adjetivo de DIMENSÃO nessa lista — o que poderia indicar que essa categoria é mais alta em Galês que em Inglês.

Assim, ainda que de alguma forma haja uma relação entre a ordem em Inglês, ou a universalidade das ordens proposta por Cinque (2009, 2010), e a ordem em Galês, é necessário dizer algo mais para justificar por que a distância relativa do nome-núcleo não é um fator explicativo para a ordem dos adjetivos de DIMENSÃO, COR e ORIGEM/NACIONALIDADE, por um lado, mas o é para os de IDADE e QUALIDADE.

Por último, é relevante ressaltarmos novamente que a ROA tende a ser preferencial: várias línguas ou dispõem de mecanismos para gerar ordens diversas (como foco), ou têm tais ordens simplesmente como possíveis sem aparente necessidade de uma estrutura sintática subjacente diversa (como argumenta, para o alemão, KOTOWSKI, 2006).

## 2.3 CONDICIONANTES ADICIONAIS DO POSICIONAMENTO ADJETIVAL

Interpretação, escopo e ROA costumam ser elencados como os principais motivadores para o posicionamento e ordenamento de adjetivos atributivos no DP. Entretanto, há ainda alguns outros elementos que parecem contribuir para a posição de um adjetivo atributivo relativamente a outros adjetivos e ao nome-núcleo. A relação entre esses fatores, apresentados nesta seção, e aqueles elencados nas seções 2.1 e 2.2 ainda é pouco compreendida, e eles raramente são incorporados às propostas sobre a sintaxe de adjetivos atributivos.

Esta tese — assim como a maioria das análises que serão abordadas — não tem como objetivo conciliar os fatores a serem apresentados com os aspectos do comportamento adjetival que serão foco de discussão nos próximos capítulos. Contudo, penso ser essencial que futuros trabalhos procurem incorporar reflexões sobre as questões a seguir, uma vez que elas têm o potencial de esclarecer como o posicionamento de adjetivos é (ainda mais) influenciado pelas demandas das interfaces.

### 2.3.1 Possibilidade de complementos adjetivais

Adjetivos com complementos tipicamente apresentam comportamento distinto dos demais em várias línguas. Naquelas que apresentam algum tipo de ROA, por exemplo, tais restrições se aplicam somente a adjetivos *sem* complementos<sup>58</sup> (em parte pela presença do complemento obrigar o adjetivo a figurar em posição mais externa do DP). Numa linha de raciocínio similar, Cinque (2010, p. 44) aponta que muitos autores argumentam que adjetivos não

---

<sup>58</sup> E sem modificadores, como será abordado na próxima seção (2.3.2).

têm estatuto de projeção máxima, particularmente em posição pré-nominal (nas línguas que permitem tal posicionamento para adjetivos). Como exemplo, o autor cita dados do Espanhol, do Italiano e do Inglês<sup>59</sup> (122). O Português, como esperado, segue o padrão das línguas românicas exemplificadas e também não permite adjetivos com complementos na anteposição (123).

- (122) a. \*Los [**fáciles** de resolver] problemas (Espanhol)  
           os fáceis de resolver problemas  
           Intenção: ‘os problemas fáceis de resolver’
- b. \*Il [**simile** ad un vocabolario] libro di Giani (Italiano)  
           o similar a um dicionário livro do Giani  
           Intenção: ‘o livro similar a um dicionário do Giani’
- c. \*the [**proud** of his son] man (Inglês)  
           o orgulhoso de seu filho homem  
           Intenção: ‘o homem orgulhoso de seu filho’  
           (CINQUE, 2010, p. 45)
- (123) a. \*O **diferente** do esperado resultado (Português)  
           b. \*A **contrária** à razão opinião  
           c. \*A **orgulhosa** da filha mãe

Como Cinque (2010) ressalta, porém, há uma série de línguas com adjetivos atributivos exclusiva ou preferencialmente pré-nominais em que complementos adjetivais são possíveis, como Alemão, Sueco, Russo, Grego e Búlgaro. Nesses casos, os complementos podem figurar à direita ou à esquerda do adjetivo pré-nominal. Dois dos exemplos fornecidos pelo autor são reproduzidos a seguir para fim de ilustração:

- (124) a. die [dem Mann **treue**] Frau (Alemão)  
           a O.DAT homem fiel mulher  
           ‘a mulher fiel ao marido’
- b. i [**perifani** ja to jo tis] mitera (Grego)  
           a orgulhosa de o filho dela mãe  
           ‘a mãe orgulhosa de seu filho’  
           (CINQUE, 2010, p. 45-46)

<sup>59</sup> De outros autores; as referências originais podem ser conferidas na obra de Cinque.

É interessante observarmos também como a restrição quanto à presença de complementos adjetivais interage com outros elementos no DP. Em Hebraico, por exemplo, adjetivos (que são exclusivamente pós-nominais) normalmente antecedem complementos nominais e genitivos. Quando um adjetivo tem um complemento, porém, ele deve obrigatoriamente aparecer na última posição no DP, i.e., deve seguir tanto complementos nominais quanto genitivos (SICHEL, 2002):

- (125) a. Ha-haxlata ha-**axra'it** (\*la-toca'ot) sel ha-mordim. (Hebraico)  
 a-decisão a-responsável por-o-resultado de os-rebeldes  
 'A decisão responsável dos rebeldes'
- b. Ha-haxlata sel ha-mordim ha-**axra'it** la-toca'ot.  
 a-decisão de os-rebeldes a-responsável por-o-resultado  
 'A decisão dos rebeldes responsável pelo resultado'
- (SICHEL, 2002, p. 312)

Nesse sentido, o Português apresenta um comportamento distinto. Adjetivos com complementos em Português devem preceder complementos nominais e outros PPs; ainda que as construções em que eles os seguem não sejam agramaticais, a leitura é de que a combinação de adjetivo com complemento modifica o DP como um todo, não o nome-núcleo<sup>60</sup>.

- (126) a. O resultado **diferente** do esperado da operação (Português)  
 a'.#O resultado da operação **diferente** do esperado  
 Leitura: [[O resultado da operação] [diferente do esperado]]
- b. A opinião **contrária** à razão do advogado  
 b'.#A opinião do advogado **contrária** à razão  
 Leitura: [[A opinião do advogado] [contrária à razão]]

A possibilidade de adjetivos atributivos apresentarem complementos é relevante na medida em que é uma pista de sua estrutura subjacente, i.e., se são especificadores, adjuntos, núcleos etc. Por outro lado, a diferença entre Hebraico e Português nos dá subsídios para avaliarmos *quão* externos são posicionados adjetivos com complementos, assim como propostas de extraposição envolvendo adjetivos.

<sup>60</sup> Ou, ao menos, algum nível acima no nome-núcleo, mas talvez inferior a D.

### 2.3.2 Modificação

Como já indicado na seção anterior, em várias línguas, adjetivos atributivos prototípicos não podem ser modificados sem que isso implique em uma mudança de posição e de interpretação dentro do sintagma. Em outras línguas, nenhum tipo de modificação é possível.

Em Português, como já descrito em Guimarães (2011), adjetivos pré-nominais dificilmente aceitam modificadores, sejam eles adjetivos com mudança clara de significado quanto antepostos/pospostos (127a-b), adjetivos exclusivamente pós-nominais (127c-d), adjetivos exclusivamente pré-nominais (127e) ou adjetivos que podem ser antepostos/pospostos sem mudança clara de significado (127f).

- (127) a. \*Julián Viáfara é um muito **grande** atleta. (Português)  
 b. Zé é um **pobre** (\*demais) músico.  
 c. \*Julián Viáfara é um muito **foda** atleta.  
 d. \*Zé é um completamente **cego** músico.  
 e. Zé é um (\*relativamente) **baita** músico.  
 f. Zé é um (\*totalmente) **extraordinário** músico.  
 (GUIMARÃES, 2011, p. 3.275-3.276)

Em contrapartida, Cinque (2010) argumenta que a modificação de adjetivos é possível em Italiano — poderíamos assumir, então, que também nas demais línguas românicas —, inclusive de adjetivos não predicativos, a partir dos seguintes exemplos:

- (128) a. la più **verosimile** causa del suo rifiuto (Italiano)  
 a mais provável causa de sua recusa  
 ‘A causa mais provável de sua recusa’ ou ‘A mais provável causa de sua recusa’  
 b. il mio più **vecchio** collaboratore  
 o meu mais velho colaborador  
 ‘O meu mais antigo colaborador’  
 c. i più **alti** dignitari  
 os mais altos dignatários  
 ‘Os mais altos dignatários’



- (132) a. \*o  muito   **grande**  atleta  
 b. #meu  muito   **velho**  amigo  
 c. #um  tão   **pobre**  músico  
 d. Eu nunca vi um  tão   **cego**  desejo por vingança.<sup>63</sup>  
 d. A  bastante   **crível**  tese da defesa é de que...

É importante, ainda, considerarmos como a modificação impacta na ordem dos elementos no DP (tanto dos demais adjetivos quanto outros constituintes).

Como já apresentado, em Ojibua, língua polissintética com adjetivos exclusivamente pré-nominais, o adjetivo *gichi-* pode ser interpretado ou como ‘grande’, ou como o intensificador ‘muito’. O único exemplo que Rosen (2016) dá, apresentado em (117) e repetido em (133), exemplifica essa estrutura de modificação.

- (133) *gichi- misko- gichi- adoopowin* (Ojibua)  
 muito vermelho grande mesa.NI  
 (ROSEN, 2016, p. 167)

Ainda que o autor não faça tal observação abertamente, nesse exemplo o adjetivo modificado é o mais externo na sequência. Também verificamos tal tendência em outras línguas: adjetivos modificados escapam ao ordenamento padrão e passam a figurar em posições mais externas, assim como ocorre com adjetivos com complemento. Podemos ilustrar esse padrão com o Português (134). É importante ressaltar que o peso resultante da complexidade sintática do constituinte não é suficiente para explicar o estranhamento da ordem em (134a), já que é possível haver constituintes ainda mais complexos entre o nome-núcleo e o adjetivo (134c).

- (134) a. \*Um filme  muito   **legal**   **assustador** <sup>64</sup> (Português)  
 b. Um filme  **assustador**   muito   **legal**   
 c. Uns filmes de terror e de comédia  **divertidos**

<sup>63</sup> O uso de um intensificador inevitavelmente torna adjetivos não graduais em graduais, o que sem dúvida tem implicações para a discussão.

<sup>64</sup> É importante deixar de lado aqui a leitura não composicional de [um filme muito legal], i.e., em um contexto em que estivessem se falando de “filmes muito legais” e esse constituinte fosse utilizado para fazer referência a tal objeto previamente construído no discurso, assim como a leitura com pausa entre [muito legal] e [assustador], i.e., de coordenação assindética (identificável por uma quebra entoacional entre esses dois elementos).

### 2.3.3 Aspectos fonológicos

Ainda que fatores fonéticos e fonológicos sejam o aspecto menos levado em conta em análises sintáticas de adjetivos atributivos, eles podem influenciar no posicionamento e no comportamento desses itens. Vou mencionar nesta seção três tipos de fenômeno que demonstram a relevância desse critério: (i) número de sílabas: em Mandarim, apenas adjetivos monossilábicos podem aparecer sem a partícula *-de* (e se submeter a ROA); (ii) padrão silábico: em Tagalog, entre outros fatores, a preferência pelo alinhamento de morfemas e sílabas privilegia a posição do adjetivo antes ou depois do nome; e (iii) peso fonológico: em Português, adjetivos com menor peso fônico têm mais facilidade em aparecer na anteposição.

Sproat e Shih (1991) observam que apenas adjetivos monossilábicos podem ser modificadores internamente ao DP sem a partícula *-de* (135), que costuma ser utilizada para marcar orações relativas (136). Também são apenas esses adjetivos que se submetem a ROA — o que seria consistente com a hipótese de que adjetivos acompanhados da partícula *-de* são orações relativas reduzidas.

- (135)      **xiǎo      lǜ      huāpíng**      (Mandarim)  
               pequeno verde vaso
- (136)      a. **xiǎo-de      lǜ-de      huāpíng**  
               pequeno-DE verde-DE vaso
- b. **wǒ      mǎi-de      huāpíng**  
               Eu comprar-DE vaso  
               ‘o vaso que eu comprei’  
               (SPROAT; SHIH, 1991, p. 566)

Como já apresentado, a ordem de adjetivos em relação ao nome-núcleo em Tagalog geralmente é descrita como livre. Shih e Zuraw (2017), na perspectiva da Teoria da Otimalidade, se opõem a essa descrição. Os autores conduziram um estudo estatístico em um corpus extenso de Tagalog escrito, buscando identificar que fatores condicionam a posição de adjetivos em relação a nomes. Após a exclusão de condicionantes não fonológicos (como frequência de itens lexicais individuais ou de construções cristalizadas entre adjetivos e nomes), e contrariamente às hipóteses tradicionalmente assumidas de que, do domínio fonológico, apenas fatores prosódicos teriam impacto sobre a ordem de palavras, Shih e Zuraw notam que

variáveis fonológicas apresentaram relevância estatística no condicionamento da ordem de adjetivos e nomes; nomeadamente:

(i) em termos da partícula de ligação, preferência pelo alomorfe *-ng* que pela forma *na*: se a combinação AdjN requeria *na*, mas a ordem NAdj utilizaria *-ng*, esta última ordem seria favorecida;

(ii) evitar um encontro de sons nasais;

(iii) evitar um encontro consonantal quando o adjetivo utilizasse a partícula de ligação *-ng* e o nome começasse com uma consoante surda;

(iv) evitar formação de hiatos;

(v) alinhamento de morfemas e sílabas: quando a ordem AdjN gerasse uma ressilabificação que cruzasse a fronteira de palavras, ela seria desfavorecida.

Os autores observam, no entanto, que a ordem default AdjN é mais penalizada por condicionantes fonológicas que a ordem NAdj, o que indica que há uma interação entre esses fatores e preferências morfossintáticas.

Por fim, Serra (2005) analisou a distribuição sintática de adjetivos atributivos em textos escritos do Português Europeu e Brasileiro nos séculos XIX e XX; além de questões sintáticas e semânticas, a autora também explorou a influência do componente prosódico sobre a ordem de adjetivos e nomes. Sua análise aponta que a anteposição do adjetivo influencia a prosódia do DP, confirmando o que Serra chama de “Hipótese da prosódia marcada”:

*Hipótese da prosódia marcada*

O adjetivo anteposto levaria a

- a) um reforço no pico de  $F_0$  na primeira posição;
  - b) alongamento da tônica do adjetivo na primeira posição;
  - c) aumento da intensidade da tônica do adjetivo na primeira posição.
- (SERRA, 2005, p. 34)

Ainda, em Português Brasileiro, a dimensão do adjetivo em relação à dimensão do nome-núcleo em termos de seus pesos fônicos também se mostrou relevante:

Tabela 2 - Peso relativo da anteposição de acordo com a dimensão do adjetivo, nos dois séculos (PB)

|            | > que o núcleo | = ao núcleo | < que o núcleo |
|------------|----------------|-------------|----------------|
| Século XIX | .40            | .44         | .67            |
| Século XX  | .41            | .53         | .60            |

Fonte: Serra (2005, p. 49).

Os estudos abordados nesta seção são interessantes na medida em que demonstram uma interação entre as relações sintáticas — que, de acordo com os pressupostos da teoria da antissemetria (KAYNE, 1994), determinariam a ordem linear dos elementos da sentença — e a fonologia na definição da ordem linear.

#### 2.3.4 Complexidade sintática

Como último fator a ser (brevemente) mencionado, temos a complexidade sintática. Em Português, APs pesados (como coordenações, ou com vários modificadores) facilitam a anteposição de certos adjetivos que, de outra forma, dificilmente poderiam ser pré-nominais:

- (137) a. \*João tem trabalhado arduamente em um **literário** texto. (Português)  
 b. ?João tem trabalhado arduamente em um nada **literário** texto.  
 c. João tem trabalhado arduamente em um nada **literário** texto da década de 40.  
 (GLIENKE, 2013, p. 9)

A complexidade sintática não atua somente em Português. Em Hebraico, é possível (ainda que marcado) que adjetivos sucedam complementos genitivos caso o AP seja fonologicamente pesado ou sintaticamente complexo (138).

- (138) ?(?)ha- Volvo šel Schneider ha- **xadaš** ve ha- **mruvax** (Hebraico)  
 o Volvo de Schneider o novo e o espaçoso  
 ‘O Volvo novo e espaçoso de Schneider’  
 (SHLONSKY, 2004, p. 1.470)

Talvez pela mesma razão, orações relativas são preferencialmente pospostas ao genitivo (139). Interessante, caso as orações relativas sejam curtas, elas são marginalmente aceitas entre o nome-núcleo e o genitivo (140) — num percurso contrário ao dos APs pesados.

- (139) a. ha- seret šel Hitchcock še ra’inu ‘etmol (Hebraico)  
 o filme de Hitchcock que vimos ontem  
 ‘O filme do Hitchcock que nós vimos ontem’  
 b. \*ha- seret še ra’inu ‘etmol šel Hitchcock  
 o filme que vimos ontem de Hitchcock

- (140)    ʔ(?)ha-   seret   še    ra'inu   šel Hitchcock  
           o     filme   que   vimos de Hitchcock  
           (SHLONSKY, 2004, p. 1.470)

Ainda que esta seja uma descrição bastante rudimentar, o quadro que temos é o seguinte. Português é uma língua com adjetivos preferencialmente pospostos; no entanto, quanto mais sintaticamente pesado um AP é<sup>65</sup>, maior sua facilidade em ser anteposto. Já Hebraico, em que adjetivos são exclusivamente pospostos, APs mais sintaticamente pesados podem com maior facilidade figurar em posição mais externa a PPs/genitivos, enquanto APs não modificados obrigatoriamente os precedem.

Não será possível dar conta desses dados nesta tese. Entretanto, acredito que, a despeito de quão incipiente essa descrição ainda se encontra, ela nos oferece alguns subsídios para refletirmos sobre as duas principais alternativas de análise que encontramos na literatura para derivar a estrutura de adjetivos atributivos translinguisticamente: a geração na base ou a derivação por movimento.

A exposição dessas propostas será o objetivo do próximo capítulo.

---

<sup>65</sup> Paradoxalmente, o contrário do que aponta Serra (2005) em relação ao peso fônico de adjetivos.

### 3 PROPOSTAS SOBRE A SINTAXE DOS ADJETIVOS

Nas línguas indo-europeias — e, talvez mais importantemente, em Inglês —, adjetivos podem ser encontrados em duas principais configurações: ou em posição atributiva, modificando o nome-núcleo internamente ao DP; ou em posição predicativa, em que sua relação com o DP é tipicamente mediada por um verbo de ligação ou alguma estrutura de predicação equivalente<sup>66</sup>.

Como já apontado na Introdução e presente nos critérios de Dixon (2004) para identificação da classe dos adjetivos, esse comportamento de adjetivos não é regra geral. No entanto, dada a predominância do Inglês nos estudos linguísticos (e de sintaxe), os fenômenos encontrados nesta língua foram particularmente relevantes na elaboração de propostas sobre a sintaxe de adjetivos atributivos.

Nesse sentido, um problema colocado desde o começo da empreitada gerativista em relação a adjetivos é eles terem, ao menos aparentemente, duas formas de inserção no DP: a atributiva e a predicativa. Em termos de elegância e economia dos recursos derivacionais do aparato linguístico, seria desejável que uma das fontes pudesse ser derivada da outra. Essa foi, possivelmente, a maior discussão sobre o comportamento de adjetivos na perspectiva gerativista ao longo do século XX.

Alguns dos argumentos mobilizados nesse debate são expostos na seção 3.1. Na seção 3.1.1, apresentamos um desdobramento dessas ideias: a distinção entre modificação direta e indireta.

A partir da consolidação desses conceitos basilares, as próximas seções abordam propostas acerca da estrutura subjacente de adjetivos atributivos, separadas por um eixo central: na seção 3.2, são apresentadas propostas que, se não estritamente antissimétricas, persistem na assunção de uma relação fundamental entre hierarquia e ordem linear, enquanto, na seção 3.3, são apresentadas análises que assumem a dissociação entre estrutura hierárquica sintática e ordem.

---

<sup>66</sup> Dixon (2004) argumenta que adjetivos em construções copulares são *complemento* da cópula e não predicados — ao menos no sentido linguístico (não lógico) do termo. Segundo ele, “[considerar] o complemento da cópula sendo (todo, ou parte do) predicado de uma cópula (...) obscurece a diferença fundamental [entre verbos e adjetivos]” (p. 8, tradução minha). Imagino que ele considere que o mesmo se aplique a línguas que não apresentam cópula explícita em *small clauses*.

### 3.1 ESTATUTO SINTÁTICO DE ADJETIVOS ATRIBUTIVOS

Como mencionado anteriormente, os primeiros estudos sobre a sintaxe dos adjetivos no quadro teórico do gerativismo buscavam lidar com a ambivalência do comportamento de adjetivos, que, em algumas línguas, ora podem ser modificadores, ora predicados (mas ver nota 66). Por essa característica, havia interesse em investigar se seria possível identificar uma dessas duas estruturas, a predicativa ou a atributiva, como a de base — sendo a outra derivada.

Como exemplificado abaixo com o Inglês, o fato de muitas construções com adjetivos atributivos (141) poderem ser parafraseadas com construções predicativas, como em (142c):

- (141) Mike has a **red** car. (Inglês)  
 ‘Mike tem um carro vermelho.’
- (142) a. Mike has a car.  
 ‘Mike tem um carro.’
- b. A car is **red**.  
 ‘Um carro é vermelho.’
- c. Mike has a car that [car] is **red**.  
 ‘Mike tem um carro que é vermelho.’

era (e, por vezes, ainda é) tomado como evidência de que a posição mais básica de geração dos adjetivos seria como predicados em “sentenças base” (possivelmente como *kernel sentences*, conforme CHOMSKY, 1957, por exemplo), não em posição atributiva dentro do DP — fossem tais sentenças originalmente “independentes” e então ligadas à matriz por meio de uma série de transformações generalizadas, ou diretamente geradas no DP como *small clauses* ou orações relativas<sup>67</sup>. Assim, a partir do dado de que orações relativas podem ser reduzidas, uma análise comum era propor que o mesmo se desse em (141): adjetivos atributivos nada mais seriam que orações relativas reduzidas.

No entanto, ainda que adjetivos *intersectivos* (que também tendem a ser adjetivos prototípicos) em posição atributiva possam ser parafraseados com sentenças copulares sem perceptível mudança de interpretação, esse não é o caso de todos os adjetivos atributivos. Uma proposta derivacional na linha de (142), por exemplo, em que o adjetivo de COR *red* ‘vermelho’ é um predicado na sentença copular subjacente (142b), não prevê a impossibilidade de (143b)

<sup>67</sup> Nesses casos, mecanismos transformacionais também são necessários para efetuar ajustes na estrutura (apagamentos, reordenações, etc.). A diferença central é haver ou não sentenças sendo derivadas em paralelo.

— ou, melhor dizendo, a impossibilidade de (143) acarretar (143b). O mesmo padrão em (143) com um adjetivo de DIMENSÃO se repete em (144) com um adjetivo AVALIATIVO.

- (143) Mike is a **short** basketball player. (Inglês)  
 ‘Mike é jogador de basquete baixo.’  
 a. Mike is a basketball player.  
 ‘Mike é jogador de basquete.’  
 b. #Mike is **short**.  
 ‘Mike é baixo.’
- (144) He is a **fair** governor.  
 ‘Ele é um governador justo.’  
 a. He is a governor.  
 ‘Ele é um governador.’  
 b. #He is **fair**.  
 ‘Ele é justo.’

Em ambos os exemplos acima, as sentenças em (143) e (144) não permitem os acarretamentos representados pelas construções copulares em (143b) e (144b). Uma vez que esperaríamos que orações relativas adjetivais e construções copulares apresentassem as mesmas propriedades de leitura por questões de composicionalidade, a atestação de sua não convergência logo deixou claro que apenas assumir que adjetivos sejam derivados de orações relativas reduzidas não era suficiente.

Como um tratamento único para todos os adjetivos não se mostrava viável, uma solução seguida por alguns foi assumir que adjetivos se subdividam em classes, cada uma derivada de orações relativas distintas. Vendler (1968), um dos principais autores a terem seguido esse percurso de análise, sugere que a classe dos adjetivos seja dividida em nove subclasses em Inglês, de acordo com a estrutura de que seriam derivados e com as construções em que podem aparecer. Os exemplos originais de Vendler são dados em (145), quando possível (i.e., quando o mesmo padrão descrito para o Inglês também seja atestado) em Português.

- (145) Classes de Adjetivos de Vendler (1968)

Tipo 1: AN ← N que é A.

*Vaso verde* ← *vaso que é verde*

Tipo 2: AN ← N que é A para N.

*grande formiga* ← *formiga que é grande para uma formiga*

Tipo 3: AN ← N que é V+ Adv.

*governador justo* ← *governador que governa justamente/de forma justa*

Tipo 4: AN ← N que é A para/de V. O N é o objeto do verbo.

*problema fácil* ← *problema que é fácil de resolver*

Tipo 5: N que é A para V(+). O N é o sujeito do verbo. Raramente são pré-nominais.

*ele está pronto* (para ir)

Tipo 6: Adjetivos que podem aparecer em três tipos de construções em inglês, uma delas com adjetivo atributivo.

*John is stupid to take the job.* ('O João é estúpido de aceitar esse trabalho')

*It is stupid of John to take the job.* ('É estúpido do João aceitar esse trabalho')

*John is a stupid man to take the job.* ('O João é um estúpido de aceitar esse trabalho')

Haveria ainda mais três tipos, de 7 a 9, que seriam na realidade subdivisões do tipo 4 — distintos, no entanto, pelas construções distintas em que podem figurar. Seria o caso de adjetivos como *possible* 'possível' e *impossible* 'impossível' (tipo 7); *useful* 'útil', *profitable* 'lucrativo' e *necessary* 'necessário' (tipo 8); e *probable* 'provável', *likely* 'provável' e *certain* 'certo' (tipo 9).

Se adjetivos resultarem da redução de orações relativas copulares era e ainda continua a ser uma hipótese bem aceita, adjetivos atributivos serem produto da redução de diversos tipos de orações relativas diferentes, com apagamento de mais material do que simplesmente a cópula, é uma análise mais controversa; do ponto de vista derivacional, também pouco elegante e, talvez, dificilmente justificável.

Ainda assim, a classificação em (145) traz uma observação importante: ao passo que os adjetivos do tipo 1 têm seu significado estabelecido independentemente do nome, todas as demais classes têm seu significado intermediado por algum outro elemento — pelo próprio nome, no caso do tipo 2, e por algum elemento vagamente eventivo nos demais. Uma hipótese é que adjetivos do tipo 1, isto é, adjetivos intersectivos, modifiquem a *extensão* do nome, i.e., apliquem-se ao referente de maneira direta, sem intermediação do nome-núcleo (BORGES NETO, 1991<sup>68</sup>). As demais classes, por outro lado, não teriam o mesmo comportamento por dependerem da denotação do nome-núcleo. Por terem tal dependência, não são transferíveis:

<sup>68</sup> Neste sentido, um trabalho pioneiro para o leitor interessado é o de Partee (2007); desdobramentos dessa discussão também são tratados em Heim e Kratzer (1998).

- (146) a. uma formiga **grande** (Português)  
 b. #um inseto **grande**
- (147) a. um governador **justo**  
 b. #uma pessoa **justa**
- (148) a. um carro **difícil** (de dirigir)  
 b. #um veículo **difícil** (de dirigir)

Para o Português, Borges Neto (1991) observa que há ainda um outro conjunto de adjetivos, não descritos por Vendler (1968), que não modifica a extensão do nome: ‘suposto’, ‘perfeito’, ‘futuro’ etc. Como os adjetivos de tipo 1 modificam a *extensão*, Borges Neto propõe que esses outros adjetivos, por sua vez, modifiquem a *intensão* do nome. Como adjetivos em posição de predicado em sentenças copulares têm apenas acesso à modificação extensional — como demonstrado pela impossibilidade da leitura intensional em (143b, 144b), assim como pela agramaticalidade nessas construções do conjunto adicional de adjetivos apresentados por Borges Neto (149) —, essa seria uma evidência de que uma boa parte dos adjetivos atributivos não teria como origem orações relativas.

- (149) a. o **suposto** assassino (Português)  
 a’. \*o assassino é **suposto**  
 b. um **perfeito** idiota  
 b’. \*um idiota é **perfeito**  
 c. a **futura** obra  
 c’. \*a obra é **futura**

Siegel (1976) aponta, porém, diferenças entre adjetivos não extensionais (chamados por ela de *adjetivos relativos*, em contraste com os *absolutos*): ainda que todos compartilhem a característica de não modificarem diretamente o indivíduo denotado pelo nome-núcleo, isto é, de alguma forma são não intersectivos, a forma como operam tal modificação é distinta. Como exemplo, comparemos os adjetivos em (150):

- (150) a. um **bom** pintor (Português)  
 b. o **presente** diretor  
 c. o **principal** suspeito  
 d. o **falso** ator  
 e. um **alto** jogador de basquete

Em (150a), o que faz um pintor ser bom depende das propriedades que definem o que é ser *pintor*: ser caprichoso nos detalhes, ter uma técnica apurada, dominar o manejo das tintas etc. Assim, a interpretação do adjetivo depende da intensão do nome-núcleo. Siegel observa que os adjetivos em (150b-d) também são intensionais, mas em outro sentido: eles não modificam a intensão no nome-núcleo, propriamente, mas sim tempos e mundos possíveis.

Em (150b), por exemplo, *o presente diretor* não permite a transferência do adjetivo para hiperônimos, como “o presente pai” ou “o presente homem”; ou seja, o adjetivo não é intersectivo. Ao mesmo tempo, a interpretação de *presente* não depende do que caracteriza alguém como *diretor*, isto é, o adjetivo não é intensional da mesma forma que (150a). De outro modo, *presente* significa “alguém que é X no tempo Y”, sendo Y contemporâneo a algum tempo contextualmente definido.

O adjetivo *falso*, em (150d), é ainda mais peculiar e exhibe uma diferença crucial em relação aos demais. Enquanto os adjetivos em (150a-c) apresentam o mesmo paradigma de inferências de (143)-(144):

- |       |                                                                                                                                                                      |             |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| (151) | <p>X é Adj N</p> <p>João é um bom pintor.</p> <p><math>\models</math> X é N</p> <p>João é um pintor.</p> <p><math>\not\models</math> X é Adj</p> <p>#João é bom.</p> | (Português) |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|

Adjetivos como *falso* não permitem sequer a primeira inferência, isto é, negam a própria relação entre nome-núcleo e indivíduo.

Por outro lado, Siegel (1976) argumenta que a relação do adjetivo em (150e) com o nome-núcleo é de outra ordem. O nome-núcleo define o padrão de comparação na escala sobre a qual o adjetivo incide, mas sem que essa modificação seja intensional, uma vez que a interpretação da combinação de nome e adjetivo não depende estritamente das propriedades do nome. No exemplo, a altura é uma propriedade que o indivíduo tem independentemente de ser ou não jogador de basquete; o que o nome faz é restringir a comparação a um certo conjunto.

Tais adjetivos costumam ser chamados de adjetivos *de medida* ou *grau*. Dada a relevância dessa categoria, trataremos dela numa seção à parte.

### 3.1.1 Adjetivos de grau

Como apresentado ao final da seção acima, adjetivos que trazem embutido em seu significado uma comparação implícita do nome com uma classe relacionada a ele são chamados de adjetivos de grau. Retomando os dados em (150), vemos que há uma diferença clara entre os adjetivos (150b-d) e (150a,e) nesse sentido: enquanto aqueles não implicam em qualquer espécie de comparação<sup>69</sup>, intuitivamente percebemos que (150a) pressupõe a existência de graus de qualidade de pintores, enquanto (150e) só faz sentido na medida em que haja pessoas mais baixas que o referente. Assim, poderíamos nos perguntar se (150a) e (150e) representam a mesma subcategoria de adjetivos de grau.

Siegel, partindo dos contrastes na interpretação entre esses dois exemplos, defende que não. Ela propõe um diagnóstico para o Inglês que permitiria distinguir adjetivos identificados por ela como intensionais, em (150a), dos que ela chama de adjetivos “de medida”, como (150e), a partir da explicitação do parâmetro de comparação: adjetivos intensionais utilizariam a preposição *as* ‘enquanto’, ao passo que adjetivos de medida requereriam *for* ‘para’.

(152) a. a **good** car (**good** as a car) (Inglês)  
um bom carro (bom enquanto um carro)  
‘Um bom carro (bom enquanto carro)’.

b. **bad** library (**bad** as a library)  
ruim biblioteca ruim enquanto uma biblioteca  
‘Uma biblioteca ruim (ruim enquanto biblioteca)’.

(SIEGEL, 1976, p. 110-111)

(153) a. Irene is **tall** (for a woman).  
Irene é alta para uma mulher  
‘Irene é alta (para uma mulher).’

b. The library is **tall** (for a building).  
a biblioteca é alta para um prédio  
‘[O prédio d]A biblioteca é alta[o] (para um prédio).’

<sup>69</sup> Poderíamos pensar que *principal*, em (150c), indica a existência de outros suspeitos; no entanto, acreditamos que isso seja uma implicatura, não um acarretamento. Como evidência, notamos que é plenamente possível pronunciar (150c) em um contexto em que haja apenas um suspeito, isto é, em que o *principal* suspeito é, também, o único.

- c. Erica is a **tall** child (**tall** for a child).  
 Erica é uma alta criança alta para uma criança  
 ‘Erica é uma criança alta (alta para uma criança).’  
 (SIEGEL, 1976, p. 107)

O que está em jogo no contraste entre (152) e (153) não é exatamente a preposição utilizada, mas o que cada preposição simboliza em termos da interpretação dos adjetivos. O uso de *as* ‘enquanto’ demonstraria que precisamos entender a denotação do nome para conseguirmos interpretar o adjetivo. Em (152b), por exemplo, é apenas a partir de nosso conhecimento de quais aspectos de uma biblioteca poderiam fazê-la boa ou ruim que conseguimos atribuir significado ao sintagma; como Siegel exemplifica, é possível que a coleção de livros seja fraca ou pequena, que o processo de empréstimo seja difícil, ou mesmo que a localização da biblioteca seja ruim (seja geograficamente, seja a constituição do próprio prédio, p. ex., sem banheiros, poucas mesas etc.). Por outro lado, em (153), tudo que precisamos saber de *woman* ‘mulher’, *building* ‘prédio’ ou *child* ‘criança’ é quais são os pontos médios numa escala de altura que cada um desses nomes fixa de acordo com o contexto.

Adicionalmente, note-se que uma distinção importante entre (152) e (153) é que os adjetivos, nos exemplos em (152), não pressupõem uma comparação com outros indivíduos: ao dizermos *um bom carro* ou *uma biblioteca ruim*<sup>70</sup>, não estamos necessariamente comparando-os a outros carros ou outras bibliotecas; a avaliação é feita a partir das características do próprio nome-núcleo. Por outro lado, em (153), qualquer julgamento depende do grupo em relação ao qual a comparação é feita.

A partir desse raciocínio, Siegel argumenta que adjetivos de medida seriam, na realidade, uma classe especial de adjetivos intersectivos (nos termos da autora, “absolutos”) — e não mais adjetivos subsectivos ou não intersectivos (ou “relativos”). Para dar conta da impossibilidade de acarretamento em (143) e (146), que em princípio colocam em xeque o estatuto de tais adjetivos como intersectivos, ela defende que não é preciso que a classe de comparação esteja gramaticalmente representada, já que ela pode ser recuperada no contexto. Tomemos (154) como exemplo.

- (154) Ela é muito **engraçada**. (Português)

<sup>70</sup> Talvez nesse caso, melhor seria ‘uma péssima biblioteca’ como tradução, já que o adjetivo pós-nominal em Português favorece a leitura de comparação.



- (157) professor **novo**
- a. Você viu que eles contrataram um professor **novo**?
  - b. Professores **novos** sempre são muito animados.
  - c. Ele é fácil de reconhecer porque é um professor **novo**, tem cara de criança.

A leitura preferencial em (156), representada em (156a), é de que se trata de um professor recém-contratado; alternativamente, o sintagma pode se referir também a alguém recém-formado — portanto, cuja “professorice” é nova (156b). Tanto a leitura de formatura quanto de titulação recentes são possíveis também na posposição (157a-b), além, ainda, de uma leitura de idade, isto é, de uma pessoa que é nova e é professora (talvez, houvesse preferência em se dizer, nesse caso, *um professor jovem*) — esta, sim, não disponível em anteposição.

Tanto em (155) quanto em (156)-(157), há uma leitura na anteposição em que o adjetivo toma o nome-núcleo como sua única referência, sem que o nome defina uma classe de comparação contra a qual a combinação de nome e adjetivo seja contrastada. Um *novo professor* pode ser alguém cuja “professorice” é recente — mas nada é assumido sobre haver outros professores para comparação no contexto. Um *professor novo*, por outro lado, é alguém que foi contratado recentemente, ou que é mais jovem ou tem menos experiência em relação a outros professores. Da mesma forma, um *alto executivo* é alguém cuja “executivice” é alta, enquanto um *executivo alto* é alguém cuja altura é maior que de outros executivos. A ausência de comparação com outros indivíduos na anteposição talvez seja a razão pela qual adjetivos nessa posição são descritos como tendo leitura não restritiva (conforme apresentado na seção 2.2.1). Assim, a diferença entre esses exemplos reside, apenas, em quão especializadas as leituras já se tornaram no caso de *alto* de acordo com a posição.

Siegel (1976) dá conta desse aparente impasse reconhecendo a possibilidade de que alguns adjetivos sejam ora modificadores relativos (ou não extensionais), ora absolutos (intersectivos), incluindo adjetivos de medida típicos (cujo significado está relacionado com dimensões, como ‘alto’, ‘grande’ etc). Ela apresenta, inclusive, exemplos do Italiano bastante similares a (155) em que o mesmo contraste é observado (158).

- (158) a. uomo **grande** (Italiano)  
 homem grande  
 Leitura: Um homem grande fisicamente.  
 #Leitura: Um homem de grandes feitos.

a'. **grande** uomo

grande homem

#Leitura: Um homem grande fisicamente.

Leitura: Um homem de grandes feitos.

b. ufficiale **alte**

oficial alto

Leitura: Um oficial alto fisicamente.

#Leitura: Um oficial alto na hierarquia.

b'. **alte** ufficiale

alto oficial

#Leitura: Um oficial alto fisicamente.

Leitura: Um oficial alto na hierarquia.

(FORNACIARI, 1884, apud SIEGEL, 1976, p. 125)

Segundo a autora, os exemplos do Italiano em (158) demonstrariam claramente a distinção entre adjetivos “verdadeiramente intensionais” de adjetivos de medida: enquanto, em (158a,b), os referentes são modificados em uma escala (de tamanho e de altura, respectivamente), parafraseável por *for a* ‘para um’, em (158a', b') haveria modificação intensional, não disponível em posição predicativa e não parafraseável pela mesma estrutura. Assim, o Italiano traria uma evidência concreta das duas diferentes formas de inserção de adjetivos no DP<sup>73</sup>.

Explicar a diferença entre as duas leituras desses adjetivos a partir da estipulação de que tenham estruturas semânticas e sintáticas radicalmente distintas deixa escapar a similaridade de leitura que um adjetivo com mudança clara de significado como *alto* tem com um adjetivo não especializado como *novo*, como discutido nos exemplos (156)-(157); no entanto, Siegel é levada a essa conclusão pelas suas premissas, especialmente por assumir que

<sup>73</sup> Siegel (1976) assume como regra para o Italiano que as interpretações disponíveis na anteposição não estejam disponíveis na posposição, o que de fato se aplica aos adjetivos com mudança de significado, mas não a todos os adjetivos. Como exemplificado em (156)-(157), ainda que haja uma leitura na posição pós-nominal que não está disponível na anteposição, há também uma leitura na posposição que não está disponível em posição predicativa — nomeadamente, aquela em que o que é novo é a titulação, ou a “professorice”, do referente:

- a. Nossa, mas esse professor é **novo**, né? Ele nem sabe onde fica a sala de aula.
- b. Nossa, mas esse professor é **novo**, né? Eu achei que era aluno.
- c. #Nossa, mas esse professor é **novo**, né? Ele não domina bem a sala de aula.

Esse ponto não é essencial para a argumentação de Siegel, já que, como apresentado, ela reconhece a existência de adjetivos de medida que podem ter leitura intensional. No entanto, esses dados demonstram que há mais gradiência nos dados do que a autora assume.

tais características sejam codificadas lexicalmente. Assim, para implementar tal proposta, aproximando adjetivos de medida de adjetivos intersectivos típicos, Siegel propõe que os itens identificados pelo seu diagnóstico como adjetivos de medida (permitir paráfrase por *for a* ‘para um’) possuem duas entradas no léxico (*doublets*): uma intersectiva, que corresponderia à leitura de medida (pós-nominal em línguas como Italiano e Português); e uma intensional, que corresponderia às leituras “sem comparação” descritas ao longo dessa seção e no capítulo anterior (que seria pré-nominal em Italiano — mas ver nota 73). A existência das duas entradas seria responsável, assim, pela ambiguidade existente na interpretação de vários adjetivos pré-nominais em Inglês<sup>74</sup> — e, podemos acrescentar, pela possibilidade de alguns itens lexicais de aparecerem tanto antepostos quanto pospostos em Português.

Há, no entanto, uma abordagem alternativa à polissemia para esses dados, que relaciona as diferenças de leitura apresentadas de (155) a (158) à interação, proporcionada pelas configurações sintáticas, entre adjetivos e escalas (KENNEDY, 1997; KENNEDY; MCNALLY, 2005; com dados do Português Brasileiro, SUDRÉ, 2020; QUADROS GOMES; SUDRÉ, 2020).

Primeiramente, é interessante delimitarmos com mais precisão o conjunto de adjetivos sobre o qual essas abordagens se debruçam, uma vez que os diagnósticos de Siegel (1976) ainda são um tanto imprecisos. Quadros Gomes e Sudré (2020) sugerem uma série de testes independentes para identificação de adjetivos de grau: eles podem ser intensificados (159); figurar em construções comparativas (160); ser complemento de verbos como ‘achar’, ‘considerar’ (161); e receberem o sufixo *-íssimo* (sem mudança de significado) (162)<sup>75</sup>.

- |       |                                                                                                           |             |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| (159) | a. Este funcionário é muito <b>alto</b> .<br>b. *Esta mesa é muito <b>retangular</b> .                    | (Português) |
| (160) | a. Este funcionário é mais <b>alto</b> que aquele.<br>b. *Esta mesa é mais <b>retangular</b> que a outra. |             |
| (161) | a. Eu acho esse funcionário <b>alto</b> .<br>b. Eu acho essa mesa <b>retangular</b> .                     |             |
| (162) | a. Esse funcionário é <b>altíssimo</b> .<br>b. *Essa mesa é <b>retangularíssima</b> .                     |             |
- (QUADROS GOMES; SUDRÉ, 2020, p. 51)

<sup>74</sup> Ver seção 2.2.1 para uma descrição pormenorizada de tais ambiguidades interpretativas.

<sup>75</sup> Os últimos dois testes são frequentemente sugeridos para identificação de adjetivos avaliativos. Isso não é uma surpresa, uma vez que adjetivos avaliativos são necessariamente de grau.

Kennedy e McNally (2005) utilizam sua análise da distribuição de modificadores de grau com participios como base para desenvolver uma proposta semântica de predicados de grau (incluindo adjetivos, foco de KENNEDY, 1997). Assim como Siegel (1976) já observara, os autores apontam que adjetivos como ‘alto’ e ‘caro’ são interpretados em função de um padrão de comparação, que depende do contexto e não precisa estar necessariamente gramaticalmente representado (cf. (154)):

- (163)     a. Michael Jordan é **alto**.  
              b. A missão Pathfinder de Marte foi **cara**.  
              (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 349, tradução minha)

O padrão de comparação, por sua vez, depende da seleção de uma classe de comparação, que também é feita contextualmente, o que faz com que as condições de verdade de sentenças como em (163b) possam variar: se considerarmos o custo médio de missões especiais, a missão Pathfinder foi relativamente barata; contudo, se consideramos o investimento nessa missão em relação a outros projetos, ela foi bastante custosa (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 349). Ambas as interpretações são possíveis a partir da mesma sentença em (163b), o que demonstra a natureza contextual da interpretação do padrão.

Kennedy e McNally propõem que adjetivos graduais mapeiam seus argumentos a *graus*, entendidos como pontos ou intervalos parcialmente ordenados em relação a uma *dimensão* lexicalmente selecionada (por exemplo, *alto* estaria relacionado à dimensão de ALTURA, ou EXTENSÃO LINEAR); o conjunto de graus ordenados, por sua vez, corresponderia a uma *escala*<sup>76</sup>. Semanticamente, os autores assumem que adjetivos de grau codifiquem relações de indivíduos a graus, como exemplificado pela denotação de ‘caro’:

- (164)      $[[\text{caro}]] = \lambda d. \lambda x. \text{caro}(x) = d$

Em (164), ‘caro’ “representa uma função de medida que toma um indivíduo e devolve seu custo, [como] um grau na escala associada com o adjetivo”, ou seja, “uma relação entre

<sup>76</sup> Para uma argumentação sobre as vantagens de análises baseadas em graus/escalas, ver Kennedy (1997).

graus de custo  $d$  e objetos  $x$  tal que o custo de  $x$  seja igual a  $d$ ” (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 349, tradução minha<sup>77</sup>).

O valor do argumento de grau é determinado e/ou restringido morfossintaticamente, seja pela morfologia de grau (como comparativos, modificadores de grau, ou sintagmas de medida em Inglês), seja por um morfema de grau nulo, *pos* (referente à “forma positiva”), que os autores assumem estar presente na maioria dos APs; em todos os casos, a função da morfologia de grau é estabelecer uma relação apropriada entre o argumento de grau do adjetivo e um padrão de comparação. No caso de *pos*, Kennedy e McNally (2005, p. 350, tradução nossa, grifo dos autores) assumem que:

[...] *pos* codifique a relação **padrão**, que se aplica ao grau  $d$  apenas se ele corresponder a um padrão de comparação para um adjetivo  $G$  em relação a uma classe de comparação determinada por  $C$ , uma variável de propriedades de indivíduos cujo valor é determinado contextualmente [...]

A relação **padrão** tem como requerimento que o grau  $d$  seja igual ou maior que uma média ou valor de referência (identificado contextualmente a partir da classe de comparação  $C$ ) na escala associada a  $G$ . Dessa forma, os autores sugerem a seguinte denotação para *pos*:

$$(165) \quad [[pos]] = \lambda G. \lambda x. \exists d [\text{padrão}(d)(G)(C) \wedge G(d)(x)]$$

As escalas dos adjetivos de grau, por sua vez, são constituídas de três parâmetros, lexicalmente determinados: um conjunto de graus; uma dimensão; e uma relação de ordem. Escalas podem se diferenciar umas das outras em uma ou mais dessas propriedades: dimensão distingue adjetivos como ‘alto’ e ‘flexível’ (mas que expressam a mesma relação positiva de ordenamento), enquanto é a relação de ordenamento que diferencia a maior parte dos pares antônimos como ‘alto’ e ‘baixo’, ‘vazio’ e ‘cheio’ etc. (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 351). Essas propriedades são relevantes na medida em que são capazes de capturar por que certas comparações são anômalas. Nos exemplos a seguir, por exemplo, (166a), em que tanto o adjetivo ‘largo’ quanto o adjetivo ‘alto’ utilizam a dimensão de EXTENSÃO, é boa, enquanto (166b), em que os adjetivos utilizam escalas diferentes, é agramatical (ou, no mínimo, causa estranhamento).

<sup>77</sup> No original: [...] where expensive represents a measure function that takes an entity and returns its cost, a degree on the scale associated with the adjective [...] a relation between degrees of cost  $d$  and objects  $x$  such that the cost of  $x$  equals  $d$ .

- (166) a. They call him ‘The Bus’ because he’s kind of as **wide** as he is **tall**.  
 ‘Eles chamam ele de ‘O Ônibus’ porque ele é meio que tão largo quanto ele é alto.’  
 b. ??They call him ‘The Bus’ because he’s kind of as **wide** as he is **punctual**.  
 ‘Eles chamam ele de ‘O Ônibus’ porque ele é meio que tão largo quanto ele é pontual.’  
 (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 352)

Outra propriedade estrutural relevante das escalas sobre a qual os autores se debruçam é a possibilidade de que sejam fechadas (tanto em grau mínimo quanto em grau máximo), parcialmente fechadas (apenas em grau mínimo ou apenas em grau máximo) ou abertas (sem valores mínimos ou máximos). As possibilidades estão representadas em (167).

(167) Padrões de estrutura escalar

- a)  Escala aberta (p. ex., ‘caro’, ‘alto’)  
 b)  Escala fechada no grau mínimo (p. ex., ‘torto’, ‘aberto’)  
 c)  Escala fechada no grau máximo (p. ex., ‘puro’, ‘limpo’)  
 d)  Escala fechada (p. ex. ‘cheio’, ‘fechado’, ‘invisível’)

(KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 355)

Adjetivos de escala fechada são aqueles que apresentam tanto um grau mínimo quanto um grau máximo — por exemplo, o par ‘cheio’ e ‘vazio’. ‘Cheio’ representa o grau máximo nessa escala, i.e., não há nenhum grau acima dele; por outro lado, ‘vazio’ representa o grau mínimo (fechado) no outro extremo da escala, menor que qualquer outro. No mesmo sentido, escalas fechadas no grau mínimo são aquelas que requerem apenas um grau mínimo da propriedade codificada, por menor que seja: uma linha que seja traçada ao longo de uma régua, mas que tenha uma pequena irregularidade de milímetros, já pode ser chamada de ‘torta’<sup>78</sup>; ou, então, se uma porta foi apenas encostada e o trinco não encaixou na fechadura, ela já pode ser dita ‘aberta’<sup>79</sup>. Por outro lado, propriedades com escalas fechadas no grau máximo exigem que

<sup>78</sup> Ou seja, a escala é fechada pois há um valor 0, inferior a qualquer outro no conjunto: “reto”; qualquer outro valor já implica em algum grau de “tortidão”. Assim, a escala de RETIDÃO tem uma ponta fechada no grau mínimo (“reto”) e uma ponta aberta (“torto”).

<sup>79</sup> Kennedy e McNally interpretam o uso “frouxo” que fazemos de adjetivos de escala fechada ou parcialmente fechada (como dizer que a porta estava fechada nesse contexto descrito, por exemplo) como uma instância de *pragmatic halo* (halo ou auréola pragmática), um conceito desenvolvido originalmente por Peter Lasnik. Segundo essa proposta, o halo pragmático de uma expressão é o conjunto de denotações que diferem da denotação original da expressão apenas em algum sentido pragmaticamente irrelevante no contexto; assim, valores no halo pragmático são tidos como aceitáveis, mesmo que sejam, estritamente falando, falsos (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 357).

o objeto apresente grau máximo: qualquer impureza já impede que algo seja classificado como ‘puro’, assim como um pequeno grão de pó já pode levar os mais exigentes a não aceitarem uma superfície como ‘limpa’. Por fim, adjetivos de escala aberta não apresentam nem pontos mínimos, nem pontos máximos: por exemplo, não há um valor absoluto que permita que algo seja entendido como absolutamente ‘caro’.

Para identificar qual escala cada adjetivo de grau apresenta, os autores sugerem alguns diagnósticos. Primeiramente, apenas adjetivos de escala fechada são aceitáveis com modificadores de proporção como *half* ‘metade’, *mostly* (sem correlato direto em PB; em termos de significado, similar a ‘predominantemente’) e *most of the way* (lit. ‘a maior parte’; similar a ‘quase’, ‘praticamente’) (168). Como demonstrado em (169), adjetivos de escala aberta são estranhos com esses modificadores. Isso se deve ao fato que tais proporções precisam tanto de um ponto mínimo quanto de um ponto máximo para poderem ser computadas; a ausência de qualquer um deles já impede que identifiquemos um ponto médio, por exemplo.

- (168) a. The glass is half/mostly **full**. (Inglês)  
           ‘O copo está metade/predominantemente cheio.’  
       b. Her eyes were half/most of the way **closed**.  
           ‘Os olhos dela estavam metade/praticamente fechados.’  
       c. These images are half/mostly **invisible**.  
           ‘Essas imagens estão metade/predominantemente invisíveis.’
- (169) a. ?? The rope is half/mostly **long**.  
           ‘A corda é/está metade/predominantemente longa.’  
       b. ?? A 15-year-old horse is half/mostly **old**.  
           ‘Um cavalo de 15 anos é metade/predominantemente velho.’  
       c. ?? That car was half/mostly **expensive**.  
           ‘Aquele caro era metade/predominantemente caro.’  
       (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 352-353)

Para diferenciar adjetivos de escala aberta de adjetivos de escala parcialmente fechada, por sua vez, os autores sugerem um diagnóstico com modificadores orientados para um ponto final, i.e., modificadores que selecionam graus máximos/mínimos, como *completely* ‘completamente’, *fully* ‘totalmente’ ou *100%*<sup>80</sup>. Com adjetivos de escala parcialmente fechada

<sup>80</sup> É necessário deixar de lado a leitura de intensificação possível ao menos em PB com tais advérbios.

(170), tais modificadores são compatíveis com um dos elementos do par de adjetivos que se aplica à propriedade (aquele fechado no grau máximo), enquanto se mostram incompatíveis com qualquer adjetivo associado a escalas abertas (171).

- (170) a. The pipe is fully **straight**/?**bent**. (Inglês)  
 ‘O cano está totalmente reto/?torto.’  
 b. The room became 100% **quiet**/?**loud**.  
 ‘O quarto ficou 100% silencioso/?barulhento.’  
 c. The treatment is completely **safe**/?**dangerous**.  
 ‘O tratamento é completamente seguro/?perigoso.’
- (171) a. Her brother is completely ??**tall**/?**short**.  
 ‘O irmão dela é completamente ??alto/?baixo.’  
 b. The pond is 100% ??**deep**/?**shallow**.  
 ‘O lago é 100% ??fundo/?raso.’  
 c. Max is fully ??**eager** to help.  
 ‘Max está totalmente ansioso para ajudar.’  
 (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 355)

Kennedy e McNally apontam que a estrutura escalar também exerce um papel central na determinação do padrão de comparação. Como vimos já no trabalho de Siegel (1976), é comum a assunção de que adjetivos de grau tenham seu padrão de comparação determinado contextualmente. Contrários a isso, Kennedy e McNally ressaltam que esse não é o caso de todos os adjetivos (ou predicados) de grau: adjetivos de escala fechada ou parcialmente fechada têm como padrão de comparação o(s) próprio(s) grau(s) mínimo e/ou máximo lexicalmente codificado. Como evidência, os autores apontam as sentenças em (172), em que não há qualquer padrão contextualmente determinado que precise ser excedido; basta que um grau mínimo da propriedade introduzida pelo adjetivo seja atingido.

- (172) a. The baby is **awake**. (Inglês)  
 ‘O bebê está acordado.’  
 b. The spot is **visible**.  
 ‘A mancha está visível.’  
 c. The door is **open**.  
 ‘A porta está aberta.’

d. The rod is **bent**.

‘A haste está torta.’

(KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 356)

Para dar nome a essa diferença, os autores chamam de *adjetivos absolutos* aqueles cujo padrão de comparação não é definido contextualmente (i.e., aos adjetivos de escala fechada ou parcialmente fechada), e de *adjetivos relativos* aqueles cujo padrão de comparação é dependente do contexto.

Quadros Gomes e Sudré (2020) argumentam que essa proposta dá conta de um problema clássico de adjetivos em Português: a possibilidade de alguns adjetivos figurarem tanto antes como depois do nome-núcleo. As autoras observam que, em PB, há três padrões de comportamento de adjetivos: aqueles exclusivamente pré-nominais (173a); os exclusivamente pós-nominais (173b); e os que podem ocupar tanto a ante quanto a posposição, com ou sem mudança de significado (174).

- |       |                                                                                                                          |             |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| (173) | a. o <b>futuro</b> marido<br>a'. *o marido <b>futuro</b><br>b. a mesa <b>retangular</b><br>b'. *a <b>retangular</b> mesa | (Português) |
| (174) | a. o <b>grande</b> homem<br>a'. o homem <b>grande</b><br>b. a <b>bela</b> mesa<br>b'. a mesa <b>bela</b>                 |             |

As autoras propõem que os adjetivos de posicionamento variável são, precisamente, os adjetivos de grau. As interpretações diferentes em cada posição decorreriam da interação entre a semântica do adjetivo (e de sua escala) e a configuração sintática: a anteposição indicaria uma posição hierárquica alta, que levaria a uma interpretação intensional devido ao padrão de comparação ser fixado dentro do domínio de projeções funcionais na periferia esquerda no DP, enquanto, na posposição, a identificação do padrão de comparação se daria contextualmente, levando na maioria dos casos a uma interpretação extensional — como na aproximação entre adjetivos de grau e adjetivos intersectivos de Siegel (1976).

### 3.1.2 Insuficiência da posição predicativa

Retomando a discussão central desta seção, a impossibilidade de alguns adjetivos de figurarem em orações relativas com certas leituras, exclusivas da posição atributiva (175), foi tomada como evidência por muitos de que uma análise que assuma que (todos os) adjetivos atributivos têm como origem orações relativas não é capaz de dar conta dos dados de maneira satisfatória.

- (175) a. #Meu amigo é **velho**. (Português)  
           Leitura pretendida: ‘Meu velho amigo.’  
       b. #O executivo é **alto**.  
           Leitura pretendida: ‘O executivo é da alta hierarquia.’

Note-se que, na análise de que estes casos se referem a adjetivos de grau, a derivação a partir de orações relativas também é inadequada, uma vez que, em posição predicativa (como em (175)), o padrão de comparação é fixado livremente no contexto e dá origem apenas à interpretação intersectiva.

Talvez mais problemático, ainda, para a proposta de que todos os adjetivos seriam derivados de uma mesma fonte predicativa, são os casos de adjetivos exclusivamente predicativos (176a), assim como daqueles exclusivamente atributivos (176b), que não podem figurar em posição predicativa nem mesmo com mudança de significado.

- (176) a. the man is **asleep** (Inglês)  
           o homem está adormecido  
           ‘O homem está adormecido/dormindo.’  
       a’. \*an **asleep** man  
           um adormecido homem  
           (BOLINGER, 1967, p. 3)  
       b. um **mero** acidente (Português)  
       b’. \*o acidente foi **mero**

Há, também, certas línguas cujos dados demonstram que, ao menos nelas, adjetivos atributivos não podem ter como fonte orações relativas. Esse é o caso, por exemplo, do Ojibua.

Nessa língua, orações relativas exibem *ablaut*<sup>81</sup> na margem esquerda do complexo verbal. Assim, a ausência dessa alternância nos adjetivos seria uma evidência de que eles não se tratariam de orações relativas reduzidas<sup>82</sup>:

- (177) a. \***mesko-** magood (cf. misko-) (Ojíbuja)  
 ABL-vermelho- vestido.NI  
 Leitura pretendida: ‘um vestido vermelho’  
 b. \***Enishinaabe-** mashkimod (cf. Anishinaabe-)  
 ABL.ojíbuja bolsa.NI  
 Leitura pretendida: ‘uma bolsa ojíbuja’  
 (ROSEN, 2016, p. 165)

Cinque (2010) lista, ainda, alguns outros fatores que reforçam a inadequação de assumir a posição predicativa como fonte de todos os adjetivos atributivos. Em línguas que permitem tanto a anteposição quanto a posposição de adjetivos atributivos, como o Português e o Inglês, mas em que orações relativas (não reduzidas) se limitam a uma única posição (nessas duas línguas, por exemplo, são exclusivamente pós-nominais), seria necessário postular algum processo derivacional obrigatório no caso de adjetivos exclusivamente antepostos, mas ao mesmo tempo proibido no caso de adjetivos exclusivamente pospostos. Além disso, é difícil de explicar restrições de ordem (como apresentado na seção 2.2.3) se todos os adjetivos advêm de orações relativas reduzidas, uma vez que orações relativas não estão sujeitas a tais restrições (isto é, orações relativas com adjetivos, como *small clauses*, não são ordenadas de acordo com a semântica do item lexical que funciona como predicado).

Como Cinque observa, propor derivações a partir de orações relativas diversas para dar conta de todos os casos, com adjetivos tendo como fonte advérbios ou verbos (de modo semelhante à análise de Vendler), exige que assumamos regras e restrições arbitrárias, por vezes para dar conta de apenas uns poucos adjetivos. Tais proposições dificilmente se justificam, especialmente considerando a elegância e a economia do aparelho derivacional —motivos que originam a proposta de que todos os adjetivos sejam derivados de orações relativas.

Resta como opção que adjetivos sejam ou especificadores ou núcleos de projeções funcionais dedicadas, ou adjuntos em algum nível na projeção estendida do N. Nesse sentido,

<sup>81</sup> *Ablaut*, um tipo especial de apofonia, é um fenômeno em que usos ou significados específicos se manifestam por meio de alterações sistemáticas nas vogais de uma mesma raiz ou afixo.

<sup>82</sup> Ou, ao menos, que tais orações não contem com uma camada CP (ROSEN, 2016).

a existência tanto de adjetivos como *alto*, com leituras exclusivas em anteposição ou posposição, como daqueles que ainda não se especializaram, mas demonstram preferências de leitura que vão na mesma direção daquelas dos especializados, enfraquece a proposta (ao menos aquela com base no contraste das leituras) de que os primeiros seriam núcleos na projeção estendida do nome, dado que, nesse caso, a leitura derivada dos adjetivos em posição de núcleo estaria também disponível para os demais adjetivos (sejam eles, nessa proposta, adjuntos ou especificadores)<sup>83</sup>. Por outro lado, a impossibilidade de que adjetivos pré-nominais tenham complementos (como apresentado na seção 2.3.1) ou sejam modificados (com algumas exceções — ver seção 2.3.2) advoga contra a proposição de que eles teriam estatuto de projeções máximas.

Assim, até o momento, claramente não há uma solução unificadora para o tratamento da sintaxe dos adjetivos. Uma vez que se aceite que adjetivos atributivos podem ser inseridos no DP a partir de mecanismos diversos, porém, continua teoricamente interessante que se busque restringir tanto quanto possível a gama de mecanismos à disposição das línguas, vinculando-os a padrões de comportamento linguístico de adjetivos. Nesse sentido, a observação fundamental de Siegel (1976), assim como de outros autores antes e depois dela, quanto a diferenças de posicionamento e de interpretação de adjetivos motivou a proposição de uma distinção que tem sido bastante utilizada em análises contemporâneas de adjetivos atributivos: a existência da modificação direta e indireta.

### 3.1.3 Modificação direta e indireta

Da mesma forma que há línguas que demonstram claramente que adjetivos atributivos *não* têm como estrutura subjacente uma oração relativa, há outras em que esse vínculo se evidencia. Esse é o caso do Mandarim. Como descrevem Sproat e Shih (1991), nessa língua a maioria dos itens tipicamente identificados como adjetivos (178) se comporta como verbos intransitivos (179); quando aparecem como modificadores no DP, em posição pré-nominal, são marcados pela partícula *-de* (180), que também é utilizada em orações relativas típicas (181) e em possessivos.

---

<sup>83</sup> As propostas de que as diferentes leituras seriam apenas resultado da interação entre a configuração sintática e semântica de adjetivos de grau também advoga contra a análise de que adjetivos com leitura especializada na anteposição seriam núcleos. De acordo com essa análise, porém, é curioso que certas línguas (como Galês) permitam apenas alguns adjetivos (de grau) na anteposição.

- (178) a. tiānqì **hǎo** (Mandarim)  
tempo bom  
‘O tempo está bom.’  
b. bǐ **guì**  
caneta caro  
‘Canetas são caras.’  
c. kǒnglóng **dà**  
dinossauro grande  
‘Dinossauros são grandes.’
- (179) a. niǎo fēi  
pássaro voar  
‘Pássaros voam.’  
b. nèizhī gǒu jiào  
aquele cachorro latir  
‘Aquele cachorro está latindo.’  
c. chēzi lái  
carro vir  
‘O carro está vindo.’  
(SPROAT; SHIH, 1991, p. 572)
- (180) a. **hǎo**-de tiānqì  
bom-DE tempo  
‘tempo bom’  
b. **guì**-de bǐ  
caro-DE caneta  
‘caneta cara’  
c. **dà**-de kǒnglóng  
grande-DE dinossauro  
‘dinossauro grande’
- (181) a. fēi-de niǎo  
voar-DE pássaro  
‘os pássaros que estão voando’  
b. nèizhī jiào-de gǒu  
aquele latir-DE cachorro  
‘o cachorro que está latindo’

- c. lái-de chēzi  
 vir-DE carro  
 ‘o carro que está vindo’  
 (SPROAT; SHIH, 1991, p. 573)

Ainda que essa situação se aplique à maioria dos adjetivos, porém, há também alguns que não requerem, ou mesmo não permitem, a partícula *-de*. Essas construções estão sujeitas a algumas restrições particulares, não compartilhadas com aquelas em que a partícula *-de* acompanha os adjetivos<sup>84</sup>: há efeito da ROA (cf. seção 2.2.3), e no máximo dois adjetivos podem coocorrer.

- (182) a. **xiǎo lǜ** huāpíng (Mandarim)  
 pequeno verde vaso  
 ‘vaso pequeno verde’  
 a’. \***lǜ xiǎo** huāpíng  
 verde pequeno vaso  
 b. **hǎo yuán** pánzi  
 bom redondo prato  
 ‘prato redondo bom’  
 b’. \***yuán hǎo** pánzi  
 redondo bom prato  
 c. **xiǎo fāng** zhuōzi  
 pequeno quadrado mesa  
 ‘mesa quadrada pequena’  
 c’. \***fāng xiǎo** zhuōzi  
 quadrado pequeno mesa  
 (SPROAT; SHIH, 1991, p. 567)

A partir desses dados, os autores concluem que o Mandarim traz evidências de duas estruturas subjacentes para adjetivos atributivos: adjetivos acompanhados da partícula *-de* seriam orações relativas reduzidas, como indicado pelo paralelo dessas construções com outras orações relativas, assim como pela possibilidade de esses itens atuarem como verbos

<sup>84</sup> Além disso, apenas adjetivos monossilábicos podem ocorrer nessa construção, como apresentado na seção 2.3.3.

intransitivos; por outro lado, adjetivos sem a partícula *-de* seriam especificadores na projeção estendida do nome, em uma configuração que estaria disponível à aplicação da ROA.

Um argumento adicional que reforça a impossibilidade de reduzirmos a segunda estrutura à primeira é o padrão de ocorrência de adjetivos não intersectivos. Sproat e Shih observam que adjetivos não intersectivos são exclusivamente atributivos em Mandarim (183) e não podem figurar como verbos intransitivos (184); assim, seria esperado que eles também não pudessem ser acompanhados da partícula *-de*, uma vez que ela indica a presença de uma estrutura prediativa subjacente. De fato, esse é o quadro que se encontra (185).

- (183) a. **qián** zǒngtǒng (Mandarim)  
antigo presidente  
'antigo presidente'
- b. **wèi** yào  
falso remédio  
'remédio falso'
- (184) a. \*zhèige zǒngtǒng **qián**  
este presidente antigo
- b. \*nèifù yào **wèi**  
aquele remédio falso
- (185) a. \***qián**-de zǒngtǒng  
antigo-DE presidente
- b. \***wèi**-de yào  
falso-DE remédio
- (SPROAT; SHIH, 1991, p. 574)

Ainda que a derivação sugerida por Sproat e Shih (1991) para cada uma das duas estruturas não seja completamente compatível com assunções teóricas sintáticas contemporâneas, o conceito geral que motiva sua proposta é o seguinte: adjetivos derivados de orações relativas reduzidas se combinariam com uma variável interna à oração, coindexada com o nome-núcleo; assim, esses adjetivos modificariam o nome-núcleo *indiretamente*, já que teriam acesso direto apenas à variável<sup>85</sup>. Em contraste, o outro grupo de adjetivos, que se encontra na projeção estendida do nome, pode modificá-lo *diretamente*. A modificação indireta,

<sup>85</sup> Isso remete a PredP, como sugerido por Stavrou (2012) e apresentado na seção 2.1.1.

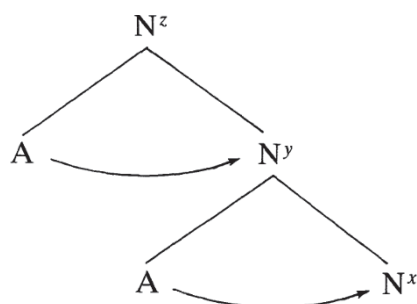
seguindo o padrão das orações relativas, é sempre intersectiva. Assim, adjetivos intensionais, como aqueles exclusivamente atributivos em Mandarim, só seriam compatíveis com a modificação direta.

Sproat e Shih fazem, ainda, mais uma distinção em relação à modificação direta: segundo os autores, ela poderia ser paralela ou hierárquica. Referimos o leitor, aqui, à discussão já realizada na seção 2.2.2 acerca do escopo de adjetivos atributivos. Neste momento, basta apontar que eles têm em mente construções como (96), repetida a seguir em (186a), em que uma entonação especial entre os adjetivos (a chamada *comma intonation* ‘entonação de vírgula’) permite que os adjetivos não respeitem a ordem preferencial, representada em (186b).

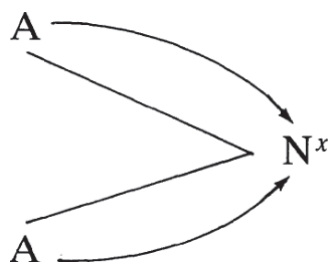
- (186) a. She loves all those **Oriental, orange, wonderful** ivories. (Inglês)  
 ela ama todos aqueles oriental laranja maravilhoso marfins  
 ‘Ela ama todos aqueles marfins orientais, laranjas, maravilhosos.’
- b. She loves all those **wonderful orange Oriental** ivories.  
 ela ama todos aqueles maravilhoso laranja oriental marfins  
 ‘Ela ama todos aqueles marfins orientais laranjas maravilhosos.’  
 (SPROAT; SHIH, 1991, p. 578)

De acordo com Sproat e Shih, a modificação direta paralela se caracterizaria por uma entonação especial, que indicaria o estatuto “independente” de cada adjetivo em relação aos demais. A fim de ilustrar a diferença entre eles, os dois tipos de modificação direta são representados graficamente abaixo:

- (187) a. Modificação direta hierárquica



## b. Modificação direta paralela



(SPROAT; SHIH, 1991, p. 568)

É com base nessa distinção que os autores explicam um último fator em relação ao comportamento de adjetivos atributivos: a aplicação da ROA. Sproat e Shih propõem que a ROA só se realiza sobre adjetivos atributivos em *modificação direta hierárquica*. Assim, eles fazem a previsão de que línguas em que não há modificação direta, ou em línguas em que a modificação direta é paralela, não encontraremos restrições de ordem entre adjetivos. As línguas que permitem que múltiplos adjetivos atributivos coocorram se dividiriam, assim, em dois grupos:

- (188) a. Línguas que
- i. exibem ROA e
  - ii. evidenciam que a modificação adjetival é direta; em particular, adjetivos ocorrem restritamente no escopo de especificadores.
- b. Línguas que
- i. **não** exibem ROA e ou respeitam **(ii)** ou **(iii)**, a seguir:
  - ii. evidenciam que a modificação adjetival envolvida é indireta; em particular, os adjetivos não ocorrem restritamente sob o escopo de especificadores; além disso, talvez haja evidência clara que justifique tratá-los como orações relativas ou apositivas;
  - iii. evidenciam que a modificação adjetival envolvida é paralela.

(SPROAT; SHIH, 1991, p. 579, tradução minha)

Em relação a adjetivos estarem ou não no escopo de especificadores<sup>86</sup>, os autores trazem exemplos do Mandarim que ajudam a entender essa propriedade. Adjetivos em

<sup>86</sup> Ao falar sobre a proposta de Sproat e Shih (1991), seguiremos a terminologia adotada pelos autores, que utilizavam o termo “especificadores” para se referir, até onde entendo, a determinantes (artigos) e demonstrativos.

modificação direta e indireta em Mandarin diferem em relação à sua distribuição sintática: enquanto adjetivos em modificação direta têm posição fixa no DP e precisam aparecer mais próximos ao nome-núcleo que expressões referenciais (como demonstrativos) (189) e os de modificação indireta (190), aqueles em modificação indireta podem figurar tanto antes quanto depois dessas expressões (191).

- (189) a. **\*hóng** zhèige píngguǒ (Mandarin)  
vermelho esta maçã  
b. **\*yuán** měige zhuōzi  
redondo cada mesa  
c. **\*qián** nèige zǒngtǒng  
antigo aquele presidente
- (190) a. **hēi-de xiǎo** shū  
preto-DE pequeno livro  
‘livro preto pequeno’  
b. **\*xiǎo hēi-de** shū  
pequeno preto-DE livro  
(SPROAT; SHIH, 1991, p. 571)
- (191) a. **hóng-de** zhèiběn shū zài zhuōzi shàng.  
vermelho-DE este livro em mesa sobre  
‘Este livro vermelho está sobre a mesa.’  
b. zhèiběn **hóng-de** shū zài zhuōzi shàng.  
este vermelho-DE livro em mesa sobre  
‘Este livro vermelho está sobre a mesa.’  
(SPROAT; SHIH, 1991, p. 575)

Os autores propõem que o posicionamento do adjetivo com a partícula *-de* antes ou depois do demonstrativo indique a natureza da oração relativa como não-restritiva ou restritiva, respectivamente (já que, quando à esquerda do demonstrativo, o adjetivo estaria fora de seu escopo). Essa proposta seria reforçada pelas diferentes implicaturas geradas em (192a) e (192b):

- (192) a. wǒ-de chēzi yǒu **dà**-de liǎngge mén. (Mandarim)  
 eu-DE carro ter grande-DE duas portas  
 ‘Meu carro tem duas portas, que são grandes.’  
 a’. meu carro tem [duas x | porta(x)]<sub>j</sub> e elas<sub>j</sub> são grandes  
 b. wǒ-de chēzi yǒu liǎngge **dà**-de mén.  
 eu-DE carro ter duas grande-DE portas  
 ‘Meu carro tem duas portas grandes.’  
 b’. meu carro tem [duas x | (grande(x) & porta(x))]  
 (SPROAT; SHIH, 1991, p. 577)

De acordo com Sproat e Shih, (192a) é adequada apenas em um contexto em que o carro do enunciador tem exatamente duas portas, que são grandes; já (192b) é adequada em um contexto em que o carro tenha duas ou mais portas, sendo duas delas grandes.

Em resumo, em relação ao quadro em (188), Mandarim seria uma instância de uma língua que, por um lado, exibe ROA com adjetivos sem a partícula *-de*, que não podem ocorrer fora do escopo de especificadores; mas que, por outro lado, não exibe ROA com adjetivos acompanhados de *-de*, havendo evidência (por exemplo, a partir do posicionamento fora do escopo dos especificadores) de que se trata de orações relativas.

Assim, resta apenas um caso a detalhar: línguas que não exibem ROA por exibirem modificação direta paralela. Sproat e Shih (1991) propõem que esse seja o caso do Francês. Segundo os autores, em Francês não haveria ROA, como atestado pela não agramaticalidade, ou ausência de contraste, entre os exemplos em (193).

- (193) a. chien **moyen blanc** (Francês)  
 cachorro médio branco  
 ‘Cachorro de porte médio branco’  
 a’. chien **blanc moyen**  
 cachorro branco médio  
 ‘Cachorro branco de porte médio’  
 b. maison **blanche carée**  
 casa branca quadrada  
 ‘Casa branca quadrada’

b'.maison **carée** **blanche**

cachorro quadrada branca

‘Casa quadrada branca’

c. piano **noir** **antique**

piano preto antigo

‘Piano preto antigo’

c'. piano **antique** **noir**

piano antigo preto

‘Piano antigo preto’

(SPROAT; SHIH, 1991, p. 585)

Diferentemente do Mandarim, não há dados que indiquem que adjetivos podem ocorrer fora do escopo de especificadores altos no DP. No entanto, Sproat e Shih argumentam que, em Francês, há preferência pela inserção de *et* ‘e’ entre adjetivos atributivos adjacentes (194)<sup>87</sup>, o que seria uma evidência de que múltiplos adjetivos atributivos nessa língua estariam em uma estrutura de modificação paralela.

(194) a. chien **moyen** et **blanc** (Francês)

cachorro médio e branco

‘cachorro de porte médio e branco’

b. maison **blanche** et **carée**

casa branca e cara

‘casa branca e cara’

c. piano **noir** et **antique**

piano preto e antigo

‘piano preto e antigo’

d. table **grande** et **ronde**<sup>88</sup>

mesa grande e redonda

‘mesa grande e redonda’

(SPROAT; SHIH, 1991, p. 585-586)

<sup>87</sup> Ou de uma leitura com pausa entre os adjetivos — a já mencionada “entonação de vírgula”.

<sup>88</sup> Sproat e Shih reportam que o informante deles indicou que essa sequência seria agramatical sem a conjunção.

Em contraste, eles apontam que a presença da conjunção entre adjetivos atributivos nos casos equivalentes em Inglês causaria um certo estranhamento.

Com certas alterações, a proposta de Sproat e Shih (1991) ainda é bastante adotável, ou ao menos serve de base para nossas formulações — especialmente em relação à proposição das duas formas de modificação adjetivais no DP. Note-se que a postulação da modificação direta e indireta, por si só, porém, não dá conta da distribuição sintática dos adjetivos (como descrita em 2.1 e 2.2.3) ou de seus padrões de interpretação e de escopo (conforme 2.2.2) sem algumas assunções adicionais.

Assim, partimos dessa exposição quanto à possibilidade de derivarmos adjetivos atributivos de orações relativas para a questão de como esses itens são combinados no DP, tendo como objetivo principal examinar que tipo de relação se estabelece entre a estrutura hierárquica e a ordem linear dos elementos no DP. Para isso, vamos revisar quatro propostas relevantes já feitas na literatura sobre a configuração sintática de adjetivos atributivos, sob dois eixos distintos: na seção 3.2, propostas que assumem que a ordem linear é derivada de relações hierárquicas, baseadas em pressupostos antissimétricos; e, na seção 3.3, propostas que dissociam ordem e estrutura hierárquica. A seção 3.4 traz uma síntese das ideias apresentadas ao longo deste capítulo.

### 3.2 ORDEM LINEAR COMO PRODUTO DE RELAÇÕES HIERÁRQUICAS

Por muito tempo na literatura da gramática gerativa, assumiu-se que não havia uma relação necessária entre hierarquia sintática e ordem linear; acreditava-se que configurações sintáticas poderiam ter seus constituintes ordenados de formas diversas, geralmente com regras de ordenamento que faziam referência à categoria do núcleo (KAYNE, 1994). A proposta do Axioma de Correspondência Linear (LCA) de Kayne (1994), também conhecida como teoria da antissimetria, quebrou com essa tradição ao propor que a ordem linear não era uma estipulação arbitrária, mas sim um produto sistemático das relações hierárquicas presentes na sintaxe: a ordem linear de elementos terminais seria derivada automaticamente de relações de c-comando assimétrico, obrigatórias entre todos os constituintes de configurações sintáticas necessariamente binárias. Temos como consequência, em termos da estrutura X-barra padrão, que núcleos sempre precederiam seus complementos, enquanto adjuntos — limitados a um por projeção — sempre precederiam os núcleos das projeções com que estivessem combinados.

A proposta de Kayne estimulou a criação de novos projetos de pesquisa dentro do quadro teórico de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa, tendo sempre por base a assunção de

que há uma ligação fundamental entre estrutura hierárquica e ordem linear. A forte restrição especialmente em termos da estrutura sintagmática, com a possibilidade de que cada núcleo fosse acompanhado no máximo de um complemento e de um especificador, implicou que novas postulações seriam necessárias para dar conta de fenômenos que anteriormente eram analisados como casos de múltiplos complementos ou múltiplos especificadores (SHLONSKY, 2010).

Como consequência, “se tornou claro que o empobrecimento da *estrutura* deveria ser compensado pela postulação de mais *movimento*” (SHLONSKY, 2010, p. 418, grifos do autor, tradução minha). Em combinação a movimento, também eram necessários *loci* para os quais elementos pudessem se mover, a fim de gerar as configurações de c-comando assimétrico que se traduziriam nas sequências lineares observadas. Como descrito por Shlonsky (2010), dadas as restrições sobre o número de especificadores, isso significava a postulação de novas projeções funcionais — às quais eram atribuídos por vezes certos traços, (sub)componentes de forma ou significado — que, com o advento da virada minimalista, passaram a necessariamente ter conteúdo semântico ou pragmático.

Esse viés analítico eventualmente conduziu à formulação da abordagem cartográfica em sintaxe, que assume, a partir do Princípio da Uniformidade<sup>89</sup>, que todas as línguas compartilham a mesma estrutura sintagmática funcional subjacente, quer uma certa categoria se manifeste ou não em línguas particulares (CINQUE; RIZZI, 2008). Assim, se há evidência numa língua da existência de um certo núcleo funcional, assume-se que ele faça parte da estrutura disponível de todas as línguas<sup>90</sup>.

Os dois trabalhos a serem descritos nesta seção se inscrevem nessa perspectiva. A obra de Cinque sobre adjetivos ao longo dos anos, consolidada em seu livro *The Syntax of Adjectives: A comparative study*, de 2010, é talvez a que mais peso tem no campo nessa temática, e será abordada primeiro. Na sequência, discorreremos sobre a proposta de Svenonius (2007), que, com base em uma ideia similar à de Cinque, busca fundamentar melhor algumas de suas lacunas.

---

<sup>89</sup> Como formulado em Chomsky (2001, p. 2, tradução minha): “na ausência de evidência convincente em contrário, assumo que línguas são uniformes, com a variação restrita a propriedades facilmente detectáveis dos enunciados”.

<sup>90</sup> A combinação entre “decomposição” de traços semânticos e sintaxe rígida inicialmente empreendida pelo projeto cartográfico encontrou uma nova formulação, talvez mais radical, na elaboração da nanossintaxe (cf. STARKE, 2009).

### 3.2.1 Cinque (2010)

Em Português, e possivelmente também nas demais línguas românicas, historicamente a principal questão de investigação linguística em relação a adjetivos atributivos é o seu posicionamento antes ou depois do nome (BOFF, 1991; BORGES NETO, 1991; COHEN, 1990; MENUZZI, 1992; MÜLLER; NEGRÃO; NUNES-PEMBERTON, 2002; NUNES-PEMBERTON, 2000; PRIM, 2010, 2015). Em contraste, em Inglês — e, possivelmente, nas demais línguas anglo-germânicas —, a preocupação central acerca dos adjetivos é a ROA (HETZRON, 1978; SCOTT, 2002; SPROAT; SHIH, 1991; MCKINNEY-BOCK, 2009). O maior *insight* teórico de Cinque (2010) possivelmente foi o de abordar os dois fenômenos a partir de uma única explicação.

Cinque parte de dois conjuntos de propriedades, um semântico e um sintático, para construir sua proposta. Quanto à semântica, ele observa que os padrões de leitura identificados nas posições preferenciais e não preferenciais de adjetivos em Inglês (tomado como exemplo de línguas anglo-germânicas) e em Italiano (tomado como exemplo das línguas românicas) estão em distribuição complementar. Enquanto, nas posições preferenciais (pré-nominal, em Inglês; pós-nominal, em Italiano), os adjetivos são ambíguos entre duas possibilidades de leitura de uma série de dicotomias, nas posições não-preferenciais (pós-nominal, em Inglês; pré-nominal, em Italiano) eles em geral permitem apenas uma das leituras — sendo que a leitura disponível é diferente nas duas línguas (e em suas famílias linguísticas)<sup>91</sup>. Já em relação à sintaxe, Cinque observa que, tanto em Inglês quanto em Italiano, orações relativas aparecem a uma maior distância relativa do nome que adjetivos atributivos. Além disso, em ambas as línguas adjetivos seguiriam uma ordem preferencial, como indicado pelos exemplos a seguir com adjetivos classificativos e intensionais:

- (195) a. He is an **old electrical** engineer. (Inglês)  
           ele é um velho elétrico engenheiro  
           ‘Ele é um velho engenheiro elétrico’ ou ‘Ele é um engenheiro elétrico velho’  
       a’. \*He is an **electrical old** engineer.  
           ele é um elétrico velho engenheiro

<sup>91</sup> Esses dados são descritos em detalhes na seção 2.2.1.

- b. I **cari vecchi** tempi andati (Italiano)  
 os caros velhos tempos passados  
 ‘os queridos velhos tempos passados’  
 b’.\*I **vecchi cari** tempi andati  
 os velhos caros tempos passados  
 (CINQUE, 2010, p. 29)

Há também, porém, contrastes entre as duas línguas (ou famílias linguísticas): primeiramente, e como já falado, as leituras possíveis em cada posição são distintas; em segundo lugar, as preferências de ordem entre os adjetivos são linearmente invertidas, como exemplificado em (196); o adjetivo classificativo *electric* ‘elétrico’ deve figurar mais próximo do nome-núcleo, e o adjetivo de COR *black* ‘preto’, mais afastado.

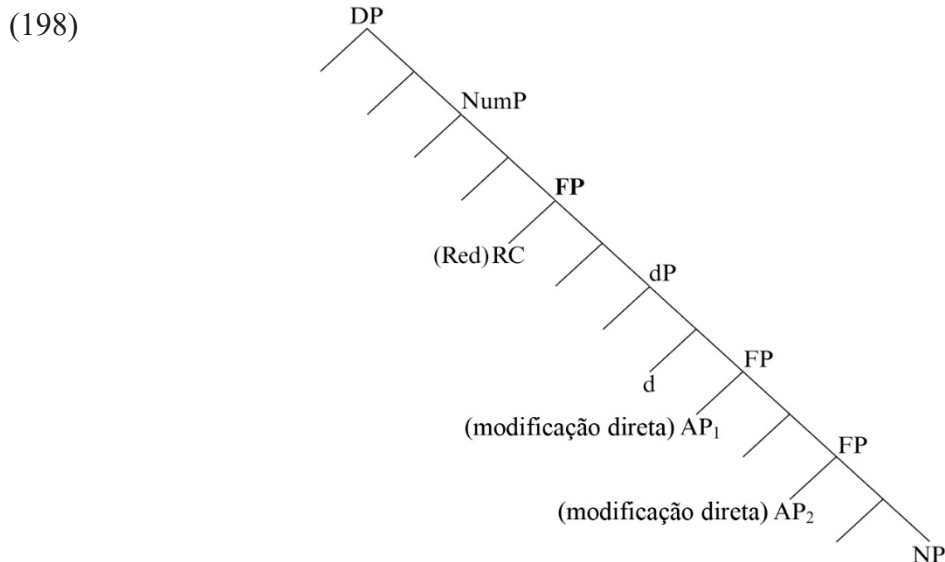
- (196) a. a **black electric** stove (Inglês)  
 um preto elétrico fogão  
 ‘um fogão elétrico preto’  
 b. um fogão **elétrico preto** (Português)

Cinque unifica os dois conjuntos de fenômenos incorporando a proposta de Sproat e Shih (1991) de modificação direta e indireta. O autor propõe que a posição pré-nominal nas línguas românicas e o conjunto de leituras nela disponível instanciariam a modificação direta, enquanto a posição pós-nominal nas línguas anglo-germânicas (ou, ao menos, nas línguas da família que permitem adjetivos nessa posição) evidenciaria a modificação indireta. Em cada língua, as posições preferenciais seriam ambíguas em relação a suas leituras precisamente por hospedarem tanto adjetivos em modificação direta quanto indireta.

- (197) a. *Línguas anglo-germânicas*  
 modificação indireta > modificação direta > N > modificação indireta  
 b. *Línguas românicas*  
 modificação direta > N > modificação direta > modificação indireta  
 (CINQUE, 2010, p. 22)

As possibilidades de ocorrência de modificação direta e indireta por posição em cada família linguística têm a mesma motivação que o ordenamento espelhado em (196):

movimento<sup>92</sup>. Cinque, seguindo uma abordagem cartográfica tradicional, assume que a mesma estrutura sintática subjaz a (todas) as línguas (198).



(CINQUE, 2010, p. 34)

Segundo a proposta de Cinque, tanto adjetivos de modificação direta quanto de modificação indireta seriam especificadores de projeções funcionais dedicadas na projeção estendida do nome. Ainda, o autor avança que, entre as projeções dedicadas a adjetivos de modificação direta e as de modificação indireta, haja um “dP” indefinido que serviria como núcleo das orações relativas (coindexado com um núcleo interno a elas). O núcleo d desse dP seria responsável por atribuir algum tipo de referencialidade (mas qualitativamente menor que do determinante em DP); por essa razão, adjetivos em orações relativas (reduzidas ou não) já modificariam algo com (algum) status referencial (CINQUE, 2010, p. 34).

Adicionalmente, Cinque assume, assim como Sproat e Shih (1991), que a ROA se aplique somente a adjetivos em modificação direta<sup>93</sup>. Assumindo que a estrutura subjacente às línguas seja a mesma e que a ordem linear seja derivada de relações de c-comando assimétricas, apenas movimento de núcleo do N não seria capaz de gerar a ordem espelhada de adjetivos

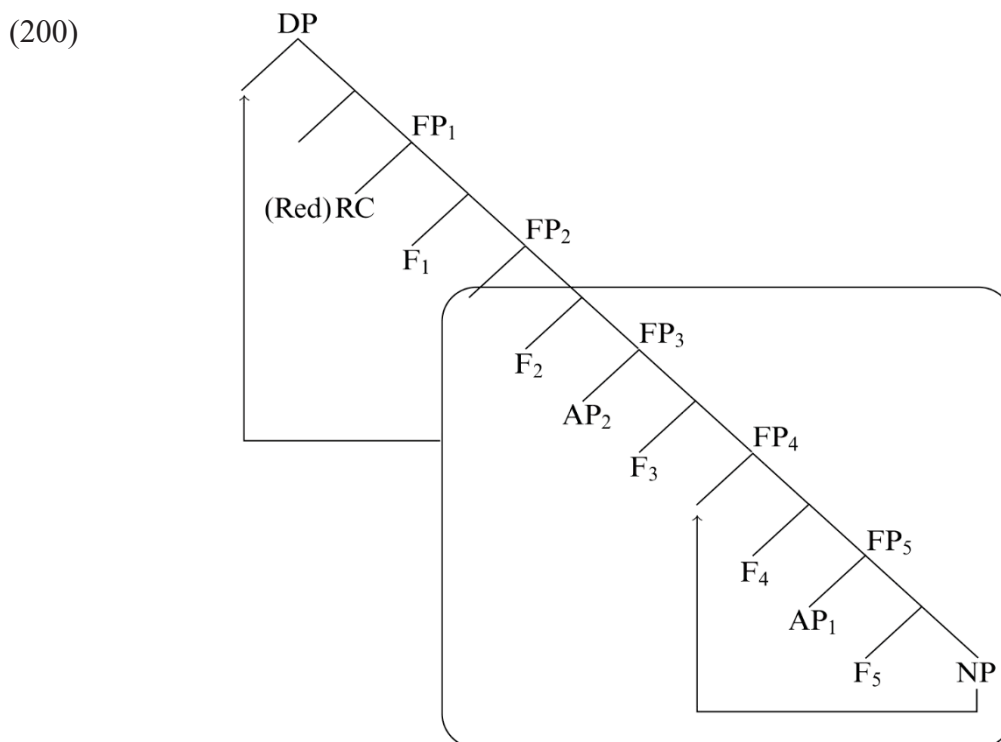
<sup>92</sup> Cinque (2010) não se compromete, acredito, com a natureza dessa operação — se movimento, ou cópia, ou eventual alternativa de implementação técnica. O termo *movimento* é utilizado aqui de maneira frouxa.

<sup>93</sup> Recorde-se ainda que, na perspectiva cartográfica, a evidência de que uma determinada língua apresenta certas restrições de ordem pode subsidiar a proposta de que todas as línguas tenham acesso às projeções necessárias para tal derivação, mesmo que não façam uso delas. Nesse sentido, apesar de Cinque (2010, p. 30) reconhecer que é possível haver a impressão de que adjetivos em Italiano não apresentam restrições de ordem (assim como apontado por Sproat e Shih para o Francês), talvez seja o fato de Inglês exibir ROA que motiva o autor a propor que o Italiano também siga as mesmas restrições, assim como casos de preferências mais marcadas como (195).

observada nos exemplos em (196) e na ROA — cuja generalização, apresentada originalmente em (108), é repetida em (199) a seguir, por comodidade.

- (199)
- a.  $A_{\text{dimensão}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{nacionalidade}} > N$  (Inglês, Servo-croata, ...)
  - b. \*  $A_{\text{nacionalidade}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{dimensão}} > N$
  - c.  $N > A_{\text{dimensão}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{nacionalidade}}$  (Galês, Irlandês, Maltês, ...)
  - d.  $N > A_{\text{nacionalidade}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{dimensão}}$  (Indonésio, Iorubá, ...)
- (CINQUE, 2009, p. 166)

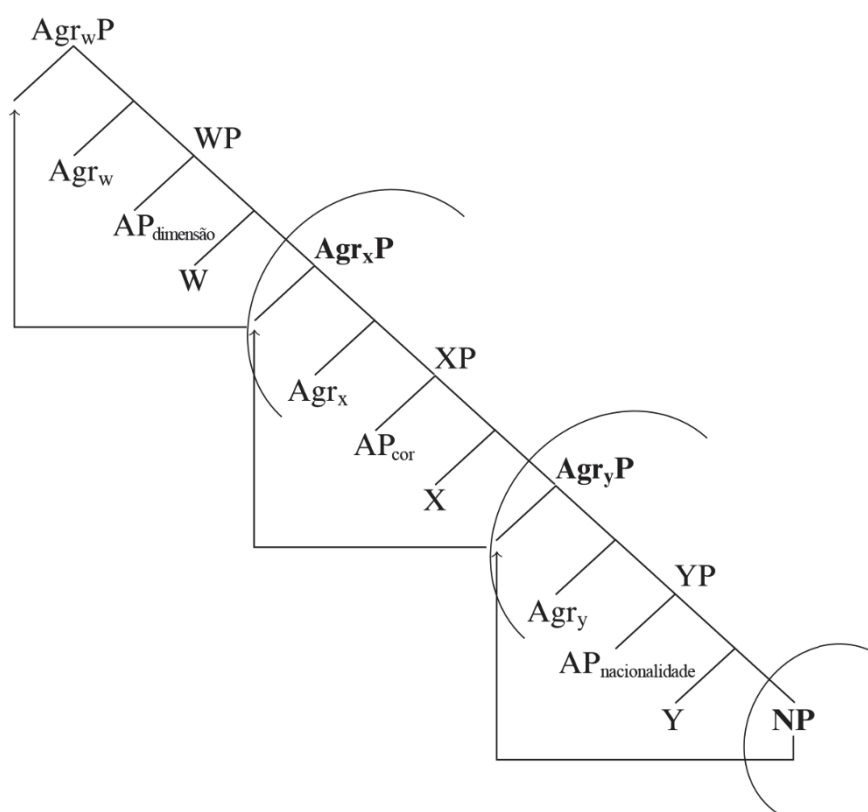
A fim de dar conta tanto da ordem em (199d), assim como da distribuição dos tipos de modificação em (197), Cinque propõe que as línguas disponham de movimentos de constituintes de diferentes tamanhos (200). Para derivar a ordem espelhada, por exemplo, é necessário que o NP se mova acima de cada adjetivo em modificação atributiva, e depois que a projeção que hospeda o NP movido (junto à projeção funcional que hospeda o adjetivo) se mova novamente acima do próximo adjetivo, num movimento bola de neve. Por outro lado, para que apenas adjetivos de modificação indireta se encontrem em posição pós-nominal em Inglês, é necessário que toda a projeção (possivelmente dP) que hospeda os adjetivos em modificação direta e o NP se mova por cima das projeções que hospedam os adjetivos em orações relativas.



(CINQUE, 2010, p. 37)

Note-se, ainda, que é necessário (numa perspectiva antissimétrica) que haja alguma posição para a qual o constituinte que contém o NP possa se mover. Cinque (2010) não descreve como essas projeções seriam em detalhe, mas parece assumir, de acordo com as árvores ilustrativas em seu livro, que se trate de projeções de concordância. O exemplo em (201) ilustra o movimento bola de neve envolvido na derivação da ROA em distribuição espelhada, caso o NP carregue consigo seu complemento da projeção para qual se moveu, ou com o mesmo ordenamento pré-nominal em posposição, caso apenas o NP se mova de um especificador para o próximo.

(201)



(CINQUE, 2010, p. 41)

É importante observar que, nessa perspectiva, a ordem se aplica sobre as projeções funcionais que hospedariam os adjetivos de COR, NACIONALIDADE, DIMENSÃO etc., não sobre os adjetivos em si; assim, caso esses adjetivos sejam inseridos no DP a partir de uma oração relativa, não é esperado que eles também estejam submetidos a fenômenos de ordem. De fato, essa é a situação que atestamos.

Uma última observação relevante a ser feita sobre a proposta de Cinque é em relação à natureza gramatical das projeções dos adjetivos. Como já ilustrado nas árvores apresentadas

anteriormente, o autor assume que adjetivos tenham estatuto de projeção máxima. Em línguas como o Português e o Inglês, em que adjetivos pré-nominais não podem ter complementos (ver seção 2.3.1) e apresentam certas restrições de modificação (ver seção 2.3.2), há algumas propostas de que tais adjetivos fossem núcleos, que estivessem incorporados ao N ou que formassem compostos com o N (CINQUE, 2010, p. 45).

Como Cinque nota, a possibilidade de adjetivos pré-nominais apresentarem complementos em algumas línguas, como Alemão, não necessariamente serve como evidência de que adjetivos em modificação direta tenham estatuto de projeção máxima, ao menos em sua proposta, já que também seria possível que tais adjetivos acompanhados de complementos estivessem em modificação indireta (se a língua permite que adjetivos com complementos apareçam em construções com cópula). No entanto, o autor argumenta que há outras evidências de que adjetivos em modificação direta têm estatuto de projeção máxima. Primeiramente, em algumas línguas é possível que adjetivos não predicativos, isto é, aqueles que não podem figurar em orações relativas, sejam acompanhados de adjuntos ou modificadores<sup>94</sup>:

- (202) a. **glavnata** po značenie prična (Búlgaro)  
principal-a em significância razão  
‘a razão principal em importância’
- b. o **kírios** kata protireótita lógos (Grego)  
a principal por prioridade razão  
‘a razão principal em termos de prioridade’
- (CINQUE, 2010, p. 47)

Além disso, Cinque argumenta que, se adjetivos fossem núcleos, modificadores que tivessem como alvo adjetivos mais altos na sequência (i.e., que estivessem em posição de especificador na projeção em que o adjetivo fosse núcleo) também deveriam ter escopo não só sobre o adjetivo a que se combinaram, mas sobre todos os adjetivos abaixo dele.

Ainda, em algumas línguas, adjetivos não predicativos podem se mover para uma posição A-barra em posição inicial no DP (203) ou ser coordenados (204) — o que, a depender dos pressupostos teóricos assumidos, implica que eles não poderiam ser núcleos.

<sup>94</sup> Ver seção 2.3.2 para mais exemplos.

- (203) a. [[how **old**] a friend] is he? (Inglês)  
 quão velho um amigo é ele  
 ‘Ele é um velho amigo de quanto tempo?’  
 b. [[how **big**] an eater] is he?  
 quão grande um comilão é ele  
 ‘O quanto ele é comilão?’  
 c. [[how **natural**] a successor] will he be?  
 quão natural um sucessor FUT ele ser  
 ‘O quanto ele vai ser um sucessor natural?’
- (204) a. Questo è un imbroglio **puro** e **semplice** (Italiano)  
 isto é um embuste puro e simples  
 ‘Isto é um embuste puro e simples.’  
 b. Questa è una scusa **bella** e **buona**  
 esta é uma desculpa bela e boa  
 ‘Esta é uma desculpa clara.’  
 (CINQUE, 2010, p. 48)

O autor conclui que não parece implausível assumir que mesmo adjetivos em modificação direta tenham status de projeção máxima.

### 3.2.2 Svenonius (2007)

Enquanto a preocupação de Cinque (2010) é propor uma estrutura que dê conta da distribuição de adjetivos atributivos, Svenonius (2007) parte de uma motivação distinta. O autor observa que a decomposição do DP tem sido investigada em múltiplos fronts: por um lado, pesquisas na perspectiva cinqueana sobre a ordem de adjetivos sugerem a existência de projeções funcionais que possam hospedar adjetivos em modificação direta, como descrito na seção anterior; por outro lado, projeções funcionais no DP também têm sido propostas para dar conta de uma gama de fenômenos, como a posição de artigos, partículas de pluralização, numerais, classificadores etc. A partir dessa literatura, Svenonius busca compatibilizar as projeções funcionais independentemente motivadas com as propostas para dar conta da ordem de adjetivos atributivos. Como o próprio autor aponta,

[...] as estruturas independentemente motivadas para a decomposição do DP não oferecem o tipo de diferenciação fina sugerida [...] para ordenamento adjetival [...]. No entanto, elas oferecem um quadro teórico básico que [...] explica em grande medida as generalizações válidas que podem ser feitas em relação à ordem de adjetivos atributivos. (SVENONIUS, 2007, p. 2, tradução minha).

Svenonius assume, como Cinque (2010), uma perspectiva kayniana: a estrutura hierárquica básica que subjaz todas as línguas é invariável, assim como a relação entre a estrutura e ordem (i.e., não há regras arbitrárias de ordem estipuladas em alguma outra parte da gramática). Assim, a variação entre as línguas e os fenômenos internos a elas deve ser explicada com base em dois fatores: o repertório de itens funcionais que cada língua tem à sua disposição (i.e., de quais projeções funcionais disponíveis na estrutura universal cada língua faz uso); e movimento.

Dada a perspectiva minimalista de que toda projeção funcional deve ser interpretável nas interfaces, Svenonius aponta alguns elementos funcionais (sejam eles afixos ou partículas) com carga semântica que poderiam justificar a decomposição do DP: marcadores de definitude, indefinitude ou especificidade (que ele assume serem artigos); marcadores de pluralidade; e classificadores. Se tais itens forem núcleos de projeções funcionais, e se essas projeções são rigidamente ordenadas na estrutura subjacente, é esperado que seja possível observar padrões de ordenamento restritos entre elas, sobre os quais pode se aplicar o movimento.

O autor observa inicialmente que os dados sugerem que artigos estejam em posições mais altas que marcadores de pluralidade. As possibilidades de ordenamento atestadas sugerem que a ordem subjacente seja  $\text{Art} > \text{Pl} > \text{N}$  (205a). Em algumas línguas, o N pode se mover por cima da projeção que hospeda a marca de pluralidade, gerando a ordem  $\text{N-Pl}$  (205b); caso o movimento continue também sobre o artigo, esse movimento bola de neve pode gerar a ordem espelhada (205c). Por último, é ainda possível que o  $\text{N(P)}$  se mova sozinho (sem *pied-piping*) tanto sobre Pl quanto sobre Art, derivando a ordem em (205d).

- (205)
- |    |                                     |                    |
|----|-------------------------------------|--------------------|
| a. | $\text{Art} > \text{Pl} > \text{N}$ |                    |
|    | hun- lii- štaan                     | (Misantla Totonac) |
|    | DEF PL tatu                         |                    |
|    | ‘os tatus’                          |                    |
| b. | $\text{Art} > \text{N} > \text{Pl}$ |                    |
|    | à- jʁab- c <sup>o</sup> a           | (Abkhaz)           |
|    | a menina PL                         |                    |
|    | ‘as meninas’                        |                    |

c. N > Pl > Art

dàr- i- dé (Kotoko)  
arma PL DEF  
'as armas'

d. N-Art-Pl

távò- lɔ- lé (Gungbe)  
mesa a PL  
'as mesas' (específicas)

(SVENONIUS, 2007, p. 3–4)

Sobre (205d), talvez a derivação mais inesperada, há evidência de que de fato se trata de movimento de constituintes por ser possível que o NP se mova, isto é, que o N se mova carregando consigo modificadores de N.

(206) távò **ɖàxó** **xóxó** àtɔn éhé lɔ lé (Gungbe)  
mesa grande velha três DEM a PL  
'essas três mesas grandes velhas' (específicas)  
(SVENONIUS, 2007, p. 4)

Outros elementos claramente funcionais presentes no DP são os classificadores. Analisando primeiramente os tipos, a distribuição sintática e a interpretação semântica desses itens, ele argumenta que seja possível identificar três níveis de classificadores: classificadores de número, que tornam os referentes nominais contáveis e quantificáveis — que ele nomeia UNIT 'unidade'; classificadores de categoria (*sortal classifiers*), que categorizam os referentes nominais de acordo com alguma característica (tipicamente, formato) — SORT; e classificadores de nomes, que categorizam referentes nominais por qualidades materiais ou por essência — *n*.

Segundo o autor, é comum que línguas com classificadores tenham itens que tornam o nome contável ao mesmo tempo em que o categorizam por forma, isto é, classificadores que fundem UNIT e SORT. Entretanto, há também línguas que dividem as duas funções. Nelas, é possível observar que classificadores numerais são mais altos na estrutura que classificadores de categoria (207).

(207) a. kaa-b' sulan aw-aan (Akatek)  
dois-IN LISO A2-espiga de milho  
'as suas duas espigas de milho'

- b. ‘ox-eb’ jilan                      ‘aan  
três-IN LONGO.3DIMENSÕES espiga de milho  
‘três espigas de milho’
- c. kaa-b’ b’ilan                      poon      yalixh-taj  
dois-IN PEQUENO.REDONDO ameixa      pequena-PL  
‘duas ameixas pequenas’
- (SVENONIUS, 2007, p. 5)

Em Akatek, há três classificadores de número: um para humanos, um para animais e um para nomes inanimados. Já o classificador de categoria distingue mais de uma dúzia de formas, como ilustrado em (207): ‘liso’, ‘longo (em 3 dimensões)’, ‘meio círculo’, ‘redondo’, ‘plano e largo’ etc. Note-se que o mesmo nome pode ser acompanhado de classificadores diferentes, como contrastado em (207a-b), a depender de qual aspecto do nome esteja em destaque.

Classificadores de nomes, por fim, quando passíveis de coocorrerem com os demais tipos de classificadores, aparecem mais próximos ao nome-núcleo. Eles estão ilustrados em (208), também para Akatek. Nessa língua, há catorze classificadores desse tipo; eles categorizam os nomes, por exemplo, em “homem”, “mulher”, “animal”, “árvore”, “milho”, “água”, “sal” etc. Ainda, Svenonius aponta a semelhança entre classificadores de nomes e gênero gramatical, uma vez que nomes geralmente se associam a um único classificador desse tipo, que pode eventualmente se transformar em uma distinção de gênero.

- (208) a. ‘ox-k’on kupan              no’      wakax                      (Akatek)  
três-AN MEIO.CÍRCULO ANIMAL vaca  
‘três vacas (deitadas)’
- b. ‘ox-eb’ kupan              ‘ixim paat  
três-IN MEIO.CÍRCULO MILHO tortilha  
‘três tortilhas (dobradas)’
- c. ‘ox-eb’ xoyan              ‘ixim paat  
três-IN REDONDO MILHO tortilha  
‘três tortilhas’
- (SVENONIUS, 2007, p. 6)

Apesar de Akatek permitir a coocorrência de classificadores de número com marcadores de pluralidade (como visto em (207c), por exemplo), Svenonius aponta que é

comum que línguas tenham ou marcas de pluralidade, ou classificadores, mas raramente os dois juntos (SVENONIUS, 2007, p. 6). Assim, ao propor a união entre a hierarquia de classificadores e a hierarquia de artigos e marcas de pluralidade, o autor considera que marcas de pluralidade e classificadores de categoria estejam em distribuição complementar, em parte assumindo que a semântica desse tipo de classificador seja essencialmente a mesma da marca de pluralidade (i.e., individuar massas para operações de quantificação e contagem) — ainda que ele reconheça que a posição de Pl é difícil de precisar devido à sua rara coocorrência com as outras classes de classificadores.

- (209)      Art > UNIT > Pl/SORT > *n* > N  
               (SVENONIUS, 2007, p. 7)

Combinando essa hierarquia à de outras projeções funcionais já reconhecidas no domínio nominal, como a de Demonstrativos e Numerais, Svenonius propõe a sequência em (210). Como classificadores de número em geral seguem numerais, o autor observa que é evidente que essa projeção deva estar abaixo de Número.

- (210)      Dem > Art > Num > UNIT > Pl/SORT > *n* > N  
               (modificado de SVENONIUS, 2007, p. 10)

Ainda, se for assumido que haja uma projeção alta, *Ki(nd)*, dedicada a semântica de *Kinds*, como teria sugerido Zamparelli (2000), Svenonius sugere que ela não poderia estar acima de UNIT, tampouco abaixo de SORT, o que implicaria na seguinte ordem:

- (211)      Dem > Art > Num > UNIT > Ki > Pl/SORT > *n* > N

Uma vez estabelecido o conjunto de projeções funcionais no interior do DP, a questão que permanece é: a que projeções estariam vinculados os adjetivos?

Svenonius observa que propostas como de Scott (2002)<sup>95</sup>, em que a ROA é codificada em detalhes na sintaxe, preveem uma rigidez muito maior na ordem de adjetivos do que de fato se encontra; além disso, as projeções que hospedariam cada categoria de adjetivo não parecem ter qualquer outro propósito que não explicar o ordenamento adjetival, o que lhes destitui de

---

<sup>95</sup> Apresentada na seção 2.2.3.

poder explicativo. Como já mencionado, a solução encontrada por Svenonius (2007) é que adjetivos sejam especificadores (e, portanto, tenham status de projeção máxima) das projeções funcionais independentemente motivadas em (211).

Primeiramente, abaixo de  $n$  estariam adjetivos em leituras idiomáticas, que identifico aqui como posição possível também para adjetivos classificativos<sup>96</sup>. Como evidência, temos que as leituras idiomáticas (ou em que o adjetivo classifica o nome) só são possíveis quando há adjacência entre o adjetivo e o nome; na presença de qualquer material interveniente, o significado passa a ser estritamente composicional. O autor dá o seguinte exemplo:

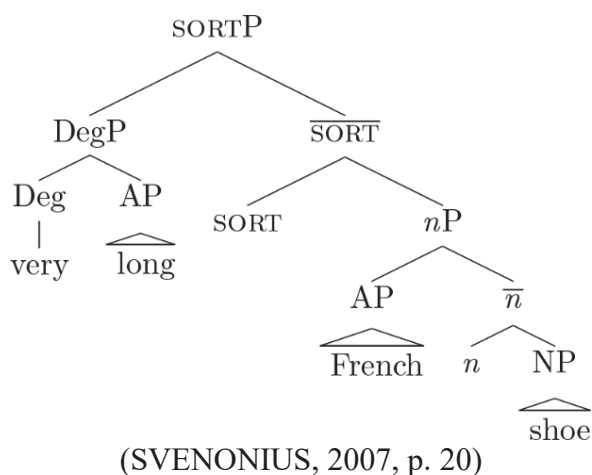
- (212) a. (Minnesotan) **wild** rice (Inglês)  
 de.Minnesota selvagem arroz  
 ‘arroz selvagem (um tipo de arroz) de Minnesota’  
 b. **wild** Minnesotan rice  
 selvagem de.Minnesota arroz  
 ‘arroz de Minnesota (que é) selvagem’  
 (SVENONIUS, 2007, p. 19)

Em (212a), é possível ter a leitura de que *arroz selvagem* é um certo tipo de arroz; em (212b), porém, fala-se de algum arroz que ele é selvagem. A estrutura subjacente ao exemplo em (212), utilizando o adjetivo de nacionalidade *Indian* ‘Indiano’ no lugar de *Minnesotan*, seria aquela em (213).

- (213)
- 
- (SVENONIUS, 2007, p. 20)

<sup>96</sup> Esta síntese dos dois tipos de construção (leitura idiomática e classificativa) em uma única posição é problemática, na medida em que combinações como ‘sal grosso’ e ‘deputado federal’ não parecem ser da mesma natureza. Além disso, a forma como Svenonius constrói a modificação em  $nP$ , ilustrada em (213), é de modificação na raiz para a leitura idiomática, interpretação inadequada para adjetivos classificativos. Talvez, o mais adequado fosse postular uma outra camada de modificação abaixo de  $nP$ , mas acima da raiz. No entanto, por ora vou manter a estrutura simplificada e próxima da análise de Svenonius, dado que essa distinção não será de grande relevância no cômputo geral desta tese.





Por último, o autor assume que adjetivos focalizados estariam acima de *Ki*. Representando-se apenas as projeções relevantes para o exemplo, a estrutura com adjetivos focalizados seria aquela em (217c), referente a (217b).

(217) a. **big square** table (Inglês)

grande quadrada mesa

‘mesa quadrada grande’

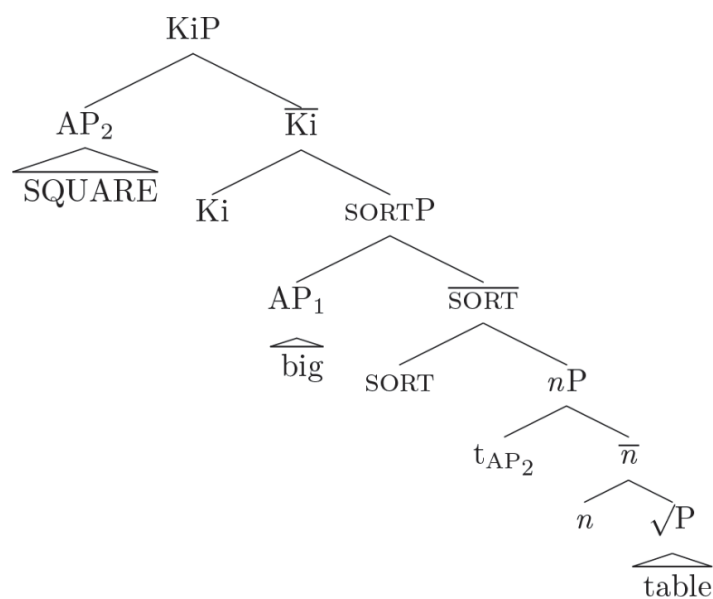
a'. \***square big** table

quadrada grande mesa

b. **SQUARE big** table

quadrada grande mesa

c.



(SVENONIUS, 2007, p. 18)



O autor aponta como uma possibilidade, ainda, que línguas em que múltiplos adjetivos de uma mesma categoria podem coocorrer (como vários adjetivos intersectivos ou subsectivos) indiquem, possivelmente, algum tipo de inovação específica daquela língua, como um núcleo funcional dedicado. Por outro lado, línguas também teriam particularidades no tipo de modificadores que aceitam em cada camada; é possível que algumas línguas aceitem apenas adjetivos em uma certa posição, enquanto outras permitam a presença de orações relativas reduzidas, por exemplo.

Em termos de ordem, a estrutura proposta por Svenonius (2007) aponta apenas para a preferência que se deriva de modificadores de SORTP antecederem os de *nP*, e estes, os de NP. Como (a princípio) não haveria iteração de adjetivos em cada camada, a previsão dessa proposta é que as preferências de ordem se deem entre as diferentes camadas.

### 3.3 ORDEM LINEAR E HIERARQUIA SINTÁTICA COMO FENÔMENOS DISTINTOS

Trabalhos na perspectiva de Princípios e Parâmetros têm procurado formas de restringir a variação paramétrica disponível no aparato gramatical. Como colocado por Chomsky (2015 [1995]) ao oficialmente fundar o programa minimalista,

Na abordagem de P&P os problemas de tipologia e de variação linguística se apresentam de uma forma algo diferente que antes. Tipologias e diferenças entre línguas devem ser redutíveis à escolha de valores dos parâmetros. Um grande problema de pesquisa é determinar precisamente quais são essas opções, e em quais componentes da língua elas se localizam. Uma proposta é que parâmetros se restrinjam a traços formais sem interpretação na interface. Uma ainda mais forte é que eles se restrinjam aos traços formais de categorias funcionais [...]. (CHOMSKY, 2015 [1995], p. 6, tradução minha).

Como Fukui e Takano (1998) apontam, na prática esse pressuposto em relação ao *locus* da variação se traduz em duas fontes potenciais: ou a ordem linear, ou o domínio das categorias funcionais. A Cartografia assume, como apresentado, uma combinação das duas alternativas: a variação derivaria das possibilidades de movimento e as formas pelas quais as línguas fazem uso de projeções funcionais.

Outras perspectivas de pesquisa, contudo, têm questionado se a ordem linear de fato tem lugar na computação linguística. Na realidade, já desde os anos 1980, muitas das formulações no quadro teórico da gramática gerativa têm se baseado apenas em aspectos hierárquicos das construções linguísticas, como nas relações de dominação e c-comando, ficando a ordem linear relegada a um segundo plano (FUKUI; TAKANO, 1998, p. 29).

Especialmente com a proposição da *Bare Phrase Structure Theory* (CHOMSKY, 2015 [1995]), estipulações baseadas na ordem linear se tornaram ainda menos compatíveis com a teoria, uma vez que a formulação do *merge* — a operação recursiva central nessa perspectiva — propõe que essa operação crie conjuntos não ordenados em que apenas um dos elementos (aquele que projeta) é o núcleo. Por mais que Chomsky reconheça que o LCA não é incompatível com a teoria de *bare phrase*, ele aponta que esse axioma “é um princípio do componente fonológico” (CHOMSKY, 2015 [1995], p. 313) e, portanto, não desempenha papel algum na computação sintática.

Desde então, mesmo a aplicabilidade da LCA no componente fonológico tem sido questionada, especialmente a partir de reflexões em termos de economia derivacional. Por exemplo, para dar conta da ordem linear na perspectiva da LCA, Cinque (2010) é obrigado a postular uma série de projeções funcionais combinadas a movimento de constituintes (com *pied-piping*). Svenonius (2007) procura motivar esses movimentos a partir da vinculação de tais projeções a outras mais substanciadas.

Ainda assim, em última instância, a pergunta permanece: é necessário que a ordem linear seja legível a partir de estruturas de c-comando assimétrico, ou é mais econômico para o aparato linguístico que a ordem linear tenha outra fonte — como declarações de linearização?

Essa é a perspectiva dos dois trabalhos a serem abordados nessa seção. Em 3.3.1, descrevemos a proposta de Abels & Neeleman (2012), que ainda se aproxima da perspectiva de Cinque (2010) em aspectos fundamentais; já na seção 3.3.2, apresentamos o trabalho de Bouchard (2002), que propõe uma simplificação significativa da estrutura subjacente a adjetivos atributivos.

### 3.3.1 Abels & Neeleman (2012)

Em diálogo direto com a proposta de Cinque (2010), Abels e Neeleman (2012) apontam que seu maior prejuízo é sua grande dependência do LCA: na medida em que o LCA se mostre inadequado empírico ou teoricamente, assim também a proposta de Cinque (2010) é enfraquecida.

A principal crítica dos autores em relação ao LCA é a ausência de uma teoria de rotulação, ainda que rótulos desempenhem um papel importante na derivação de muitas das propriedades mais interessantes do LCA, como quanto ao limite no número de especificadores e adjuntos, ou até em termos da garantia da endocentricidade. Abels e Neeleman também argumentam que, diferentemente do que é assumido por Kayne (1994), a proibição de

movimento para a direita não é uma consequência direta dos postulados do LCA, desde que se assuma que objetos sintáticos podem projetar depois de movidos. Como o LCA também não conta com uma teoria de movimento, tal assunção não é de todo descabida.

Em contraste ao LCA, Abels e Neeleman propõem que a ordem linear e a estrutura hierárquica sejam, em alguma medida, processos separados. Primeiramente, eles assumem que as restrições hierárquicas no DP — tanto entre adjetivos quanto em relação ao N, aos determinantes, aos numerais etc. — são resultado de uma “sequência funcional” subjacente que restringe a ordem em que a informação é introduzida na derivação<sup>98</sup>. Essa sequência seria uma condição sobre o tipo de informação contida nos nós irmãos ao longo da derivação, não uma sequência de núcleos funcionais, e seria recuperável (ou estaria refletida) nas propriedades de escopo dos modificadores; na realidade, a própria sequência poderia ser formulada como uma declaração sobre relações de escopo.

Ao assumir que a hierarquia seja em alguma medida determinada lexicalmente e não possa se resumir à seleção local (dado que os autores deixam de lado as projeções funcionais), os autores conseguem diretamente aproximar os domínios verbal e nominal, uma vez que a ordem hierárquica dos modificadores seria a mesma nos dois domínios. Como exemplo, os autores citam advérbios em Holandês e suas contrapartes adjetivais (219): tanto na parte verbal quanto na nominal da nominalização, as relações de escopo entre os advérbios/adjetivos devem se manter constantes.

- (219) a. het de voordeur voortdurend snel schuren (Holandês)  
           o o porta da frente constantemente rapidamente lixamento  
           ‘o lixamento rápido constante da porta da frente’  
       b. \*het de voodeur snel voortdurend schuren  
           o o porta da frente rapidamente constantemente lixamento  
       c. het **voordurend-e** **snell-e** de voordeur schuren  
           o constante-DECL rápido-DECL o porta da frente lixamento  
       d. \*het **snell-e** **voordurend-e** de voordeur schuren  
           o rápido-DECL constante-DECL o porta da frente lixamento  
       e. het **voordurend-e** de voordeur snel schuren  
           o constante-DECL o porta da frente rapidamente lixamento

<sup>98</sup> Ainda que eles não façam tal observação explicitamente, eles parecem assumir que essa sequência funcional seja universal.

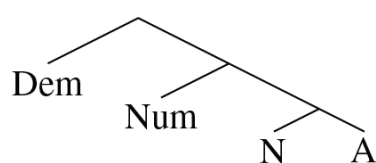
f. \*het **snell-e** de voordeur voortdurend schuren  
 o rápido-DECL o porta da frente constantemente lixamento  
 (ABELS; NEELEMAN, 2012, p. 65)

A linearização seria um resultado apenas parcial das relações hierárquicas, uma vez que os autores propõem que as árvores sintáticas sejam linearizadas por meio de declarações de ordenamento que façam referência a segmentos locais da árvore compostos do nó mãe e seus filhos<sup>99</sup>. As declarações de ordenamento em si, contudo, são arbitrárias, como podemos atestar pelo exemplo fornecido pelos autores:

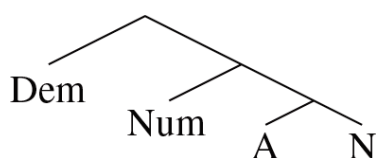
- (220) Na estrutura [NP AP NP], ordene AP antes/depois de NP.  
 (ABELS; NEELEMAN, 2012, p. 66)

Assim, a mesma sequência funcional subjacente é preservada mesmo se a linearização dos elementos na superfície diferir. Por exemplo, consideremos o contraste já apresentado na ordem de adjetivos nas línguas anglo-germânicas e românicas. Se formos representar graficamente, em uma árvore sintática, a declaração de ordenamento em (220), basta simplesmente trocarmos a posição da ramificação da esquerda para a direita (221). Como pode ser atestado nas árvores do exemplo, as relações hierárquicas continuam as mesmas.

- (221) a. Línguas anglo-germânicas



- b. Línguas românicas



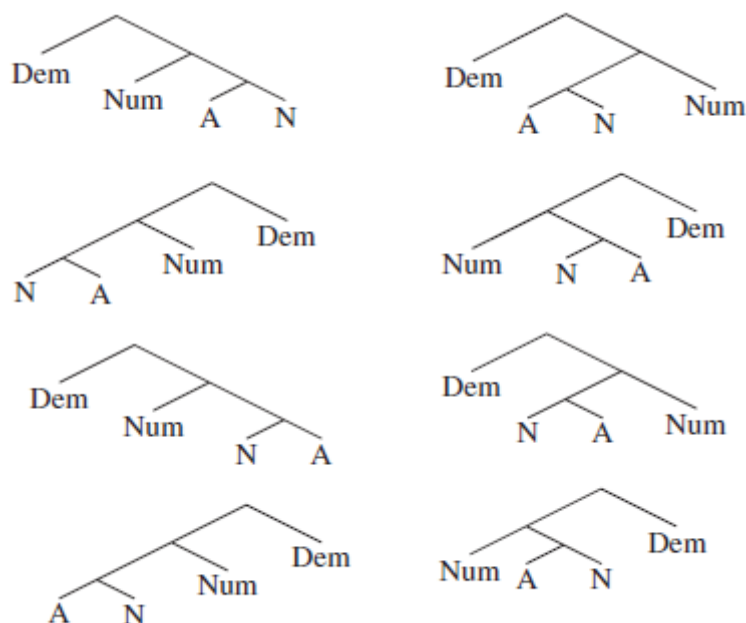
(ABELS; NEELEMAN, 2012, p. 33–34)

Note-se que as possibilidades de ordenamento são várias e não se restringem a apenas essas duas; em princípio, a ordem entre qualquer par de nós irmãos pode ser estipulada por uma

<sup>99</sup> Seguindo a tradição já estabelecida, os autores assumem que as ramificações são binárias.

declaração de ordenamento. Tomando como base essas quatro categorias exemplificadas, por exemplo, as ordens possíveis seriam as seguintes:

(222)



(ABELS; NEELEMAN, 2012, p. 33–34)

Como consequência, a proposta de Abels e Neeleman prevê que todas as línguas devem exibir as mesmas propriedades de escopo em ordens não marcadas, independentemente da ordem linear em que os elementos sejam introduzidos no DP; afinal, a hierarquia (i.e., as relações de dominância e c-comando) são essencialmente as mesmas em todas as árvores, mesmo que as declarações de ordenamento sejam distintas. Tal previsão será retomada na seção 3.4.

### 3.3.2 Bouchard (2002)

Em uma perspectiva fortemente alinhada e coerente com o programa minimalista, Bouchard (2002) defende que a teoria gramatical deve levar a sério as consequências das propriedades de interface: se a gramática pressupõe as demandas da interface como determinantes para sua própria formulação, então algumas propriedades da interface são “logicamente anteriores à teoria linguística, no sentido de que elas devem pré-existir a teoria linguística já que o seu objeto de estudo as pressupõem” (BOUCHARD, 2002, p. 2). São essas propriedades logicamente anteriores que determinariam a forma do sistema computacional linguístico. Da mesma forma, as possibilidades de variação linguística são restritas não por características particulares do sistema computacional, mas sim pela natureza e forma das

interfaces, que reduziriam substancialmente as formas possíveis pelas quais as línguas humanas podem associar formas a significados.

Seguindo essas premissas, Bouchard argumenta que implementações que buscam derivar a distribuição sintática e interpretação semântica de adjetivos atributivos a partir de elementos cobertos (*covert*) ou operações adicionais, como movimento desencadeado por traços funcionais, entradas lexicais duplicadas, projeções funcionais etc. são limitadas precisamente por tais recursos não serem legíveis nas interfaces (por não serem propriedades logicamente anteriores).

O autor aponta que a linearização é uma demanda de interface: pela forma como humanos são e se comunicam, é necessário que sons (ou outros signos) se sucedam no tempo. Ele observa que há uma assimetria fundamental na linearização temporal, assim como há uma assimetria fundamental na combinação semântica/computação sintática (*merge*), já que tal operação sempre envolve uma ‘função’ (*functor*) e um termo dependente (*dependent*). Como há assimetria nos dois níveis de interface, Bouchard propõe que a relação arbitrária que se estabelece entre eles seja convencionalizada. Assim, ele sugere o seguinte parâmetro de linearização:

(223) Parâmetro de Linearização

A ‘função’ precede/sucedem seu dependente.

(BOUCHARD, 2002, p. 60, tradução minha)

Bouchard propõe que em Francês, tradicionalmente descrita como uma língua *head-initial*, o parâmetro de linearização orienta que funções precedam seus dependentes; no DP, isso tem como efeito que o N (*functor*, ‘função’) preceda adjetivos (seus dependentes). Em relação às interpretações distintas que adjetivos têm em Francês quanto precedem de quando sucedem o nome (como apresentado na seção 2.2.1), Bouchard ressalva que o parâmetro em (223) prevê uma relação entre uma *função* por completo e seus dependentes; o caso seria outro no caso de adjetivos pré-nominais em Francês, que não modificariam o N (a função) *como um todo*, mas, sim, apenas uma subparte dele. O autor assume a descrição da semântica montaguiana acerca de composição semântica dos nomes, segundo a qual seu significado incluiria:

- a) uma função característica  $f$  que fornece a propriedade de interpretação do  $N$ ;
- b) uma especificação do intervalo de tempo  $i$ , que indica o momento de aplicação de  $f$ ;
- c) uma indicação de mundo possível  $w$ ;
- d) uma variável de atribuição  $g$ , que garante a vinculação entre variáveis e referentes.

Os adjetivos em (224) ilustram a modificação desses subcomponentes.

- (224)      a. le **futur** président      (Francês)  
                  ‘o futuro presidente  
                  b. de **parfaits** scélérats  
                  <sub>P</sub>    perfeitos delinquentes  
                  c. de **faux** diamants  
                  <sub>P</sub>    falsos diamantes  
                  d. ce **présumé** communiste  
                  <sub>P</sub>    suposto      comunista  
                  (BOUCHARD, 2002, p. 63)

Assim, adjetivos pré-nominais em Francês seriam capazes de modificar alguma dessas subpartes do significado do nome-núcleo e, portanto, não poderiam ser linearizados à direita como aqueles que, de fato, modificam o nome-núcleo como um todo. Para que a interface identifique a diferença nas relações estabelecidas entre adjetivos e nome em cada caso, uma condição *elsewhere* se aplica, fazendo com que adjetivos que não modificam o nome como um todo assumam uma posição distinta daquela prevista no parâmetro de linearização (i.e., sejam pré-nominais).

É importante ressaltar que Bouchard não considera que tais adjetivos sejam intensionais; para ele, todos os adjetivos são extensionais, sendo sua combinação com o nome-núcleo ou com constituintes maiores sempre estritamente composicional. A única diferença é com que conjunto cada adjetivo se intersecciona: enquanto a semântica de alguns adjetivos os leva a terem intersecção com o significado global do nome, outros estabelecem essa relação com apenas uma subparte dele. Note-se, ainda, que o autor distingue sua proposta de outras que aparentemente poderiam ser consideradas similares, como as que propõem estruturas de *qualia*, uma vez que as propriedades assumidas por ele para os nomes não são dependentes de contexto, e sim subpartes de qualquer nome da língua.

Quando consideramos o Inglês, porém, é evidente que a mesma análise não se aplica tal qual: apesar de Inglês também ser uma língua *head-initial*, tanto adjetivos intensionais quanto adjetivos extensionais tipicamente precedem os nomes. Para dar conta dessa discrepância, Bouchard sugere que isso se deva à forma como a noção de *número* é codificada em cada língua.

Primeiramente, o autor justifica que o conceito de número enquanto categoria gramatical é requerido pelas interfaces, uma vez que as línguas necessitam de algum mecanismo que lhes permita atomizar os conjuntos definidos pelos nomes para que, assim, possam associá-los a referentes no mundo. Para que possam ser interpretados, adjetivos precisam estar sob o escopo da categoria de número, onde quer que ela se realize.

Em Francês, número é codificado apenas no determinante<sup>100</sup>; já em Inglês, número é codificado apenas no nome-núcleo. É essa distinção que seria responsável pela distribuição sintática distinta de adjetivos em cada língua. A partir da assunção de que núcleos morfológicos sufixais têm escopo apenas sobre elementos à sua esquerda, adjetivos em Inglês teriam apenas a anteposição enquanto possibilidade; por outro lado, como número está no determinante em Francês, tanto adjetivos antepostos quanto pospostos ao nome estariam sob seu escopo — não havendo, assim, quaisquer entraves para aplicação direta do princípio de linearização.

### 3.4 SÍNTESE DAS PROPOSTAS

Uma vez apresentadas tanto propostas antissimétricas quanto propostas que assumem outras perspectivas sobre a relação entre hierarquia e ordem linear, podemos considerar agora suas potencialidades e limitações.

A maior crítica às propostas antissimétricas já foi brevemente apontada nas seções anteriores: a proposição de uma ordem sintática universal subjacente só se mantém às custas da assunção de uma série de projeções funcionais e movimentos (de núcleo e de constituintes) que, à luz do programa minimalista, pouco parecem ser compatíveis com as propriedades das interfaces. Além disso, a proposta de Cinque (2010) apresenta mais lacunas que a de Svenonius (2007) devido à ausência de motivação independente para o conjunto de projeções funcionais necessárias para derivar as ordens atestadas da ROA. Por outro lado, cabe apontar que a proposta de Svenonius, ao abrir mão de um conjunto mais fino de projeções funcionais, torna-se talvez restritiva demais e não parece ser capaz de dar conta da ROA. Somando-se a esses

---

<sup>100</sup> Bouchard assume que a categoria de número seja realizada apenas uma única vez por DP, e que quaisquer outras ocorrências sejam produto de mecanismos de concordância.

problemas, há aqueles apontados por Abels e Neeleman (2012) em relação à dependência dessas propostas do LCA: problemas conceituais e empíricos enfrentados pelo LCA se tornam também problemas dessas propostas.

Por outro lado, um aspecto no qual a proposta de Abels e Neeleman peca em relação às propostas antissimétricas está na sua capacidade de explicar assimetrias entre línguas. Considerando que não há, por princípio, diferença qualitativa entre as várias possibilidades de declaração de ordenamento descritas pelos autores, não haveria razão para que as diferentes ordens demonstrassem qualquer assimetria em termos de manifestação de preferências de ordenamento. Entretanto, é patente que línguas como o Português (e o Francês, como apontado em 3.1.1) não exibem a ROA com a mesma intensidade que línguas como o Inglês.

Poderíamos argumentar que a flexibilidade no ordenamento de adjetivos em línguas como Português é derivada da presença de adjetivos predicativos que são inseridos no DP como orações relativas reduzidas, isto é, adjetivos em modificação indireta. Não é claro, porém, como as duas fontes de adjetivos propostas por Cinque (2010) poderiam ser introduzidas na proposta de Abels e Neeleman (2012), já que eles não entram em detalhes tão finos da configuração sintática sugerida, tampouco esclarecem a que propriedades a “sequência funcional” é sensível (i.e., ela seria capaz de discernir entre adjetivos em modificação direta e indireta?). Assumindo que fosse possível compatibilizar as duas fontes de modificação adjetival na proposta desses autores, ainda assim seria necessário explicar por que Inglês exibe preferências claras de ordenamento, contrariamente a línguas como Português, se a modificação indireta também está disponível na posição default de adjetivos naquela língua<sup>101</sup>.

Outro aspecto que a proposta de Abels e Neeleman não parece conseguir responder, ao menos na formulação apresenta no texto citado, é a inabilidade de adjetivos pré-nominais em línguas românicas (ou, ao menos, na maioria delas), assim como de adjetivos antepostos em Inglês, de serem acompanhados de complementos (ver seção 2.3.1 para discussão). Cinque (1994, p. 98) argumenta que tal impossibilidade seria uma restrição já conhecida sobre projeções máximas que abertamente ocupam ramificações à esquerda de tomarem complementos à sua direita. Em contraste, a proposta de Abels e Neeleman (2012), em que ordem linear e estrutura sintática são dissociadas e em que os APs são adjungidos ao N(P) de acordo com uma sequência funcional independente, não parece ser capaz de prever que forma

---

<sup>101</sup> Essa pergunta tampouco é plenamente respondida por Cinque (2010) e Svenonius (2007). Entretanto, uma vez que essas propostas assumem que, em línguas como Português, a ordem seria derivada a partir de movimento, podemos especular que seja essa distinção em relação ao Inglês que gera a assimetria nas preferências de ordenamento — o que não seria inesperado, já que a presença de movimento reconhecidamente insere certa flexibilidade no ordenamento sintático.

tais APs podem assumir (i.e., terem complementos, modificadores etc.). A princípio, quaisquer restrições não se seguem automaticamente de sua proposta original e precisariam ser adicionadas arbitrariamente (talvez, como declarações de ordenamento específicas). Na medida em que a proposta desses autores é precisamente extirpar axiomas da teoria, tal medida enfraqueceria diretamente seu argumento conceitual.

Em relação a Bouchard (2002), talvez a principal limitação dessa proposta é ser forte demais. Quando consideramos a distribuição de marcas de número apresentada no Quadro 3, por exemplo, torna-se evidente que a seleção do autor pelo Francês talvez tenha enviesado sua análise, assim como a limitação da comparação ao Inglês. Não é claro como o autor seria capaz de explicar, por exemplo, que línguas tão similares em termos da realização de número como Árabe ou Grego (no sentido de todos os elementos do DP receberem marcas de pluralidade) exibam posicionamento contrário de adjetivos.

Por último — e crucialmente —, um problema que tanto Abels e Neeleman (2012) quanto Bouchard (2002) enfrentam é terem baseado suas propostas em relações de escopo. Como discutido em 2.2.2, há um número não trivial de línguas em que adjetivos aparentemente modificam o nome-núcleo “em paralelo”, isto é, sem terem escopo uns sobre os outros — sem que seja possível reduzir tais estruturas a casos de coordenação, como sugerido por Sproat e Shih (1991), especialmente por tais línguas exibirem ROA em tais circunstâncias<sup>102</sup>.

---

<sup>102</sup> Como já descrito, a ROA não se aplica a orações relativas, tampouco a adjetivos coordenados.

#### 4 CONDIÇÃO DE APLICAÇÃO DA ROA

Como apresentado no capítulo 2, os fenômenos envolvendo adjetivos atributivos são vários e multifacetados.

Em termos de sua estrutura sintagmática, por que adjetivos em certas posições não podem ser acompanhados de complementos? Por que só aceitam alguns modificadores (ou quantificadores)? Existem adjetivos atributivos que são núcleos ou todos teriam estatuto de projeção máxima? Que previsões podem ser feitas em relação à distribuição sintática e à interpretação semântica dos adjetivos a partir de cada estrutura assumida?

Em termos de sua interpretação, por que adjetivos em certas línguas apresentam ambiguidades em sua interpretação? Qual a natureza da relação entre essas interpretações, a estrutura sintática e as interfaces? As previsões de Cinque (2010) acerca da relação entre conjuntos de leituras e tipos de modificação se mantêm em línguas que apresentam apenas uma ou outra fonte?

Em termos de seu posicionamento dentro do DP, qual a relação entre adjetivos e outras projeções lexicais ou funcionais? Há causalidade entre relações hierárquicas e ordem linear? De que modo preferências de ordem estão codificadas na gramática? As categorias propostas por Svenonius (2007) são suficientes para dar conta das Restrições de Ordenamento de Adjetivos?

Apesar de todos os trabalhos que já se debruçaram sobre esses itens, a complexidade de seu comportamento, até o momento, impediu o desenvolvimento de um tratamento unificado. Svenonius (2007, 2008) se preocupa com a relação entre adjetivos e a projeção estendida do nome; Abels e Neeleman (2012) focam na relação entre estrutura hierárquica e ordem linear; Bouchard (2002) busca oferecer um tratamento puramente composicional, assumindo para isso uma dissociação entre sintaxe e ordem, assim como uma neutralização de várias oposições tradicionais (como aquele entre adjetivos intensionais e extensionais).

Para que cada um desses empreendimentos pudesse ser levado a cabo, uma série de aspectos do comportamento de adjetivos teve de ser deixada de lado, como as dicotomias de leituras de adjetivos, suas propriedades de escopo, a possibilidade ou não de serem modificados ou serem acompanhados de complementos etc. Ao operarem seus recortes, os autores não apenas deixam de explicar certos fenômenos, como também abrem mão mesmo de descrever alguns outros, uma vez que eles não são sequer contemplados pelas premissas teóricas assumidas. Para além do grau de sucesso, alcance ou abrangência de cada proposta, há de se

notar que as próprias *perguntas* e objetos de pesquisa, ainda que dentro do mesmo tema, variam de autor para autor.

De fato, a ciência opera com base em recortes; no entanto, a própria adequação do recorte está sujeita à verificação científica. A determinação do conjunto mínimo de fatores que deve ser levado em consideração para o desenvolvimento de uma proposta com maior poder descritivo e explicativo é uma questão empírica.

Nesse sentido, apesar das críticas já mencionadas e outras que possam ser tecidas, a proposta de Cinque (2010) é, no mínimo, a que procura dar conta do maior número de dados — e com algum sucesso. A proposição das duas fontes de modificação adjetival é capaz de descrever tanto os contrastes de leitura existentes em línguas anglo-germânicas quanto (ainda que de forma superficial) sua relação com a sintaxe; além disso, o autor faz assunções explícitas com relação à posição de adjetivos no DP, assim como quanto à sua estrutura sintagmática.

O aspecto da proposta de Cinque (2010) que é mais frequentemente alvo de críticas é sua proposição de uma série de projeções funcionais rigidamente ordenadas, que seriam responsáveis pela linearização identificada na ROA. Como Svenonius (2007) — dentre tantos outros — adequadamente critica, parece pouco razoável assumir que houvesse uma granularidade tão fina de projeções funcionais. Por outro lado, nenhuma solução alternativa está disponível na literatura (Svenonius simplesmente assume que a ROA, de alguma forma, seja redutível às projeções sugeridas por ele). Abels e Neeleman (2012), com sua proposta de declarações de ordenamento, substituem o componente de movimento (e antissimetria) de Cinque (2010), mas assumem com o autor a existência de uma hierarquia funcional (cognitiva) que garantiria que os adjetivos figurassem sempre na mesma ordem na estrutura sintática.

Essa é a questão que me interessará neste capítulo da tese. Ele está organizado da seguinte forma: na seção 4.1, apresento a generalização teórica que vincula a presença de ROA à ausência de relações de escopo entre adjetivo; em 4.2, discuto as limitações da proposta de projeções de Cinque (2010) em relação ao tratamento sintático de adjetivos com preferências de ordem; em 4.3, apresento minha proposta de que a ROA se aplique apenas em uma configuração específica, em que adjetivos se adjungem uns aos outros na posição de especificador de uma projeção relacional acima de NP; em 4.4, discuto brevemente a configuração de construções com escopo; em 4.5, apresento argumentos adicionais para a existência de estruturas com e sem escopo; em 4.6, aponto a relação dessas estruturas com outros elementos nominais; em 4.7, procuro compatibilizar a proposta aqui delineada com outras análises disponíveis na literatura; por fim, em 4.8, apresento as limitações desta tese, assim como perspectivas para trabalhos futuros.

#### 4.1 ROA E AUSÊNCIA DE RELAÇÕES DE ESCOPO

Como os primeiros capítulos já tornaram patente, pesquisas anteriores sobre adjetivos não foram capazes de unificar o tratamento dado a adjetivos atributivos; na realidade, os autores resenhados nem sequer se propuseram a isso. Eu também não sou capaz de levar tal empreendimento a cabo neste momento — tampouco é esse meu objetivo.

Contudo, diferentemente dos trabalhos anteriores, busquei apresentar um panorama tão completo quanto possível das propriedades de adjetivos atributivos no capítulo 2, sem deixar de lado os dados que não serei capaz de contemplar em minha análise, a fim de que tanto as potencialidades quanto as limitações de minha própria proposta sejam evidenciadas. Além disso, é a partir do desenvolvimento de uma visão holística que nos tornamos capazes de perceber certos processos como interligados. Foi essa escolha de organização dos dados que me permitiu perceber uma ligação entre dois fenômenos: a ROA e a possibilidade de adjetivos atributivos figurarem em construções sem escopo.

Quadro 8 - Possibilidades de escopo entre sequências de adjetivos atributivos (atualizado) e presença de Restrições de Ordenamento de Adjetivos (baseados em critérios nocionais)<sup>103</sup>

|                                 | Sem escopo entre adjetivos | Com escopo entre adjetivos | ROA |
|---------------------------------|----------------------------|----------------------------|-----|
| <b>ÁRABE</b>                    | ✓                          | ✓                          | ✓   |
| <b>FRANCÊS</b>                  |                            | ✓                          |     |
| <b>GALÊS</b>                    | ✓                          | ✓                          | ✓   |
| <b>GREGO</b>                    | ✓                          | ✓                          | ✓   |
| <b>HEBRAICO</b>                 | ✓                          | ✓                          | ✓   |
| <b>INGLÊS</b>                   | ✓                          | ✓                          | ✓   |
| <b>PORTUGUÊS<br/>BRASILEIRO</b> |                            | ✓                          |     |

Fonte: elaboração própria.

Como já apresentado na seção 2.2.2, infelizmente os dados sobre possibilidades de escopo de adjetivos atributivos são escassos, visto este não ser um fenômeno amplamente reconhecido (que dirá descrito); por isso, esse quadro não contempla uma grande amplitude de famílias linguísticas como seria desejável. Ainda assim, a partir das evidências existentes na

<sup>103</sup> O Quadro 8 consiste em uma simplificação parcial do Quadro 7, em que dados ambíguos ou incertos foram removidos para fins de clareza. Por ora, por exemplo, deixo de lado a possibilidade de adjetivos pré- e pós-nominais em PB não terem escopo entre si. Para fins da exposição a ser feita neste capítulo, esse aspecto não é relevante.

literatura, o Quadro 8 aponta para uma correlação interessante: línguas em que adjetivos atributivos necessariamente têm escopo entre si não exibem ROA<sup>104</sup>.

Sproat e Shih (1991) já haviam argumentado acerca da ausência de ROA em Francês. Além deles, Bouchard (2002) também defende que toda combinação de adjetivos em Francês é motivada pela construção composicional de constituintes, isto é, em que uma sequência como ‘carro vermelho bonito’ segue tal ordem devido à intenção do falante em falar de um certo carro bonito dentre os carros vermelhos. Tal argumentação evidencia que o autor não identifica, em Francês, algum tipo de preferência de ordenamento que sobrepuje motivações de escopo.

Em Português, também não acredito que tais preferências existam. Não tenho um argumento empírico mais forte que minhas próprias observações no momento, ainda não corroboradas por experimentos psicolinguísticos ou levantamentos quantitativos em corpora, mas acredito que a ausência de tais discussões na literatura sobre adjetivos em PB (como retomada em DESCHAMPS, 2015) seja uma evidência teórica interessante. No mínimo, há um contraste evidente entre a percepção de preferência em línguas em que a ROA é reconhecida e línguas como Francês e Português.

Na realidade, mesmo Cinque (2010) não apresenta uma posição forte quanto à existência de ROA em Italiano. Como apresentado no capítulo anterior, a argumentação do autor quanto à ordem espelhada do Italiano em relação ao Inglês é baseada na distribuição de adjetivos classificativos, além de seus exemplos de adjetivos étnicos com nomes eventivos. Chamo a atenção para o fato de que nenhuma dessas construções está tipicamente contida em descrições de ROA. Como argumentarei neste capítulo, proponho que o fenômeno de ROA se manifeste em configurações específicas, distintas daquelas introduzidas por nomes eventivos ou em que figuram adjetivos classificativos e focalizados.

A descrição de Cinque (2010) sobre a codificação da ROA na sintaxe se faz com base em sua distinção entre adjetivos em modificação direta e indireta. Segundo o autor, nas línguas românicas, preferências de ordem seriam menos evidentes devido à possibilidade de ocorrência de adjetivos de modificação indireta, que fazem com que quase quaisquer ordens sejam possíveis. Em línguas em que haja apenas modificação direta, porém, seria esperado que a única ordem possível fosse aquela prevista pela ROA.

Um primeiro problema com essa proposta é que Inglês claramente exhibe ROA, apesar de, assim como nas línguas românicas, adjetivos de modificação indireta serem possíveis na posição default; se fosse a coocorrência de ambos os tipos de modificação que neutralizasse

---

<sup>104</sup> Relembramos aqui que o tipo de restrições contidas na ROA engloba distinções mais finas entre adjetivos “de um mesmo tipo”, como entre adjetivos não graduais, graduais, avaliativos etc.



Ao invés de quaisquer padrões de ordem, o que todas essas línguas têm em comum é a possibilidade de que adjetivos atributivos não tenham escopo uns sobre os outros — em outras palavras, que eles não estabeleçam relações de constituição com o nome e adjetivos mais internamente encaixados. Essa generalização está sintetizada em (A).

- (A) Se adjetivos atributivos não estabelecem relações de escopo entre si, então a língua exibe Restrições de Ordenamento de Adjetivos.

Como argumentado no começo deste capítulo, trabalhos sobre adjetivos tipicamente se concentram sobre um aspecto específico do comportamento adjetival, visto a dificuldade de abarcar todas as suas diferentes facetas. Do mesmo modo, o que buscarei desenvolver na reta final desta tese é uma racionalização sobre (A) — deixando de lado, ao menos por ora, questões trazidas por outros autores, assim como diversos dados sobre adjetivos atributivos apresentados no capítulo 2. Com este recorte, espero contribuir para a discussão, se não oferecendo um tratamento unificado, ao menos com mais um pedaço do quebra-cabeça.

#### 4.1.1 Síntese da questão à luz da antissimetria

Pode-se buscar explicar a generalização apresentada em (A) a partir de diferentes percursos analíticos, a depender da perspectiva teórica assumida. Como argumentado no final do capítulo 3, propostas antissimétricas parecem capturar melhor o comportamento de adjetivos atributivos, na medida em que as (im)possibilidades de certos movimentos dão conta de algumas assimetrias observadas entre as línguas. Assim, assumindo a antissimetria (KAYNE, 1994) como norte, a seguinte questão se coloca:

- (B) Em uma proposta compatível com as assunções da antissimetria, como pode a estrutura sintática ser linearizável e, ao mesmo tempo, não exibir relações de escopo?

Observe-se que a pergunta em (B) se coloca com base em duas premissas essenciais:

- i. Semanticamente (em LF), c-comando está atrelado a escopo;
- ii. Fonologicamente (em PF), c-comando está atrelado a precedência.

A premissa amplamente assumida em (i) origina-se em May (1985), que define *escopo* conforme (226). Já (ii), como anteriormente apresentado, tem como base a teoria da antissimetria de Kayne (1994).

- (226) O *escopo* de  $\alpha$  é o conjunto de nós que  $\alpha$  c-comanda em LF.  
(MAY, 1985, p. 5)

Em associação a esse desafio de formalização, há também o problema conceitual em (C).

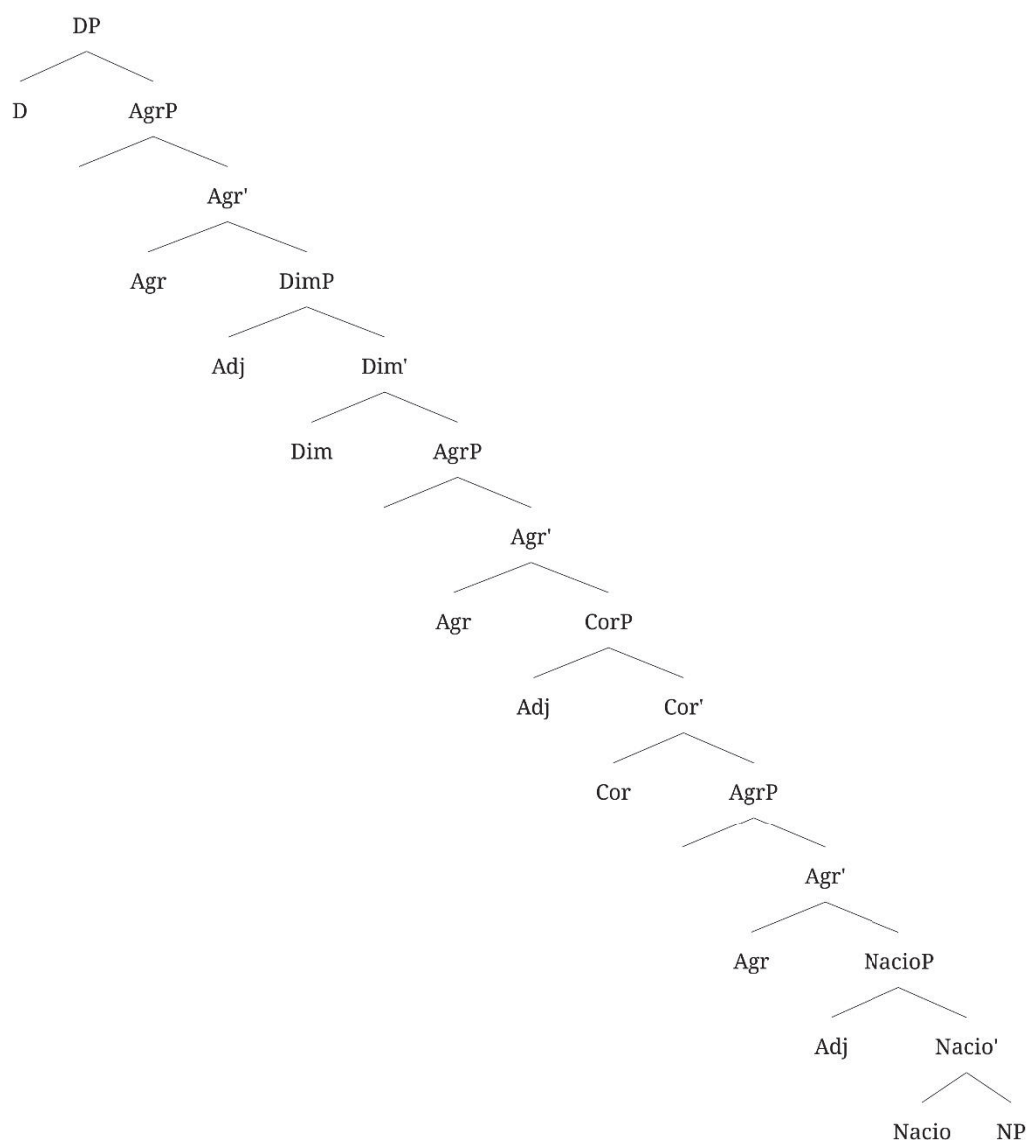
- (C) Qual a fonte e em que configuração sintática se aplicam as Restrições de Ordenamento de Adjetivos?

A princípio, parece difícil que seja possível compatibilizar (A) com as premissas em (i)-(ii); numa perspectiva estrita de antissimetria, tão próxima à formulação original de Kayne (1994) quanto possível, essa é provavelmente uma questão sem solução. Partindo dessa constatação, duas conclusões se sugerem: ou a teoria da antissimetria é incompatível com os dados; ou é necessário que uma dessas premissas seja alterada ou relativizada. Perseguiremos a segunda alternativa.

#### 4.2 LIMITAÇÕES DA MECÂNICA DE CINQUE (2010)

Como a proposta de Cinque (2010) é a que dá conta do fenômeno de ROA melhor que as alternativas, comecemos por examinar em mais detalhes o seu funcionamento. A árvore em (227) apresenta uma estrutura com as projeções funcionais de DimensãoP, CorP e NacionalidadeP, intercaladas a projeções de Agr cuja função (ou uma delas) seria receber constituintes movidos em seus especificadores. Os rótulos são apenas mnemônicos e não indicam comprometimento com a assunção de que haja qualquer implicação ontológica envolvendo essas noções e os respectivos núcleos funcionais.

(227)



Tomando como exemplo o Inglês para línguas com adjetivos (predominantemente) pré-nominais, e as línguas semíticas para línguas com adjetivos pós-nominais, consideremos agora as possibilidades de derivação a partir da hierarquia funcional em (227) e da proposta de movimento de constituintes de Cinque (2010). A hierarquia e a possibilidade de movimento nos permitem fazer as seguintes previsões extremas:

*Previsão 1:* Nenhum movimento ocorre.

*Previsão 2:* O movimento de constituintes é sistemático e exaustivo.

*Previsão 3:* O movimento de núcleo<sup>107</sup> é sistemático e exaustivo.

<sup>107</sup> Cinque (2010) não descarta a possibilidade de movimento de núcleo; inclusive, ele sugere que esse seja o caso na derivação para o Galês.

Se deixarmos de lado adjetivos em modificação indireta e outros modificadores mais altos na estrutura<sup>108</sup>, o Inglês confirma a previsão 1: o nome fica *in situ* e os adjetivos sujeitos a ROA figuram todos na anteposição. Já as línguas semíticas confirmam a previsão 2: não há adjetivos pré-nominais e a ordem preferencial é espelhada em relação ao Inglês, indicando um movimento bola de neve exaustivo sobre todos os adjetivos (mais precisamente, sobre o primeiro adjetivo, e depois do constituinte que contém este adjetivo e o NP, e assim por diante).

A previsão 3, por outro lado, não parece encontrar confirmação em nenhuma língua. Cinque (2010) exemplifica essa possibilidade com línguas aparentadas, Galês e Irlandês; no entanto, como visto em 2.1.1, o Galês (e provavelmente o Irlandês) permite o aparente movimento do N apenas sobre alguns adjetivos. Isso possivelmente indica a presença de alguma projeção interveniente que satisfaz a motivação do movimento do N, interrompendo seu movimento sobre toda a sequência de adjetivos<sup>109</sup>.

Em relação à previsão 2, um detalhe mais fino sobre sua derivação se coloca: é possível obter a ordem espelhada em relação ao Inglês tanto com movimento de núcleo N acima do primeiro adjetivo, com subsequente movimento de constituintes nas camadas superiores, ou então com movimento do DP para spec do primeiro AgrP, seguido dos mesmos movimentos de constituintes. Discutiremos essas possibilidades na próxima seção.

#### 4.2.1 Movimento de núcleo ou de projeção máxima

Como visto, a fim de obtermos em Inglês a ordem de adjetivos observada na ROA a partir da estrutura funcional proposta por Cinque (2010), exemplificada em (227), basta assumir que nenhum movimento ocorra: as relações de c-comando presentes na estrutura garantem sua linearização na anteposição conforme a ROA.

Em línguas com adjetivos pós-nominais e com movimento bola de neve (de constituintes), por outro lado, coloca-se a questão de que tipo de movimento se dá sobre o primeiro adjetivo: a princípio, tanto movimento do núcleo N quanto movimento da projeção máxima NP gerariam a mesma ordem superficial em que o elemento nominal antecede o

<sup>108</sup> Como orações relativas reduzidas e não-reduzidas, sobre as quais Cinque assume que o constituinte que abarca o NP e todos os adjetivos se move.

<sup>109</sup> Que ocorreria de acordo com a Restrição de Movimento de Núcleo, como formulado em Chomsky (1986b, p. 71). Apontamos que a Restrição de Movimento de Núcleo foi originalmente proposta por Travis (1984).

primeiro adjetivo<sup>110</sup>. Essas possibilidades estão ilustradas em (228)<sup>111</sup> utilizando apenas a camada de NACIONALIDADE, a mais baixa em (199).

(228) a. Sem movimento

$[AgrP^I [Agr^I, Agr^I [NacioP Adj_{NAC} [Nacio' Nacio [NP N]]]]]]]$

Ordem observada:  $Adj_{NAC} > N$

b. Movimento de núcleo

$[AgrP^I [Agr^I, Agr^I-N-Nacio [NacioP Adj_{NAC} [Nacio' t_{N-NACIO} [NP t_N ]]]]]]$

Ordem observada:  $N > Adj_{NAC}$

c. Movimento de projeção máxima

$[AgrP^I NP [Agr^I, Agr^I [NacioP Adj_{NAC} [Nacio' Nacio [t_{NP} ]]]]]]$

Ordem observada:  $N > Adj_{NAC}$

A ordem bola de neve final pode ser obtida tanto a partir de (228b) quanto de (228c) — em ambos os casos, com movimento do AgrP mais baixo, carregando consigo tudo em seu domínio, para o próximo AgrP da estrutura (e assim sucessivamente). A próxima etapa da derivação é representada em (229) apenas com a próxima projeção funcional presente no exemplo (AdjCOR).

(229) a. Movimento de núcleo (camada mais baixa)

$[AgrP^I [Agr^I, Agr^I-N-Nacio [NacioP Adj_{NAC} [Nacio' t_{N-NACIO} [NP t_N ]]]]]] \square$

$[AgrP^{II} AgrP^I [Agr^{II}, Agr^{II} [CorP Adj_{COR} [Cor' Cor [t_{AgrP^I} ]]]]]]$

Ordem observada:  $N > Adj_{NAC} > Adj_{COR}$

b. Movimento de projeção máxima

$[AgrP^I NP [Agr^I, Agr^I [NacioP Adj_{NAC} [Nacio' Nacio [t_{NP} ]]]]]] \square$

$[AgrP^{II} AgrP^I [Agr^{II}, Agr^{II} [CorP Adj_{COR} [Cor' Cor [t_{AgrP^I} ]]]]]]$

Ordem observada:  $N > Adj_{NAC} > Adj_{COR}$

<sup>110</sup> A presença de PPs/complementos poderia eventualmente ser uma evidência quanto a uma proposta ou outra. Nesse sentido, adjetivos atributivos em modificação direta tipicamente aparecem mais próximos do N que complementos nominais, PPs, outros modificadores etc. No entanto, há propostas em que complementos nominais e PPs são necessariamente mais altos na estrutura e não se combinam diretamente ao N ou na camada do NP (ADGER, 2013); se esse for o caso, a presença desses elementos não é evidência quanto ao tipo de movimento envolvido. Neste trabalho, endosso a proposta de Adger (2013).

<sup>111</sup> Utilizamos *vestígios* sem compromisso teórico, apenas a fim de facilitar a exposição. Da mesma forma, seguimos informalmente Cinque (2010) em assumir que as camadas que recebem constituintes em movimentos de bola de neve são AgrPs.

Assim, analisando apenas línguas com adjetivos pós-nominais e ordem espelhada, não é possível escolher entre as duas derivações a partir de considerações de ordem: tanto uma como a outra são capazes de gerar a ordem superficial observada.

Nesse caso, vale a pena examinarmos em mais detalhes as previsões de derivação embutidas em (228)-(229).

O hipotético movimento de núcleo em (228b) é seguido do movimento de constituintes em (229a), o que daria origem a línguas com ordem de adjetivos espelhada, como as línguas semíticas. No entanto, seria teoricamente possível haver línguas em que há movimento de núcleo, mas não de projeção máxima. As possibilidades de ordem, tomando como base a estrutura simplificada em (227), são listadas em (230). Ainda, poderíamos especular sobre uma outra possibilidade: línguas que contariam com movimento de projeção máxima, mas não de núcleo (231).

(230) Ordem subjacente:  $\text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{Adj}_{\text{NAC}} > \text{N}$

a.  $*\text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{N} > \text{Adj}_{\text{NAC}}$

b.  $*\text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{N} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{Adj}_{\text{NAC}}$

c.  $*\text{N} > \text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{Adj}_{\text{NAC}}$

(231)  $*\text{Adj}_{\text{NAC}} > \text{N} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{Adj}_{\text{DIM}}$

Por hipótese, seria possível haver o movimento do N sobre o primeiro adjetivo sem subsequente movimento bola de neve (230a); ou, então, o N poderia subir até alguma camada intermediária, ainda deixando alguns adjetivos à esquerda (230b); ou, então, o movimento do N poderia ser exaustivo, deixando todos os adjetivos à sua direita e na mesma ordem que a estrutura subjacente (230c). Ainda, seria possível ter o mesmo movimento de constituintes sem o primeiro movimento de núcleo, o que nos traria a ordem em (231).

Interessantemente, a literatura não parece oferecer evidências de línguas que correspondam a nenhuma dessas hipóteses. Em Galês, como já apontado, todos os adjetivos são pós-nominais<sup>112</sup>, o que descarta (230a-b), mas as últimas camadas exibem ordem espelhada, o que descarta (230c). Também não são relatadas línguas como (231), em que supostos adjetivos mais baixos apareceriam à esquerda do nome-núcleo, mas os demais adjetivos apareceriam em ordem espelhada à direita.

<sup>112</sup> Os poucos adjetivos pré-nominais em Galês não participam de fenômenos de preferência de ordem, então não se encaixam bem nessa discussão.

Assim, uma situação curiosa se delineia: na presença de adjetivos, o movimento de núcleo do N estaria restrito à primeira camada relevante acima dele; além disso, ele estaria necessariamente atrelado à ocorrência de movimentos de constituintes subsequentes.

Isso é inesperado para um movimento de núcleo. Quando comparamos o domínio nominal ao domínio verbal, por exemplo, vemos que verbos podem ficar *in situ* como em Japonês); subir até T (como em PB); ou, mesmo, o movimento pode ser (quase) exaustivo e atingir as camadas mais altas da estrutura, chegando a C (como em Holandês).

Há ainda um outro argumento, de natureza mais teórica, que depõe contra esse atrelamento entre movimento do N e de constituintes. Movimentos de núcleo e de constituintes costumam ser motivados por fatores distintos, tendo também consequências distintas na gramática. Chomsky (2001), por exemplo, defende que o movimento de núcleo, ou ao menos boa parte dele, ocorra no componente fonológico, diferentemente do movimento de projeções máximas, uma vez que “(...) os efeitos semânticos de alçamento do núcleo no sistema flexional central são poucos ou não existentes, em contraste com movimento de XP, cujos efeitos são substanciais e sistemáticos” (CHOMSKY, 2001, p. 37, tradução minha). Assim, seria surpreendentemente que o movimento de núcleo condicionasse ou estivesse condicionado por movimentos subsequentes de projeções máximas.

Em resumo, não podemos descartar totalmente a hipótese de que haja uma razão para a limitação do movimento de N e para seu atrelamento ao movimento de constituintes que simplesmente ainda não conhecemos. No entanto, dado o raciocínio desenvolvido nesta seção, há uma solução mais simples a ser adotada que elimina alguns dos problemas apresentados (principalmente os conceituais): o movimento acima do primeiro adjetivo é da projeção máxima NP, não do núcleo N.

Essa assunção também nos traz o ganho teórico de uniformizar os tipos de movimento envolvidos na derivação da ROA em línguas com ordem espelhada: ao invés de uma combinação entre movimento de núcleo e de constituintes, temos apenas movimento de constituintes. Na perspectiva de Cinque (2010), isso poderia significar a existência de um parâmetro que distinguiria entre duas possibilidades em termos do domínio nominal no que tange adjetivos atributivos: as línguas disporiam (como as línguas semíticas) ou não (como Inglês) de movimentos de constituintes.

Assumindo-se, então, que todo movimento envolvido na derivação de ordens de adjetivos atributivos seja de projeções máximas, podemos agora examinar que previsões a proposta de Cinque (2010) faz com relação às derivações possíveis a partir da hierarquia proposta por ele.

#### 4.2.2 Movimento bola de neve exaustivo

Da mesma forma que fizemos na seção anterior, é interessante começarmos por nos debruçar sobre as ordens que diferentes possibilidades de movimentos de constituintes poderiam gerar. Novamente, desenvolveremos nosso raciocínio com base na estrutura simplificada em (227) a fim de facilitar a exposição. (232) apresenta as ordens possíveis.

- (232) Ordem subjacente:  $\text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{Adj}_{\text{NAC}} > \text{NP}$
- a.  $*\text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{NP} > \text{Adj}_{\text{NAC}}$
  - b.  $*\text{Adj}_{\text{DIM}} > \text{NP} > \text{Adj}_{\text{NAC}} > \text{Adj}_{\text{COR}}$
  - c.  $\text{NP} > \text{Adj}_{\text{NAC}} > \text{Adj}_{\text{COR}} > \text{Adj}_{\text{DIM}}$

(232a) é similar a (230a), com a diferença de que assumimos que se trate de movimento de projeção máxima, não de núcleo. Em (232b), o NP se move até uma projeção intermediária, gerando ordem espelhada em posposição, mas ainda com alguns adjetivos em anteposição (note-se que, havendo mais projeções funcionais, seria possível que o movimento de constituintes parasse em qualquer uma delas). Por fim, (232c) prevê o movimento exaustivo de constituintes, em que a derivação termina com o NP em posição inicial na ordem linear.

A única ordem atestada dentre essas é (232c). É necessário qualificar essa observação. Há, de fato, línguas em que adjetivos podem figurar tanto de um lado como de outro do nome; o próprio PB é um desses casos, podendo instanciar, inclusive, uma ordem similar a (232b), em que um adjetivo de dimensão precede o nome-núcleo (como em *grandes bandeiras chinesas vermelhas*). No entanto, note-se que essa ordem, em PB, não é preferencial da mesma forma que ordens preferenciais são entendidas em Inglês ou em quaisquer línguas que apresentem ROA.

Na realidade, ao observar com mais atenção línguas em que a ROA é descrita, podemos notar um padrão: ela é sempre descrita ou na anteposição, ou na posposição — nunca cruzando a barreira do N(P). Ainda que Cinque (2010) não reconheça esse fato explicitamente, de certa forma essa assunção estava implícita em sua descrição das possibilidades de ROA<sup>113</sup>, uma vez que o autor faz generalizações quanto à ordem dos adjetivos ou na anteposição, ou na posposição.

Essa parece ser uma generalização empírica correta, na medida em que é compatível com as descrições de línguas com ROA, mas não é uma consequência necessária ou automática da proposta de Cinque. Se a ROA fosse codificada na sintaxe por projeções funcionais conforme

<sup>113</sup> Como apresentado originalmente em (108).

a proposta de Cinque, seria esperado que ordens como (232a,b) fossem possíveis; crucialmente, seria esperado que a ROA pudesse se distribuir ao mesmo tempo na ante e na posposição. Em outras palavras, não é claro por que o movimento bola de neve teria que ser exaustivo. Por que o movimento não poderia ter como alvo alguma projeção situada na porção intermediária de toda a estrutura funcional do DP?

Pela estrutura proposta por Cinque (2010), realmente é possível derivarmos tanto a ordem do Inglês quanto a das línguas semíticas; contudo, isso se dá às custas de prevermos a existência de línguas que, a princípio, parecem não existir. A partir dessa conclusão, três soluções se avizinham: a) há uma explicação mais profunda para por que o movimento é necessariamente exaustivo; b) o movimento na realidade não é bola de neve, ou é diferente do sugerido em algum sentido essencial; ou c) a estrutura hierárquica proposta está errada. Como um problema adicional, note-se que a estrutura proposta por Cinque prevê que haveria escopo entre todos os adjetivos — talvez precisamente por ter sido delineada de acordo com pressupostos antissimétricos —, diferentemente da generalização empírica descrita em (A).

Se há uma boa justificativa para que o movimento tenha que ser exaustivo, ela nesse momento nos elude. Assim, perseguiremos na próxima seção um outro caminho, assumindo que a resposta reside em uma combinação de (b) e (c).

#### 4.3 ROA COMO RESULTADO DE ESTRUTURA DE ADJUNTO A ADJUNTO

Antes de delinear uma proposta alternativa a de Cinque (2010), é interessante que sintetizemos a quais problemas e generalizações seria desejável que ela respondesse.

- I. Não há evidência independente da existência de projeções funcionais dedicadas a classes nocionais de adjetivos. Se a ordem observada em ROA tem origem em algum mecanismo de interface, adjetivos em ROA devem se encontrar em uma configuração específica, permeável à interface;
- II. Sendo ROA de motivação cognitiva, todas as línguas com ROA devem exibir a mesma ordem preferencial;
- III. ROA se aplica apenas a adjetivos atributivos sem escopo. Assim, é necessário que a configuração sintática permita ausência de escopo;
- IV. ROA se dá apenas em uma posição, ou com todos os adjetivos pré-nominais, ou com todos os adjetivos pós-nominais. O mecanismo de derivação deve garantir que, quando o movimento ocorra, ele seja exaustivo;

- V. Seguindo a perspectiva antissimétrica, constituintes adjetivais precisam ser linearizáveis. Assim, eles devem estabelecer relações de c-comando assimétricas uns com os outros.

A primeira questão a ser abordada é que tipo de configuração sintática seria compatível com as questões acima delineadas. Antes de avançarmos na proposição de uma estrutura, porém, é importante retomarmos as definições com que estamos trabalhando concernentes às relações estabelecidas entre os elementos na sintaxe.

(233) *Dominância*<sup>114</sup>

Dados dois nódulos não-terminais distintos  $\alpha$  e  $\beta$ , considere-se que  $\alpha$  domina  $\beta$  se e somente se, nas relações de parte e todo na estrutura de constituinte, tem-se que o constituinte  $\beta$  é uma subparte própria do constituinte  $\alpha$ .

(234) *Dominância (acrécimo)* (CHOMSKY, 1986b, p. 7, tradução minha)

$\alpha$  é dominado por  $\beta$  se ele é dominado por todos os segmentos de  $\beta$ .

(235) *Exclusão* (CHOMSKY, 1986b, p. 9, tradução minha)

$\alpha$  exclui  $\beta$  se nenhum segmento de  $\alpha$  domina  $\beta$ .

(236) *C-comando* (KAYNE, 1994, p. 16, tradução minha)

$\alpha$  c-comanda  $\beta$  sse  $\alpha$  e  $\beta$  são categorias e  $\alpha$  exclui  $\beta$  e toda categoria que domina  $\alpha$  domina  $\beta$ .

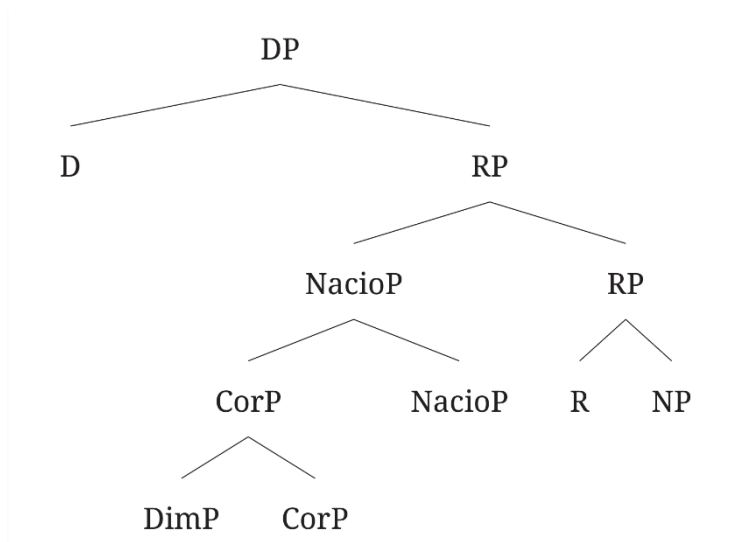
Dadas essas definições, prossigamos.

De acordo com premissas antissimétricas, na ausência de projeções funcionais dedicadas e dispondo de apenas uma posição de especificador (que, na perspectiva da antissimetria, é sinônima de adjunto) por camada, a única solução disponível em que: a) é possível dispormos de múltiplos adjetivos modificando um mesmo N numa mesma camada; e

<sup>114</sup> Em termos um pouco mais técnicos, podemos dizer que a dominância é uma noção primitiva, uma relação irreflexiva (cf. CHOMSKY, 1986b; KAYNE, 1994), transitiva, assimétrica e não total (cf. LASNIK; KUPIN, 1977, p. 176–177; PARTEE; MEULEN; WALL, 1993, p. 440) entre dois nódulos não terminais (distintos)  $\alpha$  e  $\beta$ , cujo estabelecimento é restrito pelas condições de boa formação de árvores (marcadores sintagmáticos): da Condição de Nó-Raiz Único, da Condição de Exclusividade e da Condição de Não-Cruzamento.

b) essa estrutura é linearizável é recorremos a especificadores de especificadores — ou, em outras palavras, a adjuntos de adjuntos. Tal estrutura está desenhada em (237)<sup>115</sup>.

(237)



Assumimos que os adjetivos figurem na estrutura em algum tipo de projeção compatível com a modificação adjetival, a que chamamos por ora de projeção relacional (RP). Talvez seja possível relacionar essa projeção a uma independentemente motivada para a projeção estendida do nome, tal como proposto por Svenonius (2007)<sup>116</sup>; no entanto, para os fins de exposição de nossa proposta, seguiremos com RP como um rótulo temporário.

Sobre a relação entre a preferência cognitiva que se traduziria em ROA e a sintaxe, propomos que não haja projeções funcionais dedicadas: os adjetivos são todos especificadores<sup>117</sup> de uma mesma categoria na projeção estendida do NP. Por hipótese, é apenas nessa configuração em que todos ocupam “o mesmo” especificador que a ROA se aplicaria (i.e., seria permeável às preferências da interface). Concretamente, podemos supor que essa preferência da interface se traduza em uma sequência que determina a ordem em que os adjetivos são inseridos na derivação, de modo semelhante a Abels e Neeleman (2012).

Isso posto, observemos primeiramente as relações de dominância. Uma vez que, para que uma categoria seja dominada, é necessário que ela seja dominada por *todos* os segmentos da categoria dominante (cf. (234)), temos que a única categoria que domina DimP é DP; o

<sup>115</sup> Diferentemente do que vemos na exposição em (227–229) acerca da proposta de Cinque (2010), aqui os rótulos mnemônicos DimP, CorP e NacioP não representam projeções funcionais que abrigariam APs de seus respectivos tipos, mas sim os próprios adjetivos dos tipos indicados pelos rótulos.

<sup>116</sup> Alternativamente, é possível que RP seja algum tipo de projeção funcional dedicada à modificação no mesmo sentido que Adger (2013) propõe para os PPs.

<sup>117</sup> Como ficará claro a seguir, esses especificadores precisam ser estruturalmente indistintos de adjuntos, nos termos de Kayne (1994).

mesmo vale para CorP, NacioP e RP. Já NP, por outro lado, é dominado tanto por DP quanto por RP.

Em termos de exclusão, por sua vez, observamos que DimP exclui CorP, NacioP, RP e NP; CorP exclui NacioP, RP e NP; NacioP exclui RP e NP; e RP não exclui nenhuma das projeções adjetivais ou o NP, uma vez que um de seus segmentos domina todos os demais. NP, por sua vez, exclui todas as demais categorias.

Finalmente, sobre as relações de c-comando que se estabelecem nessa configuração, podemos observar que:

- a) DimP c-comanda CorP, NacioP, RP e c-comanda NP;
- b) CorP c-comanda NacioP, RP e c-comanda NP;
- c) NacioP c-comanda RP e c-comanda NP;
- d) RP não c-comanda nenhuma categoria, dado que RP não as exclui;
- e) NP não c-comanda nenhuma categoria, uma vez que RP domina NP, mas não domina as categorias adjetivais.

Dessa forma, a fila de c-comando na estrutura em (237) pode ser descrita como: DimP > CorP > NacioP > { RP, NP }<sup>118</sup>.

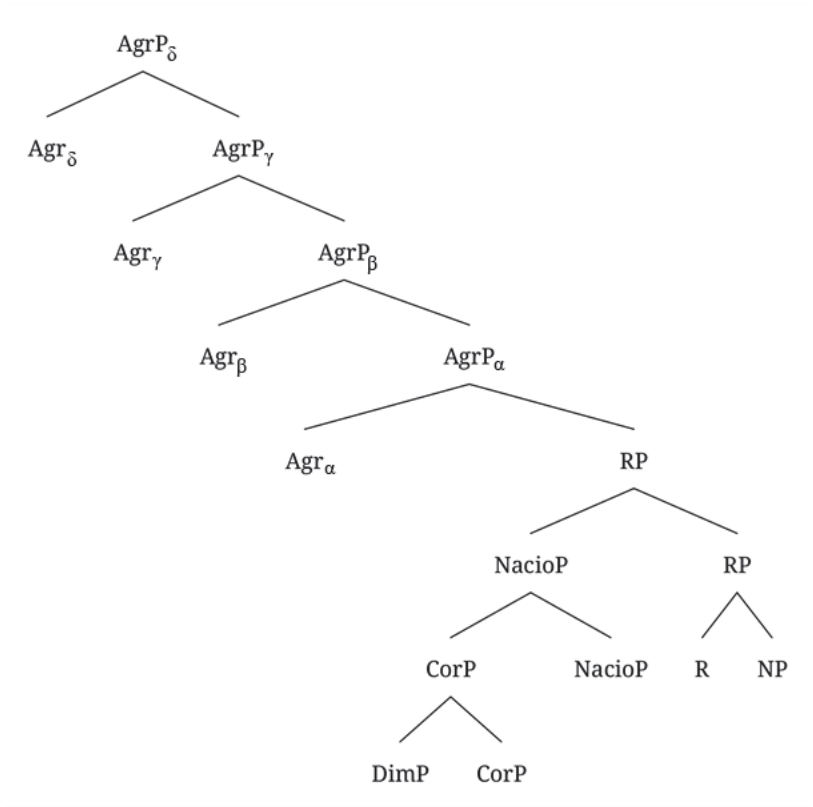
Dadas tais relações de c-comando, essa estrutura-base nos permitiria gerar a ordem superficial do Inglês, em que nenhum movimento ocorre. Vejamos agora como poderíamos derivar línguas em que há aparente movimento de constituintes.

Na proposta de Cinque (2010), como visto, teríamos tanto projeções funcionais dedicadas quanto AgrP que serviriam como *loci* para os movimentos de constituintes. Simplificamos a estrutura a partir da eliminação das projeções dedicadas — que, como já apontado mais de uma vez, carecem de motivação independente —, mas isso não nos impede de fazer uso das projeções de AgrP, que “vêm de graça” na medida em que comparamos nossa proposta com a de Cinque. A estrutura em (238) atualiza aquela apresentada em (237) a fim de incluir as projeções de AgrP.

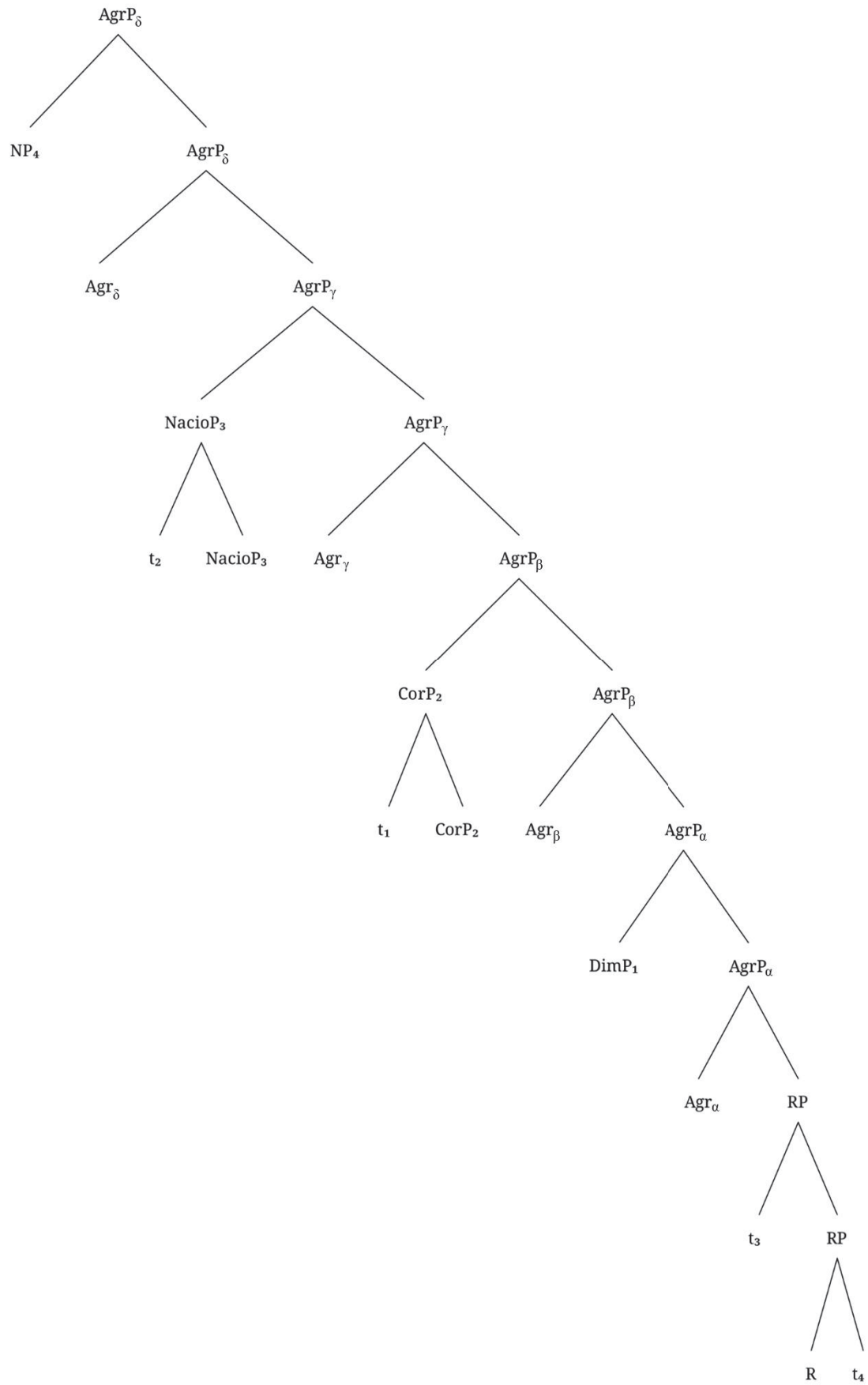
---

<sup>118</sup> Esta representação indica que não há relação de c-comando entre RP e NP, mas ambos são c-comandados por todos os demais elementos na fila.

(238) a.



b.



Suponhamos que os adjetivos nessa estrutura carreguem algum traço não interpretável que precisa se mover para uma configuração especificador-núcleo para ser checado (cf. CHOMSKY, 1995). Conforme a fila de c-comando, a primeira categoria adjetival acessível a AgrP é DimP. Partindo da premissa de que princípios de localidade de movimento — como Superioridade (CHOMSKY, 1973) ou Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990) — se aplicam, então DimP tem preferência sobre os demais APs para se mover para a primeira posição de spec/AgrP acima. uma vez que esse movimento ocorre, DimP tem seus traços checados e se torna inerte para o restante da computação<sup>119</sup>. Assim, a categoria mais próxima para o segundo AgrP passa a ser CorP, e o mesmo processo ocorre; da mesma forma com o terceiro AgrP e NacioP. No caso do NP, é possível tanto que a motivação seja similar (e ele se mova para um AgrP da mesma natureza) quanto distinta (p. ex., que o NP precise estabelecer uma relação local com alguma categoria acima dos AgrPs). Ao final de todos esses movimentos, como exemplificado em (238b)<sup>120</sup>, a ordem superficial final passaria a ser NP > NacioP > CorP > DimP<sup>121</sup>.

Essa seria a derivação presente em línguas semíticas. Note-se que, apesar da aparência de movimento bola de neve, a ordem espelhada é na realidade uma combinação entre a ordem de inserção dos adjetivos na estrutura (a partir de uma sequência cognitiva) e a demanda de que esses adjetivos sejam movidos para serem “validados”. Quanto à motivação para esse movimento para AgrP, é interessante observar que as línguas semíticas apresentam uma morfologia rica<sup>122</sup>, diferentemente do Inglês; por hipótese, isso poderia estar relacionado ao fato de essas línguas terem um AgrP forte, o que impõe uma condição de validação para os APs, somente satisfeita via movimento<sup>123</sup>.

Cabe notar, ainda, que o número de AgrPs presentes na estrutura não é pré-definido: são necessários tantos AgrPs quanto forem os adjetivos que precisarem ser checados. Caso a

<sup>119</sup> Conforme Chomsky (2015 [1995], p. 256, tradução minha): “Traços invisíveis em LF são inacessíveis para a computação uma vez que tenham sido checados”.

<sup>120</sup> Em (238b), a notação com vestígios e índices é utilizada apenas a fim de facilitar a compreensão da derivação. Por outro lado, essa estrutura ressalta que, apesar da utilização do termo “especificador” durante essa discussão, trata-se, de acordo com a perspectiva kayneana, de adjunções às sucessivas projeções de AgrP.

<sup>121</sup> Cabem aqui duas observações. Primeiramente, esse movimento longo do NP, passando por cima de todos do AgrPs do meio do caminho (e de todos os APs em seus especificadores) não configuraria violação de localidade de movimento, posto que as propriedades a serem satisfeitas posicionando o NP próximo ao núcleo D seriam de um tipo bem distinto. Logo, não haveria “competição” entre NP e nenhum dos APs. Assim, condições de localidade são satisfeitas vacuamente. Em segundo lugar, para que essa localidade seja atingida, o NP deve ser um especificador do AgrP mais alto da estrutura nos moldes kaynianos, em que NP se adjunge a AgrP, configurando uma estrutura em que o nódulo mãe de D (i.e., D’ ou DP) acaba sendo também nódulo mãe do NP, como se D e NP fossem irmãos. Tecnicamente, eles estão em relação de c-comando simétrico/mútuo, pois AgrP não domina NP, já que não são todos os segmentos de AgrP que dominam NP.

<sup>122</sup> Como descrito no Quadro 3.

<sup>123</sup> No entanto, cabe apontar que Alemão, uma língua que tem adjetivos pré-nominais como Inglês, também apresenta morfologia rica. Uma comparação mais detalhada entre línguas semíticas e o Alemão talvez nos permita identificar que traço é relevante para deflagrar o movimento.

numeração incluisse mais ou menos AgrPs que o número de adjetivos atributivos presentes, a derivação simplesmente não convergiria.

Uma vez derivada a ordem espelhada, podemos olhar para o Galês. Sobre essa língua, é relevante apontar que os exemplos sobre ausência de escopo tipicamente incluem os adjetivos que participam da ordem igual à do Inglês; na literatura, não há, até onde eu tenha visto, exemplos em que adjetivos que participam da mesma ordem e adjetivos que participam da ordem espelhada coocorrem e são descritos como não tendo escopo entre si. Assim, assumo que apenas os adjetivos que seguem a mesma ordem do Inglês figurem na construção sem escopo. Nesse caso, a derivação é simples: ou não há AgrPs para os adjetivos, ou este AgrP é fraco e não os atrai em movimento aberto<sup>124</sup>; há apenas o movimento final do NP — o que, possivelmente, é uma evidência de que este movimento é de natureza distinta dos demais —, gerando a ordem em que o NP antecede a sequência cognitiva na base.

A estrutura proposta, ainda que apenas como um esboço e com algumas estipulações, tem claras vantagens em relação à proposta de Cinque (2010)<sup>125</sup>. Primeiramente, conseguimos eliminar as projeções funcionais sem motivação independente que eram necessárias para derivação da ordem espelhada. Em segundo lugar — e talvez mais importantemente —, essa proposta é capaz de explicar por que não há ordens preferenciais em que o NP esteja intercalado com outros adjetivos, ou, em outras palavras, porque a ROA se dá ou apenas na anteposição, ou apenas na posposição. Todos os AgrPs são instanciações de uma mesma categoria<sup>126</sup>; assim, se uma língua tem um AgrP forte capaz de atrair um adjetivo, então todos os AgrPs serão fortes e, consequentemente, todos os adjetivos serão atraídos.

Assim, as três possibilidades de ordem da ROA — pré-nominal na ordem base, pós-nominal na ordem base, ou pós-nominal na ordem espelhada — se resumem à distinção entre AgrPs fortes e fracos e à necessidade ou não de movimento do NP acima dos adjetivos. Já a ausência de ROA em línguas como Português ou Francês se deveria a uma parametrização quanto à possibilidade da estrutura de adjunção descrita em (237)-(238), formulada em (239).

(239) Adjunção a um adjunto do mesmo tipo categorial é permitido/proibido.

<sup>124</sup> Nesse sentido, é interessante apontar que Galês, assim como Inglês, não apresenta morfologia nominal em adjetivos.

<sup>125</sup> Como esperamos que tenha ficado claro, a estrutura de Cinque (2010) também é bastante estipulativa, de modo que talvez essa não seja a melhor régua para comparar as duas propostas.

<sup>126</sup> Esta assunção sobre os vários AgrPs serem todas instanciações particulares (*types*) de uma mesma categoria (*token*), com as mesmas propriedades, nos remete a Chomsky (2015 [1995], p. 159) no texto inaugural do Programa Minimalista.

Por último, algo mais precisa ser dito sobre a sequência funcional que motiva a ordem de inserção dos adjetivos na derivação. À primeira vista, seria possível traçar um paralelo entre a ROA e a mais conhecida hierarquia semântica — a Hierarquia Temática (HT).

- (240) agente → tema → experienciador → causa → paciente → fonte → alvo  
(GUIMARÃES, 2017, p. 242)

Como observa Guimarães (2017), a HT é um axioma: ainda que haja evidência sintática de sua codificação na sintaxe, a priori não há motivos sintáticos que expliquem por que DPs mais altos na hierarquia tendem a receber papéis temáticos mais “à esquerda” da ordem em (240), enquanto DPs mais baixos tendem a receber os papéis à direita. A ampla gama de dados que corroboram a existência da HT faz com que seu papel seja reconhecido, mas sua fonte ainda é desconhecida.

Com ROA, temos uma situação semelhante. Por outro lado, ao passo que a HT tem reflexos interpretativos e escopo em LF, ROA não teria nem um, nem o outro. Considerando especialmente a ausência de escopo, a ordem descrita na ROA parece dizer muito mais respeito à ordem linear em PF que a qualquer outra coisa. Um paralelo a se fazer nesse sentido é que HT tipicamente se aplica a argumentos, enquanto a ROA, em nossa proposta, se restringe a adjuntos. Nossa proposta parece apontar, assim, para uma correlação entre tais diferenças sintáticas e a relação das duas hierarquias com os componentes gramaticais (LF/PF).

#### 4.3.1 Reformulação da condição de escopo

Feita a formulação sintática, resta ver como acomodar nela a ausência de escopo presente na generalização em (A). Retomamos, primeiramente, as duas premissas básicas em que a questão repousa, assim como a definição de escopo de May (1985).

- i. Semanticamente (em LF), c-comando está atrelado a escopo;
- ii. Fonologicamente (em PF), c-comando está atrelado a precedência.

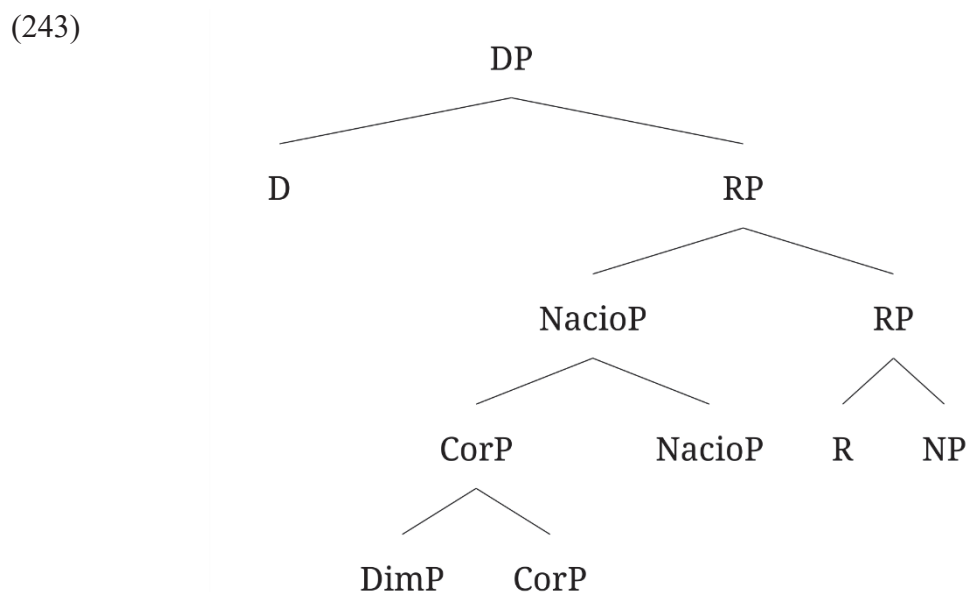
- (241) O *escopo* de  $\alpha$  é o conjunto de nós que  $\alpha$  c-comanda em LF.  
(MAY, 1985, p. 5)

Como vimos, a estrutura formulada em neste capítulo apresenta relações de c-comando assimétricas, o que garante sua linearização; contudo, a princípio isso implicaria também em escopo dos adjetivos sobre o NP, o que é indesejado em face da generalização que buscamos representar.

A solução que sugerimos é que escopo em LF e aquilo que podemos classificar como “escopo em PF” (por assim dizer) sejam operações com alguma distinção fina, não mais deriváveis estritamente da mesma configuração sintática (i.e., apenas de relações de c-comando). Propomos a seguinte reformulação de escopo em LF:

- (242)  $\alpha$  tem escopo sobre  $\beta$  sse:
- (i)  $\alpha$  c-comanda assimetricamente  $\beta$ ; e
  - (ii)  $\beta$  exclui  $\alpha$ .

Repetimos a estrutura simplificada em (243) abaixo.



Observamos que DimP c-comanda assimetricamente todas as outras projeções. No entanto, note-se que, à luz de (242), ele não tem escopo sobre nenhuma delas, uma vez que nem CorP, nem NacioP, nem RP a excluem. CorP não tem escopo sobre DimP por não c-comandá-la, mas também não tem escopo sobre NacioP e RP por NacioP e RP não a excluírem. Por fim, NacioP não c-comanda nem CorP, nem NacioP; logo, não tem escopo sobre elas. Por outro lado, ressaltamos que todos os adjetivos têm escopo sobre NP, uma vez que todos c-comandam NP e NP exclui todos os adjetivos.

De certa forma, a consequência dessas assunções é que todos os adjetivos modificam NP em paralelo, já que todos tem escopo sobre NP, mas não entre si. Isso captura a intuição de que adjetivos em ROA (sem escopo) não formam subconjuntos com os adjetivos anteriormente combinados (p. ex. [A [A [A N]]])<sup>127</sup>.

Em Inglês e Galês, como não há movimento dos adjetivos, a previsão sobre o escopo se aplica sem complicações. Nas línguas com ordem espelhada, por outro lado, o movimento dos adjetivos para os AgrPs a princípio geraria uma estrutura hierárquica com escopo, já que há relações de c-comando assimétricas e os AgrPs mais baixos excluem os mais altos.

Para dar conta disso, somos forçados a estipular: (a) ou que o movimento dos adjetivos para os AgrPs se dê no caminho entre *Spell-Out* e PF, o que seria coerente com sua motivação de linearização, aparentemente fonológica (no entanto, ver nota 127); (b) ou que a leitura das relações de escopo em LF envolva reconstrução obrigatória.

#### 4.3.2 Motivação para adjetivos como adjuntos em RP

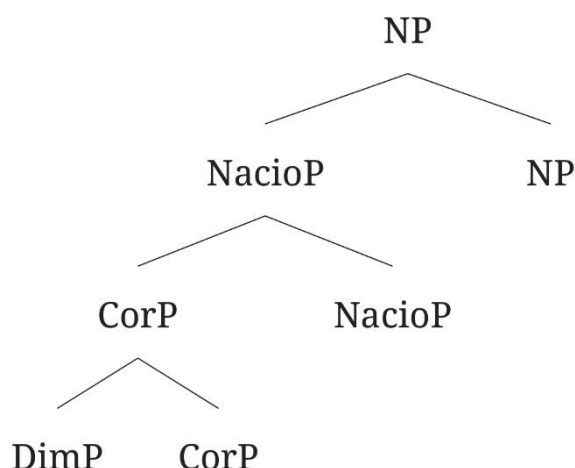
Uma última questão a ser apontada sobre a estrutura delineada é a possibilidade de os adjetivos figurarem como adjuntos não na projeção funcional sugerida (provisoriamente nomeada RP), mas como adjuntos do próprio NP. A princípio, a motivação para a adjunção à projeção funcional de fato se limita à necessidade de mecanização do fenômeno (i.e., é uma estipulação para que consigamos dar conta dos dados). Observemos que consequências haveria assumir que, ao invés de RP, tivéssemos os adjetivos como adjuntos em NP.

<sup>127</sup> A princípio, aparentemente haveria uma alternativa para dar conta da ausência de escopo entre os adjetivos em questão, a qual dispensaria que nos comprometêssemos com a assunção em (239). Imaginemos que os APs não estivessem numa configuração do tipo “adjunto ao adjunto (ao adjunto)”, mas sim todos independentemente adjungidos a RP de modo a que RP fosse uma categoria de três segmentos, como em (i):

(i) [RP DimP [RP CorP [RP NacioP [RP R NP]]]]

Uma consequência desejada disso é que não haveria escopo entre esses adjetivos em LF, pois, dada a natureza formal do c-comando, todos os APs c-comandariam simetricamente uns aos outros. Contudo, essa estrutura preveria erroneamente que também não haveria acima mencionado “escopo em PF”, que é observado através de um ordenamento rígido de precedência temporal. Poderíamos especular — numa linha assemelhada à Antissimetria Dinâmica de Moro (2000) — que, na sintaxe, esses APs permaneceriam não linearizados entre si, e que uma ordem seria imposta apenas na interface relevante (i.e., PF). O problema disso é que a ordem verificada entre os adjetivos não tem uma natureza definível em termos fonológicos (p. ex., os adjetivos paroxítonos precederem os oxítonos) nem morfológicos (p. ex., os adjetivos construídos com o sufixo *-vel* precedem os adjetivos monomorfêmicos). Ou seja, o critério de ordenamento em PF é feito a partir de subpropriedades categoriais dos adjetivos, já presentes na própria estrutura sintática.

(244)



Nesta estrutura, segundo as definições assumidas de c-comando e de exclusão (cf. (235) e (236)), NP deixa de excluir os APs, já que um segmento de NP os domina. Com isso, de acordo com a definição de escopo proposta nesta tese (242), os adjetivos deixam de ter escopo sobre o NP; NP também não tem escopo sobre os adjetivos, dado que não os exclui.

Essa estrutura apresenta algumas desvantagens. Primeiramente, seria plausível que a ausência de c-comando entre os APs e o NP (tanto num sentido como no outro) tivesse impacto sobre a (im)possibilidade de interpretação do sintagma, dado que escopo pode ser necessário para que a relação de modificação entre os APs e o NP seja estabelecida.

Além disso, a adjunção a NP também teria consequências para as possibilidades de movimento. A princípio, como os APs continuam a c-comandar NP, a fila de c-comando permanece a mesma, e o movimento dos adjetivos para as projeções de AgrP pode acontecer como na estrutura anterior. No entanto, note-se o que acontece quando o NP também precisa se mover. Em uma língua com AgrP forte, em que os adjetivos se movem primeiro, o movimento de NP incluirá também os vestígios (as cópias). A meu ver, não é imediatamente previsível que tipo de consequência o movimento do material remanescente em NP teria para a interpretação da estrutura; ainda assim, é relevante apontar que essa seria uma possibilidade (245a). A estrutura em (244) prevê, ainda, que não deveria ser possível mover apenas o NP com os adjetivos permanecendo in situ (245b), uma vez que qualquer fator de atração que tivesse como alvo o NP implicaria movimento de todo o constituinte, incluindo os APs adjungidos.

- (245) a. [<sub>DimP</sub> t<sub>CorP</sub> t<sub>NacioP</sub> NP] > NacioP > CorP > DimP  
 b. \*NP > DimP > CorP > NacioP

Um problema imediato surge nesse sentido: ao contrário da previsão que fazemos a partir da estrutura em (244), a sequência em (245b) é, sim, possível. Ela é atestada em línguas em que AgrP é fraco, mas algum fator independente motiva o movimento apenas do NP, como Galês.

Assim, além dos contra-argumentos referentes a problemas em potencial, temos também um dado concreto que contraria a proposta em (244). Dessa forma, a hipótese de que os adjetivos estejam adjungidos em alguma projeção funcional acima de NP, como argumentado anteriormente, apresenta mais potencial.

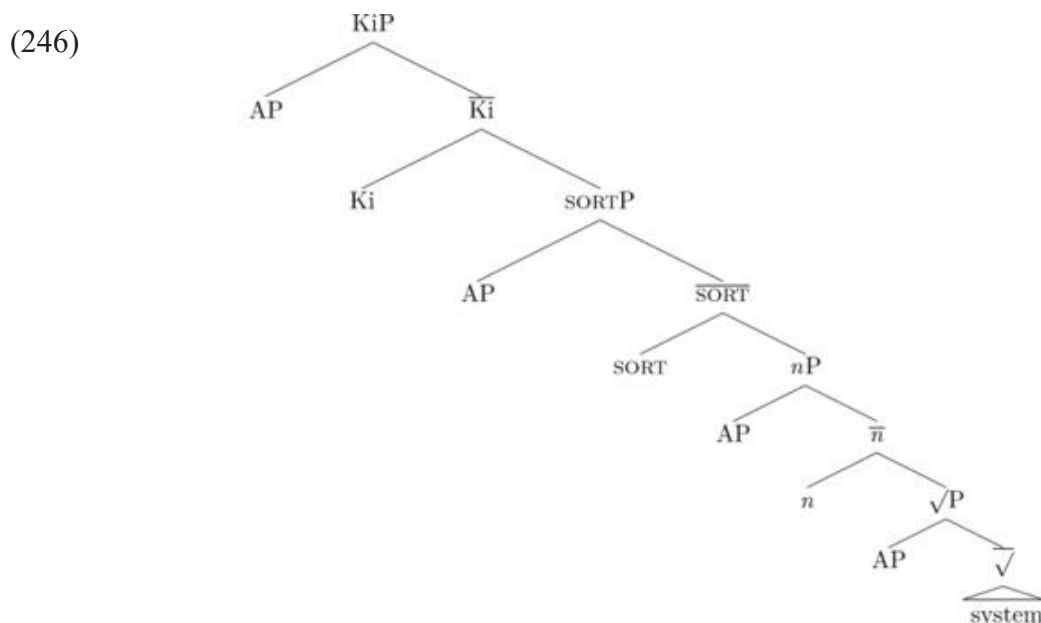
#### 4.4 IMPLICAÇÕES PARA ESTRUTURAS COM ESCOPO

Neste capítulo, nossa proposta era dar conta da generalização em (A), de que sequências que exibem ROA se dão numa configuração especial em que os adjetivos não apresentam relações de escopo entre si. Uma vez que essa proposta foi apresentada, podemos esboçar o que acontece em estruturas em que *há* escopo. Como esse não é o objetivo principal deste capítulo, a estrutura delineada nesta seção se constitui como uma reflexão inicial — um convite a trabalhos futuros.

Em nossa análise de ROA, apontamos que uma insuficiência de propostas como de Svenonius (2007) e Cinque (2010) para dar conta desse fenômeno é que as estruturas sugeridas não preveem que os movimentos de constituintes sejam exaustivos. Na realidade, os dados apresentados por Svenonius com relação à distribuição de artigos (entendidos por ele como marcadores de definitude), de marcas de número e de classificadores apontam precisamente no sentido contrário, uma vez que mostram que é possível que o NP (sozinho, ou com outros sintagmas que carregue consigo numa projeção de constituinte mais alta) interrompa o movimento em diferentes pontos da derivação.

Uma vez que assumamos que haja uma separação entre a sintaxe envolvida em ROA e a configuração sintática de DPs em que adjetivos estabelecem relações de escopo uns sobre os outros, contudo, essas propostas retomam seu potencial. Ainda que a parte da análise de Cinque (2010) que se constrói a partir de dados de ROA (como as projeções funcionais mnemônicas que receberiam adjetivos de seus tipos respectivos) não mais nos interesse, a distinção que o autor estabelece entre modificação direta e indireta parece relevante para a compreensão de alguns aspectos do comportamento de adjetivos, como as diferentes interpretações a que estão sujeitos em posição atributiva e predicativa e parte de sua distribuição. Em termos das projeções funcionais em que adjetivos atributivos estariam alocados, contudo, a estrutura de Svenonius (2007) nos parece mais interessante, na medida em

que é motivada por dados independentes — a distribuição de marcas de pluralidade, classificadores e artigos. Reproduzimos novamente em (246) a árvore delineada por Svenonius (2007), com destaque para as posições que poderiam ser ocupadas por adjetivos.



(modificado de SVENONIUS, 2007, p. 22)

Dado o raciocínio estabelecido pelo autor em relação a marcas de número, classificadores e artigos, se a configuração de adjetivos no DP fosse aquela em (246), esperaríamos também atestar línguas em que o movimento não fosse exaustivo. Por hipótese, as seguintes ordens superficiais deveriam ser possíveis:

- (247)
- KiP > SORTP > nP > NP  
(sem movimento)
  - KiP > SORTP > N(P) > nP  
(com movimento ou do NP, ou de núcleo acima de nP)
  - KiP > NP > nP > SORTP  
(com movimento da projeção que hospeda NP e nP acima de SORTP)
  - KiP > N > SORTP > nP  
(com movimento de núcleo do N acima de nP e SORTP)
  - NP > nP > SORTP > KiP  
(com movimento da projeção que hospeda NP, nP e SORTP acima de KiP)
  - N > KiP > SORTP > nP  
(com movimento de núcleo do N acima de nP, SORTP e KiP)

Svenonius (2007) prevê que as ordens observadas por Cinque (2010) poderiam ser obtidas por movimento de constituintes; contudo, não há qualquer princípio colocado em sua proposta que impeça que apenas o nome-núcleo se mova. Assim, as possibilidades que se colocam em (247) são as seguintes: que não haja movimento e todos os elementos permaneçam *in situ* (247a); com movimento bola de neve, em que o NP é alçado acima da projeção mais baixa (247b), ou acima de alguma outra na projeção estendida do nome<sup>128</sup> (247c), ou que o movimento seja exaustivo (247e); e com movimento de núcleo, em que ele sobe também acima da projeção mais baixa (247b), ou acima de alguma projeção no meio da sequência funcional (247d), ou que o movimento seja exaustivo (247f). Haveria ainda, por hipótese, a possibilidade de que houvesse interação entre os dois tipos de movimento — por exemplo, com movimento do N acima da camada funcional mais baixa, e posteriormente movimento de todo o constituinte para uma camada mais alta etc.

Não é possível, nesse momento, averiguar se todas essas ordens são atestadas. Podemos afirmar, porém, que há dados ao menos das possibilidades (247a), (247c) e (247e), ou seja, que mostram que o movimento de constituintes não necessariamente é exaustivo.

- (248) a. **SQUARE**    **big**    table    (Inglês)  
           quadrada<sub>FOC</sub>   grande   mesa  
           (SVENONIUS, 2007, p. 18)
- b. ?? l-kutub-u   l-xamsat-u   l-?uulaa    **L-FARANSIYYAT-U** (AMP)  
           os-livros-<sub>NOM</sub>   os-cinco-<sub>NOM</sub>   os-primeiros   os-franceses-<sub>NOM-FOC</sub>  
           ‘Os primeiros cinco livros que são franceses’<sup>129</sup>  
           (FASSI-FEHRI, 1999, p. 114)
- c. os **INCRÍVEIS** três primeiros livros dele    (PB)

Assumindo-se, de acordo com Svenonius (2007), que *KiP* hospedaria adjetivos focalizados, vemos em (248a) que o adjetivo focalizado se move sozinho em Inglês, com o nome-núcleo permanecendo *in situ* (ao menos em termos de movimento aberto); em AMP, em contrapartida, há movimento bola de neve exaustivo, fazendo com que o adjetivo focalizado

<sup>128</sup> Na proposta de Svenonius (2007), a única camada entre *nP* e *KiP* é *SORTP*. Fazemos a previsão dessa forma, contudo, dada a possibilidade de existência de outras camadas nesta sequência.

<sup>129</sup> Fassi-Fehri (1999) observa que, neste caso, parece haver uma conjunção tanto de elementos de foco quanto de uma leitura predicativa do adjetivo que aparece externo ao numeral ordinal.

seja o último na sequência pós-nominal (248b); por último, em PB, há possibilidade de um foco pré-nominal, com o adjetivo fronteado inclusive antecedendo o numeral (248c)<sup>130</sup>.

A favor da hipótese de que há uma mesma ordem subjacente, Trustwell (2009) apresenta dados que corroboram a existência de um nível de modificação intersectiva e um de modificação subsectiva não baseados em classes nocionais em Inglês. A partir de um estudo de corpus, o autor identifica que a ordem de adjetivos subsectivos entre si, assim como de intersectivos entre si, parece ser razoavelmente livre, dada a frequência significativa de todas as ordens possíveis no corpus. Contudo, uma generalização que se mantém mesmo nesse contexto é que “membros das classes subsectivas precedem membros das classes intersectivas” (TRUSTWELL, 2009, p. 526).

Adicionalmente, vale também lembrar que, em termos de escopo<sup>131</sup>, observamos que as relações estabelecidas entre adjetivos pré-nominais, pós-nominais, ou com cruzamento entre as duas posições são as mesmas entre diversas línguas, o que é compatível com a assunção de que uma mesma sequência pré-nominal dê origem a ordens diversas a partir de diferentes combinações de movimento. Primeiramente, em (249), vemos como as relações de escopo dos adjetivos em posição pré-nominal em Inglês são exatamente as mesmas dos adjetivos em posição pós-nominal em Português; em (250), por sua vez, vemos que as mesmas relações de escopo de adjetivos pré-nominais em Inglês podem também ser obtidas com um adjetivo pré-nominal e um pós-nominal em PB.

- |       |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                    |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|
| (249) | <p>a. <b>complex molecular</b> biology</p> <p>Leitura: <math>\lambda x.\text{complexa}(\text{molecular}(\text{biologia}(x)))</math></p> <p>b. <b>biologia molecular complexa</b></p> <p>Leitura: <math>\lambda x.\text{complexa}(\text{molecular}(\text{biologia}(x)))</math></p> | <p>(Inglês)</p> <p>(Português)</p> |
| (250) | <p>a. <b>big square</b> table</p> <p>grande quadrada mesa</p> <p>Leitura: <math>\lambda x.\text{grande}(\text{quadrada}(\text{mesa}(x)))</math></p>                                                                                                                               | <p>(Inglês)</p>                    |

<sup>130</sup> Bernstein (2001) descreve a existência de foco à direita em línguas românicas, que ela analisa como sendo resultado de movimento de todo o constituinte dominado pela projeção de foco para a esquerda, deixando o elemento focalizado *stranded*. Nessa configuração, as línguas românicas se aproximariam da estrutura do Árabe em (248b).

<sup>131</sup> Sob as premissas que assumimos neste trabalho, i.e., a teoria da antissimetria de Kayne (1994), que assume uma relação entre a estrutura hierárquica sintática e ordem linear. Na perspectiva de Abels e Neeleman (2012), por outro lado, seria possível manter as mesmas relações de escopo e apenas estipular declarações de ordenamento distintas. Em outras palavras, em relação às estruturas desta seção, apenas escopo não é suficiente para motivar a escolha entre as duas propostas.

b. **grande mesa quadrada**

(Português)

Leitura:  $\lambda x.\text{grande}(\text{quadrada}(\text{mesa}(x)))$ 

Observe-se, ainda, que o exemplo em (249) dá uma evidência adicional para a estrutura em (246) na medida em que adjetivos classificativos, que estariam em *nP*, devem necessariamente figurar mais próximos do nome-núcleo que adjetivos de grau como *complexo*, que estariam alocados em SORTP.

Assim, a estrutura proposta por Svenonius (2007) nos parece um ponto de partida adequado para a configuração do DP quando relações de escopo entre adjetivos são observadas.

Dado o escopo desta tese, como já mencionado no começo desta seção, não é de nosso interesse explorarmos essa proposta a fundo; contudo, algo precisa ser dito sobre os dados do Português em (249b) e (250b), em que atestamos a possibilidade de que adjetivos de grau (nomeadamente, *complexa* e *grande*) figurem tanto na posposição quanto na anteposição.

## 4.4.1 Configuração sintática dos adjetivos em Português

Quando consideramos a distinção entre a posição pré e pós-nominal em Português, podemos fazer duas generalizações: (a) adjetivos em posição pré-nominal têm escopo sobre adjetivos em posição pós-nominal; e (b) adjetivos sem grau não podem figurar em posição pré-nominal (como abordado na seção 3.1.1). Como discutido nas seções e capítulos anteriores, esses dados fornecem evidências de que o Português disporia de uma estrutura semelhante àquela proposta por Svenonius (2007), que distingue, no mínimo, adjetivos classificativos, adjetivos sem grau e adjetivos de grau.

No entanto, sob a hipótese de que o movimento bola de neve ou de núcleo seja obrigatório por demandas estruturais de cada língua, a possibilidade atestada ao final da seção anterior de que adjetivos de grau figurem tanto à direita (249b) quanto à esquerda (250b) do nome-núcleo é problemática. Note-se que esses dados não podem ser explicados pela sugestão de Svenonius (apresentada em 3.2.2) de que, uma vez que uma projeção já esteja ocupada, o adjetivo que geralmente seria inserido nela poderia ocupar uma outra posição, dado que tanto em (249b) quanto em (250b) temos a coocorrência das mesmas classes, i.e., um adjetivo classificativo e um adjetivo de grau.

Vislumbramos duas soluções: ou o movimento de constituinte (ou de núcleo) é opcional (ou opcionalmente aberto) — o que seria indesejável teoricamente, já que se faria a previsão, de acordo com o princípio da economia derivacional, que a opção sempre seria pela

derivação menos custosa (nesse caso, sem movimento); ou os adjetivos de grau em ante e em posposição não ocupam a mesma posição subjacente.

Os dados do PB apontam para a segunda opção. Pereira (2017) propõe que a assimetria na realização de número dentro do DP em PB<sup>132</sup>, em que (certos) adjetivos pré-nominais tipicamente exibem marcas de plural, mas não adjetivos pós-nominais, indica que adjetivos em anteposição se encontram em projeções mais altas que adjetivos pós-nominais. A autora exemplifica esse fenômeno com os seguintes pares mínimos:

- (251) a. Os (dois) **outro** carro branco (Português)  
 a'. Os **outros** (dois) carro branco  
 b. Os (dois) **primeiro** carro branco  
 b'. Os **primeiros** (dois) carro branco  
 c. \*Os **primeiro** (dois) carros branco  
 (PEREIRA, 2017, p. 94–95)

Considerando itens como *outro* e *primeiro* como adjetivos, Pereira argumenta que NumP atua como uma barreira na distribuição de marcas de plural em PB, como evidenciado por sequências em que há presença de números cardinais (que, por hipótese, ocupariam spec/NumP): elementos à esquerda dos cardinais exibiriam morfologia de plural, enquanto itens à direita, não. A autora observa que Danon (2011) descreve o mesmo padrão para o Finlandês (252a), assim como Norris (2014) para o Estoniano (252b).

- (252) a. Ne kaksi **pien-tä** auto-a seiso-ivat tiellä. (Finlandês)  
 aqueles.PL dois.SG pequeno-PART.SG carro-PART.SG parar-PT.3PL estrada  
 ‘Aqueles dois carros pequenos pararam na estrada’  
 b. nee-d viis **ilusat** maja (Estoniano)  
 este-PL.NOM 5.NOM bonito casa  
 ‘Estes cinco belos cavalos’  
 (PEREIRA, 2017, p. 91)

Como evidência de que (o traço interpretável de) número, em PB, está em Num e não em N, Pereira mobiliza o trabalho de Augusto, Ferrari Neto e Corrêa (2006). Contrastando a

<sup>132</sup> Conforme descrito na seção 2.1.1.

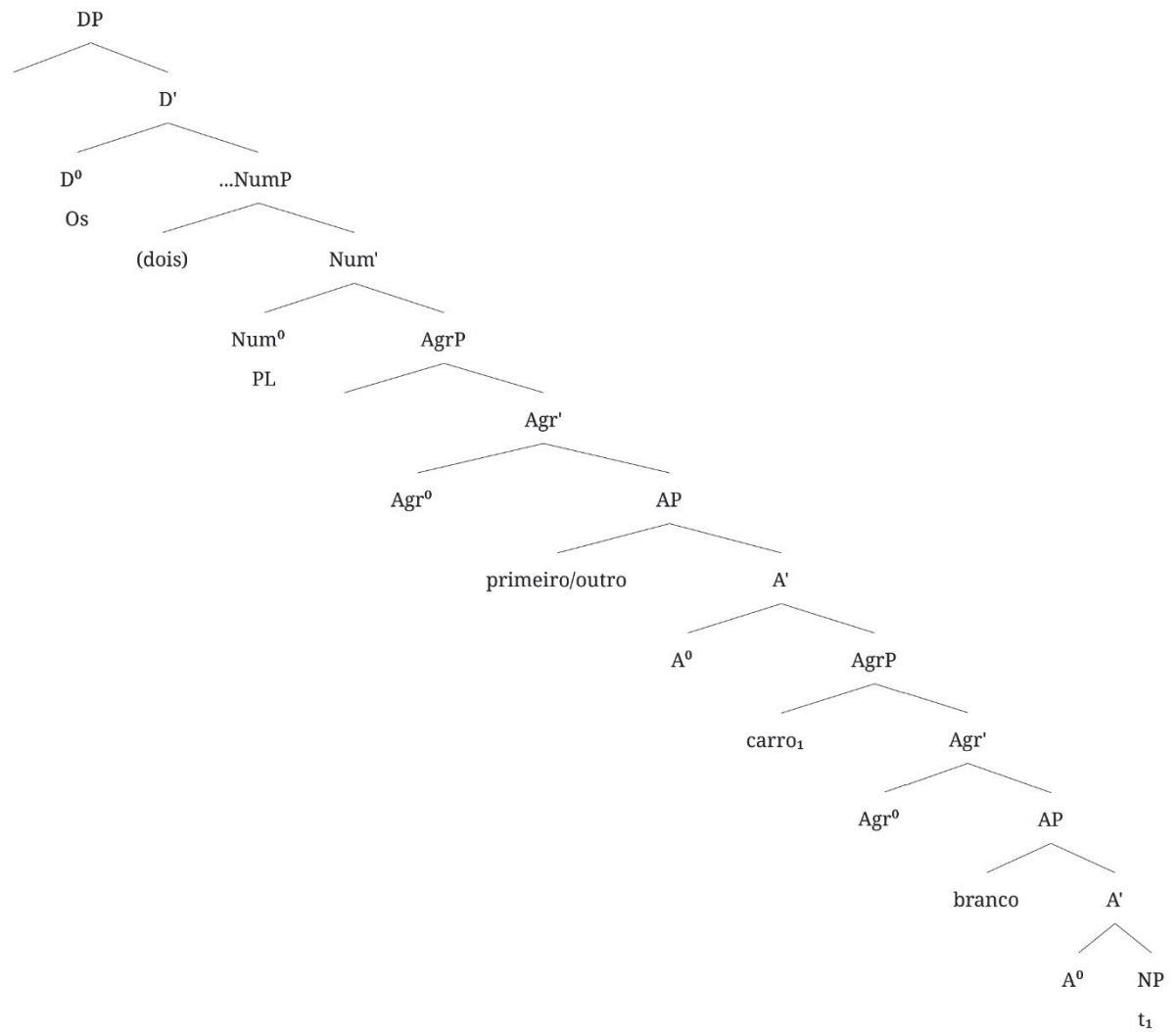
realização de número e gênero em DPs em PB, estes autores demonstram que a incongruência de número, mas não de gênero, é aceitável em construções de elipse nominal (253) — o que seria uma evidência de que o material elidido codifica informações de gênero, mas não de número. Eles apontam que o mesmo é atestado também em Espanhol (254).

- (253) a. O Pedro e o João são atores e o Paulo também é. (Português)  
 b. \*Aquele senhor é barão e aquela senhora também é.
- (254) a. Juan visitó a su tío y Maria visitó a los suyos.  
 b. \*Juan visitó a su tío y Maria visitó a la suya.
- (AUGUSTO; FERRARI NETO; CORRÊA; 2006, p. 263)

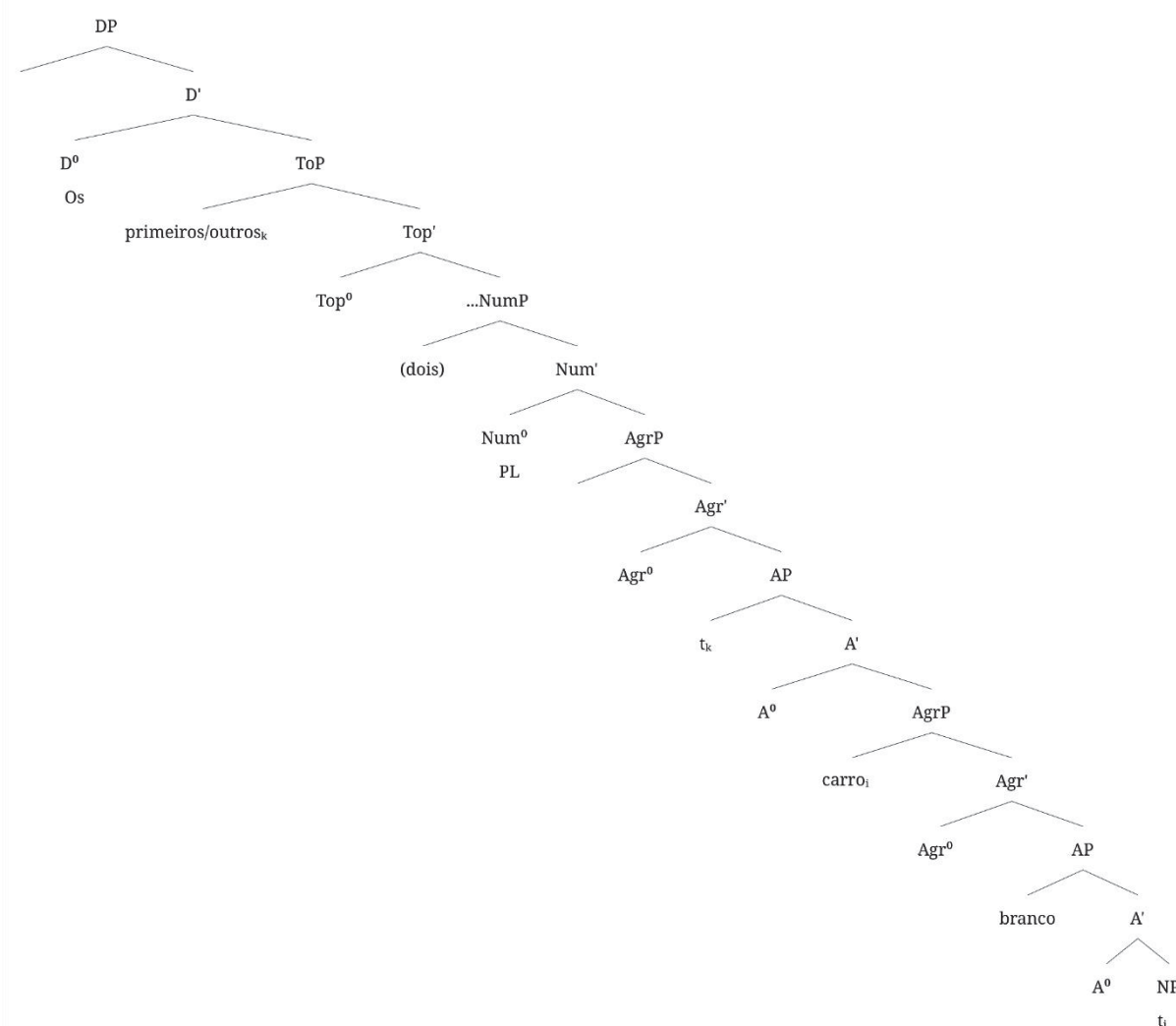
A explicação sugerida é que, sendo a elipse da projeção de NP, caso os traços de número estivessem codificados numa projeção distinta e mais alta, eles não estariam sujeitos à condição de identidade.

Dada essa argumentação, Pereira (2017) sugere a representação arbórea em (255) para os adjetivos que seguem o cardinal em (251a,c), e aquela em (256) para quando eles antecedem o cardinal.

(255)



(256)



(PEREIRA, 2017, p. 94)

Pereira assume que a concordância entre Num, que apresenta o traço interpretável de número, e os elementos com traços não interpretáveis D, N e os adjetivos se estabeleça por meio de compartilhamento de traços<sup>133</sup>; assim, na forma superficial, todos os elementos na cadeia compartilhariam traços de plural. Presumivelmente, seria algum parâmetro ou propriedade morfológica da língua que determinaria que apenas os elementos que c-comandam o número cardinal/Num exibam a marca de plural.

Quadros Gomes e Sudré (2020) utilizam parte dessa proposta para explicar a diferença de posição de adjetivos de grau. Relembrando o que foi apresentado na seção 3.1.1, as autoras observam que, em Português, adjetivos se dividem em três grupos de acordo com sua distribuição

<sup>133</sup> A versão *Feature sharing* de *Agree*, tal qual proposta por Pesetsky e Torrego (2007).

sintática: adjetivos exclusivamente pré-nominais (257a); exclusivamente pós-nominais (257b); e adjetivos de posicionamento variável, com ou sem mudança de sentido (257c).

- (257) a. O **futuro** funcionário (Português)  
 a'. \*O funcionário **futuro**  
 b. A mesa **retangular**  
 b'. \*A **retangular** mesa  
 c. O **alto** funcionário  
 c'. O funcionário **alto**

Como apresentado anteriormente, as autoras argumentam que adjetivos de posicionamento variável seriam precisamente os adjetivos de grau. Sudré (2020) faz um pequeno adendo quanto a quais adjetivos podem ser alocados tanto na ante quanto na posposição: não seriam todos os adjetivos de grau, mas sim aqueles de escala aberta, como exemplificado pela impossibilidade de anteposição de adjetivos de escala parcialmente fechada (258) ou fechada (259):

- (258) a. A porta **aberta** (Português)  
 b. \*A aberta **porta**  
 (SUDRÉ, 2020, p. 42)  
 (259) a. O copo **vazio**  
 b. \*O **vazio** copo

A razão para esse impedimento é a mesma que possibilita que adjetivos de escala aberta permaneçam na anteposição: o padrão de comparação. De acordo com Kennedy e McNally (2005), adjetivos de grau relativos (de escala aberta) têm o padrão de comparação “aberto”, a ser preenchido no contexto, enquanto adjetivos de grau absolutos (de escala fechada ou parcialmente fechada) têm seu padrão de comparação definido lexicalmente<sup>134</sup>. Como se assume que a sintaxe dos adjetivos de grau é a mesma e que o padrão de comparação não é gramaticalmente representado — como argumentado desde Siegel (1976), ele raramente é lexicalmente instanciado —, seria uma incompatibilidade semântica, não sintática, que proibiria que eles figurassem na anteposição.

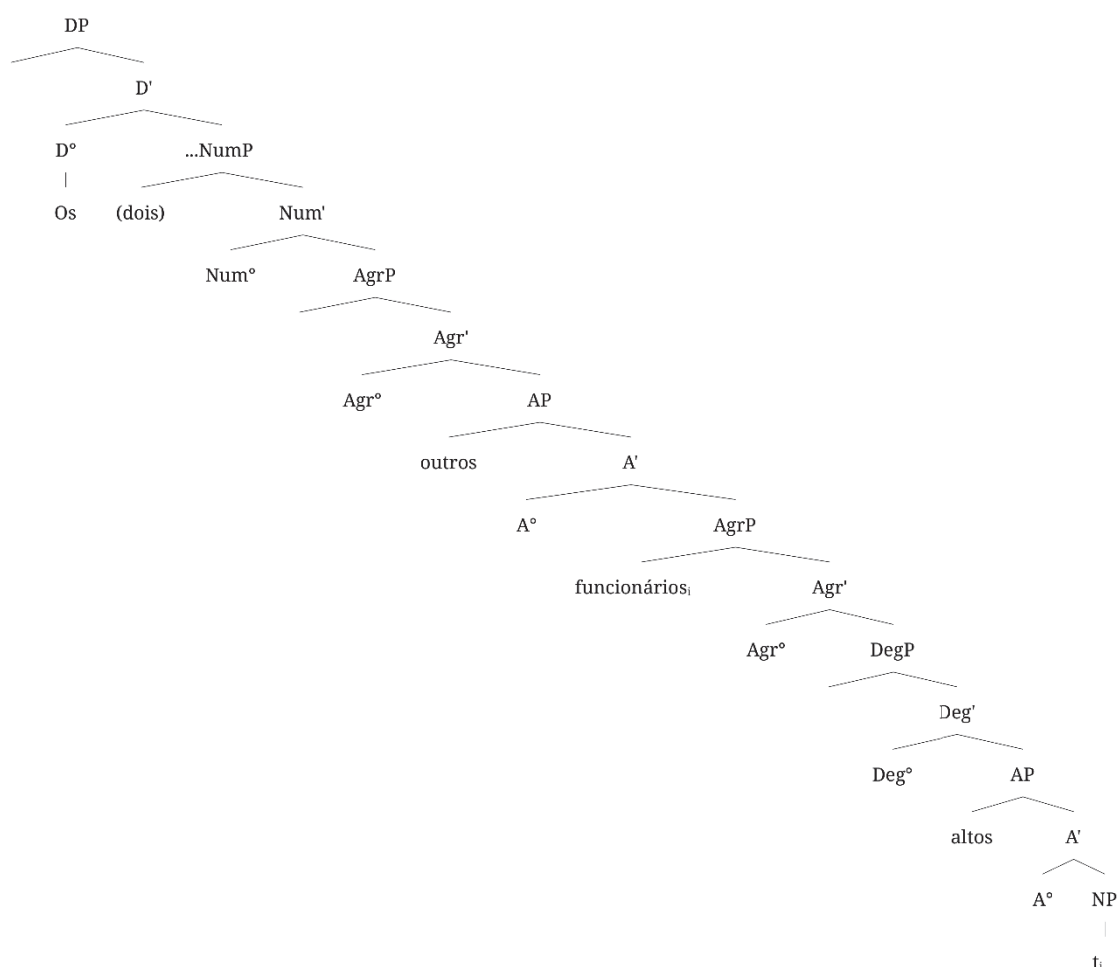
<sup>134</sup> É notável como, deixando de lado as minúcias técnicas, a proposta de Menuzzi (1992) compartilha desse mesmo espírito e já demonstrava esse *insight*.

As leituras aparentemente idiossincráticas de alguns adjetivos antepostos, como *alto* em (257c), por sua vez, seriam resultado da interação entre a estrutura semântica do adjetivo e a posição sintática em que ele se encontra: o padrão de comparação seria buscado livremente no contexto quando o adjetivo está em uma posição hierárquica mais baixa (dando origem à leitura intersectiva), mas num domínio restrito quando ele está mais alto, sob escopo mais próximo da periferia esquerda do DP, dando origem a uma leitura não intersectiva e aparentemente intensional. Neste caso, as autoras sugerem que o parâmetro de comparação estará relacionado ao evento/situação de que o DP participa<sup>135</sup>.

Quadros Gomes e Sudré sugerem que as posições que podem ser ocupadas por adjetivos de grau relativos sejam as mesmas sugeridas por Pereira (1997), a partir de cujas árvores as autoras oferecem suas versões modificadas; crucialmente, uma posição abaixo (260), outra acima (261) de NumP.

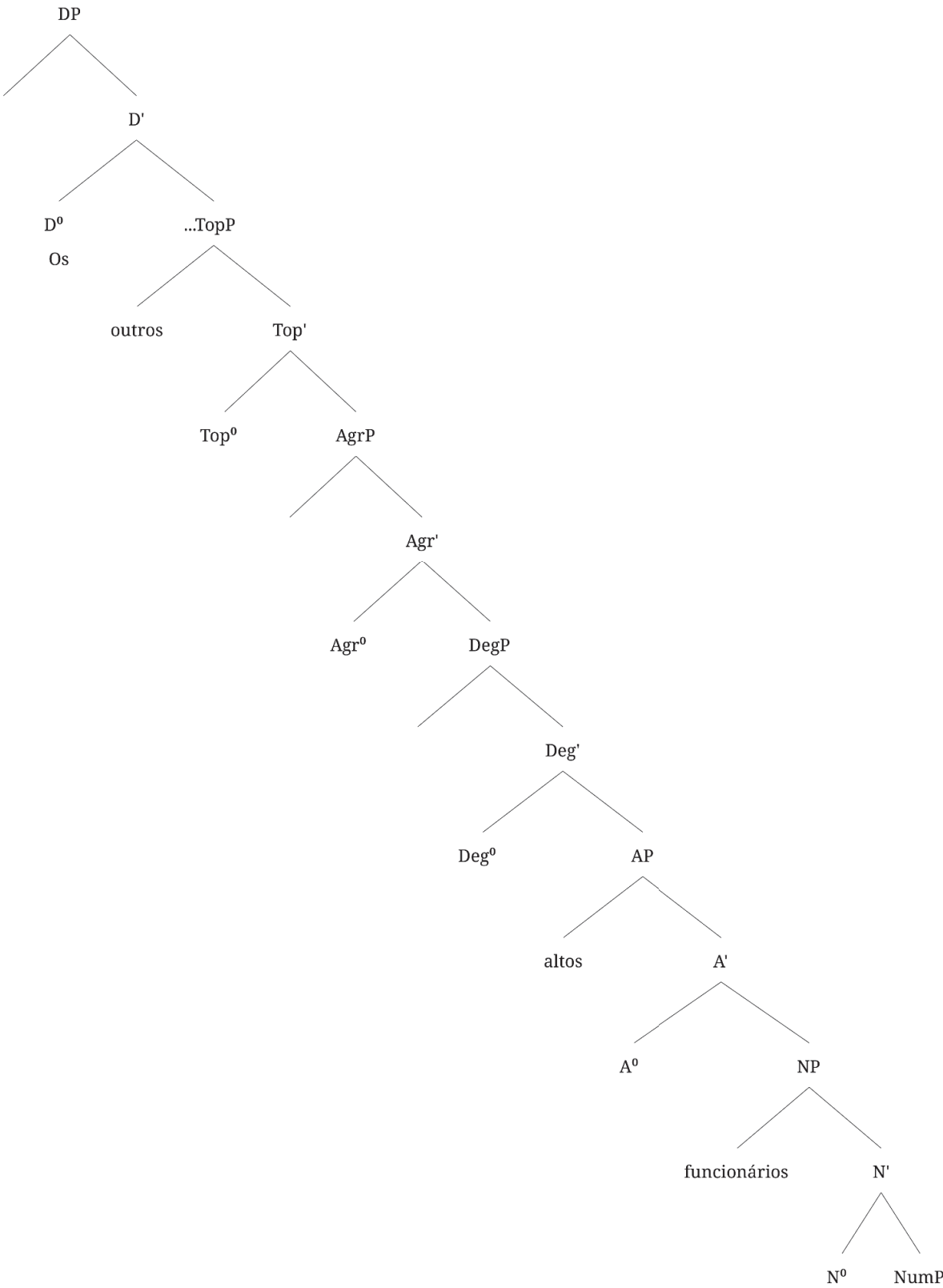
(260) Os (dois) outros funcionários **altos**

(Português)



<sup>135</sup> Nesse sentido, a argumentação encontra lastro em Larson (1991), que argumenta de forma convincente que, ao menos com alguns dos adjetivos com leituras idiossincráticas/adverbiais (que, em Português, figuram na anteposição), tal leitura seria produto de o adjetivo modificar um argumento evento.

(261) Os outros **altos** funcionários



(QUADROS GOMES; SUDRÉ, 2020, p. 71)

Caso o adjetivo estivesse numa posição na periferia esquerda, entre D e NumP (como em (256) e (261)), seria possível que a “sonda semântica” responsável por fixar o padrão de comparação procurasse nas projeções que c-comandam o adjetivo, resultando em um domínio aspectualmente restrito; por outro lado, se o padrão de comparação fosse buscado “para baixo”, o domínio resultante seria amplo e irrestrito: em (257c’) e em (260), por exemplo, pode ser que o funcionário seja alto *para um funcionário*, ou alto *como pessoa*, ou alto *em comparação apenas com os outros funcionários que estão na sala naquele momento* etc.

A fim de analisarmos da proposta de Quadros Gomes e Sudré, precisamos nos voltar para alguns pontos: a distribuição das marcas de plural em PB assumida por Pereira (2017); a configuração sintática dos itens assumidos por Pereira como adjetivos e dos numerais cardinais; e a projeção de DegP incluída por Quadros Gomes e Sudré (2020) acima do AP.

Primeiramente, como já discutido na seção 2.1.1, não é claro que as marcas de plural em PB sejam distribuídas de acordo com a posição do numeral, tal qual colocado por Pereira (2017). Estudos variacionistas indicam que há maior frequência de marcas de plural em elementos pré-nominais que em pós-nominais ou no próprio nome-núcleo; da mesma forma, descrições formais, como Menuzzi (1994), também indicam a distinção entre anteposição e posposição como relevante para a realização da concordância de número plural. Nenhuma das linhas de análise aponta, a princípio, para uma queda brusca em marcas de plural na anteposição após numerais cardinais.

Se assumirmos que essa generalização capture adequadamente o fenômeno, por outro lado, não é ponto pacífico que numerais sejam especificadores de NumP; Svenonius (2007), por exemplo, assume que numerais sejam especificadores de UNITP, enquanto a morfologia de plural, dada sua distribuição complementar com classificadores de forma, ocuparia SORTP. Nesse mesmo sentido, línguas em que há numerais, mas não morfologia nominal de número, também advogam contra a conflação desses dois fenômenos em uma única projeção (como argumenta, por exemplo, GHOMESHI, 2003<sup>136</sup>).

Outra questão a ser discutida da proposta de Pereira (2017), ou talvez do uso que fazem dela Quadros Gomes e Sudré (2020), é a caracterização de *outros* como adjetivo. Apontamos que há uma série de trabalhos que, se não atribuem a itens como ‘outros’, ‘muitos’, ‘vários’ etc. uma categoria própria (MÜLLER; NEGRÃO; NUNES-PEMBERTON, 2002; NUNES-PEMBERTON, 2000), ao menos apontam sua excepcionalidade em relação aos demais adjetivos (SUDRÉ, 2020; QUADROS GOMES; SUDRÉ, 2021). Para Pereira, essa é uma

<sup>136</sup> Ghomeshi (2003), a partir de dados do Persa, sugere que numerais ocupem spec de um sintagma de cardinalidade (*Cardinality Phrase*).

questão menor, e sua análise não depende crucialmente do estatuto categorial desse e dos demais itens utilizados para exemplificação da posição do numeral cardinal. Entretanto, a posição ocupada por *outros*, acima de NumP (ou da projeção que hospeda o numeral cardinal), não é aquela em que tipicamente figuram adjetivos pré-nominais, como parecem assumir Quadros Gomes e Sudré (2020)<sup>137</sup>. Pelo contrário, a posição anterior ao do numeral cardinal é saliente informacionalmente e codifica ou Foco (como sugeridos anteriormente, a exemplo de DEMONTE, 2008), ou Tópico (como esquematiza PEREIRA, 2017).

- (262) a. Os cem **lindos** gols do Pelé (Português)  
 b. Os **lindos** cem gols do Pelé
- (263) a. Os dez **altos** executivos  
 b. ?? Os **altos** dez executivos
- (264) a. Os outros dois **altos** jogadores de basquete  
 b. Os dois outros **altos** jogadores de basquete  
 c. \*Os outros **altos** dois jogadores de basquete  
 d. ?? Os **altos** dois outros jogadores de basquete  
 e. ? Os **altos** outros dois jogadores de basquete
- (265) a. Os cinco **bons velhos** amigos de infância  
 b. Os cinco **velhos bons** amigos de infância  
 c. Os **bons** cinco **velhos** amigos de infância  
 d. #Os **velhos** cinco **bons** amigos de infância

Em (262), vemos que tanto a ordem “numeral cardinal > adjetivo” quanto “adjetivo > numeral cardinal” é possível; contudo, acredito ser perceptível que a ordem em (262a) é mais natural que aquela em (262b), em que o adjetivo anteposto ao numeral, como já argumentado, tem um certo sabor de foco/tópico.

Por sua vez, (263) apresenta um dado interessante: quando à direita do numeral cardinal, *altos* tem leitura “intensional”; no entanto, quando à esquerda, apresenta somente

<sup>137</sup> Na realidade, na estrutura proposta em (261), NumP aparece na camada mais baixa da árvore, como complemento de N°, enquanto “funcionários” ocupa spec/NP. No entanto, essa estrutura não parece viável como alternativa para que derivação da ordem superficial em que o adjetivo aparece linearmente à esquerda do numeral cardinal, pois inclusive o nome está à esquerda de NumP; *outros* ocupa spec/TopP, mas não há projeção de onde ele tenha se movido; etc. Podemos imaginar que essa estrutura seja derivável a partir de movimento de um constituinte maior para cima de NumP, mas outras questões se colocam nesse caso (para qual projeção? O nome-núcleo se move junto do adjetivo? O numeral cardinal é linearizado à esquerda ou à direita do nome? E em relação ao adjetivo?). Por isso, para fins de discussão, tomamos por base a estrutura em (260), imaginando que a sugestão é haver uma projeção de AP (com DegP) acima de NumP.

leitura de altura física (se a sequência for considerada aceitável). Aproveitamos esse exemplo para argumentar, também, que a leitura do adjetivo de grau na anteposição não deve ser fruto de *movimento*, como Sudré (2020) e Quadros Gomes e Sudré (2020) parecem sugerir em alguns momentos (ainda que, talvez, seja apenas um uso frouxo do termo). Se o adjetivo de grau pudesse identificar seu padrão de comparação após o movimento, então adjetivos movidos para posição de tópico/foco, como aparenta ser o caso em (263b), deveriam permitir também a leitura não intersectiva, visto que se encontram na periferia esquerda do DP, já não mais sob o c-comando de NumP. Contudo, o dado atesta precisamente o contrário: a única leitura possível é aquela encontrada na posposição. Isso também levanta uma questão interessante: adjetivos de grau em anteposição não podem se mover para uma posição de Foco/Tópico<sup>138</sup>?

Em (263), vemos outra distribuição interessante. Primeiramente, tanto (264a) quanto (264b) nos parecem aceitáveis. Talvez, (264a) seja a ordem mais natural; se esse for o caso, então é provável que, em (264b), *outros* não esteja em Foco/Tópico, uma vez que o numeral cardinal parece ter se movido para uma dessas projeções (dado que parece haver uma certa leitura contrastiva). A impossibilidade de (264c) reforça que haja uma posição *acima* de *outros*, mas não entre *outros* e *dois*: ainda que (264d) e (264e) só pareçam possíveis em contextos contrastivos bastante específicos, elas são substancialmente melhores que (264c).

Por fim, em (265) temos dois adjetivos entre o numeral cardinal e o nome-núcleo. É possível antepor o adjetivo com leitura avaliativa *bons* ao numeral cardinal (265c), com leitura aparentemente contrastiva; no entanto, se o adjetivo com leitura idiossincrática *velho* é anteposto, tal leitura é perdida (265d). Note-se que essa não é uma mera questão de concorrência entre os adjetivos, visto que em (265b) a leitura não intersectiva parece possível, mesmo que marginalmente, de modo que essa sequência poderia servir de base para (265d).

Em resumo, os dados de (262)-(265) apontam que: a) a posição ocupada na anteposição pelos adjetivos de grau com leitura não intersectiva não é a mesma que a posição de Tópico/Foco mais alta do DP (acima do numeral); parece haver, entre o numeral e o nome-núcleo, pelo menos duas posições para adjetivos; por alguma razão, a leitura não intersectiva de adjetivos de grau só parece estar disponível *in situ*.

Por último, observamos que Quadros Gomes e Sudré (2020) propõem que AP seja dominado por uma projeção de grau, DegP (*Degree Phrase*). Essa proposta vem na esteira de Abney (1987), Corver (1991) e Kennedy (1997), entre outros.

---

<sup>138</sup> Outra possibilidade é que o adjetivo só possa obter essa leitura característica da anteposição sob o escopo de alguma projeção específica (no momento, desconhecida), independente de sofrer *merge* nessa posição ou se mover para ela (*merge* interno ou externo).

Partindo de dados do Inglês e do Holandês, Corver (1991) propõe que haja uma diferença fundamental entre dois conjuntos de itens lexicais que eram tradicionalmente tidos como modificadores de adjetivos. Ele argumenta que, enquanto itens como *very* ‘muito’ (Holandês: *erg*), *extremely* ‘extremamente’ (Holandês: *vrijeselijk*) etc. de fato seriam modificadores em spec/AP, os itens em (266) seriam núcleos de DegP.

- (266) a. Holandês {hoe, zo, te, even, meer, minder}  
 c. Inglês {how, so, too, as, more, less, this, that}  
 (CORVER, 1991, p. 33)

O autor observa que, em contextos de inversão com *though* ‘embora’ em Inglês, a preposição do adjetivo é possível com um AP modificado, mas não com DegP:

- (267) a. Though the house is very **expensive**,... (Inglês)  
 embora a casa é muito caro  
 a’. Very **expensive** though the house is,...  
 muito caro embora a casa é  
 ‘Embora a casa seja muito cara,...’  
 b. Though Fred is so **tall**,...  
 Embora Fred é tão alto  
 ‘Embora Fred seja tão tão,...’  
 b’.\*So **tall** though Fred is,...  
 Tão alto embora Fred é  
 (CORVER, 1991, p. 37)

Em contrapartida, apenas adjetivos acompanhados de DegP podem preceder artigos indefinidos:

- (268) a. So **big** a car (Inglês)  
 tão grande um carro  
 ‘um carro tão grande’  
 b. Too **big** a car  
 demais grande um carro  
 ‘um carro grande demais’

- (269) a. \*Very **big** a car  
           muito grande um carro  
       b. \*Extremely **big** a car  
           extremamente grande um carro  
       (CORVER, 1991, p. 37)

Ainda, em Holandês, adjetivos modificados, mas não DegPs, podem figurar em sentenças exclamativas com Wh:

- (270) a. \*Wat een te / minder / zo **mooie** vrouw! (Holandês)  
           que uma demais menos tão bonita mulher  
       b. Wat een erg / belachelijk / ontzettend / vreselijk **mooie** vrouw!  
           que uma muito ridiculamente terrivelmente extremamente bonita mulher  
           ‘Que mulher muito/ridiculamente/terrivelmente/extremamente bonita!’  
       (CORVER, 1991, p. 37)

É possível que os termos que figuram no núcleo de DegP e modificadores coocorram. Nesse caso, observa-se que DegP está acima do modificador (271). Corver argumenta que é improvável que os termos em (266) sejam modificadores de *very* ‘muito’ em (271), dado que, normalmente, *very* não permite modificação (272). Situação semelhante é encontrada em Holandês, em que os potenciais núcleos de DegP podem ocorrer simultaneamente com modificadores (273); (274) seria uma evidência de que os modificadores não podem ser modificados (por outros modificadores).

- (271) a. [How [very **interesting**]]! (Inglês)  
           quão muito interessante  
       b. [How [very **nice** of you to invite me]]!  
           quão muito legal de você de convidar me  
           ‘Que muito legal de sua parte de me convidar!’  
       c. The talk was [so [very **interesting**]]!  
           a palestra foi tão muito interessante  
       (272) \*The play was [incredibly very **interesting**].  
           a peça foi incrivelmente muito interessante

- (273) a. [Zo [heel erg] **knap**] is ze anders niet! (Holandês)  
 tão bem muito bonita é ela contudo não  
 ‘Ela não é tão bonita de forma alguma.’  
 b. Ik vond haar [zo uitmate **geschikt** voor deze baan dat  
 eu achei ela<sub>ACC</sub> tão extremamente capaz para esse emprego que  
 ik haar meteen in dienst nam]  
 eu ela<sub>ACC</sub> imediatamente em emprego peguei  
 ‘Eu a considereei tão extremamente capaz daquele emprego que eu  
 imediatamente a contratei’
- (274) a. \*Jan was [[vreselijk heel] **boos**]  
 João estava terrivelmente muito bravo  
 b. \*Jan was [[vreselijk uitermate] **boos**]  
 João estava terrivelmente extremamente bravo  
 (CORVER, 1991, p. 38)

Um argumento no sentido contrário, i.e., de que modificadores como *extremely* ‘extremamente’ se encontram dentro da projeção do AP, é sua possibilidade de pronominalização por *so* em Inglês. Como demonstrado em (275), *so* pode substituir o constituinte formado pelo modificador e adjetivo, mas não apenas o adjetivo (276). Corver toma tal padrão como evidência de que modificador e adjetivo consistiram em uma projeção máxima. Em contrapartida, o autor nota que elementos como *less* ‘menos’ e *more* ‘mais’ (comparativo) podem ocorrer junto a um AP pronominalizado por *so* (277), diferentemente de (276).

- (275) a. Many people consider John [extremely **rude**] but I’ve never found him *so*.  
 ‘Muitas pessoas consideram John [extremamente rude] mas eu nunca achei *isso* dele.’  
 b. John is [very **intelligent**], and Peter is *so*, too.  
 ‘João é [muito inteligente], e o Pedro é 0, também.’
- (276) a. \*John is [very **proud** of Mary] and Bill is [extremely *so*], too.  
 ‘João é [muito orgulhoso da Maria] e o Bill é [extremamente 0], também.’  
 b. \*John seems [very **exhausted**] and Bill seems [terribly *so*], too.  
 João parece [muito exausto] e o Bill parece [terrivelmente 0], também.’  
 (CORVER, 1991, p. 43)
- (277) a. John used to be [very **fond** of Mary], but now he is much [less *so*].  
 ‘João costumava ser [muito afeiçoado à Maria], mas agora ele é muito [menos 0].’

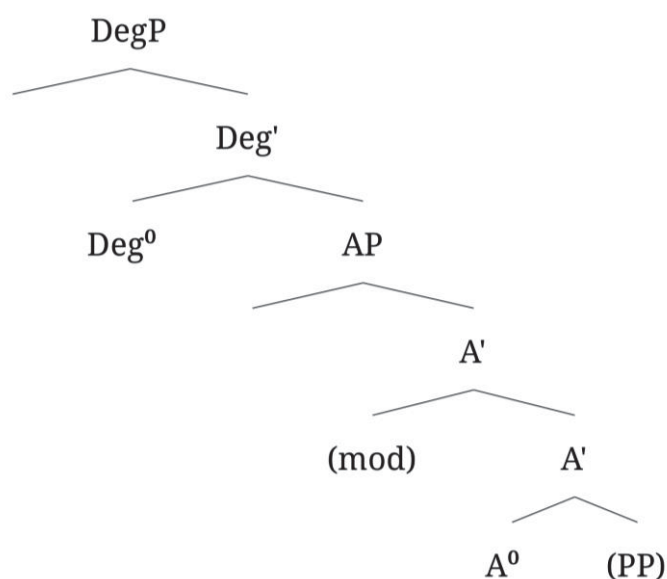
b. Although the poor girl was [**exhausted**], she was [less *so*] than we feared.

Apesar de a pobre menina estar [exausta], ela estava [menos 0] do que nós temíamos.

(CORVER, 1991, p. 44)

Dada a distinção entre modificadores típicos e os propostos núcleos de uma projeção de grau, Corver propõe a seguinte estrutura para DegP e AP<sup>139</sup>.

(278)



(CORVER, 1991, p. 38)

Somado a outros argumentos, o autor aponta que uma das vantagens que essa estrutura oferece é a possibilidade de derivar comparativos morfológicos em Inglês, tais como *taller* ‘mais alto’, com movimento de núcleo de A para Deg (que hospedaria o morfema *-er*), sem que fosse necessário fazer qualquer assunção adicional. Em casos em que a estrutura comparativa realizasse gramaticalmente o padrão de comparação em comparativos explícitos (o sintagma *than...* em Inglês, *do que....* em Português), esse PP ocuparia spec/DegP.

Também assumindo DegP, Kennedy e McNally (2005) propõem, na esteira de outros autores, que mesmo APs de grau geralmente contenham um morfema de grau nulo, *pos* (relativo à forma *positiva*), cuja função seria estabelecer uma relação entre o argumento de grau do adjetivo um padrão de comparação apropriado<sup>140</sup>. Essa proposta é feita em referência à leitura de “quantidade positiva por padrão” (*Default Positive Amount*), característica de uma série de

<sup>139</sup> Corver (1991) argumenta, a partir de dados de extração de constituintes em Holandês, que não há uma relação hierárquica clara entre o núcleo adjetival e seu complemento PP.

<sup>140</sup> Essa ideia havia sido mencionada *en passant* na seção 3.1.1.

adjetivos de grau quando em uso padrão. Zamparelli (2000) exemplifica com o adjetivo ‘profundo’: quando dizemos que algo é profundo, afirmamos que esse algo apresenta uma “quantidade relevante de profundidade”. Em outras palavras, adjetivos como ‘profundo’, ‘largo’ e ‘alto’ não apenas dizem de algum objeto que ele tem tal propriedade, mas sim que tal propriedade é representada em um alto grau. Zamparelli observa que, em línguas como Inglês, que permitem que sintagmas de medida acompanhem adjetivos de grau sem intervenção de qualquer outro elemento, tal leitura positiva desaparece quando esses sintagmas ocorrem:

- (279) a. The **wide** door (Inglês)  
           a    larga   porta  
           ‘a porta larga’  
       b. This door is 2 feet **wide**.  
           esta porta é 2 pés larga  
           ‘Esta porta tem dois pés de largura.’  
       c. This door is **wider** than that door.  
           esta porta é larga-*er* do-que aquela porta  
           ‘Esta porta é mais larga que aquela porta.’  
       d. This door is **wide**.  
           esta porta é larga  
           ‘Esta porta é larga.’  
       (ZAMPARELLI, 2000, p. 277)

Quando utilizamos o adjetivo atributivo *wide* ‘largo’, em (279a), ou quando o adjetivo aparece em posição predicativa (279d), temos a leitura positiva: uma ‘porta larga’ ou uma ‘porta’ que ‘é larga’ é necessariamente uma porta que excede a largura padrão numa quantidade significativa. No entanto, quando determinamos a largura da porta utilizando um sintagma de medida em (279b), tal leitura positiva do adjetivo desaparece: (279b) equivale a dizer que a largura da porta é de dois pés. Da mesma forma, ao comparar a largura de duas portas, não é necessário que nenhuma das duas seja larga; é possível que uma porta tenha trinta, outra quarenta centímetros, por exemplo.

Como a leitura positiva desaparece quando há um sintagma de medida presente, e o sintagma de medida não é contraditório em relação ao significado do adjetivo, Zamparelli argumenta que a interpretação positiva não é fruto de um acarretamento do sentido do adjetivo nesses casos, mas sim da presença de um morfema nulo em Deg (o *pos* de Kennedy e McNally).

Uma evidência de que esse morfema existe e não é apenas um padrão interpretativo de adjetivos de grau advém do contraste dos dados em (279) com os em (280), com adjetivos de grau negativos e “adjetivos conotativos” (281) (tal como chamados por Zamparelli):

- (280) a. ?? This door is 2 feet {**narrow** / **short**}. (Inglês)  
           esta porta é 2 pés estreito curto  
       b. This door is {more **narrow** / **shorter**} than that door.  
           esta porta é mais estreito curto-*er* do-que aquela porta  
       c. This door is **narrow** / **short**.  
           esta porta é estreito curto  
           ‘Esta porta é estreita/curta.’
- (281) a. \*My father is 200 pounds {**fat** / **huge**}.  
           meu pai é 200 libras gordo grande  
       b. My father is **fatter** than my mother.  
           meu pai é gordo-*er* do-que minha mãe  
           ‘Meu pai é mais gordo do que a minha mãe.’  
       c. My father is **fat**.  
           meu pai é gordo  
           ‘Meu pai é gordo.’
- (ZAMPARELLI, 2000, p. 278)

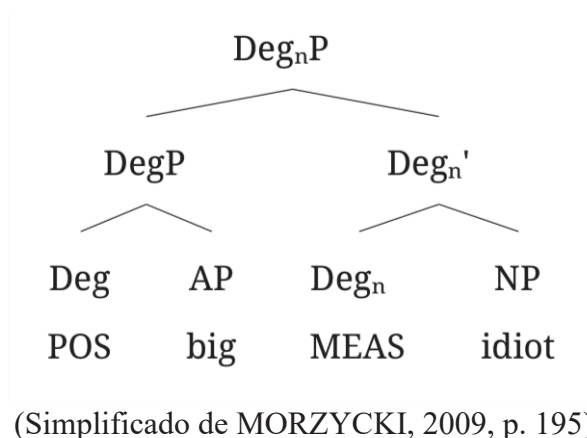
Diferentemente dos adjetivos em (279), quando adjetivos de grau “negativos” ou “conotativos” são usados em sentenças comparativas (280b, 281b), eles parecem ter como acarretamento (280c, 281c). Ainda, Zamparelli observa que tais adjetivos não permitem uma leitura de dimensão “neutra” a partir da qual uma quantidade possa ser medida, como exemplificado pela estranheza/impossibilidade de (280a, 281a). O autor sugere que isso se explique pela sua incompatibilidade com o morfema *pos*.

Feita essa exposição, podemos voltar à estrutura proposta por Quadros Gomes e Sudré (2020), representada em (260). Uma primeira questão a ser observada é que, nessa representação, o adjetivo de grau é um núcleo na projeção estendida do nome, assim como o DegP que domina AP. Em primeiro lugar, sou cética quanto a adjetivos serem núcleos; além da argumentação de Cinque (2010) contra essa análise, reproduzida no capítulo 3, há também uma questão conceitual: que aspecto da semântica intrínseca de nomes teria adjetivos como núcleos?

Nesse sentido, já foi sugerido que tanto nomes quanto verbos também poderiam ter projeções de grau em sua projeção estendida (por exemplo, ITO, 2009; MORZYCKI, 2009). Entretanto, observamos que o DegP na projeção do N modificaria um elemento de grau *em N*, não em um outro elemento (pré-nominal) no NP. Morzycki (2009), por exemplo, propõe a estrutura em (283) como subjacente a (282):

(282) A **big** idiot (Inglês)  
um grande idiota

(283)



Morzycki aponta que, com certos nomes que apresentam a denotação semântica adequada, alguns adjetivos de grau, como *big* ‘grande’, podem ser interpretados como representando eles próprios um grau na escala denotada pelo nome. Nesse sentido, (282) equivaleria a dizer que o indivíduo “tem um alto grau de idiotice”. O autor propõe que a análise desses casos envolva uma projeção de grau na projeção estendida do nome, que é então preenchida pelo adjetivo (283)<sup>141</sup>.

Nós chamamos a atenção que, nessa representação, o DegP do nome-núcleo e o DegP do adjetivo são distintos: o DegP do adjetivo ocupa a posição de especificador do DegP do nome.

Um argumento adicional para que adjetivos não sejam núcleos, com seu DegP ocupando um segmento da projeção estendida do nome, é que não há ambiguidade de escopo do modificador em (284a):

- (284) a. \*mais **grande** idiota (Português)  
b. **maior** idiota  
c. Ele é, sem dúvida, o **mais** idiota.

<sup>141</sup> Para o autor, o morfema *meas* em Deg substituiria *pos* em contextos comparativos.

Se assumimos em PB a mesma estrutura proposta por Morzycki para o Inglês (e assumindo que *mais*, como *more*, fosse um morfema de grau que ocupa o núcleo de DegP), *mais* deveria poder ter escopo tanto sobre *grande* quanto sobre *idiota*, uma vez que *mais* pode modificar *idiota*, como demonstrado em (284c). Entretanto, intuitivamente a interpretação de (284a) é aquela em (284b), i.e., que *mais* modifica apenas *grande* (inclusive, estando a sequência em distribuição complementar com o alomorfe sintético, ao menos em PB culto).

Em resumo, as análises de Quadros Gomes e Sudré (2020) e Sudré (2020) de que apenas adjetivos de grau (e intensionais) possam ser antepostos em Português nos parece fundamentalmente correta. Entretanto, como exposto, se os números cardinais estiverem realmente em NumP, então não é possível que adjetivos de grau pré-nominais estejam acima de NumP<sup>142</sup>, dada sua distribuição sintática e o fato de que a posição à esquerda do numeral cardinal tem leitura marcada de Foco/Tópico. Além disso, parece mais adequado que APs (dominados por DegPs) sejam ou adjuntos, ou especificadores de projeções funcionais, não projeções do nome.

Acreditamos que Svenonius (2007) oferece uma saída a essa questão que permite que aproveitemos o insight analítico de Quadros Gomes e Sudré (2020). Observemos (285), originalmente reproduzida em (211), que traz a estrutura de projeções funcionais proposta pelo autor:

(285)            Dem > Art > Num > UNIT > Ki > Pl/SORT > *n* > N

Svenonius assume que numerais cardinais ocupariam Num ou UNIT, enquanto a morfologia de plural estaria em SORT. Como já exposto, alguns autores argumentam que é interessante separar a posição de numerais cardinais e da marcação de plural, dado o comportamento por vezes dissociado desses dois aspectos em algumas línguas. Recuperamos, ainda, a argumentação de Augusto, Ferrari Neto e Corrêa (2006) com relação a NumP:

---

<sup>142</sup> Na banca de defesa desta tese, a profa. Ana Paula Quadros Gomes esclareceu que, para ela, contra Pereira (2017), os números cardinais não estariam em NumP, que codificaria o morfema plural (em Português) e a distinção massivo-contável. Como Pereira utiliza a distribuição de marcas de plural em relação à posição de numerais cardinais como argumento para sua análise, contudo, entendo que é necessário dizer algo mais sobre a posição dos numerais cardinais, caso eles sejam desvinculados de NumP. De toda forma, o raciocínio que é desenvolvido na sequência do texto, aqui, atende a esse problema por uma outra perspectiva, i.e., seguindo a proposta de Svenonius (2007) de que o morfema plural e a distinção massivo-contável se encontram em projeções separadas, abaixo de NumP.



- (287) \*la muy **ESPANTOSA triste** jornada (Espanhol)
- (288) a. Muy **guapo**, tu **ENCANTADOR riquísimo** novio.  
 b. [DP [FocP Muy guapo] [DP/PredP [tu [FocP [ENCANTADOR]] [nP riquísimo novio]]]  
 (DEMONTE, 2008, p. 98)

A autora observa que adjetivos pré-nominais em espanhol tipicamente não podem ser modificados por *muy*; contudo, se o adjetivo ocupa uma posição mais externa no DP (288b), como evidenciado por *muy guapo* figurar à esquerda do possessivo, a modificação é possível<sup>145</sup>. Assim, a autora sugere que haja “duas posições de foco dentro do DP, uma mais baixa relacionada ao domínio de nP, em que adjetivos qualitativos se movem sobre nP, e uma mais alta relacionada à avaliação de grau” (DEMONTE, 2008, p. 98, tradução minha)<sup>146</sup>.

Observamos, para o PB, que apenas adjetivos de grau (e intensionais) podem ser antepostos, de modo que a distinção entre as duas posições de foco não se explica apenas pela presença ou não de avaliação de grau. A observação de Demonte sobre a possibilidade de modificação, contudo, parece ter algum respaldo em PB: adjetivos pré-nominais tipicamente não podem ser modificados por *muito* (289). Todavia, note-se que o quadro não é tão claro, uma vez que há, sim, casos de modificação por *muito* (290).<sup>147</sup>

- (289) a. \*muito **alto** executivo (Português)  
 b. \*muito **velho** amigo  
 c. \*muito **larga** mesa
- (290) a. (um) muito **bonito** gol  
<https://futebolcearense.net/2021/07/25/vojvoda-valoriza-vitoria-do-fortaleza-adversario-muito-difcil/>  
 b. muito **alto** risco de fratura  
<https://endocrinopapers.com.br/muito-alto-risco-de-fratura/>

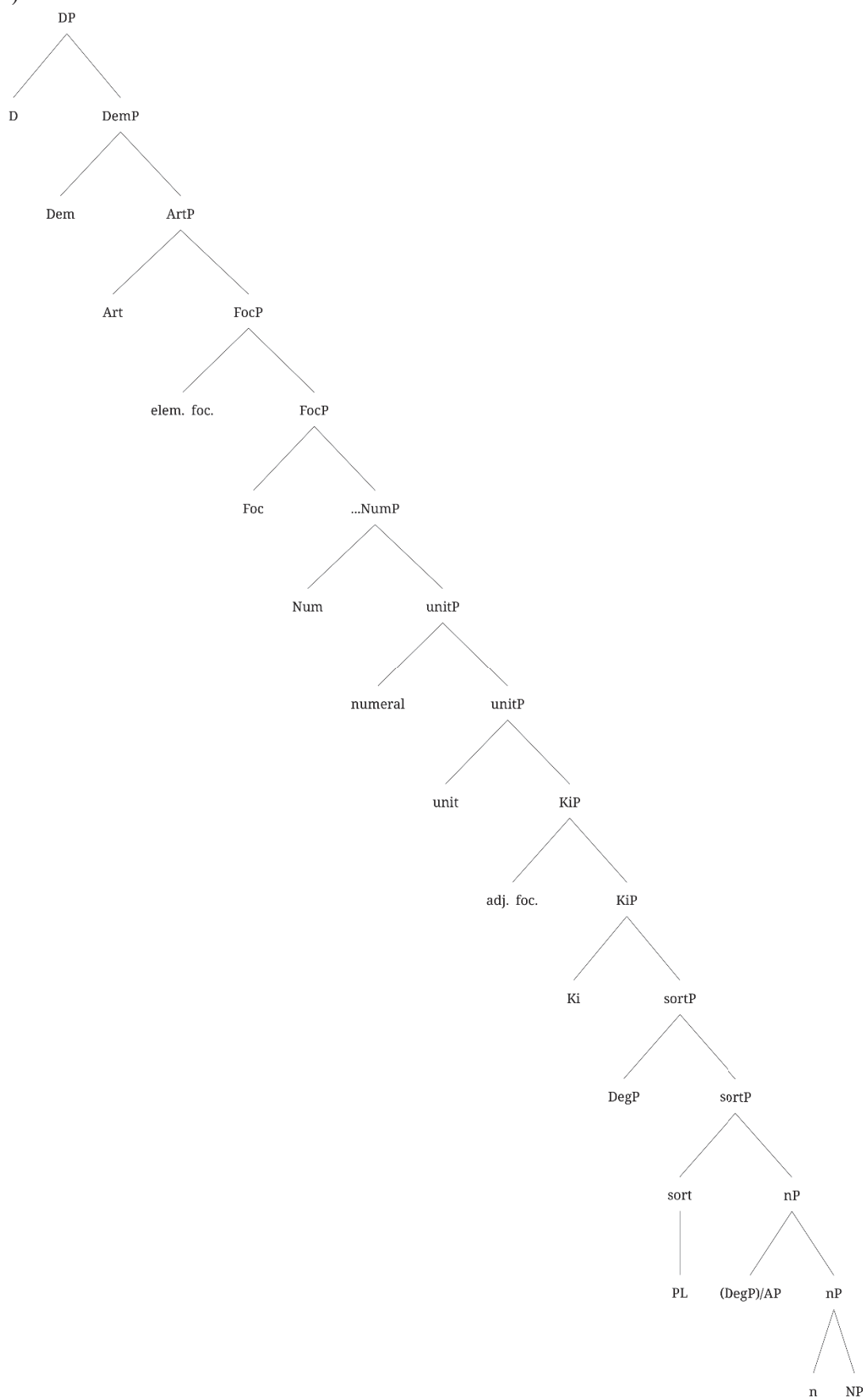
De toda forma, essa discussão extrapola o escopo desta tese; como mencionado no começo desta seção, nossa intenção é mais de apontar caminhos que oferecer uma análise bem acabada para o PB. Assim, apresentamos tentativamente a estrutura em (291) como uma aproximação da estrutura de adjetivos atributivos em PB:

<sup>145</sup> Observe-se que *muy guapo* é seguido de vírgula, o que indica seu status deslocado em relação ao restante do DP; é razoável que nos perguntemos, nesse sentido, se faz sentido que essa posição esteja dentro do DP.

<sup>146</sup> Manlove (2016) se opõe a projeções especificamente dedicadas a Foco/Tópico, e ao invés disso sugere que ao menos alguns adjetivos focalizados ocupem spec/NumP. Isso seria compatível com a estrutura proposta em (291).

<sup>147</sup> Os fatores que permitem ou não essa modificação não são claros; parece haver uma questão de especificidade, assim como mais facilidade de anteposição com nomes abstratos. Remetemos o leitor à seção 2.3.2, em que a questão da modificação foi abordada em mais detalhes (mas, ainda assim, não de maneira exaustiva).

(291)



Em *nP*, poderiam ocorrer tanto adjetivos de grau quanto adjetivos intersectivos; não nos comprometemos, nesse momento, com o status destes adjetivos, i.e., se em modificação direta ou indireta.

Sugerimos que o mesmo raciocínio acerca da interpretação de adjetivos de grau pré e pós-nominais proposto por Quadros Gomes e Sudré (2020) se aplique a essa estrutura, substituindo-se no argumento NumP por SORTP. Fazemos apenas uma ressalva com relação à previsão de que as restrições de domínio que se aplicam sobre o adjetivo pré-nominal resultariam “numa predicação sobre um estágio” (QUADROS GOMES; SUDRÉ, 2020, p. 55)<sup>148</sup>. A nosso ver, adjetivos pré-nominais têm tipicamente leitura *individual-level* (como apontado para as línguas românicas, inclusive, em CINQUE, 2010)<sup>149</sup>. Assim, algo diferente precisaria ser dito sobre a relação entre adjetivos de grau e a periferia esquerda.

#### 4.5 ARGUMENTOS PARA OS DOIS TIPOS DE ESTRUTURA ADJETIVAL

De acordo com nossa proposta, línguas como Inglês disporiam de dois tipos de modificação adjetival: uma em que os adjetivos são especificadores de especificadores e estabelecem uma relação mais íntima com o NP, em uma configuração sem escopo que é permeável a ROA; e outra em que adjetivos figuram em projeções funcionais independentes (no sentido de SVENONIUS, 2007), em que a estrutura hierárquica disponível implica na existência de relações de escopo. Línguas como Português teriam acesso apenas a esta última e, por isso, não exibiriam ROA.

Os dois tipos de estrutura em que adjetivos podem figurar parecem estar em distribuição complementar (i.e., eles não coocorrem)<sup>150</sup>. Em primeiro lugar, sempre que um adjetivo atributivo apresenta escopo em Inglês, toda a sequência é lida como tendo escopo (292a); isso vale, inclusive, para casos em que adjetivos são focalizados a partir de estratégias de entonação ao invés de movimento (292b). Em outras palavras, não é possível que o adjetivo focalizado tenha escopo sobre dois adjetivos linearizados de acordo com a ROA (sem escopo).

<sup>148</sup> Na defesa desta tese, a profa. Ana Paula Quadros Gomes reformulou esta questão, observando que o domínio se restringe à dimensão correspondente à participação do indivíduo em uma certa situação (em paralelo, como visto adiante, à proposta de FOLTRAN; RODRIGUES, 2013).

<sup>149</sup> Como já abordado nesta tese, porém, ser *individual-level* por si só não explica as diferenças de interpretação ou a particularidade da interpretação de adjetivos pré-nominais: “um grande homem” não permite a leitura em que *grande* seja interpretado em referência ao corpo do homem.

<sup>150</sup> Isso reforça a postulação do parâmetro em (239), seja ele primitivo ou decorrente da interação de outros parâmetros mais abstratos.

- (292) a. **red square French table** (Inglês)  
 vermelho quadrado francesa mesa  
 ‘mesa francesa quadrada vermelha’  
 Leitura:  $\lambda x.\text{vermelha}(\text{quadrada}(\text{francesa}(\text{mesa}(x))))$
- b. **square RED French table**  
 quadrado vermelho<sub>FOC</sub> francesa mesa  
 Leitura:  $\lambda x.\text{vermelha}(\text{quadrada}(\text{francesa}(\text{mesa}(x))))$

Numa linha de raciocínio semelhante, adjetivos com modificadores também não participam de ROA: sempre que um adjetivo é modificado em Inglês, ou ele deve figurar na posição mais externa da sequência (e passa a ter escopo), ou há “entonação de vírgula” e os adjetivos passam a ser lidos como estando em uma coordenação, o que evidencia que a posição ocupada pelo adjetivo modificado se encontra na margem esquerda da projeção estendida do NP (ou do segmento do NP em que adjetivos ocorrem).

- (293) a. a very **red square French table** (Inglês)  
 uma muito vermelha quadrada francesa mesa  
 ‘uma mesa francesa quadrada muito vermelha’
- b. a **square, very red French table**  
 uma quadrada muito vermelha francesa mesa  
 ‘uma mesa francesa muito vermelha e quadrada’

Em resumo, adjetivos em ROA não podem ser modificados ou focalizados.

Outro argumento advém do fato de que adjetivos intensionais “especiais”, como *alleged* ‘suposto’, não são previstos em descrições de ROA e sempre exibem escopo — logo, forçando os demais adjetivos que ocorrem com eles a também terem escopo. Ainda, note-se que adjetivos com leitura eventiva, como *beautiful* ‘belo’, também não participam de ordens com ROA; quando coocorrem com outros adjetivos na ordem em que teoricamente deveriam aparecer (i.e., adjetivos avaliativos seriam os mais externos em ROA), a leitura eventiva se perde:

- (294) a. **beautiful** dancer (Inglês)  
 belo dançarino  
 ‘belo dançarino’  
 Leitura 1: ‘um dançarino bonito’  
 Leitura 2: ‘um dançarino que dança bem’
- b. **beatiful tall** dancer  
 belo alto dançarino  
 ‘belo dançarino alto’  
 Leitura 1: ‘um dançarino alto bonito’  
 #Leitura 2: ‘um dançarino alto que dança bem’

Adicionalmente, em línguas como Galês que exibem ROA, adjetivos pré-nominais (tipicamente intensionais) não participam de restrições de ordem. Assim, é claro que pelo menos os adjetivos intensionais requerem uma estrutura distinta daquela disponível para adjetivos em ROA.

#### 4.6 OUTROS ELEMENTOS NOMINAIS

Por último, cabe apontar que independentemente da estrutura com ou sem escopo dos adjetivos, movimentos adicionais são necessários ao final da derivação da ordem dos adjetivos para gerar as ordens superficiais observadas. Por exemplo, em Inglês, complementos nominais<sup>151</sup> e orações relativas são pós-nominais, e, em línguas semíticas, adjetivos em modificação direta aparecem mais próximos do nome-núcleo que PPs e genitivos (cf. exposto em 2.1.3).

Como assumimos uma perspectiva antissimétrica, a posição desses elementos e suas relações de escopo com o NP indicam que eles se encontram em uma posição hierárquica mais alta, sobre a qual ocorre um movimento bola de neve do NP carregando consigo os adjetivos (com ou sem ROA).

<sup>151</sup> Assumimos que não existem, de fato, “complementos” nominais, conforme Adger (2013). Segundo proposta do autor, os PPs que são tradicionalmente descritos como complementos seriam PPs inseridos na estrutura a partir de uma projeção funcional de modificação externa ao NP, não como complemento do N. Ver nota 110.

#### 4.7 RELAÇÃO ENTRE O PARÂMETRO PROPOSTO E A LITERATURA

Retomamos em (295) o parâmetro originalmente delineado em (239).

(295) Adjunção a um adjunto do mesmo tipo categorial é permitido/proibido.

Parâmetros são axiomáticos por definição; dados empíricos podem dar-lhes suporte, mas não há como aferir qualquer parâmetro de maneira inquestionável. Ainda assim, é desejável que parâmetros sejam tão genéricos quanto possível, uma vez que qualquer especificação, ou especificações cumulativas, potencializam seu caráter axiomático. Nesse sentido, nossa proposta com (295) é que essa restrição sobre a adjunção não se limite a uma única categoria nas línguas em que se aplique. Para que o parâmetro em questão tenha maior potencial de legitimidade, é desejável que ele caracterize uma imposição sobre toda a mecânica da língua, não se limitando a um único domínio.

Por essa característica generalizante, contudo, o parâmetro proposto entra em conflito com algumas análises aventadas na literatura que fazem uso de adjunção a um mesmo tipo categorial. Nesta seção, iremos nos deter sobre duas dessas análises, a fim de discutir sua possível compatibilização com nossa proposta: a formalização de May (1985) do movimento (de múltiplos) WH; e a análise de orações copulares complexas de Carreira (2015).

##### 4.7.1 Movimento-WH

O trabalho seminal de May (1985; a versão em livro de sua tese de 1977) ampliou a descrição e discussão sobre o fenômeno do movimento-WH (ou sua aparente ausência). Como é conhecido (ao menos a nível observacional), esse fenômeno subdivide as línguas em três grandes tipos. O primeiro é aquele em que sintagmas WH são necessariamente movidos para a periferia esquerda/inicial (que podemos assumir ser spec/CP), ao menos no nível de representação superficial<sup>152</sup>; quando há mais de um WH, apenas aquele cuja posição original é comparativamente mais próxima de spec/CP é movido<sup>153</sup>. Tal configuração está esquematizada em (296).

(296) [CP [NP1 *Wh*]<sub>1</sub> [C' C [IP ... t<sub>1</sub> ... [NP2 *Wh*] ... ] ]

<sup>152</sup> Nível de representação superficial, SS, em *spell-out*, enfim; o equivalente técnico em cada instanciação da teoria.

<sup>153</sup> Grosso modo, podemos dizer ser o WH que c-comanda os demais (CHOMSKY, 1973).

O segundo grupo de línguas é aqueles em que todos os sintagmas WH permanecem in situ (ao menos na representação superficial), conforme (297). Esse seria o caso de línguas como Mandarim.

(297) [CP \_\_\_\_\_ [C' C [IP ... [NP1 *Wh*] ... [NP2 *Wh*] ... ] ]

Por fim, há o grupo de línguas como o Búlgaro, em que todos os sintagmas WH são obrigatoriamente movidos para a periferia esquerda/inicial (supostamente, todos em spec/CP), resultando em uma estrutura como a esboçada em (298).

(298) [CP [NP1 *Wh*]<sub>1</sub> [NP2 *Wh*]<sub>2</sub> [C' C [IP ... t<sub>1</sub> ... t<sub>2</sub> ... ] ]

May (1985) propõe que, a despeito da estrutura visível a nível superficial, em todas as línguas os sintagmas WH se moveriam para a periferia esquerda em LF (como em (298)), a fim de que as relações de escopo desejáveis (e observadas) pudessem ser obtidas. O autor propôs que o movimento dos sintagmas WH não se desse para múltiplas instâncias de spec/CP (cada uma, preenchida por um WH), mas sim para uma única posição — ou seja, com adjunção dos WHs uns aos outros (299). Quando há mais de um WH na sentença, o WH identificado como preferencial (pelo princípio de localidade mencionado acima; cf. nota 153) seria o primeiro a ser movido; na sequência, ainda de acordo com as mesmas preferências, os demais se moveriam, cada um se adjungindo àquele movido anteriormente.

(299) [CP [NP1 [NP1 *Wh*] [NP2 *Wh*]<sub>2</sub>]<sub>1</sub> [C' C [IP ... t<sub>1</sub> ... t<sub>2</sub> ... ] ]

Nessa configuração, tecnicamente todos os WH na posição destacada estariam imediatamente dominados por CP e teriam C' como nóculo irmão; assim, May assume que as relações de c-comando necessárias entre os sintagmas WH e seus vestígios seriam satisfeitas.

Em face das premissas acerca da estrutura sintagmática apresentadas na seção 4.3, a estrutura proposta por May (1985) levaria a uma importante distinção entre os sintagmas WH: os WHs que se movem por último c-comandariam os que se moveram antes, uma vez que estariam mais encaixados. Pela ligação assumida entre c-comando e ordem linear na teoria da antissimetria, isso levaria à previsão (incorreta) de que os WHs mais encaixados deveriam preceder os demais. Essa não era uma preocupação de May (1985), uma vez que princípios independentes garantiam que o WH estruturalmente mais próximo de spec/CP se moveria primeiro em estrutura superficial

em línguas como Inglês, enquanto os demais WHs moveriam-se apenas em LF, momento em que sua ordem (derivada da hierarquia constituída pelas adjunções) já não importaria e também não afetaria as relações de regência e c-comando relevantes; além disso, o autor assumia, de acordo com os dados de que dispunha à época, que em línguas com movimento de múltiplos WH, a ordem entre os WH seria livre (MAY, 1985, p. 58).

A assunção feita por essa proposta de que há apenas um spec/CP disponível (razão pela qual as múltiplas adjunções seriam necessárias) mostrou levar a previsões corretas, fornecendo-lhe confirmação empírica. Por exemplo, em estruturas de subordinação, o movimento do WH da sentença encaixada não pode passar por cima de um outro WH que já esteja em spec/CP da encaixada (300); ao invés disso, a única estrutura possível é aquela em que o WH que já ocupava spec/CP na encaixada se move para spec/CP da sentença matriz (301).

(300) \* $[O\ que]_2$  você conhece  $[CP\ [quem]_1$  que  $[IP\ t_1$  comprou  $t_2]]$ ?

(301)  $[Quem]_1$  você conhece  $[CP\ t_1$  que  $[IP\ t_1$  comprou o  $quê]]$ ?

Se houvesse mais de um spec/CP, a sentença em (300) deveria ser possível, uma vez que tal posição extra poderia ser utilizada (como *escape hatch*, nos termos de CHOMSKY, 1986b) para que *O quê* driblasse as condições de localidade e eventualmente figurasse em spec/CP — dado que, estando tanto *O quê* quanto *Quem* em spec/CP na encaixada, teoricamente as posições seriam igualmente distantes do alvo final (spec/CP da matriz).<sup>154</sup>

Em línguas em que múltiplos WH podem se mover para a periferia inicial, por outro lado, essa análise assume que a adjunção dos WHs uns aos outros seja feita já em spec/CP da sentença encaixada. Na sequência, o bloco de WHs se move para spec/CP da matriz; mais precisamente, podemos dizer que o WH originalmente preferencial se move, levando consigo o(s) outro(s) WH(s) a ele adjungidos. Essa estrutura é representada em (302).

(302)  $[CP\ [[Quem]\ [O\ quê]_2]\ t_1\ [IP\ você\ conhece\ [CP\ t_1\ [IP\ t_1\ comprou\ t_2]]]]$ ?

<sup>154</sup> Isso seria particularmente verdadeiro se o spec/CP adicional fosse, a rigor, um adjunto a CP (precisamente a hipótese considerada e descartada por MAY, 1985 e por RUDIN, 1988), pois, assim, ambos os WHs se c-comandariam mutuamente, e nenhum deles teria a preferência para se mover para o domínio da sentença matriz. Isso preveria (erroneamente) que qualquer um dos WHs pudesse se mover adiante. Se o spec/CP adicional implicar a presença de uma projeção adicional de CP distinta, acima da primeira, então a previsão (errônea) é a de que o WH com preferência para se mover para o domínio da matriz seria o último WH movido no âmbito da encaixada (i.e. aquele c-comandado pelos demais).

Para que esse movimento seja possível, é necessário assumir que os múltiplos WHs formem um constituinte<sup>155</sup>. Uma vez que cada WH se adjungiria ao outro (i.e., o segundo, ao primeiro; o terceiro, ao segundo; etc.), essa análise entra em conflito com nossa proposta de que, ao menos em algumas línguas, sintagmas de um mesmo tipo categorial não poderiam se adjungir uns aos outros. Ou está errada nossa proposta, ou está errada a análise colocada por May (1985) — e amplamente assumida por diversos autores depois dele. Isso evidentemente nos coloca em uma posição difícil, uma vez que a cobertura empírica de May e demais trabalhos nessa mesma perspectiva é significativa.

No entanto, vemos uma possibilidade de conciliação, que permite que ambas as propostas possam ser aproveitadas; é preciso, apenas, que se relativize o grau de universalidade de cada uma em termos de parametrização (como nossa proposta já faz).

Como já explicitado, o parâmetro proposto nesta tese estabelece como um de seus valores a proibição de que um sintagma se adjunja a outro do mesmo tipo; em Inglês, tais adjunções seriam possíveis, enquanto em Português, não. Também como já falado no começo desta seção, modificar a formulação desse parâmetro a fim de restringi-lo a certos tipos de sintagma seria indesejado. Assim, enquanto possível, gostaríamos de perseguir a versão forte dessa ideia, i.e., que, qualquer que seja o tipo categorial de um sintagma, ou ele pode, ou ele não pode se adjungir a outros do mesmo tipo. Então, a seguinte pergunta se coloca: como conciliar nossa proposta em relação aos adjetivos atributivos com a premissa (baseada em MAY, 1985, mas endossada por uma farta literatura) de que, em LF, o Português — e todas as demais línguas — seriam tal como o Búlgaro, com um constituinte formado por sintagmas WH adjungidos como em (302) no caso de sentenças com mais de um WH como “Quem comprou o quê”?

A análise de May (1985), ainda que bastante influente, não é livre de críticas — e é a esse ponto que iremos nos fiar. Mais especificamente, a reanálise de Rudin (1988) da proposta original de May, feita a partir de uma ampliação da base empírica originalmente mobilizada pelo autor com inclusão de mais dados sobre línguas que exibem múltiplo frenteamento de WH já na estrutura superficial, oferece uma solução interessante para nossa questão, inclusive com um paralelo interessante e, até certo ponto, inesperado (mas previsto por nossa proposta).

Rudin (1988) observa que o grupo de línguas com frenteamento de múltiplos WH se divide em dois: um grupo, composto por línguas como Russo, Búlgaro e Romeno, se comportaria como descrito por May (1985), i.e., com adjunção dos WH em spec/CP; já o

---

<sup>155</sup> Hornstein (1995) aponta que isso é vantajoso para o tratamento semântico de perguntas e respostas envolvendo pares, como em “Quem comprou o quê?”, que pode ser respondida como “Pedro comprou livros; Maria, flores; João, brinquedos; Ana, vestidos; etc”.

segundo grupo, por outro lado, há evidências de que os WH não ocupam todos a mesma posição. Seriam exemplos deste grupo línguas como Polonês, Servo-Croata e Tcheco. Para facilitar a apresentação dos dados, iremos nos limitar a exemplos de Búlgaro e Servo-Croata como instâncias de cada tipo. Exemplos de múltiplos WH fronteados em cada língua são dados a seguir.

- (303) Koj kogo vižda? (Búlgaro)  
 quem<sub>NOM</sub> quem<sub>ACC</sub> vê  
 ‘Quem vê (a) quem?’
- (304) Ko koga vidi? (Servo-Croata)  
 quem<sub>NOM</sub> quem<sub>ACC</sub> vê  
 ‘Quem vê (a) quem?’  
 (RUDIN, 1988, p. 449)

A discussão feita nesta seção dos exemplos (299)-(302) valeria para o Búlgaro. Adicionalmente, Rudin nota que, neste tipo de língua, a ordem entre os WH adjungidos uns aos outros em spec/CP é rigidamente definida; a autora propõe que isso seja previsto a partir de: (i) a condição geral de localidade do movimento, que definiria qual WH teria preferência para se mover em cada etapa da derivação; e (ii) uma assunção adicional, empiricamente motivada, de que cada novo WH (WH<sub>n+1</sub>) que se adjunge a um WH já presente (WH<sub>n</sub>) em spec/CP seria posicionado à direita de seu hospedeiro<sup>156</sup>.

Já em Servo-Croata, embora também haja evidência robusta de que o movimento dos WHs de suas posições de base é obrigatório (todos eles figuram na periferia inicial, em sequência, antes dos outros elementos da sentença), clíticos (auxiliares e pronomes) podem ser posicionados entre o primeiro WH e os demais (305). Por hipótese, tais clíticos estariam abrigados no núcleo C.

- (305) a. Ko um je šta dao? (Servo-Croata)  
 quem<sub>NOM</sub> ele tem o-quê dado  
 ‘Quem deu o quê a ele?’

<sup>156</sup> Richards (1997), nos capítulos 3 e 4, propõe uma análise de línguas como Búlgaro utilizando múltiplos spec/CP (a rigor, um especificador mais alto, com posições adicionais de adjunto criadas abaixo de spec/CP, mas acima de C’). Embora essa análise também pudesse ser explorada por aparentemente dar conta dos dados de línguas como Búlgaro, acreditamos ser mais interessante seguir com Rudin devido ao paralelo que podemos traçar entre a (im)possibilidade de adjunção entre sintagmas WH e entre APs, como será abordado ao final desta seção.

- b. \*Ko šta um je dao?  
 quem<sub>NOM</sub> o-quê ele tem dado  
 (RUDIN, 1988, p. 462)

Note-se que clíticos de segunda posição em Servo-Croata tipicamente podem seguir ou a primeira palavra, ou o primeiro constituinte da sentença. Assim, o fato de que (305a) é possível, mas não (305b), indica que os dois sintagmas WH não formam um único constituinte. Em Búlgaro, por outro lado, os clíticos obrigatoriamente seguem a sequência de WH e não podem interrompê-la (306).

- (306) a. Koj kakvo ti e kazal? (Búlgaro)  
 quem o-quê você tem falado  
 ‘Quem te falou o quê?’  
 b. \*Koj ti e kakvo kazal?  
 quem você tem o-quê falado  
 (RUDIN, 1988, p. 461)

Além disso, em estruturas como em (306), em que ao menos alguns dos WH se originam numa oração encaixada, o movimento de todos os WH para spec/CP da oração matriz é obrigatório; em Servo-Croata, por outro lado, apenas um WH é alçado até a matriz, enquanto os demais geralmente ocupam alguma posição na vizinhança da periferia esquerda da encaixada<sup>157</sup>, como na estrutura esquematizada em (307).

- (307) [<sub>CP</sub> [*Quem*]<sub>1</sub> [<sub>IP</sub> você conhece [<sub>CP</sub> t<sub>1</sub> [*o quê*]<sub>2</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>1</sub> comprou t<sub>2</sub>]]]]?

Uma última evidência da diferença entre os dois grupos é que, em línguas como Servo-Croata, a ordem entre os WH movidos é muito mais flexível que a ordem atestada em línguas como Búlgaro (descrita como rígida); nem mesmo o primeiro WH (que ocuparia spec/CP) é selecionado por condições de localidade. Em Búlgaro, o WH nominativo prece o WH acusativo (308), que por sua vez precede o WH que ocupa a posição de objeto indireto (309).

<sup>157</sup> Rudin aponta que essa posição não é spec/CP, uma vez que os WH que permanecem na encaixada aparecem à direita de clíticos.

- (308) a. Koj kogo vižda? (Búlgaro)  
 quem<sub>NOM</sub> quem<sub>ACC</sub> vê  
 ‘Quem vê (a) quem?’  
 b. \*Kogo koj vižda?
- (309) a. Koj kogo na kogo e pokazal?  
 quem<sub>NOM</sub> quem<sub>ACC</sub> para quem tem apontado  
 ‘Quem apontou quem para quem?’  
 b. \*Kogo koj na kogo e pokazal?  
 c. \*No kogo koj kogo e pokazal?  
 (RUDIN, 1988, p. 473)

Em contraste, a ordem em Servo-Croata é aparentemente livre (310).

- (310) a. Ko je koga vidio? (Servo-Croata)  
 quem<sub>NOM</sub> é quem<sub>ACC</sub> visto  
 ‘Quem viu quem?’  
 a’. Koga je ko vidio?  
 quem<sub>ACC</sub> é quem<sub>NOM</sub> visto  
 b. Ko gdje spava?  
 quem onde dorme  
 ‘Quem dorme onde?’  
 b’. Gdje ko spava?  
 onde quem dorme  
 c. Kome se kako predstavlja?  
 quem<sub>ACC</sub> REFLEX como apresenta  
 ‘Como ele se apresenta para quem?’  
 c’. Kako se kome predstavlja?  
 como REFLEX quem<sub>ACC</sub> apresenta  
 (BOSKOVIC, 2006, p. 112)

Em resumo, a hipótese de que a estrutura em que múltiplos WH se adjungem e formam um único constituinte, que ocuparia a posição de spec/CP, seja universal não parece ser sustentável. Rudin (1988) argumenta que línguas como Servo-Croata envolvam uma estrutura similar a (311), em que um dos WH ocupa a posição de spec/CP (que continuaria a ser uma

única posição não recursiva, como já argumentava MAY, 1985), enquanto os demais estariam alocados em posições de adjunção a IP, havendo tantos segmentos da categoria IP quanto fosse necessário<sup>158</sup>.

(311) [CP [NP1 *Wh*]<sub>1</sub> [C' C(+clíticos) [IP t<sub>1</sub> [IP [NP2 *Wh*]<sub>3</sub> [IP [NP2 *Wh*]<sub>2</sub> [IP ... t<sub>1</sub> ... t<sub>2</sub> ... t<sub>3</sub> ...]]]]]

Essa estrutura explicaria por que: (i) nessas línguas, é possível haver clíticos (adjuntos a C) entre o primeiro WH e os demais; (ii) em estruturas como em (307), apenas um WH consegue chegar a spec/CP da matriz, já que apenas um WH pode ocupar spec/CP da encaixada (o mesmo que, então, seria movido para o domínio da matriz); e (iii) por que a ordem entre os WHs não é rígida: todos se moveriam para spec/IP, numa configuração de c-comando mútuo — o que teria como efeito, inclusive, que nenhum deles teria preferência para ser alçado a spec/CP (de acordo com os pressupostos acerca da estrutura sintagmática já apresentados).

É importante salientar que não é necessário assumir que os WH se movam todos para spec/CP em LF, como sugeriu May (1985), uma vez que a estrutura na representação superficial já é capaz de satisfazer as propriedades essenciais de sintagmas WH (por sua natureza quantificacional, eles precisam de algum movimento A-barrado que crie uma cadeia com um operador fora do cerne sentencial, assim como uma variável dentro dele).

Isso significaria que a proposta de May (1985) quanto à sintaxe de sintagmas WH em LF seria válida para algumas línguas, mas não para outras. Somando-se a isso, os dados do Servo-Croata podem se seguir trivialmente da assunção de que línguas como ela não admitem que um sintagma possa se adjungir a outro do mesmo tipo — caso em que a língua, então, cria outra estratégia para o movimento de múltiplos WH.

Observe-se que isso nada tem a ver com a língua permitir ou não múltiplos movimentos WH na sintaxe de superfície. As evidências apontam que, em LF, algumas línguas apresentariam esse constituinte com sintagmas WH agrupados — necessariamente em Búlgaro (que já exhibe esses movimentos na representação superficial), mas possivelmente também em Inglês (que tem apenas um WH em spec/CP em SS) e, talvez, em Mandarim (como sugere HUANG, 1982). Por outro lado, em línguas como Servo-Croata (que também exhibe múltiplos movimentos WH na sintaxe de superfície) e Português (que também permite o movimento de apenas um WH para a periferia esquerda em SS), a estrutura em LF teria os WH separados uns dos outros, estando apenas um deles em spec/CP, e os demais, em múltiplas adjunções a IP.

<sup>158</sup> Em sua essência, com apenas algumas alterações, essa proposta foi incorporada no trabalho de Richards (1997), que comparou as possibilidades de múltiplos movimentos WH em diversas línguas.

Assim, a hipótese que aventamos é que Português e Servo-Croata sejam similares em LF, e que isso se deva ao valor do parâmetro proposto nesta tese, que regula se um sintagma pode ou não se adjungir a outro do mesmo tipo.

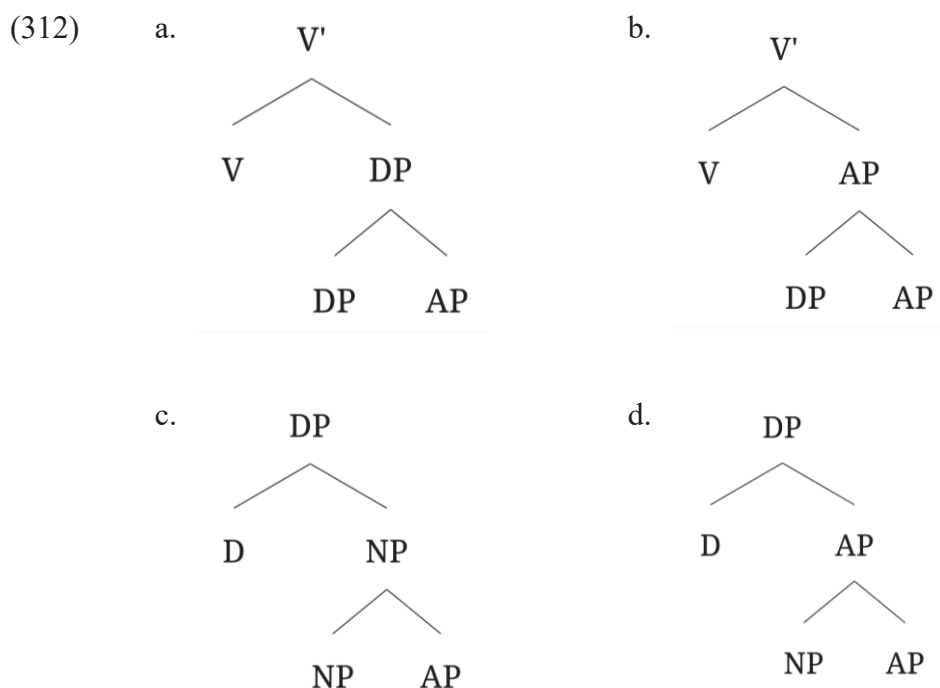
Por último, gostaríamos de acrescentar um comentário acerca do paralelo interessante — e inesperado, ainda que previsto pela hipótese de parâmetro delineado nesta tese — existente na relação entre a possibilidade de múltiplas adjunções e a flexibilidade de ordem entre elementos adjungidos. Como Rudin (1988) descreve, a ordem de adjunção dos WH uns aos outros em Búlgaro é rígida, enquanto, em Servo-Croata, em que os sintagmas WH ocupariam posições separadas na estrutura, observa-se uma ordem livre. Em nossa proposta, o mesmo se daria com adjetivos: em Inglês, em que adjetivos podem se adjungir uns aos outros, observa-se uma rigidez na ordem de adjunção; já em Português, em que adjetivos não poderiam se adjungir a outros adjetivos, a ordem é flexível — como entre os WH em Servo-Croata.

Ainda que, a princípio, a motivação para a rigidez na ordem do caso de sintagmas WH e para adjetivos atributivos pareça ter origens distintas, acreditamos que esse paralelo não deveria ser tão prontamente negligenciado. No momento, contudo, não podemos oferecer uma explicação de por que a adjunção de um sintagma a outro do mesmo tipo requereria um ordenamento rígido, e deixamos essa questão para estudos futuros.

#### 4.7.2 Orações copulares complexas com dupla *small clause*

O segundo trabalho que entra em conflito com a proposta desta tese é de Carreira (2015) — especificamente, um subconjunto dos dados que fazem parte de sua base empírica; para chegar a eles, porém, é interessante que contextualizemos a questão geral sobre a qual o autor se debruça.

Assumindo que adjetivos atributivos intersectivos e adjetivos predicativos estejam em relações de predicação análogas, Carreira investiga se seria possível resumir a diferença entre tais estruturas de adjunção à forma como o rótulo da categoria máxima de adjunção é estabelecido, i.e., se o predicado projeta o rótulo (quando a projeção máxima seria um AP) ou é o sujeito (NP ou DP) que o faz (e a projeção máxima seria, então, novamente um NP ou DP). O autor explora três estruturas diferentes em que uma relação de predicação se daria entre um AP e um NP/DP: estruturas de predicação secundária (312a); construções conhecidas como *small clauses* (312b); e modificação nominal atributiva (312c). Ele reconhece, ainda, a possibilidade de que o AP projetasse seu rótulo em uma adjunção interna ao DP (301d), mas a investigação dessa estrutura não está no escopo de seu trabalho.



(CARREIRA, 2015, p. 2)

De maneira geral, a análise de Carreira não entra em conflito com a proposta delineada nesta tese, uma vez que a maioria dos dados envolvem, como apresentado anteriormente, uma relação de predicação entre um NP/DP, de um lado, e um AP, de outro. É apenas em seu exame de *small clauses* que a estrutura proposta pelo autor vai de encontro à nossa.

Carreira sugere que as construções tipicamente conhecidas como *small clauses* podem ser formalmente ou DPs, ou APs, explorando a possibilidade de que o rótulo seja definido contextualmente. Como argumento a favor dessa hipótese, ele analisa orações copulares complexas (i.e., aqueles em que o sujeito da *small clause* matriz é outra *small clause*) com e sem concordância (313).

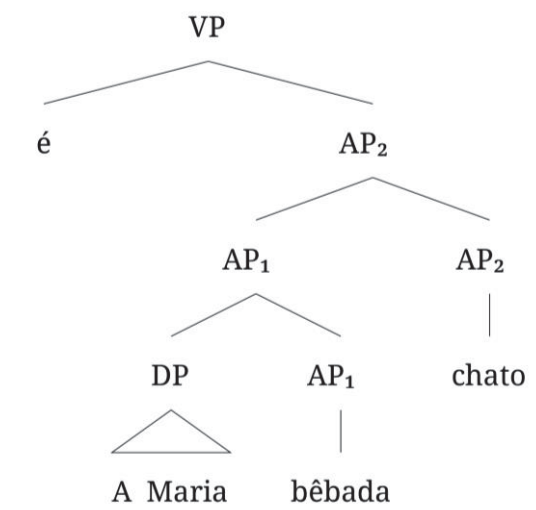
- (313)
- a. A Maria **bêbada** é **chato**. (Português)
- b. A Maria **bêbada** é **chata**.

O autor observa que, em (313b), a concordância de gênero e número em *chata* indica que o adjetivo esteja predicado do indivíduo que é denotado pelo DP; o gênero default em *chato* (313a), por outro lado, revelaria que o adjetivo predica de uma eventualidade<sup>159</sup>. Carreira sugere que esse contraste seja explicado pelas duas possibilidades de rótulo da relação de predicação:

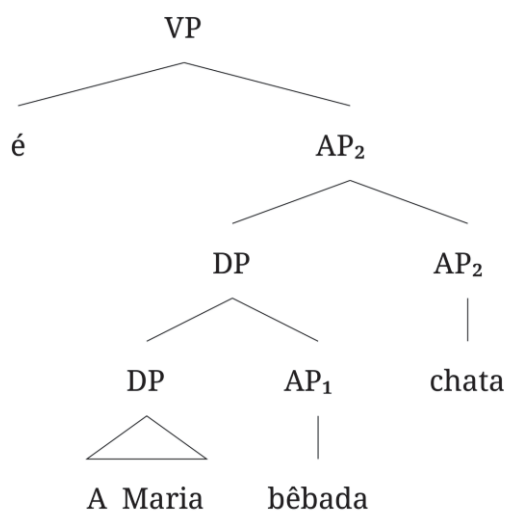
<sup>159</sup> Carreira cita a análise de Rodrigues e Foltran (2013), que propõem que a *small clause*, nessa leitura, denote uma *situação*.

se o predicado AP projeta, haveria leitura de eventualidade (314), conseqüentemente sem concordância de gênero entre o adjetivo e o indivíduo denotado pelo DP, ao passo que, se fosse o argumento DP que projetasse, o AP superior seria interpretado como predicando de um indivíduo (315)<sup>160</sup>.

(314)



(315)



(CARREIRA, 2015, p. 90)

A análise em (315) não impõe quaisquer dificuldades à nossa proposta, visto que não há adjunção de uma categoria a outra do mesmo tipo. O mesmo não se pode dizer de (314): na análise de Carreira, teríamos nesse caso um AP selecionando outro AP, algo que teoricamente seria proibido para o Português de acordo com a análise e o parâmetro delineados neste capítulo.

<sup>160</sup> Nesse caso, na realidade, ao invés de uma *small clause*, a relação entre o AP *bêbada* e o DP *A Maria* seria uma predicação secundária (CARREIRA, 2015, p. 90).

Dessa forma, assim como na seção anterior, duas possibilidades se avizinham: ou a adequação de uma proposta implica na inadequação da outra (seja a nossa ou a de Carreira); ou a aparente incompatibilidade se deve a algum outro fator a princípio não elencado nas análises. Novamente, adotaremos a segunda possibilidade.

Ainda que, à primeira vista, a análise de Carreira (2015) seja bastante elegante, ela esbarra em um problema em relação ao dado em (313a), cuja estrutura subjacente assumida pelo autor é retratada em (314). Como descrito, assume-se que a concordância não marcada, com gênero default e no singular, se deva a AP, e não DP, ser projetado; como o autor coloca, “o próprio mecanismo de projeção [pode] projetar um ou outro rótulo na [Estrutura de Predicação] e levar a gramática a ter um ‘chato’ que se combina com um constituinte proposicional e um que se combina com um não proposicional” (CARREIRA, 2015, p. 91).

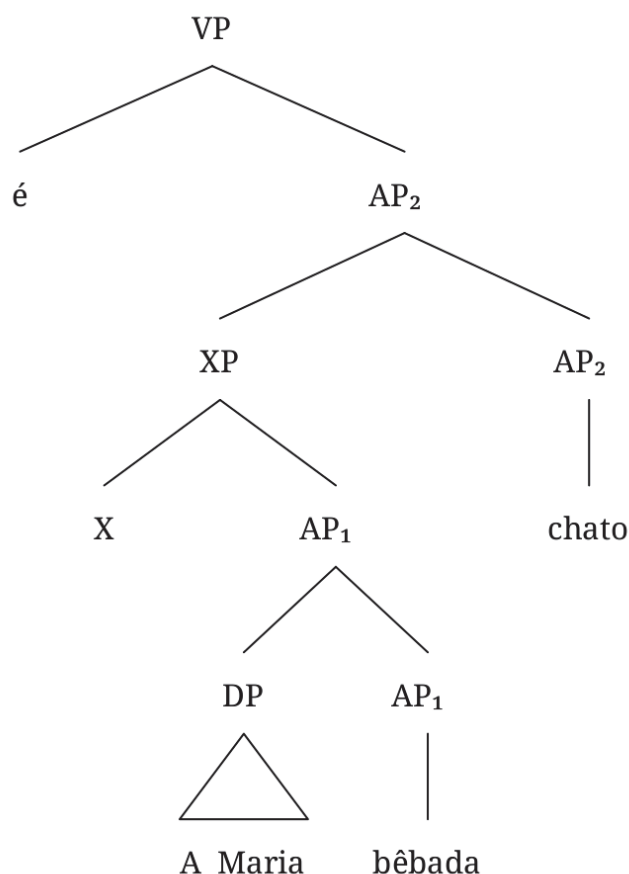
Tal análise nos levaria a prever que o DP “sozinho” não poderia desencadear uma interpretação de situação, já que o rótulo ‘DP’ estaria ligado a uma interpretação não proposicional. No entanto, não é isso que se observa: os exemplos em (316) ilustram como a concordância não marcada é possível com DPs não acompanhados de APs.

- (316)      a. Criança é **divertido**. (Português)  
               b. Crianças é **divertido**.  
               c. Jovens é **divertido**.  
               (CONTO, 2018, p. 17)

Conto (2018) analisa dados de sentenças copulares com concordância não marcada numa perspectiva semântica. Dentre outras conclusões, ela sugere que a concordância não marcada, como nos dados em (316), se deva à predicação se aplicar a uma situação, não a indivíduos instanciados. Essa análise não destoa daquela de Carreira (2015) em essência; no entanto, os dados em (316) evidenciam que a proposta do autor de que a leitura de situação fosse derivada da projeção ou do predicado, ou do argumento da *small clause* não se sustenta, uma vez que o AP *divertido* predica de uma situação mesmo em construções em que seu argumento não é outra *small clause* (outro AP).

Poderíamos aventar que a leitura de situação fosse oriunda da presença de alguma projeção funcional<sup>161</sup>, que dominaria tanto AP<sub>1</sub> em (314), quanto o NP/DP em (316)<sup>162</sup>. Assim, ao invés de (314), a sentença com concordância não marcada teria como estrutura subjacente algo como (317).

(317)



Não nos comprometemos, no momento, com o estatuto teórico de XP. Para nossos fins, basta observar que, com a modificação de (314) para (317)<sup>163</sup>, a adjunção de um AP a outro deixa de existir.

<sup>161</sup> Provavelmente quantificacional, já que, como Conto (2018) aponta, há uma relação entre essas estruturas e genericidade.

<sup>162</sup> Outra alternativa seria que o próprio DP pudesse fornecer o argumento de situação. Essa análise, sim, imporia algumas dificuldades à proposta de Carreira (2015), uma vez que, nesse caso, a diferença entre a estrutura de predicação secundária e a de *small clause* com concordância não marcada proposta pelo autor seria neutralizada.

<sup>163</sup> Ainda que Carreira (2015) tomasse a distinção entre (314) e (315) como argumento a favor da definição contextual do rótulo de estruturas de predicação entre NP/DP e AP, observamos que a alteração que sugerimos na estrutura de (314) não tem maiores repercussões para a proposta do autor; (314) apenas deixa de ser uma estrutura relevante para sua análise.

#### 4.8 LIMITAÇÕES DA PROPOSTA E PERSPECTIVAS FUTURAS

Os raciocínios delineados neste capítulo buscaram responder às lacunas analíticas identificadas em trabalhos anteriores e também em dados ainda não examinados. Assim como qualquer outra proposta, porém, esta não é ausente de suas próprias lacunas e limitações; por exemplo, ao buscar explicar a ausência de ROA em Português e Francês a partir da impossibilidade de que adjetivos figurem sem escopo nessas línguas, muitos outros fenômenos apresentados no capítulo 2 e discutidos por autores resenhados no capítulo 3 ficaram de fora da análise. Assim, nesta seção, apresento, além dos que já foram mencionados ao longo do texto, alguns tópicos que poderiam ser explorados em trabalhos futuros.

Apesar da proposta feita aqui de que a estrutura em que a ROA se manifesta e aquela com escopo (única da qual línguas como Português dispõem) sejam absolutamente distintas, talvez seja possível compatibilizá-las de alguma forma, como assumindo que RP seja alguma projeção de Svenonius (2007) — provavelmente alguma mais baixa, dado que adjetivos intensionais e a leitura não predicativa de adjetivos de grau não estão disponíveis nas sequências descritas em ROA. Como esse autor aponta, é possível que algumas línguas encontrem formas de modificar certas camadas de que outras línguas não dispõem. Ainda, o próprio autor sugere que o NP não seria sempre composto das mesmas camadas, já que algumas delas poderiam ser inativadas em certos contextos: SORTP, por exemplo, teoricamente não estaria disponível para nomes com massa; e, em línguas com classificadores, alguns desses itens recobrem mais de uma projeção, neutralizando a diferença entre elas e possivelmente “achatando” a estrutura hierárquica. Esse pode ser um percurso de análise futuro a ser explorado.

Além desse ponto, a análise sugerida encontra certas limitações no momento, como a ordem espelhada de adjetivos de IDADE e AVALIAÇÃO em Galês<sup>164</sup> — que possivelmente indica que o caminho de colocar a modificação de especificadores sobre especificadores nas camadas de Svenonius talvez tenha algum potencial (ainda que fosse necessário pensar sobre como seria possível evitar relações de escopo entre camadas funcionais).

Por fim, podemos aproveitar esta seção também para um raciocínio mais especulativo. O que *significa*, de fato, para a cognição e para a gramática, que algumas línguas permitam modificação sem escopo — resultado, segundo nossas premissas, da possibilidade de adjunção de um sintagma a outro do mesmo tipo (no caso, de APs a APs)? O que isso nos diz sobre a forma como cada língua conceitualiza objetos e constrói a referencialidade?

---

<sup>164</sup> Em minha defesa, Cinque (2010) também simplesmente assume que “algo diferente” acontece com essas camadas e as deixa de fora de sua análise.

Svenonius (2007, p. 23, tradução minha) afirma que “as camadas de estrutura funcional representam estágios na construção de DPs argumentais referenciais a partir dos conceitos abstratos associados a raízes”<sup>165</sup>. Isso se aplica à estrutura proposta para o Português e, ao mesmo tempo, indica por que tal análise é inadequada no caso de estruturas de modificação sem escopo: a ausência de escopo indica a ausência de estágios identificáveis. Apesar da assimetria inerente à sintaxe (i.e., todas as ramificações serem binárias e haver uma ordem de combinação entre os adjetivos e o nome-núcleo), a interpretação gerada na estrutura proposta é de que os adjetivos predicariam do nome-núcleo de forma independente. O que se depreende, nesse caso, é que a própria construção da referencialidade nesses DPs precisa se dar de uma forma distinta.

Essa situação nos remete, ao menos em espírito, a algumas proposições da semântica cognitiva delineada por Leonard Talmy, que podem servir como um paralelo conceitual interessante. Nessa perspectiva teórica, propõe-se que línguas anglo-germânicas teriam verbos endocêntricos, enquanto a maioria das línguas românicas apresentariam verbos exocêntricos. Em linhas gerais, essa distinção assume que, em línguas românicas, verbos apresentam um conteúdo lexical abstrato e genérico, enquanto, em línguas anglo-germânicas, esse conteúdo traria maior precisão e concretude (KORZEN, 2016, p. 211); especificamente, verbos em línguas anglo-germânicas tipicamente especificamente a *maneira* (*manner*) pela qual a ação se dá, ao passo que, nas línguas românicas, é necessário expressar a maneira por meio de um elemento externo ao verbo, como um PP. Observe-se como, nos exemplos em (318), o mesmo verbo em Português é traduzido para verbos diferentes em Inglês:

- (318) a. O homem **entra** (*a pé*).  
 a'. The man **walks in**.  
 b. O homem **entra** (*correndo*).  
 b'. The man **runs in**.  
 c. O homem **entra** (*de carro*).  
 c'. The man **drives in**.

De certa forma, podemos pensar que os verbos em Inglês conjugam duas propriedades (ação e maneira) de uma só vez, enquanto os verbos em Português exibem uma estrutura em camadas, primeiro com a lexicalização da ação, e só depois com a concatenação de outro

<sup>165</sup> No original: *The layers of functional structure represent stages of building referential argumental DPs from the abstract concepts associated with roots.*

sintagma detonando a maneira pela qual a ação ocorre. Ao menos no plano conceitual, parece haver uma similaridade entre essa análise e nossa proposta.

Outra questão ontológica relacionada à análise delineada nesta tese é a assunção, feita tanto por nós quanto nos trabalhos revisados no capítulo 3, de que alocar a ROA em algum plano externo à gramática stricto sensu, na interface semântico-pragmática ou na cognição, de alguma forma lhe conferiria rigidez. A nosso ver, não há argumento empírico para assumir que a cognição seja mais ou menos flexível que o mecanismo gramatical: é possível argumentar que ela seja mais rígida ou menos rígida com base em diferentes conjuntos de pressupostos. De toda forma, em ambos os casos estaríamos tratando, no fim das contas, de axiomas. Nesse sentido, vale a pena refletirmos um pouco mais sobre em que consiste a ROA do ponto de vista conceitual.

Ao tratar de línguas que apresentam ROA, Scott (2002) observa que a granularidade fina dessa hierarquia talvez não seja universal, já que parece haver línguas em que a ordem das categorias é diferente do padrão assumido para o Inglês; em Finlandês, por exemplo, o autor observa (como já apresentado) que os adjetivos *pitkä* ‘longo’ e *suuri* ‘grande’ são mais naturais na posição mais externa da sequência de adjetivos (inclusive em leitura intersectiva), ao passo que, em Inglês, adjetivos avaliativos seriam necessariamente mais externos que adjetivos de dimensão. Por um lado, poderíamos tentar explicar esse descompasso propondo que tais adjetivos na realidade tenham uma leitura avaliativa, ou que isso tenha algo a ver com grau etc.; mas, por outro, poderíamos também explorar a possibilidade de que, de fato, a ordem entre as categorias nocionais em Finlandês é diferente daquela do Inglês<sup>166</sup>.

Talvez, ao invés de assumirmos que ROA tenha origem em alguma estrutura conceitual profunda, ela esteja mais relacionada a questões de prototipicidade, frequência de uso etc. Os dados que Svenonius apresenta (abordados no capítulo 3) em relação à mudança da ordem preferencial dos adjetivos de acordo com o nome-núcleo vão ao encontro dessa ideia. Nessa perspectiva, a ordem seria presumivelmente derivada do grau de relevância de cada propriedade em relação a um determinado objeto, fazendo com que certas ordens sejam cognitivamente mais prováveis, mas abrindo espaço para que haja especificações de ordem determinadas por questões sociais, culturais e de frequência de uso. Isso abriria espaço, inclusive, para que houvesse variação até a nível individual ou de pequenos grupos. Por exemplo, se uma propriedade em particular em relação a certos objetos é mais relevante para um grupo de pessoas que para a média da sociedade — digamos, a grossura das cordas para marinheiros —, seria possível que isso levasse a uma preferência de ordenamento dos adjetivos

---

<sup>166</sup> Há algumas irregularidades na ordem preferencial de adjetivos em Galês, Árabe e Inglês que tendem a ser deixadas de lado em análises comparativas a fim de capturar padrões gerais.

nesse campo semântico que diferiria daquele da maioria dos outros falantes. Em contraste, a ordem de algumas propriedades tenderia ao universalismo pela própria natureza dos objetos e do modo de vida de seres humanos; em relação a cordas, quase sempre é relevante se elas são longas ou curtas, por exemplo.

Assim, ao invés de ROA ser fruto de alguma metafísica que nos escapa, ela seria um subproduto dos padrões que surgem a partir do uso da língua em sociedade, contexto em que a descrição de objetos e ideias é necessária. Decorreria trivialmente de tal hipótese que propriedades mais especialmente ligadas a certos objetos (como *stone* ‘pedra’ a *statue* ‘estátua’) figurariam mais próximas do nome que propriedades genéricas (como *good* ‘bom’), que, por poderem se combinar com praticamente qualquer nome, não apresentam maior probabilidade de combinação ou configuram construções prototípicas (no sentido vulgar, não técnico, do termo). Da mesma forma, seria possível explicar por que a ROA, como geralmente descrita, aplica-se a adjetivos em construção atributiva com DPs referenciais concretos, mas não necessariamente com DPs abstratos ou eventivos.

Nesse sentido, por fim, também seria conceitualmente adequado que o mecanismo gramatical não impusesse escopo onde não há uma relação semântica que o justifique: o ordenamento seria determinado por questões outras, que extrapolam o domínio estritamente linguístico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso tradicional em trabalhos em linguística é que primeiro se delimite uma questão, que é então descrita em detalhe; na sequência, que se exponha como as propostas disponíveis na leitura dão conta desse fenômeno delimitado; e, então, que se faça uma análise que dialogue com as propostas anteriores, complementando-as, reformulando-as ou substituindo-as.

Reconhecidamente, este trabalho seguiu um percurso bastante distinto — mas fruto de uma decisão intencional: apresentar uma gama ampla de fenômenos que extrapolam aquilo que a tese de fato se propõe a explicar. O motivo dessa escolha se baseia especialmente no fato de que a compreensão sobre o comportamento de adjetivos atributivos tende a ser bastante fragmentada. Uma vez que a sintaxe desses elementos envolve uma série de considerações de ordens gramaticais diversas, cuja interação ainda é pouco compreendida, entendi que operar um recorte no nível da apresentação dos dados poderia levar a uma visão limitada do fenômeno — visão fragmentada essa com a qual eu própria me debati no percurso de elaboração desta tese.

Ainda, a fim de melhor analisar as potencialidades e limitações das propostas acerca da sintaxe de adjetivos disponíveis na literatura, considerei necessário apresentar os dados que elas se propõem descrever e/ou explicar (cujo conjunto tipicamente difere de autor para autor), sob prejuízo de se fazer uma avaliação apressada, sem que se considere como o fenômeno escolhido como objeto último interage com os demais aspectos do comportamento de adjetivos explicados por outras propostas.

Optei por fazer uma ampla exposição do comportamento dos adjetivos no capítulo 2; no capítulo 3, então, delimitei um pouco meu escopo, focando-me em uma revisão das principais propostas sobre a estrutura sintática de adjetivos atributivos, com foco particular no fenômeno conhecido como ROA. Foi apenas no capítulo 4, porém, que de fato fiz o recorte acerca de qual aspecto específico do comportamento adjetival me interessava explicar. Note-se que, apesar dessa estrutura “reversa”, meu objeto surge como uma consequência desse modelo de organização do texto.

Para além disso, entendo que o mais interessante para a posteridade numa tese não é sua análise propriamente dita (talvez seu insight analítico, apenas), mas sim o conjunto de dados que ela apresenta e a análise que faz da literatura sobre o assunto. Eu mesma, ao longo do percurso de escrita deste texto, recorri a outras teses e dissertações para consultar suas referências, dados apresentados etc. Ao longo de minha familiarização com pesquisas em adjetivos, tive que montar — ou melhor, colocar lado a lado, sem necessariamente encaixá-las

— as peças do quebra-cabeça que me eram apresentadas em propostas com objetivos diversos. Nesse sentido, gostaria que esta tese tivesse um propósito pedagógico de servir como um mapa do campo para aqueles que se interessarem pelo tema.

Assim, entendo que esta tese traz algumas contribuições importantes para o campo: primeiramente, como mencionado acima, fiz uma varredura da literatura sobre adjetivos a partir de um conjunto de diferentes perspectivas; além disso, explorei as potencialidades dos mecanismos metodológicos à disposição no arcabouço teórico da gramática gerativa, especialmente em uma perspectiva antissimétrica; também apresentei dados novos do Português, assim como propus novas generalizações empíricas entre dados (nomeadamente, entre a ausência de escopo e a ROA); e, por fim, realizei uma leitura crítica das análises disponíveis na literatura, propondo, ainda, uma análise própria.

Com relação à minha proposta, feita no capítulo 4, reconheço que ela repousa em alguns axiomas por mim introduzidos. Assim, em boa parte, ela é uma mecanização que serve para descrever os dados, muito mais que para explicá-los. Enquanto reconheço que seria importante encontrar motivações independentes para ela, acredito que é adequado apontar que as outras propostas disponíveis na literatura também são bastante estipulativas e com pouco poder explicativo.

O insight que busquei explorar se refere à relação, até então não observada tanto quanto eu saiba, entre ROA e ausência de escopo<sup>167</sup>. Para que não fosse necessário contar com projeções funcionais dedicadas, e também para que a estrutura adjetival fosse simples o suficiente para que pudesse ser determinada pela interface relevante e diretamente legível a ela, a solução proposta foi que adjetivos em ROA sejam especificadores de especificadores (ou adjuntos de adjuntos), adjungidos a uma projeção funcional acima de NP. Em línguas com ordem espelhada, a presença de algum traço não interpretável forçaria o movimento dos adjetivos para AgrP, supostamente para algum tipo de checagem<sup>168</sup>. Em algumas línguas, como Galês, seria necessário ainda o movimento do NP para uma camada acima de todos os adjetivos. O parâmetro proposto não se limita a adjetivos: a previsão feita é que a adjunção de um sintagma a outro de um mesmo tipo, em uma dada língua, ou seja possível em qualquer categoria, ou seja impossível em todas.

<sup>167</sup> O texto que trouxe minha atenção para a ausência de escopo foi a tese de Panayidou (2013); a autora, no entanto, não vincula ROA à ausência de escopo da forma como proposto aqui.

<sup>168</sup> As projeções de AgrP são necessárias para servirem como posição de “pouso” para o movimento dos APs que gera a ordem espelhada. Note-se que AgrPs igualmente não motivados são assumidos por Cinque (2010) pela mesma razão, i.e., para receberem o movimento bola de neve que dá origem à ordem espelhada.

A vantagem dessa proposta com relação às demais é prever que a ROA se limite a apenas uma posição: ou ela se aplica sobre adjetivos pré-nominais, ou sobre adjetivos pós-nominais, mas não nas duas posições ao mesmo tempo (i.e., com o N(P) no meio da sequência ordenada de adjetivos). Isso se deve à natureza uniforme dos AgrPs, que ou são fracos e não atraem nenhum adjetivo, ou são fortes e atraem todos. É possível especular que essa também seja a razão pela qual línguas com ordem espelhada na anteposição não são atestadas: caso a motivação para que AgrPs atraiam adjetivos em uma dada língua seja de natureza morfológica, é razoável supor que o nome-núcleo também seja afetado e precise se mover. Vimos, ainda, que há um paralelo positivo entre nossa proposta e a de Rudin (1988) acerca do movimento de múltiplos WH, uma vez que a autora também propõe uma restrição sobre adjunção de um sintagma a outro do mesmo tipo (no caso, sintagmas WH) em certas línguas. Curiosamente, em línguas em que a adjunção de sintagmas WH a outros WH é possível, observa-se uma ordem rígida entre eles, enquanto línguas em que essa adjunção não é possível teriam ordem livre. O mesmo é atestado, segundo nossa análise, com adjetivos: Inglês, que permite a adjunção de APs a APs, exibe preferências de ordem, enquanto Português, que não permite tal adjunção, não.

Propor que a ROA se aplique somente em uma configuração sintática específica também nos permite explicar por que línguas como Português ou Francês apresentam certas preferências de ordem, como entre adjetivos intensionais e classificativos, mas não restrições de ordenamento baseadas em ordens nocionais: ao invés do que parece ser implicitamente assumido na maioria das análises, as duas estruturas seriam diferentes.

## REFERÊNCIAS

- AARTS, Bas. *Syntactic gradience: The nature of grammatical indeterminacy*. New York: Oxford University Press, 2007.
- ABELS, Klaus; NEELEMAN, Ad. Linear asymmetries and the LCA. *Syntax*, v. 15, n. 1, pp. 25–74, 2012.
- ABNEY, Steven Paul. *The English Noun Phrase In Its Sentential Aspect*. 1987. 363 f. Tese (Tese de Doutorado) — Instituto de Tecnologia de Massachussets, Cambridge (MA), 1987.
- ADGER, David. *A Syntax of Substance*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2013.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. The Adjective Class in Tariana. In: DIXON, Robert. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra. Y. (eds.). *Adjective Classes: a cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 97-124.
- ALEXIADOU, Artemis. Adjective syntax and noun raising: Word order asymmetries in the DP as the result of adjective distribution. *Studia linguistica*, v. 55, n. 3, p. 217-248, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis. Plural mass nouns and the morpho-syntax of number. In: WEST COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS, 28., 2010, Los Angeles. *Proceedings [...]*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011. p. 33-41.
- ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. *Noun phrase in the generative perspective*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2007.
- ANDROUTSOPOULOU, Antonia. The licensing of adjectival modification. In: CAMACHO, Jose; CHOEIRI, Lina; WATANABE, Maki (eds.). WEST COAST CONFERENCE OF FORMAL LINGUISTICS, 14., 1995, Los Angeles. *Proceedings [...]*. Standford, CA: CSLI Publications, 1995. p. 17-31.
- AUGUSTO, Marina R.; FERRARI NETO, José; CORRÊA, Letícia. Explorando o DP: a presença de NumP. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, n. 14, v. 2, p. 245-275, 2006.
- BERNSTEIN, Judy. Focusing the “right” way in Romance determiner phrases. *Probus*, v. 13, n. 1, p. 1-29, 16 jan. 2001.
- BOFF, Alvana. *A Posição dos Adjetivos no Interior no Sintagma Nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1991. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — IEL, UNICAMP, Campinas, 1991.
- BOLINGER, Dwight. Adjectives in English: Attribution and Predication. *Lingua*, Amsterdam, v. 18, p. 1-34, 1967.
- BORGES NETO, José. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

BORSLEY, Robert D.; TALLERMAN, Maggie; WILLIS, David. *The Syntax of Welsh*. New York: Cambridge University Press, 2007.

BOŠKOVIĆ, Željko. Multiple wh-fronting and economy of derivation. In: FREIDIN, Robert; LASNIK, Howard (eds.). *Syntax: 6: Conditions on derivations and representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 119-132.

BOUCHARD, Denis. The distribution and interpretation of adjectives in French: A consequence of Bare Phrase Structure. *Probus*, v. 10, p. 139-183, 1998.

BOUCHARD, Denis. *Adjectives, number and interfaces: why languages vary*. Oxford: Elsevier, 2002.

BROEKHUIS, Hans. *Syntax of Dutch – Adjectives and Adjective Phrases*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2013.

CARREIRA, Marcos. *Predicação e ambiguidade de projeção: uma teoria unificada*. 2015. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) — Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter (eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Gin & Co., 1970. p. 184-221.

CHOMSKY, Noam. Conditions on transformations. In: ANDERSON, Stephen; KIPARSKI, Paul (eds.). *A festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973. p. 232-286.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986a.

CHOMSKY, Noam. *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986b.

CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 2015 [1995].

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. In: CINQUE, Guglielmo; KOSTER, Jan; POLLOCK, Jean-Yves; RIZZI, Luigi; ZANUTTI, Raffaella (eds.). *Paths towards universal grammar: essays in honor of Richard S. Kayne*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1994. p. 85-110.

CINQUE, Guglielmo. The fundamental left-right asymmetry of natural languages. In: SCALISE, Sergio; MAGNI, Elisabetta; BISELTO, Antonietta (eds.). *Universals of Language Today*. Berlin: Springer, 2009. p. 165-184.

CINQUE, Guglielmo. *The Syntax of Adjectives: a Comparative Study*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2010.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. *Studies in linguistics*, v. 2, p. 42-58, 2008.

COHEN, Maria. A. A. M. *Syntactic Changes in Portuguese*. 1990. 257 p. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1990.

CONTO, Luana de. *Tese é complicado: a leitura de situação em sentenças copulares com concordância não marcadas*. 2018. 110 f. Tese (Doutorado em Letras) — Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CORVER, Norbert. Evidence for DegP. *North East Linguistics Society*, v. 21, n. 1, p. 33-47, set. 2020.

DANON, Gabi. Agreement and DP-Internal Feature Distribution. *Syntax*, Hoboken, NJ, v. 14, n. 4, p. 297-317, 2011.

DEMONTE, Violeta. Meaning-form correlations and adjective position in Spanish. In: MCNALLY, Louise; KENNEDY, Christopher (eds.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. New York, NY: Oxford University Press, 2008.

DESCHAMPS, Thais. *A Sintaxe dos Adjetivos Atributivos*. 2015. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

DIXON, Robert. M. W. Adjective classes in typological perspective. In: DIXON, Robert. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra. Y. (eds.). *Adjective Classes: a cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 1-49.

DOBROVIE-SORIN, Carmen. Number as a feature. In: BRUGÉ, Laura; CARDINALETTI, Anna; GIUSTI, Giuliana; MUNARO, Nicola; POLETO, Cecilia (eds.). *Functional heads: the cartography of syntactic structures*. Volume 7. New York: Oxford University Press, 2012. p. 304-324.

DODD, Bill J.; WHITTLE, Ruth Whittle; ZOJER, Heidi; KLAPPER, John; ECKHARD-BLACK, Christine. *Modern German grammar: A practical guide*. Londres: Routledge, 2003.

DRYER, Matthew S. Order of Adjective and Noun. In: DRYER, Matthew S; HASPELMATH, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013a. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/87>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

DRYER, Matthew S. Order of Demonstrative and Noun. In: DRYER, Matthew S; HASPELMATH, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013b. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/87>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

DRYER, Matthew S. Order of Subject and Verb. In: DRYER, Matthew S; HASPELMATH, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013c. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/87>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

FASSI-FEHRI, Abdelkader. Arabic modifying adjectives and DP structures. *Studia Linguistica*, v. 52, p. 105-154, 1999.

FLANAGAN, Paul James. *A cross-linguistic investigation of the order of attributive adjectives*. 2014. 352 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Edge Hill University, Ormskirk, 2014.

FLEISCHER, Jürg. *Yiddish and German noun phrases: a contrastive approach*. In: Workshop on Clausal and Nominal Parallels, 2009, Aarhus. Disponível em: <<https://tildeweb.au.dk/au132769/clauses-nominals/worksh09-hand-outs/ho-fleischer.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FOLTRAN, Maria José; DE CONTO, Luana; DESCHAMPS, Thais. Adjetivos: classificações e problemas de pesquisa. In: QUADRO GOMES, Ana Paula; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A interface sintaxe-semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 203-230.

FORNACIARI, Raffaello. *Sintassi italiana dell'uso moderno*. Sansoni Editore: Firenze, 1884.

FUKUI, Naoki; TAKANO, Yuki. Symmetry in syntax: merge and demerge. *Journal of East Asian Linguistics*, v. 7, p. 27-86, 1998.

GHOMESHI, Jila. Plural marking, indefiniteness, and the noun phrase. *Studia Linguistica*, v. 57, n. 2, p. 47–74, ago. 2003

GLIENKE, Anne Liese. *Aspectos da Morfossintaxe Fina dos Modificadores Adjetivais do Nome*. 20 p. Relatório de Iniciação Científica – Curso de Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

GUARDIANO, Cristina; STAVROU, Melita. Adjective-noun combinations in Romance and Greek of Southern Italy. *Journal of Greek Linguistics*, v. 19, p. 3-57, 2019.

GUIMARÃES, Maximiliano. Restrições Morfo-Sintáticas sobre os APs internos ao DP em PB. In: Congresso Internacional da ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: ABRALIN, 2011. v. 1. p. 3273-3283.

GUIMARÃES, Maximiliano. *Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HALLE; Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 21, p. 275-288, 1994.

HAWKINS, Roger; TOWELL, Richard. *French grammar and usage*. 2. ed. New York: Routledge, 2001.

HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in Generative Grammar*. Malden, MA: Blackwell, 1998.

HETZRON, Robert. On the Relative Order of Adjectives. In: SEILER, Hansjakob (ed.). *Language Universals*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1978. p. 165-184.

HORNSTEIN, Norbert. *Logical Form: From GB to Minimalism*. Oxford: Blackwell, 1995.

HUANG, Cheng-The James. *Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar*. 1982. 599 f. Tese (Doutorado em Linguística) — M.I.T, Cambridge (MA), 1982.

ITO, Yuki. DegP Projection in Japanese: An Analysis of Excessiveness Expressions. *Linguistic Research*, v. 25, p. 113-126, 2009.

KAYNE, Richard. *The antisymmetry of Syntax*. Cambridge (MA.): MIT Press, 1994.

KEIZER, E. Modifier-numeral word order in the English NP: An FDG analysis. *Open Linguistics*, v. 8, n. 1, p. 545–572, jan. 2022.

KENNEDY, Christopher. Projecting the Adjective: The Syntax and Semantics of Gradability And Comparison. 1997. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística) — University of California, Santa Cruz, 1997.

KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, p. 345-381, 2005.

KORZEN, Iørn. Endocentric and exocentric verb typology: Talmy revisited – on good grounds. *Language and Cognition*, v. 8, n. 2, p. 206–236, jan. 2015.

KOTOWSKI, Sven. *Adjectival modification and order restrictions: the influence of temporariness on prenominal word order*. Berlin: De Gruyter, 2016.

LARSON, Richard. *The projection of DP (and DegP)*. 1991. Não publicado.

LASNIK, Howard; KUPIN, Joseph. A restrictive theory of transformational grammar. *Theoretical linguistics*, v. 4, p. 173-196, 1977.

LUCCHESI, Dante; DÁLIA, Jaqueline. Equacionando o efeito da posição na variação da concordância nominal de número. *Revista Linguística*, v. 16, n. Esp., p. 771–798, nov. 2020.

MANLOVE, Kathleen. *How peripheral a phenomenon is it? On the interaction of DP-internal ellipsis, degree inversion, and islands*. 2016. 289 f. Tese (Doutorado em Linguística) — University of Washington, Seattle, 2016.

MARUŠIČ, Franc; ŽAUCER, Rok, On the nature of prenumeral adjectives. In: International Conference “Syntax, Phonology and Language Analysis”, 6., 2013, Niš, Sérvia. *Anais [...]*.

Niš: Universidade de Niš, 2019. p. 39–61. Disponível em: <[https://www2.ung.si/~fmarusic/pub/marusic&zauzer\\_2015\\_prenumeral\\_adjectives\\_sinfonia\\_proceedings\\_.pdf](https://www2.ung.si/~fmarusic/pub/marusic&zauzer_2015_prenumeral_adjectives_sinfonia_proceedings_.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MAY, Robert. *Logical Form: Its structure and derivation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

MCKINNEY-BOCK, Katy. Adjective Ordering Restrictions: Exploring Relevant Semantic Notions for Syntactic Ordering. *Coyote Papers*, v. 17, p. 1-16, 2010.

MENUZZI, Sérgio. *Sobre a Modificação Adjetival do Português: uma teoria da projeção dos adjetivos*. 1992. 194 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MENUZZI, Sérgio. Adjectival positions inside DP. *Linguistics in the Netherlands*, v. 11, n. 1, p. 127-138, jan. 1994.

MITTENDORF, Ingo; SADLER, Louisa. Welsh prenominals: at the syntax-morphology interface. In: BONAMI, Olivier; CABREDO HOFHERR, Patricia (eds.). *Empirical Issues in Syntax and Semantics*, v. 8. 2011. p. 383-408.

MORO, Andrea. *Dynamic antisymmetry*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.

MORZYCKI, M. Degree modification of gradable nouns: size adjectives and adnominal degree morphemes. *Natural Language Semantics*, v. 17, n. 2, p. 175–203, abr. 2009.

MÜLLER, Ana L.; NEGRÃO, Esmeralda V.; NUNES-PEMBERTON, Gelza. Adjetivos no Português do Brasil: Predicados, Argumentos ou Quantificadores?. In: ABAURRE, Maria Bernardete Marques; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.), *Gramática do Português Falado*, vol. VIII. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 317-344

NORRIS, Mark. *A theory of nominal concord*. 2014. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) — University of California, Santa Cruz, 2014.

NUNES-PEMBERTON, Gelza. M. *Os adjetivos antepostos do Português Falado no Brasil*. 2000. 94 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FFLCH, USP, São Paulo, 2000.

PANAYIDOU, Fryni. *(In)flexibility in Adjective Ordering*. 2013. 258 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of London, Londres, 2013.

PARODI, Teresa; SCHWARTZ, Bonnie D.; CLAHSSEN, Harald. On the L2 acquisition of the morphosyntax of German nominals. *Linguistics*, v. 42, n. 3, p. 667-705, 2004.

PARTEE, Barbara H. Compositionality and coercion in semantics: The dynamics of adjective meaning. In: BOUMA, Gerlof; KRÄMER, Irene; ZWARTS, Joost (eds.). *Cognitive foundations of interpretation*. Amsterdam: Academia Real Holandesa de Artes e Ciências, 2007. p. 145-161.

PARTEE, Barbara H.; MEULEN, Alice Ter; WALL, Robert. *Mathematical methods in linguistics*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

PEREIRA, Bruna Karla. The DP-internal distribution of the plural morpheme in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 81, p. 85-104, 2017.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, Simin; SAMIAN, Vida; WILKINS, Wendy (ed.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. P.262-294.

PRASAD, Bal Ram. *Mising Grammar*. (CIIL grammar series, 17.) Mysore: Central Institute of Indian Languages, 1991.

PRIM, Cristina de Souza. *A sintaxe dos adjetivos nas posições pré- e pós-nominal*. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PRIM, Cristina de Souza. *A sintaxe dos adjetivos em Português Brasileiro*. 2015. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2015.

QUADROS GOMES, Ana Paula; SUDRÉ, Tatiana Gonçalves. A posição do adjetivo em Português Brasileiro (PB) na Interface Sintaxe-Semântica. In: QUADROS GOMES, Ana Paula; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A interface sintaxe-semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 41-74.

QUADROS GOMES, Ana Paula; SUDRÉ, Tatiana Gonçalves. Entre a modificação e a quantificação: adjetivos como determinantes plurais em português brasileiro (PB). *Domínios de Linguagem*, v. 15, n. 1, p. 7-40, 2021.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Longman Group, 1985.

RICHARDS, Norvin W. *What moves Where When in Which language?* 1997. 363 f. Tese (Doutorado em Linguística) — M.I.T, Cambridge (MA), 1997.

RODRIGUES, Patrícia; FOLTRAN, Maria José Construções de small clauses complexas em Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 42, n. 1, p. 497–511, 2013.

RIZZI, Luigi. *Relativized minimality*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990.

ROEHRS, Dorian; JULIEN, Marit. Adjectives in German and Norwegian: Differences in weak and strong inflections. In: SLEEMAN, Petra; VAN DE VELDE, Freek; PERRIDON, Harry (eds.). *Adjectives in Germanic and Romance*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 2014. p. 245-261.

ROSEN, Bryan. On attributive adjectives in Ojibwe and Cinque's phrasal movement analysis of adjective orders. *Linguistic Inquiry*, v. 47, n. 1, p. 158-168, 2016.

RUDIN, Catherine. On multiple questions and multiple WH fronting. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 6, p. 445-501, 1988.

RUSS, Charles V. J. *The German language today: a linguistic introduction*. Londres/New York: Routledge, 1994.

SAMONTE, Suttera; SCONTRAS, Gregory. Adjective ordering in Tagalog: A cross-linguistic comparison of subjectivity-based preferences. In: Linguistic Society of America, 2019, New York. *Proceedings* [...]. New York. 2019. p. 1-13. Disponível em: <<https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/PLSA/article/view/4511>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

SCHACHTER, Paul; OTANES, Fe T. *Tagalog Reference Grammar*. Berkeley/Londres: University of California Press, 1972.

SCHERRE, Maria M. P.; NARO, Anthony J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (org.). Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza, 21., 1998. Università di Palermo. *Anais* [...]. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. v. 5. p. 509-523.

SCOTT, Gary-John. Stacked adjectival modification and the structure of nominal phrases. In: CINQUE, Guglielmo (ed). *Functional structure in DP and IP*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 91–120

SERRA, Carolina Ribeiro. *A Ordem dos Adjetivos no Percurso Histórico: Variação e Prosódia*. 2005. 153 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

SHIH, Stephanie; ZURAW, Kie. Phonological factors in Tagalog adjective-noun word order variation. In: Linguistic Society of America, 88., 2014, New York. Disponível em: <[https://stephsus.github.io/ShihZuraw\\_TagalogANOrderDraft\\_2015-03-25.pdf](https://stephsus.github.io/ShihZuraw_TagalogANOrderDraft_2015-03-25.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SHIH, Stephanie; ZURAW, Kie. Phonological conditions on variable adjective and noun word order in Tagalog. *Language*, v. 93, n. 4, p. e317-e352, 2017.

SHLONSKY, Ur. The form of Semitic noun phrases. *Lingua*, v. 114, p. 1465–1526, 2004.

SHLONSKY, Ur. The Cartographic enterprise in Syntax. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 6, p. 417-429, 2010.

SICHEL, Ivy. Phrasal movement in Hebrew adjectives and possessives. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; BARBIERS, Sjef; GAERTNER, Hans-Martin (eds.). *Dimensions of Movement: From features to remnants*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

SIEGEL, Muffy Emily Ann. *Capturing the adjective*. 1976. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, Amherst, 1976.

SOHN, Ho-min. The adjective class in Korean. In: DIXON, Robert. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra. Y. (eds.). *Adjective Classes: a cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 223-241.

SPROAT, Richard; SHIH, Chilin. The cross-linguistic distribution of adjective ordering restrictions. *In: Interdisciplinary approaches to language – Essays in honor of S. Y. Kuroda*. Dordrecht: Springer, 1991. p. 565-593.

STARKE, Michal. Nanosyntax: A short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1, p.1-6, 2009.

STAVROU, Melita. Postnominal adjectives in Greek indefinite noun phrases. *In: BRUGÉ, Laura; CARDINALETTI, Anna; GIUSTI, Giuliana; MUNARO, Nicola; POLETTI, Cecilia (eds.). Functional heads: the cartography of syntactic structures*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2012. p. 379-393.

SUDRÉ, Tatiane Gonçalves. *Efeitos gramaticais da classe semântica do modificador: o licenciamento e a interpretação dos adjetivos de grau relativos*. 2020. 99 p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

SVENONIUS, Peter. *The Position of Adjectives and other Phrasal Modifiers in the Decomposition of DP*. 2007. Disponível em: <[https://ling.auf.net/lingbuzz/000329/current.pdf?\\_s=1WHAU2j1F0pnW7jS](https://ling.auf.net/lingbuzz/000329/current.pdf?_s=1WHAU2j1F0pnW7jS)>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SVENONIUS, Peter. Adjective position in the decomposition of DP. *In: MCNALLY, Louise; KENNEDY, Christopher (eds.). Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 16-42.

TADA, Haruka. DP-internal structure in Tagalog. *ICU Working Papers in Linguistics*, v. 4, p. 53-94, 2018.

THOMAS, Enlli Môn; WILLIAMS, Nia; ANGHARAD JONES, Llinos; DAVIES, Susi; BINKS, Hanna. Acquiring complex structures under minority language conditions: Bilingual acquisition of plural morphology in Welsh. *Bilingualism: language and cognition*, v. 17, n. 3, p. 478-494, jul. 2014.

TRAVIS, Lisa. *Parameters and the effects of word order variation*. 1984. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Tecnologia de Massachussets, Cambridge, 1984.

TRUSWELL, Robert. Attributive adjectives and nominal templates. *Linguistic Inquiry*, 40, p. 525-533, 2009.

VAN DE VELDE, Freek; WEERMAN, Fred. The resilient nature of adjectival inflection in Dutch. *In: SLEEMAN, Petra; VAN DE VELDE, Freek; PERRIDON, Harry (eds.). Adjectives in Germanic and Romance*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 2014. p. 113-145.

VENDLER, Zeno. *Adjectives and Nominalizations*. The Hague: Mouton, 1968.

WALS ONLINE. Feature 87A: Order of Adjective and Noun. Disponível em: <<https://wals.info/feature/87A#2/18.0/153.1>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

WILLIS, David. Against N-raising and NP-raising analyses of Welsh noun phrases. *Lingua*, v. 116, p.1807–1839, 2006.

ZAMPARELLI, Rob. *Layers in the Determiner Phrase*. New York: Routledge, 2000.